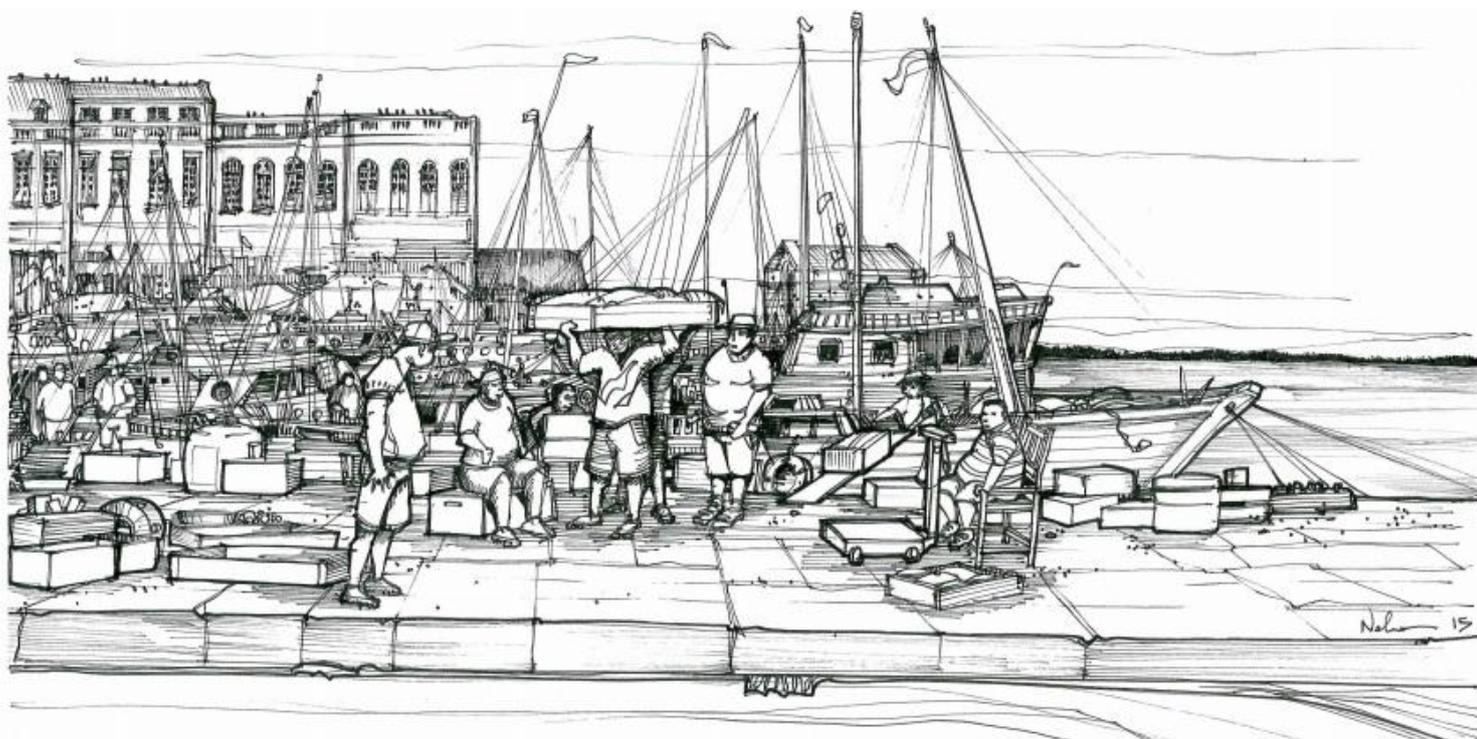




**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA**

Luiz de Jesus Dias da Silva

**PEDRA, REDES E MALHA NA CIRCULAÇÃO DO PESCADO DO VER-O-PESO AO
MEIO URBANO DE BELÉM DO PARÁ**



Belém - Pará

2016



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
INSTITUTO DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO E SOCIOLOGIA E ANTROPOLOGIA
DOUTORADO EM ANTROPOLOGIA**

**PEDRA, REDES E MALHA NA CIRCULAÇÃO DO PESCADO DO VER-O-PESO AO
MEIO URBANO DE BELÉM DO PARÁ**

Luiz de Jesus Dias da Silva

Tese de doutorado apresentado ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia – PPGSA da Universidade Federal do Pará, como requisito parcial exigido para obtenção do grau de Doutor na área de concentração em Antropologia.

Orientadora: Prof^ª. Dra. Carmem Izabel Rodrigues

Belém - Pará

2016

Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da UFPA

Silva, Luiz de Jesus Dias da, 1958-
Pedra, Redes e Malha na circulação do pescado do
Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém do Pará / Luiz de
Jesus Dias da Silva. - 2016.

Orientadora: Carmem Izabel Rodrigues.
Tese (Doutorado) - Universidade Federal do
Pará, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas,
Programa de Pós-Graduação em Sociologia e
Antropologia, Belém, 2016.

1. Antropologia. 2. Pescados. 3. Mercado
Ver - o Peso - Belém (PA). I. Título.

CDD 23. ed. 301

LUIZ DE JESUS DIAS DA SILVA

A banca examinadora abaixo aprovou a tese de doutorado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia–PPGSA da UFPA, como exigência para obtenção do grau de Doutor na área de concentração Antropologia.

Data da aprovação: 8 de março de 2016

Resultado da banca _____

Profª. Drª Carmem Izabel Rodrigues – PPGSA/IFCH-UFPA (Orientadora)

Profª Drª Voyner Ravena Cañete – PPGEAP/ICB; PPGSA/IFCH-UFPA (Examinadora)

Prof. Dr. Rodrigo Correa Diniz Peixoto – PPGSA/IFCH-UFPA (Examinador)

Prof. Dr. Juliano Pamplona Ximenes Ponte – PPGAU/ITEC-UFPA (Examinador Externo)

Profª Drª Edna Maria Ramos de Castro – PPGDSTU/NAEA-UFPA (Examinadora Externa)

Prof. Dr. Paolo Totaro – ICS/PPGS-UFAL (Examinador Suplente)

Profª. Drª. Denise Machado Cardoso – PPGSA/IFCH-UFPA (Examinadora Suplente)

Belém - Pará

2016

Á Jeana, minha companhia de todos os momentos, na alegria, na tristeza na saúde e na doença, na dissertação, na tese e quantos momentos mais eu merecer.

Aos meus filhos Wagner e Léo e meus netinhos, Luize e Vinícius.

AGRADECIMENTOS

À Deus, inteligência suprema e causa primária de tudo, por minha existência.

À minha família, Jeana, Wagner e Léo, por entenderem a minha necessidade de realizar esta empreitada, furtando-me muitas vezes de suas companhias, fugindo de viagens e outras atividades que faríamos normalmente, sem as pesquisas e a tese.

A meus pais (In Memoriam), por tudo que me proporcionaram nesta vida.

À minha orientadora, Professora Doutora Carmem Izabel Rodrigues, pela paciência, ensinamentos do caminho a seguir, rigidez seguida de incentivo em momentos de dificuldades e orientações necessárias ao cumprimento das etapas desta tese.

À banca examinadora na pessoa do Professor Dr. Rodrigo Peixoto, por aceitarem participar dessa avaliação para possivelmente aumentar o número de doutoramento na Amazônia.

À Universidade Federal do Pará, mais especificamente à Faculdade de Arquitetura e Urbanismo do Instituto de Tecnologia, pela permissão de meu afastamento das atividades docentes, para cursar o doutorado.

Ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, mais especificamente ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia-PPGSA, na pessoa da Professora Doutora Denise Machado Cardoso. Ao corpo docente do PPGSA, na pessoa da Professora Voyner Ravena Cañete. Ao corpo técnico do PPGSA, Rosângela e Paulo pela cordialidade e presteza no atendimento aos estudantes do Programa.

A todos os informantes da **Pedra** e das embarcações, nas pessoas do Gouvêa e do *Tatá*. Às lideranças dos trabalhadores da Pedra, em especial ao Daniel e ao Amarildo. Aos informantes das feiras, na pessoa do Francisco – o Mancha –, aos trabalhadores da loja de supermercado pesquisada, que dentro das possibilidades me deram informações necessárias e permissão da pesquisa *in loco*.

Aos amigos e colegas do PPGSA, com quem convivi, nas pessoas da Patrícia Guilhon e do José Maria Costa, pela cooperação e companheirismo durante essa jornada.

Aos colegas de trabalho da ABRADESA, na pessoa da diretora Larissa Moraes, pelo apoio em momentos certos.

Aos estimados Cláudia e Max, que atendem todos do PPGSA, pela amizade.

A todos que de algum modo cooperaram com essa tese.

Muito obrigado.

LISTA DE SIGLAS

AB – Arqueação Bruta
ALEPA – Assembleia Legislativa do Estado do Pará
ASBALAN – Associação dos Balanceiros do Ver-O-Peso
CEASA – Central de Abastecimento
CENTUR – Fundação Cultural do Pará Tancredo Neves
CNPQ – Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico
CODEM – Companhia Desenvolvimento Adm. da Área Metropolitana de Belém
CPAOR – Capitania dos Portos da Amazônia Oriental
DMFP – Departamento de Mercados, Feiras e Portos
DRFR – Divisão de Repressão a Furtos e Roubos
FUMBEL - Fundação Cultural de Município de Belém
FAU – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo
GEMP – Grupo de Estudos Sobre Mercados Populares
GT – Gross Tonnage
IBM – International Business Machines
IGC – Instituto de Geociências
IFCH – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas
IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia E Estatística
INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social
IPHAN – Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional
MPEG – Museu Paraense Emílio Goeldi
NAEA – Núcleo de Altos Estudo Amazônicos
SECON – Secretaria Municipal de Economia
SEDUC – Secretaria de Estado de Educação
SEURB – Secretaria Municipal de Urbanismo
SEPAQ – Secretaria de Estado de Pesca e Aquicultura
SPSS – Statistics (Statistical Package For The Social Sciences)
UFPA – Universidade Federal Do Para
PPGSA – Programa de Pos Graduação em Sociologia e Antropologia
TCC – Trabalho de Conclusão de Curso

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Mapa referencial contextualizando o Ver-o-Peso e a Pedra do Peixe em Belém	25
Figura 2 - Planta baixa do complexo Ver-o-Peso, com destaque para a Pedra do Peixe	26
Figura 3 - Mapa da cidade de Belém do Pará no século XVII e o igarapé Piri	57
Figura 4 - Imagem com a setorização do Ver-o-Peso	64
Figura 5 - Imagem da Pedra em final de expediente ao amanhecer	65
Figura 6 - Fachada da igreja da Mercês final do Sec. XVIII	69
Figura 7 - Plano geral da cidade de Belém em 1791 pelo engenheiro Theodósio Constantino Chermont	73
Figura 8 - Traçados da margem da Baía do Guajará na cidade de Belém colonial e atual	74
Figura 9 - Imagem da enseada do Ver-o-Peso antigo, do início do século XX, por Theodoro Braga	75
Figura 10 - Imagem da tela “A fundação de Belém do Pará”, de Theodoro Braga	76
Figura 11 - Imagem do Ver-o-Peso com a enseada das embarcações, a Pedra, o Mercado de Peixe ao centro, barracas da feira, o Solar da Beira e atrás deste o Mercado de Carne	78
Figura 12 - Imagem da Pedra do Peixe próximo ao Mercado de Ferro	79
Figura 13 - Imagem da disputa entre veículos e vendedores de peixe na via pública ao lado da Pedra	82
Figura 14 - Ilustração mostrando o trapiche denominado de ribeira do peixe fresco por volta de 1793	90
Figura 15 - Ilustração mostrando os dois trapiches, o da esquerda seria a ribeira do peixe fresco	91
Figura 16 - Ilustração mostrando a Pedra do Peixe sem o Mercado de Ferro ao fundo	92
Figura 17 - Mostrando enseada das embarcações, ao fundo o Mercado de Peixe	93
Figura 18 - Enseada das embarcações próximo à 15 de Novembro	93
Figura 19 - Mercado de Ferro ao fundo e a Pedra visada da Praça do Relógio	94
Figura 20 - Ilustração mostrando uma visão da pedra, vista a partir do Mercado de Ferro	94
Figura 21 - Enseada da Pedra do Peixe vista do lado oposto ao Mercado de Ferro	95
Figura 22 - Coletivos trafegando de madrugada trazendo trabalhadores para o Ver-o-Peso	100
Figura 23 - Saída do pescado das urnas no porão ao convés da embarcação	104
Figura 24 - Pranchas de madeira para levar a basqueta com pescado da embarcação à pedra	105
Figura 25 - Fluxograma das ações em torno do pescado	108
Figura 26 - Fluxograma das atividades antes da pedra, na Pedra e depois da Pedra no âmbito da Belém continental	111
Figura 27 - Sociograma representando rede social parcial com os atores atuantes na Pedra	114
Figura 28 - À esquerda está o quiosque de fiscalização do pescado da Pedra	118
Figura 29 - Sociograma com rede parcial do <i>balanceiro</i> Gouvêa	120
Figura 30 - Um <i>balanceiro</i> e um <i>peixeiro</i> nos seus respectivos locais de trabalho	126
Figura 31 - <i>Carregador</i> ao centro sendo ajudado pelo <i>virador</i> de camiseta amarela e por outros dois <i>carregadores</i> no ato de dar o canto	130
Figura 32 - Momento de chegada de embarcação e de estadia na Pedra	145
Figura 33 - Atividade do <i>carregador</i> , do <i>virador</i> e do <i>balanceiro</i>	154
Figura 34 - Imagem da Pedra em um dia de domingo, sem embarcações	162
Figura 35 - Pesquisador, <i>Barqueiro</i> , encarregados e <i>tripulantes</i> reunidos em uma embarcação ancorada em um porto localizado em Icoaraci, ao Norte de Belém	167
Figura 36 - Imagens interna e externa de uma embarcação	171
Figura 37 - Imagens internas das urnas de uma embarcação	171
Figura 38 - Duas embarcações de porte médio e quatro de porte pequeno	174
Figura 39 - Um ponto onde se pescam dourada na foz do Rio Amazonas, Costa do Pará	177
Figura 40 - Embarcação com quatro <i>tripulantes</i> , dos quais dois são muito jovens	184
Figura 41 - Feiras e Mercados em Belém onde comercializam pescado; tendo como referência espacial linear o Ver-o-Peso	193
Figura 42 - Localização de três pontos em bairros de Belém onde houve pesquisa sobre pescado	194
Figura 43 - Bairro da Marambaia e a localização da feira da Tavares Bastos	199
Figura 44 - Vista externa do Mercado de peixe da Feira da Tavares Bastos	200
Figura 45 - Vista interna do Mercado de peixe da Feira da Tavares Bastos	200
Figura 46 - Vista da Avenida Rodolfo Chermont e localização pontos de venda informal de pescado	201
Figura 47 - Ponto e venda informal de pescado do Manuel Abreu	202
Figura 48 - Imagem do pesqueiro Gato no seu ponto de venda com seu carinho de mão	204
Figura 49 - Carrinho do <i>peixeiro</i> Orlando, o pesquisador como seu auxiliar	206
Figura 50 - Carrinho de mão do <i>peixeiro</i> Orlando e seu ambiente de trabalho	207
Figura 51 - Vista panorâmica da banca do <i>seu</i> Luiz e entorno	208

Figura 52 - Vista em detalhe da banca do <i>seu</i> Luiz e	209
Figura 53 - O <i>balanceiro</i> Morango anotando no seu caderninho o quantitativo vendido	214
Figura 54 - Venda de caixas de papelão na caçada da Avenida Portugal	214
Figura 55 - Sequência da embalagem do pescado em caixa de papelão	215
Figura 56 - Continuação da cena sequencial da embalagem do pescado em caixa de papelão	216
Figura 57 - <i>Peixeiro</i> Francisco em seu Box no Mercado de peixe da Tavares Bastos	217
Figura 58 - Vista interna do Mercado de peixe da Tavares Bastos. Em primeiro plano o <i>peixeiro</i> Maciel	218
Figura 59 - <i>Seu</i> Moju tratando o pescado em seu box no Mercado de Peixe da Tavares Bastos	219
Figura 60 - <i>Peixeiro</i> Francisco mostrando sua caderneta de crédito informal	220
Figura 61 - Vista da feira e suas vias principais de acesso a partir da Av. Duque de Caxias	223
Figura 62 - Planta da feira da 25 com disposição dos boxes de 1 a 8 em detalhe	224
Figura 63 - Imagem da parte frontal da feira da 25, onde se localiza o box do <i>seu</i> Boneco	224
Figura 64 - Imagem da parte frontal dos boxes do Seu Boneco e o estacionamento	225
Figura 65 - Imagem da parte frontal com os boxes de frutas à direita e do pescado à esquerda em primeiro plano, está o estacionamento, e o detalhe da localização da feira, em frente a um supermercado da cidade	225
Figura 66 - Imagem da parte frontal dos boxes do seu Boneco, à frente está um freezer e três caixas de isopor para expor camarão sobre basquetas	226
Figura 67 - Seu Boneco atendendo a um freguês que compra camarão rosa, ao fundo outro freguês compra peixe com o Bola que está no interior do box	226
Figura 68 - O Bola e um auxiliar em momento de descontração no interior do box, na ausência de freguês	227
Figura 69 - O seu Boneco fica sempre no exterior do box onde atende e/ou encaminha fregueses para atendimento dos <i>peixeiros</i> que trabalha na parte interna do box	227
Figura 70 - Planta baixa do Complexo de Abastecimento do Guamá	230
Figura 71 - Vista externa do Mercado do Guamá	231
Figura 72 - Box da peixeira Pingo e aspectos gerais do setor de pescado no Mercado	233
Figura 73 - A peixeira Pingo apresentando seus produtos, filé de gó, de pescada e peixe <i>in natura</i>	233
Figura 74 - A peixeira Pingo está filetando dourada por que foi solicitada pela demanda dos clientes	234
Figura 75 - Enquanto a peixeira Pingo fileta a dourada seus fregueses aguardam a sua produção	234
Figura 76 - Localização da Feira da 25 de Setembro no âmbito do centro de Belém	236
Figura 77 - Caminhão da Rede de Supermercado carregado de pescado da Pedra	240
Figura 78 - Promoção “terça do pescado” e fregueses se abastecendo de pescado	241

No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
Tinha uma pedra
No meio do caminho tinha uma pedra
Nunca me esquecerei desse acontecimento
Na vida de minhas retinas tão fadigadas
Nunca me esquecerei que no meio do
caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho
No meio do caminho tinha uma pedra

(Poema “No meio do caminho”. (Carlos Drummond de Andrade).

RESUMO

Esta tese tem o objetivo de etnografar a rede social envolvida no processo de circulação do pescado que chega diariamente na Pedra do peixe do Ver-o-Peso e é distribuído na malha urbana da cidade de Belém do Pará. O problema enfrentado é compreender como essa comercialização permanece, presentemente, central no maior mercado popular da cidade e à própria cidade, uma vez que foi iniciada, ainda, no período colonial brasileiro. A etnografia local assume importância cultural, histórica e econômica para a vida social de Belém; os sujeitos nesse mercado atuam, entre água e terra, em um conjunto de espaços coletivos onde há interpenetração da história com a cultura local, que se transformam em práticas e atualizam sentidos. Metodologicamente houve a pesquisa com dados secundários para embasamento teórico e a pesquisa etnográfica, com observação direta e observação participante, uma vez que ao ser aceito no campo pude, por vezes, auxiliar na comercialização do pescado na Pedra, na feira da Marambaia e em outro ponto de venda na cidade. O Ver-o-Peso, foi pesquisado como mercado popular, sistema simbólico e importância cultural à cidade de Belém. Houve a investigação quanto a origem desse espaço de entreposto pesqueiro, como lugar de inter-relações, suas especificidades, conflitos locais, leis ou regimentos tácitos e quanto a preparação da tripulação de embarcações pesqueiras para uma nova jornada que, pois, ao tempo que encerra a venda de uma carga de pescado, a ser é distribuído em Belém e outras localidades, finaliza um ciclo, e se inicia de modo concomitante, o preparo da próxima viagem em busca de peixe para venda nesse local, novamente. O pescado distribuído em Belém chega *in natura* aos consumidores finais que o encontram nas feiras, mercados, supermercados e outros pontos de venda da malha urbana da cidade, e mais, ainda, nos seus restaurantes diversificados, em forma de pratos regionais preparados aos muitos apreciadores. Nas considerações finais houve uma reflexão quanto à rede de comercialização do pescado e seus aspectos econômicos, sociais, culturais, suas regras, informalidades e seus conflitos, respondendo o que faz com que a circulação do pescado em Belém permaneça até a atualidade com muito vigor, tendo aquele *locus* do Ver-o-Peso como centralidade do seu fluxo, além de proposições advindas dos trabalhadores que lá atuam do dia-a-dia, quanto sua permanência, onde está.

Palavras-chave: Pedra do Ver-o-Peso; redes sociais; Malha urbana; Belém do Pará.

ABSTRACT

This thesis aims to use ethnography to describe the social network involved in the process of fish circulation that arrives at Ver-o-Peso market on a daily basis and is distributed around the city of Belém do Pará. The problem is to understand how this commercialization still remains important, to this day, in the largest popular market in the city and to the city itself considering that it has been active since the Brazilian colonial days. The local ethnography becomes a cultural, historical and economic significance to the social life of Belém; the players in this market perform, between water and land, in a set of collective spaces, where an interpenetration of history to local culture exists, and is transformed in practices and update the senses. Methodologically, research was done using secondary data for theoretical foundation and the ethnographic research, with both direct and participant observation, once accepted in the field, sometimes, I was able to be help with the fish commercialization at the “Pedra”, at the Marambaia market and another point of sale in the city. Ver-o-Peso, was researched as a popular Market, symbolic system and of cultural importance for the city of Belém. There was an investigation concerning the origin of this fish trading space as a place of interrelations, its specific characteristics, local conflicts, laws or tacit regulations, and also the preparation of the fishing boat crews for a new journey, because once a fish load is sold, distributed throughout Belém and other places, a cycle ends and new preparations start again for the next trip in search for fish to be sold at this place. The fish distributed in Belém reaches final consumers *in natura*, and is found in street markets, small markets, supermarkets and other points of sale throughout the city, including the most diverse restaurants as regional dishes to people who love good food. During the final considerations, there was a reflection concerning the fish commercialization network and its economic, social and cultural aspects, its rules, informalities and conflicts, as a response to why fish circulation remains so vigorous after so many years, having Ver-o-Peso as the center of its flow, as well as, propositions collected from workers who labor there on a daily basis concerning its permanence at the local.

Keywords: Pedra do Ver-o-Peso; social networks; Urban Net; Belém do Pará.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	14
CAPÍTULO I: PEDRA, REDES E MALHAS: TEORIA E ENTRADA NO CAMPO	23
1.1 MINHA ENTRADA NA PEDRA.....	30
1.2 DISCUTINDO REDES SOCIAIS: TEORIA E APLICABILIDADE.....	34
1.3 OUTROS CAMINHOS PARA O CAMPO DE PESQUISA.....	40
1.4 A PEDRA DO PEIXE E SUA CENTRALIDADE NA MALHA URBANA DE BELÉM.....	48
CAPÍTULO II: VER-O-PESO – MERCADO POPULAR: HISTÓRIA E SIMBOLISMO NA CIDADE DE BELÉM	62
2.1 A ORIGEM DO VER-O-PESO: A PRÓPRIA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM.....	66
2.2 VER-O-PESO: MÃE DE TODAS AS FEIRAS DA CIDADE.....	76
2.3 VER-O-PESO: IMPORTÂNCIA CULTURAL E A VISÃO POPULAR SOBRE O MERCADO.....	83
2.4 A PEDRA DO PEIXE: MARCO INICIAL DO VER-O-PESO.....	89
CAPÍTULO III: ETNOGRAFIA NA PEDRA DO PEIXE.....	97
3.1 FLUXO DA PRODUÇÃO DO PESCADO: CATEGORIAS SOCIAIS INTERCONECTADAS EM REDES.....	103
3.2 CATEGORIAS NO FLUXO E NA REDE SOCIAL DO PESCADO NA PEDRA.....	124
CAPÍTULO IV: NA PEDRA E ALÉM DA PEDRA: CONFLITO E INFORMALIDADE NO FLUXO DO PESCADO	141
4.1 A INFORMALIDADE NA PEDRA: HONRA, FIADO, REGRAS TÁCITAS E CONFLITOS.....	145
4.2 INFORMALIDADE ALÉM DA PEDRA: SÓ DUAS SEMANAS EM TERRA PRA TRÊS NO MAR.....	163
CAPÍTULO V: DEPOIS DA PEDRA: A REDE DE CIRCULAÇÃO DO PESCADO NO MEIO URBANO DE BELÉM	186
5.1 A FEIRA DA TAVARES BASTOS E SEU ENTORNO: A REDE CHEGA PRÓXIMO DO CONSUMIDOR FINAL.....	198
5.2 A FEIRA DA 25 DE SETEMBRO.....	222
5.3 O MERCADO DO GUAMÁ.....	230
5.4 COMPARATIVO DE PREÇOS DO PESCADO A PARTIR DO GUAMÁ.....	235
5.5 A TERÇA DO PESCADO: UMA REDE DE SUPERMERCADO NA REDE DO PESCADO.....	238
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	244
REFERÊNCIAS.....	249
ANEXO.....	262

INTRODUÇÃO

Esta tese de doutoramento com o título: **Pedra, Redes e Malha, na circulação do pescado do Ver-o-Peso ao meio urbano de Belém do Pará**, tem como principal objetivo etnografar a rede social envolvida no processo de circulação do pescado que passa diariamente pela Pedra do Peixe¹ do Ver-o-Peso e é distribuído na malha urbana da cidade de Belém do Pará. Para alcançar esse resultado foram traçados os seguintes objetivos específicos: investigar as origens do pescado que chega na Pedra e seus principais destinos na Cidade; verificar a variedade e a quantidade média desse pescado; interpretar o valor econômico e simbólico, para seus vendedores e *compradores* na cidade; descrever tipologicamente locais onde se comercializam o pescado na região continental de Belém; identificar conflitos e especificidades locais em torno da localidade do entreposto pesqueiro do Ver-o-Peso.

Na dinâmica contemporânea do Ver-o-Peso a comercialização do pescado na Pedra do Peixe mantém importância central com sua cadeia produtiva² e redes de circulação que desde o período colonial da cidade, quando o pescado desembarcado ali era utilizado, inclusive, como meio para pagamento de funcionários públicos e autoridades eclesiais (CRUZ, 1973, p. 277), já demonstrava sua relevância para a vida local, pois, esse desembarque de pescado produziu um mercado local, pois afinal estava fundada uma cidade e “as cidades são entidades sociais criadas por processos econômicos, sobretudo o comércio” (BECKER, 2013, p. 18). Compreender como essa comercialização permanece central no maior mercado popular da cidade e para a própria cidade é o problema enfrentado nesta tese.

Fazer etnografia no Ver-o-Peso e de modo mais específico na Pedra do Peixe, assume o pressuposto de sua importância histórica, cultural e econômica para a vida social na cidade de Belém. Os diversos sujeitos desse mercado atuam em um conjunto de espaços coletivos onde história e cultura se interpenetram transformando práticas e atualizando sentidos, como é possível perceber nas antigas e novas formas de uso do espaço do Mercado de Carne e do Mercado de Peixe, na variedade de produtos regionais que transbordam sobre a Avenida Boulevard Castilhos França, imprimindo-lhe suas cores, cheiros, sabores e sons, na manutenção do encontro – nas madrugadas - entre o ribeirinho e o urbano na Feira do Açaí e

¹Pedra do peixe, Pedra do Ver-o-Peso ou simplesmente “Pedra” é um espaço na calçada lateral que margeia a doca das embarcações separando-a da rua do mercado de peixe, ao final da Avenida Portugal, que é o ponto de concentração do pescado que chega ou sai para comercialização em Belém (CORRÊA e LEITÃO, 2010: p. 103; SILVA e RODRIGUES, 2012: p. 337).

²Cadeia produtiva envolve um conjunto de atividades inter-relacionadas que podem ser separadas, incluindo diferentes aspectos de produção e comercialização em um setor (SOUZA JÚNIOR, 2010, p. 25)

na Pedra do Peixe, que por sua vez, demonstrando vitalidade, resiste contra tentativas de sua extinção como entreposto pesqueiro secular.

No contexto de alteridades dessa feira, a Pedra do Peixe ocupa um lugar particular em razão de suas profundas raízes históricas, sua densidade cultural e sua relevância econômica para aquele Complexo e para a cidade. Compreender sua dinâmica possibilita lançar luz sobre as diferentes relações sociais que põem o pescado em circulação, além das formas específicas de uso daquela área específica da cidade, demonstrando o protagonismo dos sujeitos que ali trabalham na reprodução simbólica, social e econômica desse espaço histórico.

Considerando que esse entreposto pesqueiro está sujeito às pressões reguladoras do Estado e a diferentes interesses privados, a produção de uma etnografia que evidencie a complexidade e a relevância das práticas e relações existentes na **Pedra** pode vir a oferecer aos tomadores de decisão uma importante ferramenta de análise que leve em conta os pontos de vista dos nativos e seus *modus operandi*, muito bem compreendidos e aceitos pelo mercado local.

A literatura científica produzida sobre o Ver-o-Peso é composta de trabalhos de diferentes áreas³ científicas (LEITÃO, 2010, p. 22), da mesma forma há um abundante repertório da literatura, da poesia, da fotografia, da arquitetura, atraídos pela riqueza cultural do mercado (LEITÃO, 2010, p. 19) que problematizam aspectos específicos daquele Complexo. Os estudos socioantropológicos realizados nesse mercado caracterizam-se, sobretudo, por buscar a compreensão dos fenômenos identitários e culturais que tem lugar ali. Dessa forma, o estudo das redes sociais na Pedra do Peixe lança um novo olhar sobre a complexidade da vida social daquela feira, buscando captar a dinâmica dos atores sociais em sua interação. Nesse sentido, oferece uma contextualização da temática relativa às redes de circulação do pescado que chega diariamente aquele entreposto pesqueiro, estudando dinâmicas sociais, culturais e econômicas.

A ideia principal de **Pedra** para este trabalho consiste em um lugar⁴ assente num espaço⁵ físico, construído de “pedra sobre pedra”⁶, na calçada lateral da Doca das

³ Leitão (2010, p. 22) encontrou o registro de “certa produção acadêmica em forma de Trabalho de Conclusão de Curso, Monografias de Especialização, Dissertações e Teses, em áreas como farmácias, vigilância sanitária, esgoto, educação ambiental, nutrição; química, sobre as propriedades medicinais das ervas comercializadas no Ver-o-Peso ou ainda, Serviço Social e de exploração do trabalho infantil.”

⁴ Lugar, para Santos (2008, p. 258), é o quadro de uma referência pragmática ao mundo, do qual lhe vêm solicitações e ordens precisas de ações condicionantes, mas é também o teatro insubstituível das paixões humanas, responsáveis, através da ação comunicativa, pelas mais diversas manifestações da espontaneidade e da criatividade.

Embarcações no Ver-o-Peso, onde é possível observar as múltiplas inter-relações que formam a **Rede** social que põe o pescado em circulação em direção a **Malha** urbana de Belém. Esses três termos são grafados em negrito e iniciados com letras maiúsculas para destacar seus significados nesta Tese. São termos que possuem, aqui, sentido de interdependência.

A denominação, Pedra do Peixe, atribuída aquele *locus*, que é um entreposto pesqueiro, pode ser originado em função da construção de seu cais com *pedra cantaria*, mas existem, ainda, outras duas hipóteses para essa denominação. Uma originada pela denominação do local, ao lado da doca das embarcações, de “desembarcadouro da Ponta das Pedras, nos séculos XVII e XVIII”, como citado por Penteadó (1968, p. 215) e outra, advinda de entrevistas com duas pessoas, pela pedra do primeiro necrotério da cidade colonial; em uma dessas entrevistas, com o artista Plástico Venturieri (62 anos, 18/12/2014), que vende *souvenir* e artesanato na entrada do Mercado de Carne do Ver-o-Peso, que afirmou: “o termo Pedra do Peixe, surgiu devido ao necrotério da cidade, que ficava naquele prédio, lá no final da doca do Ver-o-Peso, perto da Feira do Açaí, que ainda existe hoje com outra função, que tinha a *pedra*, onde se colocava os mortos nos primeiros anos depois da fundação de Belém”.

Pedra é um termo que o dicionário traduz como sendo “corpo duro e sólido, da natureza das rochas (ROCHA, 2001, p. 462). Mas sempre tem um significado de alcance amplo a partir dos sentidos e dos termos compostos que levam a pensar nas suas variadas formas, como pedra preciosa, pedra de jogos de tabuleiros, pedra de cálculo renal ou outro semelhante e por aí adiante.

Mas pedra também significa cidade, no sentido em que cidade é construída de pedra, mas embora a cidade seja física, é social, é também política; “a cidade é a pedra fundamental do Estado que emerge” (KORN, s.d. apud FERRARI, 1979, p. 211), Korn se refere ao papel político da cidade. Sennet (2003) em sua obra *Carne e Pedra* faz um paralelo entre *corpo* e *cidade* ao longo da história, a cultura do corpo na cidade, e, se referindo à cidade de Atenas da antiguidade, onde temas políticos eram encenados no teatro, afirma que “no início de nossa civilização:

[...] O calor do corpo, expresso na retórica democrática, conduz à perda do controle racional nos debates; na política, ao contrário do teatro, faltava calor às palavras e narrativa lógica. Os atenienses não conseguiram criar um

⁵ Espaço, para Santos (2008, p. 119-120) é formado de dois componentes: a) a configuração territorial, fruto da ação do homem sobre o aspecto natural existente e b) a dinâmica social, que é o conjunto de relações de uma sociedade em um determinado momento.

⁶ A técnica construtiva de pedra sobre pedra, usando pedra cantaria, empregada na orla do Ver-o-Peso (ARRUDA, 2003, p. 66) em substituição aos outros materiais menos resistentes pode ter gerado a denominação popular “Pedra” e como desembarca o pescado, ficou sendo a Pedra do Peixe.

desenho alternativo na Pedra. Na Pnice⁷, as pessoas se tornavam responsáveis por atos que não controlavam (p.59-60).

Para Sennet (2003), Pedra era a própria cidade de Atenas que concretamente não poderia se comparar à cidade vista no teatro, onde eram encenadas peças com temas políticos locais; mas as palavras dos atores em cena eram articuladas com uma força corporal que fazia vibrar os espectadores, bem diferente das oratórias dos políticos da cidade.

Pedra pode significar fundação das construções em geral, é a pedra fundamental que inicia uma obra na cidade, é a fundamentação da igreja católica simbolizada na figura humana do apóstolo Pedro, que se chamava Simão antes de se tornar o primeiro discípulo escolhido por Jesus, na Galileia, pois conforme o evangelho de João, 1:42 (JOÃO, 2011, p. 78), Jesus disse [...] “tu és Simão, filho de Jonas: tu serás chamado Cefas”⁸. Em Mateus 16:17-18, Jesus disse “Bem-aventurado és tu, Simão Barjonas, porque não o revelou a carne e o sangue, mas meu pai que está nos céus. E também eu te digo que tu és Pedro, e sobre esta pedra edificarei a minha igreja [...] (MATEUS, 2011, p. 16), que é o mesmo sentido metafórico da base de uma construção, nesse caso da Igreja Cristã. O próprio apóstolo Pedro na sua Primeira Epistola, chama aos que creem, de *Pedra Viva*, em Pedro 2:4-8 (PEDRO, 2011, p. 196).

Mas a Pedra do Ver-o-Peso, a Pedra do Peixe, a **Pedra** desta Tese, é um lugar no centro da cidade de Belém, onde nas madrugadas se vendem pescado por atacado ou onde se centraliza parte da cadeia produtiva desse gênero alimentício, na Cidade. É o principal entreposto pesqueiro da Região Metropolitana de Belém, onde ocorre a macro distribuição do pescado, em um limiar entre água e terra, entre rural e urbano.

Por outro lado, mas de modo interdependente, as redes sociais são modelos analíticos para a compreensão das interconexões entre os sujeitos que compõem determinado sistema social (BARNES, 2010, HANNERZ, 2015).

A circulação⁹ compreende o processo pelo qual o pescado é distribuído, a partir da **Pedra**, entre e através de seus diferentes sujeitos. Essa distribuição comporta as sucessivas trocas comerciais de compra e venda, as remunerações realizadas com o pescado, as cortesias, aparentemente gratuitas, empreendidas no próprio entreposto, no Mercado de Ferro, nos

⁷ Pnice, segundo a narrativa de Sennet (2003, p. 52) era uma colina, onde, na Atenas do século V (a.c.) foi construído, a partir da adaptação do relevo natural, um anfiteatro para fins políticos com capacidade para 500 pessoas. O autor usa o termo Pedra se referindo à Cidade.

⁸ Cefas é derivado do Latim Cephias, este do Aramaico Képhâs, significando rocha, pedra, pedro. João 1:42 (IREMAR, 2015, p.1)

⁹ Circulação, para Marx (2007, p. 79), é o conjunto dos processos que envolvem o intercâmbio de mercadorias, “a troca social da matéria, isto é, a troca dos produtos particulares dos indivíduos privados [que] cria ao mesmo tempo relações sociais determinadas de produção nas quais os indivíduos entram nessa circulação da matéria”.

mercados e feiras de bairros, nos supermercados e outros locais da cidade. Mas circulação – originalmente – tem um sentido bem mais extenso, indo além das trocas de mercadorias. Em urbanismo circulação é mobilidade de pessoas, de transporte nas vias urbanas, de logística, o que não necessariamente vai de encontro à circulação de mercadorias pela malha urbana, como aqui se trata, mas sim complementa esse sentido.

Sennet (2003, p. 213), aludindo às descobertas de Harvey¹⁰ sobre a circulação sanguínea no corpo humano, faz uma comparação metafórica de sua coincidência com o advento do capitalismo moderno, que potencializou, à circulação contínua de bens e dinheiro, que “era mais lucrativa que a propriedade fixa e estável [...]. Assim, o *homo economicus* especializado poderia movimentar-se por toda a sociedade, explorando posses e habilidades oferecidas pelo mercado, tudo a seu preço” (SENNET, 2003, p. 214). Para o autor:

A rota escolhida a partir das descobertas de Harvey, sobre o fluxo sanguíneo, combinada com os novos ideais capitalistas, sobre movimento individual na sociedade, recolocam o eterno problema da civilização ocidental: como construir uma casa em condições e abrigar os sentidos dos corpos interagentes, particularmente na cidade dos incansáveis e solitários. Tanto valorizado pela medicina como pela economia, a circulação criou uma ética da indiferença (SENNET, 2003, p. 215).

A circulação urbana foi adotada pelos estudiosos da cidade por corresponder de modo análogo à compreensão de que a cidade é formada por uma rede de vias, as quais são hierarquizadas de acordo com sua importância, sua largura, seu poder de interligar partes dos setores intraurbanos, como as vias arteriais, que “como analogia ao sistema vascular do corpo humano, são chamadas assim porque percorrem grandes distâncias, têm maior largura e tráfego mais intenso [...]” (VASCONCELOS, 2012, p.76) comparando com as vias coletoras e as vias locais. Assim circulação tem outros sentidos metafóricos a partir da compreensão da corrente sanguínea descoberta no século XVI, dentre os quais está a circulação de mercadorias.

As **Redes** “são as interconexões” (BARNES, 2010) dos sujeitos que buscam colocar o pescado da **Pedra** em movimento, em circulação; a **Malha** deixa de significar um mero entrelaçado de *nylon* ou de outras linhas, para se tornar a malha urbana de Belém, por onde se espalham as toneladas¹¹ de peixes vindas da **Pedra** (SECON, 2011). Mas **Rede** é um termo de múltiplos usos e nesta tese se aproxima da terminologia **Malha**, no sentido que vai

¹⁰ William Harvey, na obra *Motu Cordis*, em 1628, discorre quanto às suas descobertas sobre a circulação do sangue no corpo humano, através das veias e artérias, abrangendo todo o organismo. O que deu partida a uma revolução científica que mudou toda a compreensão do corpo (SENNET, 2003, p. 2013).

¹¹ Segundo a SECON (2010) desembarcam anualmente 409.766 quilos de pescado em média, na Pedra.

alcançar, da existência de uma rede de pessoas, que em determinados locais da malha urbana da cidade, estão envolvidas na troca econômica do pescado e que pode haver fluxos em torno dessa **Rede**, pela cidade, incluindo opções de transporte e de logística para a circulação do pescado.

Vale ressaltar que o termo malha urbana no sentido desenvolvido neste estudo consiste na realidade material e funcional que é criada, num dado lugar, pelo efeito conjugado das vias, dos edifícios, das infraestruturas urbanas e dos espaços não edificados que nele existe. É um termo metafórico usado em urbanismo para significar o entrelaçado de vias que se interceptam formando bairros e a própria cidade. Remete ao sistema de forma reticulado ou ortogonal muito usado nas cidades, desde o período da história antiga.

Atribuiu-se, inicialmente, aos gregos e romanos da antiguidade, a difusão da forma reticular das vias compondo cidades. Hipodomos de Mileto, século V (A.C.), fez famosos projetos de cidades gregas, sendo conhecido como o pai do sistema tabuleiro de xadrez. “Após a descoberta de ruínas de cidades como Harapá e Moenjo-Daro (Paquistão), constatou-se que não tinha sido ele o primeiro a usar esse referido sistema (FERRARI, 1979, p. 217)”.

Embora não tenha sido inventado, também, pelos romanos, esse *desenho urbano* tornou-se conhecido como *rede romana* em função do uso intensivo de tal sistema pelos projetistas romanos da antiguidade. Seguindo essa técnica, foram erguidas as mais antigas cidades sumerianas, egípcias e chinesas, centenas de anos antes do domínio de Roma no Oriente e no Ocidente. “Na Grécia, Hipodomo desenhou cidades tabuleiro, e os etruscos fizeram o mesmo, na Itália continental” (SENNET, 2003, p. 95).

Nesta tese, a malha urbana é a própria Cidade que abriga a circulação do pescado nos seus muitos pontos fixos de comercialização e distribuição. É nesse momento que as redes sociais, tecidas para fazer circular o pescado em Belém, se fundem com esses pontos de venda ao longo de toda a cidade e trazem à compreensão de que são compostas por pessoas, eventos e locais, pois nos eventos e locais estão pessoas nas mais diversas relações sociais, dentre as quais as de comercialização ou circulação do pescado.

O objeto desta pesquisa é constituído das relações sociais de interconexão e interdependência, **Redes**, estabelecidas entre os diversos atores sociais envolvidos no processo de **circulação do pescado** na malha urbana de Belém, a partir da pesca nas águas distantes da cidade, passando pelo entreposto pesqueiro do Ver-o-Peso, a **Pedra**. Processo que envolve direta e indiretamente diversas interações entre vários atores sociais em toda a área

continental da Cidade e até de fora dela. De *barqueiros*¹², também denominados de *geleiros* com seus *tripulantes*¹³ que aportam com os peixes na beira, a *viradores*¹⁴, *carregadores*¹⁵, *balanceiros*¹⁶ e *compradores*¹⁷, dentre outros¹⁸, há um conjunto de ações e relações que põem o pescado em movimento, e o faz chegar, enfim àqueles sujeitos que o encontram como um alimento em sua casa ou nos lugares onde aparece como prato típico da culinária paraense.

A rede social¹⁹ que abrange os sujeitos em torno do pescado é uma abstração que representa o modo como esses atores sociais se conectam para fazerem circular o pescado em Belém. Barnes (2010) utilizou inicialmente a ideia de rede social “para descrever como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de que forma indivíduos usavam laços pessoais de parentesco e amizade em Bremnes, uma comunidade da Noruega” (BARNES, 2010, p. 173). Logo sendo seguido por outros pesquisadores como Bott, que “empregaram ideias similares para estudos realizados em contextos diferentes, demonstrando que a rede social pode ser útil no exame de vários tipos de situações” (BARNES, 2010, p. 173).

Esses e outros trabalhos mostram que o conceito é útil na descrição e na análise de processos políticos, classes, relação entre um mercado e sua periferia, provisão de serviço e circulação de bens e informações em meio social não estruturado, manutenção de valores e normas pela fofoca, diferenças estruturais entre sociedades tribais, rurais, urbanas e assim por diante (BARNES, 2010, p. 173).

Assim esta tese utilizou os conceitos de redes sociais para demonstrar que pessoas se associam para diversas atividades e processos, onde neste caso a **Rede** analisada é para fazer circular o pescado na malha urbana de Belém do Pará, tendo a **Pedra** como centralidade física e social, essencial para o fluxo da cadeia produtiva do pescado.

Estruturalmente esta tese foi dividida em cinco capítulos: o capítulo um trata da sistematização dos termos **Pedra, Redes e a Malha**, havendo um epítome geral que busca

¹² *Barqueiros* ou *geleiros* são proprietários de embarcações que capturam e trazem o pescado à Pedra.

¹³ *Tripulantes* são os trabalhadores que atuam nas embarcações que realizam a pesca, é como se auto identificam para diferenciarem de outros *pescadores* que utilizam anzol, “os anzoleiros”. São *tripulantes*, também, o maquinista ou motorista, o *gelador* – responsável por conservar o pescado nas urnas que ficam no porão das embarcações - existe o cozinheiro e o encarregado ou comandante.

¹⁴ *Viradores* são profissionais que recebem o pescado do barco levando-os até às balanças, onde viram na caixa do *carregador*.

¹⁵ *Carregadores* são os profissionais que carregam as caixas com capacidade para até 100 quilos de pescado, até os carros de carroto.

¹⁶ *Balanceiros* são os comerciantes que intermediam a venda do pescado do barco aos *compradores*.

¹⁷ *Compradores* são os sujeitos que compram o pescado, por atacado, dos *balanceiros* na Pedra.

¹⁸ Corrêa e Leitão (2010, p. 121), denomina atividades de assessorias, se referindo aos vendedores de cafezinho, mingau, sopa, churrasquinho, lanche e outros produtos como pneu velho para proteção do barco.

¹⁹ Rede social, nesta Tese, segue o conceito estipulado por Barnes, sendo “uma abstração de primeiro grau da realidade e contém a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida social da comunidade à qual corresponde (BARNES, 2010, p. 179)

tornar compreensível o objeto da pesquisa, bem como minha entrada na Pedra. Seguida da apresentação dos aspectos relativos ao problema, à justificativa, aos objetivos. Ainda nesse capítulo são discutidos aspectos da teorização quanto às **Redes** sociais e os significados de **Pedra** e **Malha**, como também os referenciais teóricos e de apoio bibliográfico; por fim, os aspectos metodológicos que orientaram a realização da etnografia da circulação do pescado em Belém.

O capítulo dois trata do **Ver-o-Peso: história e importância cultural na cidade de Belém**. Onde é apresentado um estudo sobre a sua criação que coincide com a própria história da Cidade; em seguida é problematizado o papel do Ver-o-Peso como mercado popular, tido por alguns sujeitos como sendo a “mãe de todas as feiras” da capital paraense; além da visão simbólica do Ver-o-Peso e sua importância na percepção popular.

No capítulo três é apresentada a **Etnografia na Pedra, suas Redes de circulação do pescado**, fluxo da produção, categorias de trabalhadores e interação entre duas dessas categorias representando as demais. Nesse capítulo apresenta-se tanto fluxogramas com a cadeia produtiva do pescado que chega na Pedra do Peixe para circular na cidade de Belém, como sociogramas representando redes sociais a partir de dois *balanceiros* que trabalham independentes um do outro, mas que ao final suas redes sociais estarão reunidas com as demais redes semelhantes às suas, através de sujeitos que permeiam uma rede e outra, fazendo com que essas redes parciais formem uma grande rede social que é a própria **Rede** estudada nesta tese.

O capítulo quatro vem tratar dos **conflitos e Informalidade no fluxo do pescado na Pedra e além da Pedra, honra, fiado e regras tácitas**. Nesse caso, o termo **além da Pedra** confunde a temporalidade de atividades que podem ser vistas tanto como sendo **antes da Pedra como também depois da Pedra**, pois trata na realidade, do interstício de tempo que ocorre após a venda completa do pescado na Pedra e a volta de uma embarcação de referência à Pedra novamente, quando inicialmente há todo um preparativo da tripulação para a próxima viagem de pesca, seguido da jornada em busca do pescado e o retorno à Pedra com outra carga de pescado, para nova comercialização. Mas esse capítulo começa abordando a informalidade e as regras tácitas que reinam no ambiente da Pedra, as não conformidades com essas regras e os conflitos existentes nas relações sociais; a convivência com um setor marginal na Pedra é outro aspecto visto nessa pesquisa, além da pressão, ora latente, ora aflorada, que visa a retirada desse entreposto pesqueiro do Complexo Ver-o-Peso, questão que traz apreensão aos atores sociais que vivem das atividades ali realizadas cotidianamente.

No capítulo cinco há uma atenção à malha urbana, através principalmente de descrições etnográficas em alguns pontos onde há comercialização do pescado em Belém. Ou de outro modo, são tratados os aspectos atinentes a parte do fluxo que ocorre depois da Pedra, quando o pescado invade os mais diversos pontos fixos espalhados na malha urbana de Belém. No caso foram escolhidas três feiras da cidade e uma rede de supermercados como amostragem representativa dos demais pontos fixos por onde se comercializa pescado na cidade, esse oriundo da Pedra do Peixe do Ver-o-Peso.

Nas **Considerações Finais** há uma reflexão quanto à rede comercial do pescado, nos seus aspectos legais, econômicos, sociais e culturais, resumindo os aspectos discutidos e analisados ao longo de toda a tese, onde se etnografou a **Rede** envolvida no processo de circulação do pescado que é recebido diariamente na Pedra do Peixe do Ver-o-Peso e que de lá é distribuído para toda Belém, mas também para outras localidades do Pará, de outros estados brasileiros e até para outros países. As considerações finais culminam com proposições, advindas principalmente dos trabalhadores que atuam nessa **Rede**.

CAPÍTULO I: PEDRA, REDES E MALHAS: TEORIA E ENTRADA NO CAMPO

*No meio do caminho tinha uma pedra
Tinha uma pedra no meio do caminho*²⁰

Aquela enseada das embarcações onde se localiza o Ver-o-Peso, o Mercado de Peixe com suas torres pontiagudas e marcantes na paisagem da cidade de Belém, muito me fascinam desde minha infância no final da década de 1960, tempo em que semanalmente, eu passei a acompanhar meu pai e dois dos irmãos mais velhos nas compras de pescado, frutas, hortaliças, legumes e outros produtos que “só ali eram frescos”, novo e de qualidade, para abastecimento da família numerosa, para toda a semana. O que guardo na memória da lembrança²¹, que em psicologia denomina de memória afetiva²².

De tanto ir lá, nós já conhecíamos muitos dos comerciantes pelo nome ou pelo apelido, como o seu *Pedro da Geleira*, que pesava e vendia o peixe do barco, seu *Vadico* verdureiro e o seu *Serrote*²³; esses eu lembro muito bem. Todos se conheciam por ali, um interagiu com outro, um era conhecido do outro e se uma pessoa, por ali, consultada não pudesse ajudar, indicava alguém que poderia, através da sua rede de relacionamento.

Ficou assinalado para mim que o peixe fresco, em quantidade e com preço bom em Belém deveria ser comprado na **Pedra** e bem cedo da manhã, de madrugada ainda, pois quando o sol aparecia mesmo, “esquentava”, não era mais possível comprar na **Pedra** e aí só poderia fazê-lo no Mercado, onde o preço era outro, mais caro. Eu não entendia o porquê, mas depois vim, a saber, que o horário da comercialização por atacado era diferente do varejo. Outros costumes, circunstâncias e necessidades vieram suceder tal tradição familiar, ficando assim, a marca e o fato inicial da minha relação com a **Pedra**.

Na década de 1970, dia do Círio de Nazaré, eu acompanhava a procissão desde a Igreja da Sé e já havia a tradicional homenagem, através dos fogos – “barulhentos e intermináveis”, na minha visão – que os “*peixeiros*” prestavam a Nossa Senhora nas “geleiras

²⁰Carlos Drummond de Andrade, modernista, autor da poesia “No meio do caminho” publicado pela primeira vez em 1928. ANDRADE In. Alguma poesia. Belo Horizonte: Ed. Pindorama, 1930.

²¹BOSI (2012, p. 49) trata da memória da lembrança, que ela denomina de imagem-lembrança e refere-se a uma situação definida e individualizada, como um momento único na vida.

²²Memória afetiva para a psicóloga Vanilde Portillo, pode se desenvolver a partir de uma percepção sensorial como um odor, um som, uma cor, desde que tal percepção esteja ligada a um momento afetivo importante e contribui para elaboração e compreensão das experiências carregadas de afetos do nosso passado e que se depositaram no fundo da alma, sendo dolorosa ou não fazem parte da edificação do nosso ser (POTILLO, 2006, p.1).

²³*Peixeiro*, que era um referencial dentro do Mercado, quando o peixe estava escasso ou quando perdíamos a hora da compra na Pedra do Peixe, o seu Serrote, com o tempo vimos saber que tinha esse apelido por causa dos seus dentes pontiagudos como um serrote.

do Ver-o-Peso”²⁴. Eu, como tantas pessoas que já viram essa homenagem, guardei na memória o momento em que ocorria o *foguetório* seguido da fumaça que pairava no ar entre as velas das embarcações²⁵ e os mastros dos barcos a motor, ao término do que a procissão prosseguia em seu trajeto rumo à Basílica de Nazaré.

Quando estudante do curso ginásial²⁶, um dia eu me deparei com a célebre poesia de Carlos Drummond de Andrade que fala da pedra “no meio do caminho” e logo que li seus versos, lembrei-me da Pedra do Peixe; embora o autor venha trazer um sentido diferenciado à pedra no caminho, até hoje ainda faço essa breve relação – pois minha retentiva ficou assinalada pela mistura da Pedra do Peixe com a pedra de Drummond, o que foi reforçado pelo termo “nunca me esquecerei que no meio do caminho tinha uma pedra” e por tudo isso iniciei esse capítulo com seu poema. Afinal, essa **Pedra** (da Tese) sempre esteve no meu caminho, então para mim ela é como a *pedra problema* do Drummond de Andrade.

Mas o que me instigou, mesmo, para iniciar uma pesquisa de cunho científico na **Pedra** foi, sem dúvida, a minha trajetória acadêmica, quando na década de 1990 iniciei às aulas da disciplina Ecologia Urbana, como docente do Curso de Arquitetura na Universidade Federal do Pará; disciplina que exige dentre outros, o exercício de pensar a cidade, de realizar estudos sobre a sociedade que (des)constrói constantemente o meio urbano, modificá-lo, dá usos diversos e tradicionais a determinados espaços da cidade, como as feiras e mercados populares, que muitas das vezes nascem espontaneamente pela vontade coletiva, dentro das suas especificidades culturais e morfológicas.

Como prática dessa disciplina, eram realizadas observações diretas²⁷ (COSTA, 1986; OLIVEIRA, 2000; DAMATTA, 1978) de ações das pessoas em lugares de aglomerações citadinas, ocasião em que o Ver-o-Peso sempre aparecia como espaço preferido pelos alunos para essa atividade, por diversos motivos, dentre os quais os aspectos históricos, tradicionais, culturais, patrimoniais e simbólicos à cidade, apontados por eles. A figura 1 mostra a contextualização geográfica do Ver-o-Peso em quatro quadros, onde no quadro 4 está o Ver-o-Peso e sua doca, entre dois bairros que marcam a gênese histórica da cidade de

²⁴ Geleiras do Ver-o-Peso era um termo empregado para o conjunto das embarcações com a Pedra do Peixe do Ver-o-Peso.

²⁵ Na década de 1960 muitas embarcações que traziam o pescado e demais produtos para a Pedra eram movidas a vento nas velas coloridas e diversificadas, que ancoravam naquele lugar, misturados aos barcos a motor, que foram introduzidos ao final da década de 1940 (MELLO, 1985, p. 40).

²⁶ Curso ginásio que na década de 1960, àquela época, era antecedido pelo curso primário e se transformaram no que hoje é o nível fundamental de ensino.

²⁷ Observação direta para Costa (1986, p. 136) é o conjunto de técnicas de observação visual e auditiva sem interferência verbais específicas entre observador e observado.

Belém do Pará em destaque indicativo está, georeferenciada a Pedra do Peixe, muito importante na pesquisa desta tese.

Figura 1 – Mapa referencial contextualizando o Ver-o-Peso e a Pedra na Cidade de Belém.



Fonte: Silva e Raposo a partir Google Earth e Base Cartográfica IBGE, 2014.

A Pedra do Peixe sempre foi um tema requisitado por alguma equipe de alunos, pelo enfoque da população interagindo na paisagem dinâmica que simboliza a cidade, ou pelo comércio do pescado por atacado, quando aquele espaço passa a ter uso específico de compra, venda e troca do pescado que só é possível na madrugada para não haver concorrência com o comércio mais tradicional que ocorre durante o dia, no Mercado de Ferro. Após a comercialização do peixe na pedra, aquele espaço é transformado para outro uso, no caso o da circulação de pessoas que vão e vem ao Mercado, à feira do Ver-o-Peso e de modo mais específico a algum dos seus muitos setores, dos quais alguns estão indicados na figura 2, que apresenta a imagem, em planta baixa, do Complexo Ver-o-Peso.

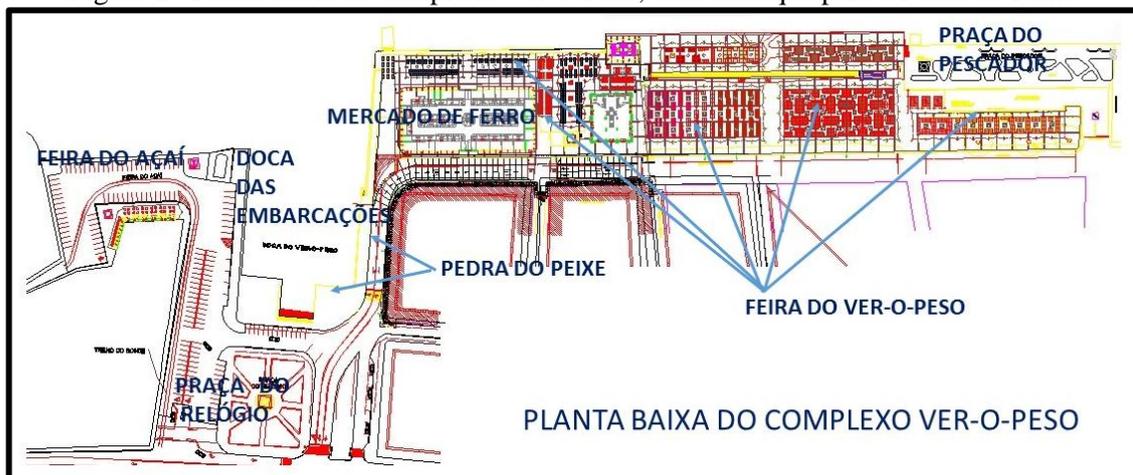
A partir de 1990, em contato com leituras de autores da Escola de Chicago, como Robert Park, William Thomas, Louis Wirth, e houve uma relação maior com os estudos da Sociologia Urbana; em seguida conheci alguns artigos de Georg Simmel, como “A Metrópole e a Vida Mental” e “Questões fundamentais da sociologia. Indivíduo e sociedade”, autor segundo quem “a sociologia se aclimata a cada campo específico de pesquisa, tanto no da

economia como no campo histórico-cultural, tanto no ético como no teológico” (SIMMEL, 2006, p. 22). Mais adiante procurei leituras da Antropologia Urbana em busca de novas respostas para atender aos questionamentos provocados pelos estudantes, de modo mais específico e que perpassavam por diversos estágios relacionados a grupos de pessoas que interagem nas cidades, seus bairros e outros locais mais específicos. Encontrei Gilberto Velho, do qual eu li “A utopia urbana: Um estudo de antropologia social”, onde o autor, logo no primeiro capítulo, descreve o bairro de Copacabana e em seguida apresenta sua pesquisa realizada no prédio onde morava, naquele bairro do Rio de Janeiro. O que me aproximou muito do pensamento de que os estudos do urbanismo perpassam pela antropologia urbana.

Esse conjunto de fatos, fez com que cada vez mais eu me interessasse pela riqueza social representada pelo Ver-o-Peso e mais especificamente pela **Pedra** dentro daquele complexo e ainda que a antropologia seria um caminho para estudar esses *locus*.

A figura 2 faz um apanhado físico de alguns pontos importantes do Complexo Ver-o-Peso, todos muito frequentados por pessoas que trabalham no local ou que vão atrás dos produtos oferecidos nos horários específicos de funcionamento de cada setor. Há destaque para a calçada (denominada de Pedra do Peixe) que margeia a Doca das Embarcações e que durante o dia é um passeio como outro qualquer servindo de rota para quem vai ou vem do Mercado de Ferro e da Feira do Ver-o-Peso.

Figura 2– Planta baixa do complexo Ver-o-Peso, com destaque para a Pedra do Peixe



Fonte – Autor a partir de arquivo da SECON, 2015.

Eu tive a oportunidade de observar, na minha trajetória de vida, com lembrança nítida a partir da década de 1970, o quanto aumentou o movimento das pessoas envolvidas nessa trama diária em torno da recepção e distribuição do pescado na cidade e comparativamente penso que ao longo dessas quatro décadas passadas, cada vez mais cresce o

movimento de pessoas naquele setor do Ver-o-Peso. Por outro lado, de modo conflitante, há uma pressão para a mudança de uso daquele local. Mas esse entreposto pesqueiro continua, nos dias atuais, como um marco comercial e simbólico da cidade de Belém, no qual há uma organização que satisfaz ao conjunto dos usuários que interagem e onde “cada indivíduo tem um papel específico de ator social” (GOFFMAN, 2013, p. 36; RADCLIFFE-BROWN, 2013, p. 19), dentro daquele *locus* sociocultural que influencia toda a cidade desde sua gênese. Nesse sentido, Loureiro (1985, p. 21) comenta que desde o período colonial²⁸

A subsistência do homem amazônida fundamentou-se no pescado e na pequena produção agrícola, com destaque para a mandioca usada para fabricar farinha, a qual sobrexcedia todas as demais espécies. O pescado, como produto alimentar básico das populações paraenses tinha seu valor natural reconhecido a tal ponto que, em certa época, serviu como moeda em algumas formas de pagamento.

Furtado (1993, p.44), concorda com Loureiro, quanto à importância do pescado ao homem da Amazônia, comentando sobre pesca, comercialização e consumo para alimentação como algo presente na vida desse habitante da região, a autora afirma que a pesca na Amazônia, “particularmente no Estado do Pará, se apresenta como algo muito importante à vida da população regional, tanto pela produção de alimentos quanto por ser um dos vetores que levam reprodução social”.

Essa combinação alimentícia entre farinha de mandioca e peixe, a que se referem as autoras, é uma díade que vem acompanhando o habitante da região dos tempos pretéritos até os tempos atuais²⁹, fazendo com que haja sempre a procura desses importantes gêneros alimentícios necessários à composição da mesa do amazônida.

Os rios e outros cursos d’água como lagos e igarapés da Amazônia, além da sua costa marítima, sempre apresentaram abundância em qualidade e diversidade de pescado. Loureiro (1985, p. 21) enfatiza “a relativa facilidade de captura e a significativa experiência do indígena como *pescador*, assimilada e desenvolvida por brancos e mestiços que ocupam a Amazônia e a existência de mercados consumidores”, como fatores primordiais para transformar [...] “a pesca entre as atividades produtivas regionais das mais antigas e o pescado, ao lado da mandioca, como alimento regional mais constante” (p. 22).

A Amazônia possui essa riqueza hídrica que se interliga em uma imensa bacia, “na qual o Amazonas e seus tributários, a floresta exuberante e a vastidão de seu território,

²⁸A autora se refere ao período colonial, em Belém, quando foi autorizada a taxação de produtos na mesa do Haver-o-Peso e que pagavam os “empregados públicos da época com pescado” (CRUZ, 1973, p. 277).

²⁹Dieta do *pescador* – em atividade de pesca – continua sendo peixe com farinha e em muitas localidades do Pará esse é um prato típico.

que chega a ocupar 3/5 do território brasileiro” (FURTADO, 1987, p. 24). Belém se beneficia dessa rede hídrica por possuir excelente posição geográfica, como abordou Penteado (1968)

Por não estar localizada às margens do Amazonas, a cidade de Belém, paradoxalmente beneficia-se com esse fato, pois o sistema hidrográfico em que se acha, além de ser relativamente independente do rio-mar, garante-lhe condições de fácil acesso ao oceano e ao continente, graças a peculiaridade que possui (PENTEADO, 1968, p. 87)

Tudo isso me incentivou a pesquisar esse pedaço do Ver-o-Peso onde tantas coisas acontecem em tão curto espaço de tempo do dia e “muitos são os assuntos que instigam a abordagem socioantropológica” (LEITÃO, 2010, p. 35) no local. Notando surpreso que tais atividades aumentaram bastante, de 1990 até meados de 2010, é que conjecturei a possibilidade de estudar tal fenômeno como uma rede social, pois tudo que acontece por ali se faz pelas interações sociais em que os atores se conectam, tecendo uma rede social total³⁰ e várias redes sociais parciais³¹ (BARNES, p. 2010).

Metodologicamente esta tese perpassou inicialmente pelo aprofundamento bibliográfico proporcionado por autores que abordaram e dissertaram sobre os temas relativos à pesca e ao *pescador* na Amazônia, a história da formação da cidade de Belém e do Ver-o-Peso, a Pedra do Peixe, as redes sociais, a formação do espaço intraurbano, e de outros assuntos de modo subsidiário com afinidade à temática, já citados no item anterior, mas aqui novamente referendados como *starts* necessários ao desenvolvimento metodológico desta pesquisa. Em seguida foi realizado o trabalho de campo em busca de dados etnográficos.

Também ficou muito claro que essas relações se multiplicam formando uma rede social em volta da recepção e circulação do pescado, que se estende para a malha urbana de Belém. Para dar suporte teórico a essa perspectiva foram consultadas as aplicações das análises de redes sociais e seu uso nas Ciências Sociais, encontradas em Wasserman e Faust (2009) com seus métodos que servem tanto para essas Ciências como às Exatas e Computacionais, mas antes procurou-se Barnes (1973), para fundamentar essa temática, no aspecto social, além de Mitchell (1969), Bott (1976) e Wellman (1983) que trazem à tona, as possibilidades de análises utilizando a noção de **Rede** com sentidos metafórico, analítico e tecnológico.

Sobre pescado, *pescadores* e suas relações sociais, procurei principalmente autores locais que realizaram diversas pesquisas socioantropológicas, como Furtado (1987 e

³⁰ Para Barnes (2010, p. 179), rede social total é o modelo de relações sociais que contém a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida da comunidade correspondente.

³¹ Rede social parcial para Barnes (2010, p. 179) é qualquer delimitação de uma rede social.

1993), que estudou os *pescadores* do litoral do Pará e do rio Amazonas quanto aos conhecimentos de seu modo de vida, abordando os aspectos fisiográficos, ocupação, configurações espaciais e poder adaptativo desses atores sociais em relação às modernizações nos meios de transportes e comunicação, bem como sua organização social e economia, até os conflitos mais emergentes, os quais são semelhantes em toda a região amazônica em se tratando da atividade de pesca artesanal.

Esta pesquisa exigiu, também, o levantamento de dados secundários junto às instituições de pesquisa³² e de gestão pública³³, os quais poderão contribuir para a compreensão dos aspectos abordados.

No campo, a pesquisa se realizou através da observação direta e da observação participante, pois só *in loco* se produz a etnografia, essencial para as análises e reflexões antropológicas, incluindo aí o levantamento iconográfico, que pode favorecer a tradução da realidade de determinado momento ao permitir o registro das imagens daquilo que foi observado no campo, a elaboração de tabelas e gráficos como recursos para descrição e análise. As entrevistas realizadas com alguns atores da rede social do pescado também favoreceram a compreensão dessa realidade. Observação, registro e análise dos dados concretos sobre uma vasta gama de fatos foi, portanto, um dos aspectos principais no método de trabalho que desenvolvi neste campo (MALINOWSKI, 1984, p. 27).

A pesquisa de campo levou em consideração as características de cada setor do campo pesquisado, nos aspectos social, cultural, de economia e físico-geográfico, dentro desse processo. Assim, foram realizadas entrevistas com questionários semiestruturados aplicados por mim e outros dois pesquisadores do Programa PPGSA e do GEMP³⁴ a uma amostra que correspondeu a 33,3% do universo representando a totalidade dos Boxes do Mercado de Peixe. Realizei levantamento de cunho qualitativo, com perguntas abertas referentes ao perfil dos *peixeiros* desse espaço, selecionados de modo aleatório. Outras entrevistas não estruturadas também foram realizadas no Mercado de Ferro, Mercado do Guamá, Feira da 25 e Feira da Tavares Bastos e em uma loja de uma rede de Supermercado, objetivando um levantamento de dados consistente, que se seguiram de forma aprofundada às observações e registros do cotidiano local.

Houve exceção à Pedra, porque a abordagem do tipo entrevista não era a mais indicada para pesquisar as relações sociais e econômicas nas quais aqueles trabalhadores estão

³² Foram consultadas bibliotecas: do NAEA/UFPA, Central/UFPA; IFCH/UFPA; IGC/UFPA, do MPEG e do CENTUR.

³³ Foram consultados arquivos: na SECON; na SEURB; FUMBEL e SEPAq.

³⁴ GEMP – Grupo de Estudos sobre Mercados Populares/CNPq (PPGSA/IFCH/UFPA).

envolvidos, mas sim a observação direta e a observação participante, a partir da confiança alcançada junto a pelo menos dois *balanceiros* e a várias conversas informais com outros trabalhadores dessa categoria, no local.

A estadia prolongada e contínua no campo obedecendo uma ordem cronológica, sazonal e por prioridades, foi essencial para realização da observação direta, enquanto que a observação participante só foi possível com minha atuação efetiva em algumas atividades diárias dos sujeitos que trabalham nos locais estudados. Eu tive oportunidade de sentar ao lado de *balanceiro* e realizar a pesagem, realizar a venda, após servir de conferente para apreender alguns detalhes importantes dessa atividade.

As informações detalhadas na caderneta que serviu de diário de campo foram aprofundadas através de análises e comparação entre os fatos observados e os trabalhos teóricos que elucidam certas minúcias do comportamento humano em suas relações sociais.

A partir dos dados de campo houve a elaboração de tabelas utilizando o programa SPSS³⁵, para análise, tabulação, elaboração de tabelas e gráficos e resumo dos dados para inserção no Capítulo 3. De modo concomitante, realizei análises documentais, elaboração de material cartográfico, com apoio de ferramentas de geoprocessamento e imagens de satélites, obtendo a localização de pontos onde se comercializam pescado na região continental de Belém do Pará; assim como investigação quanto à fiscalização e controle do Poder Público nos locais de comercialização.

1.1 MINHA ENTRADA NA PEDRA

Quando eu cheguei à Pedra pela primeira vez para coletar dados que serviriam para subsidiar o projeto de pesquisa, no ano de 2011, eu não conhecia ninguém que atuava ali, não entendia muito bem as minúcias de como aquele burburinho funcionava, só era possível entender que o *balanceiro* vendia peixe por atacado; mas aos poucos fui saindo de um estado de ânsia e me acalmando, fui lembrando da minha infância e de minhas idas com alunos de “ecologia urbana” para observar a comercialização do pescado, ainda de madrugada, na década de 1990. Eu fiquei um bom tempo sem ter acesso direto aos atores sociais do lugar, percebi a dificuldade que enfrentaria para penetrar no meu objeto de pesquisa, que é a circulação do pescado, pois ninguém permitia aproximação ou perguntas, chegando ao ponto

³⁵ IBM SPSS Statistics (*Statistical Package for the Social Sciences*) é um programa computacional específico para o tratamento de dados estatísticos e organização de bancos de dados, com aplicação direcionada para pesquisas das ciências sociais, pois permite gerar análises de correlação de variáveis com maior sistematicidade e amplitude em relação aos softwares com ambiente de planilhas de uso mais geral.

de eu ser hostilizado e até humilhado por parte de um *balanceiro*, num momento em que tentei aproximação através de uma conversa informal.

Eu era olhado pelos *balanceiros* e demais personagens sociais locais, de *soslaio*, com desconfiança. “Sentia-me fora de seu foco visual, era percebido num relance e certamente classificado como de fora daquele pedaço [...]” (MAGNANI, 2012, p. 206), afinal eu não era *comprador* e muito menos um trabalhador como eles, que sondam as pessoas que estão por perto, isso me incomodava bastante e parafraseando Malinowski (1984, p. 19), quando no início de sua pesquisa de campo nas ilhas Trobriand, “uma ideia geral e breve das atribuições de um etnógrafo, tal como eu vivi, pode lançar mais luz sobre esta questão do que qualquer longa discussão em abstrato”. Penso, assim, que essa fase inicial de rejeição e timidez é uma constante na vida de quem se arvora a fazer etnografia, mas é importante a persistência para buscar resultados, afinal num sentido amplo a etnografia “engloba as estratégias de contatos e de inserção, condições tanto para a prática como para a experiência [...]” (MAGNANI, 2012, p. 270).

Mas eu não podia perder tempo e fui procurando caminhos para adentrar no campo, primeiramente na SECON, coletei dados com um servidor de nome Luiz Carlos³⁶, que me apresentou o Sílvio Márcio, funcionário do Departamento de Portos e Feiras da SECON, com ele coletei dados suficientes para organizar os primeiros escritos sobre o pescado. Depois, no início do ano de 2012, ainda no âmbito da SECON, fui apresentado ao Lázaro Augusto (fiscal da SECON), o qual foi de suma importância, pois ele me apresentou ao Daniel, que é o líder dos *balanceiros*, que por sua vez me apresentou alguns *balanceiros* e prometeu ajuda. Mas o Daniel, nessa época, estava muito ocupado com o movimento conflituoso em relação à possibilidade da construção de um terminal pesqueiro público³⁷ que retiraria os trabalhadores da Pedra e não me deu mais atenção. E nem os *balanceiros* que ele apresentou quiseram colaborar comigo.

Após algum tempo, em junho de 2012, o Daniel me convidou para uma reunião³⁸, iniciou assim, uma relativa abertura necessária à pesquisa, pois me apresentou outros líderes locais e reapresentou alguns *balanceiros*, entre os quais o *Tetéó* – apelido fictício - que primeiramente não me deu atenção, por meses, mas permitiu que eu acompanhasse suas

³⁶ Luiz Carlos é mais conhecido como “Lula”, que na época (2012) era diretor geral, logo em seguida foi Secretário de Economia e era meu conhecido de outra época, quando fui diretor de um órgão da Prefeitura e ele já era da SECON.

³⁷ Terminais Pesqueiros Públicos segundo o Art. 3º do Decreto 5.231/2004, são parte fundamental da infraestrutura aquícola e pesqueira do País e funcionarão como entrepostos de pesca nas áreas litorâneas ou ribeirinhas, de acordo com a necessidade e o interesse público.

³⁸ Reunião para tratar dos encaminhamentos da Audiência Pública realizada em 7 de maio de 2012, sobre o Terminal Pesqueiro Público.

atividades como observador, pois ele “não podia parar de trabalhar para me atender”, fui paciente e insistente o bastante, até que um dia finalmente ele me ofereceu um cafezinho e aceitou conversar comigo sobre sua atividade e de seus companheiros de trabalho, na Pedra. O que demonstra a importância da comensalidade para a aceitação por atores sociais de um contexto cultural de alteridade.

Ficou claro na reunião, que tive com o Daniel e os líderes dos *balanceiros*, *peixeiros*, *barqueiros* e dos vendedores de peixe salgado, que eles tinham interesse que eu pudesse, como “arquiteto e professor da FAU/UFPA”, elaborar um projeto que contemplasse uma reforma da área da Pedra, adequando-a aos ditames de um terminal pesqueiro sem ferir aos parâmetros do IPHAN, quanto ao Ver-o-Peso (Patrimônio Cultural), dentro do que prevê o Decreto Federal sobre Entrepostos Pesqueiros e com o apoio da UFPA. Isso era uma demanda imediata a qual esses líderes deveriam apresentar ao Ministério Público Estadual, naquela conjuntura.

Esse fato evidenciou o quanto o observador é observado pelos nativos, mesmo quando esses aparentam ignorá-lo, de modo semelhante ao que relata Geertz, em seu texto sobre a briga de galos balinesa, o qual só percebeu que era observado pelo nativos, depois do fato de ter corrido, fugindo da polícia, juntamente com os nativos que estavam na rinha a assistir briga de galos e foi ajudado por um deles, que, em sua defesa e de sua esposa, fez a um policial, como descreveu Geertz, uma “descrição tão apaixonada de quem e do que éramos, com tanto detalhes e tão correta [...]” (GEERTZ, 2011, p. 187), o autor complementa: “[...] deixáramos de ser invisíveis” [...]. Essa condição simétrica entre pesquisador e pesquisado exige um repensar da própria prática de pesquisa, pois é necessário considerar que os nativos produzem uma interpretação própria de nosso trabalho e se relacionam conosco a partir dessa compreensão (CLIFFORD, 1998).

Tem que haver algo no pesquisador que seja do interesse do nativo, isso é uma premissa narrada por todos os grandes autores que se deve tomar como referência em etnografia. Por exemplo, no clássico trabalho de campo de Malinowski: “Os Argonautas do Pacífico Ocidental” (1984), podemos observar inúmeras situações que revelam a intensa e cotidiana “negociação” entre pesquisador e pesquisado para que a etnografia possa fluir. Neste sentido, gostaria de citar uma dessas situações descritas por esse autor, quando ele nos conta que tinha tabaco na sua mala para dispor aos seus pesquisados (MALINOWSKI, 1984, p. 19).

Os líderes das quatro principais categorias ligadas ao pescado da Pedra³⁹, vislumbraram em mim a possibilidade de elaboração de um projeto de arquitetura que fosse adequado às suas necessidades locais e desse modo, poder cumprir ao que foi estabelecido, como encaminhamento, na audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Estado – ALEPA, em maio de 2012, sobre o assunto. Foi quando eu fui aceito em definitivo no campo, eu percebi naquele momento que tinha o *tabaco* na minha bagagem para dispor aos nativos da Pedra.

A partir de então, todos – na **Pedra** – sabem que eu sou professor da *Universidade* e que eu estou pesquisando *para escrever um livro sobre a Pedra do Peixe* (esse é um entendimento geral pelos que menos me conhecem). O Daniel e os meus interlocutores mais próximos se encarregaram de me apresentar aos demais atores sociais da Pedra, que me aceitaram. mas continuam, até o final dessa pesquisa, se referindo a mim como “o professor que vai escrever um livro sobre a Pedra”.

Desse modo, com mais liberdade para circular, observar diretamente as minúcias, o dia-a-dia na Pedra, comecei a entender o fato de que cada personagem tem seu papel fundamental para o funcionamento da Pedra. Observei que esses sujeitos se relacionam em grupos previamente estabelecidos, formando pequenas redes que se inter-relacionam e são interdependentes, lembrando o que Barnes (2010) denomina de redes sociais parciais.

Um *barqueiro* só desembarca seu pescado capturado muito distante se ele tiver um *balanceiro* para fazer circular o produto e esse *balanceiro* por sua vez tem um grupo de pessoas que trabalham com ele, na sua rede parcial. Barnes, seus seguidores e opositores, na teoria das redes sociais, têm em comum a certeza de que o *modelo* de uma rede social é essencial para sua análise.

Os trabalhadores da Pedra do Ver-o-Peso cumprem suas atividades regulares dentro de suas especificidades, havendo uma “divisão social do trabalho” (MARX, 2008) e desse modo surgem as categorias dos *geleiros* ou *barqueiros*, dos *encarregados*, dos *tripulantes*, dentro da qual estão as especialidades dos *maquinistas*, dos *pescadores*, do *cozinheiro* e do *gelador*, esse último – como já foi referenciado – trabalha no porão da embarcação, acondicionando o pescado no gelo e nas urnas, que são os compartimentos ou divisórias apropriados para transportar o pescado capturado, com todo o cuidado para sua conservação, todos esses sujeitos trabalham embarcados para trazerem o pescado a ser comercializado na Pedra do Peixe.

³⁹ *Balanceiros, Barqueiros, Vendedores de peixe in natura e vendedores de peixe salgado. Categorias de trabalhadores que possuem associação de classe lutando pelo interesse coletivo.*

Em terra estão as categorias dos *balanceiros*, que trabalham (cada um) com um *virador*; as categorias dos *carregadores*, dos *compradores*, que podem ser *peixeiros* do mercado de ferro, de outros mercados e feiras da cidade, dos *compradores* de grandes supermercados, *compradores* avulsos, donos de restaurantes formais e informais dentre outros. Além dessas categorias estão os vendedores avulsos de produtos diversificados como miudezas em geral, sacolas, caixas de papelão, cafezinho, mingau, prestadores de serviços como manicure, de apostas de jogo do bicho e de loteria. Estão também, na Pedra, os agentes do poder público como fiscais, os policiais, dentre outros.

São sujeitos que de algum modo estão em posições estratégicas dentro das categorias diversas para fazer circular o pescado em Belém do Pará e outras localidades a partir da Pedra do Peixe, a qual faz parte do Complexo do Ver-o-Peso e marca a cidade como um grande centro de entreposto pesqueiro no âmbito do Estado e do País.

Essa tese demonstra que mesmo sem se darem conta do alcance do seu papel na circulação do pescado em Belém, esses atores sociais fazem parte de grupos, os quais se encaixam nas características que autores – abordados adiante – apresentam como redes sociais e que esse modo de operar tais atividades, fazendo com que a cadeia do pescado se reproduza ao longo do tempo, envolve gerações que sucederam outras gerações dentro dos mesmos moldes iniciados em algum tempo próximo da gênese da cidade de Belém e tendo como centro de recepção e de distribuição esse mesmo local onde hoje está fixa a Pedra do Peixe com esse mesmo uso.

1.2 DISCUTINDO REDES SOCIAIS: TEORIA E APLICABILIDADE

Quando se ouve falar em rede social, em pleno século XXI, pode vir à mente a lembrança da grande rede mundial de computadores, as redes sociais populares praticadas na internet, como pode lembrar as redes de lojas, redes de comunicação e outras tantas que se utilizam da tecnologia da informação, onde há todo um aparato facilitador da comunicação e dos relacionamentos sociais virtuais existentes no planeta; que vem trazendo mais celeridade nas comunicações, principalmente a partir da última década do século XX. Lembra as redes globais, mas lembra também das redes sociais presenciais, onde há predominância dos contatos face a face entre as pessoas que as compõem.

Tais complexidades iluminam o papel que a internet pode ter especificamente nas comunidades locais com alcance global (WELLMAN, 1993), isso traz ao senso comum a ideia de ver o mundo como uma aldeia global. “A internet e outras tecnologias de

comunicação estão facilitando a mudança da natureza das comunidades ou grupos fisicamente fixos” (WELLMAN, 1993, p. 5). No entanto essa celeridade e facilidade estão longe de substituir as relações humanas que se interconectam em redes sociais no trabalho, nas escolas, nas congregações religiosas, nos partidos políticos, dentre outras instituições sociais específicas.

Não obstante, em algum momento da história, as relações sociais passaram a ser percebidas e explicadas como redes, onde as pessoas eram compreendidas como estando interligadas umas às outras. Essa concepção antecede a aplicabilidade dos benefícios proporcionados pelas redes virtuais, e resultou em modelos usados pela rede mundial de computadores e por instituições comerciais, bancárias, governamentais, dentre tantas. A informação pode fluir numa rede social somente no momento em que pode ser discutida, avaliada e, por isso, transformada e até reformulada pelo debate da **Rede** (TOTARO, 2014, p. 290).

Assim, foi possível trazer dos agrupamentos humanos – cujos membros que o compõem se relacionam entre si – a ideia da rede social que, por diferentes processos de transformação, inspirou os modelos dos complexos conglomerados das redes globais.

O antropólogo britânico Radcliffe-Brown (2013, p. 170) ao definir o conceito central de seu pensamento, a estrutura social, como “a rede de relações complexas que cria laços entre os seres humanos”, inaugurou o uso simbólico da expressão e da ideia de “redes e laços, ainda em 1940” (BARNES, 2010, p. 177), prenunciando, visionariamente, a importância que a análise de redes sociais ganharia a partir dos anos 1950 na antropologia social (MAYER, 2010, p. 141).

Em um contexto antropológico, rede social é um modelo analítico com o qual procura-se observar, descrever e compreender processos sociais que envolvem conexões que transpassam os limites dos grupos e categorias (BARNES, 1987, p. 163). Para esse autor:

Quer a rede possa ou não ser associada de maneira útil à *estrutura social*, não podemos encontrá-la nem aqui nem ali. Independentemente de qualquer coisa, a rede social é uma abstração de primeiro grau da realidade e contém a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida social da comunidade à qual corresponde. Chamo-a de rede social total (BARNES, 2010, p. 179).

Partindo dessa definição é necessário ter claro que rede social, neste trabalho, é a interpretação ética das relações existentes entre os nativos em um determinado contexto, ou seja, não é uma evidência empírica imediata, mas uma abstração realizada a partir da interpretação de práticas e sentidos êmicos.

A relevância e a multiplicação da análise de redes sociais na antropologia coincidiram com o deslocamento da ênfase de seus estudos, que privilegiaram as sociedades e povos ditos primitivos na primeira metade do século XX, em direção as sociedades complexas ou contextos urbanos das sociedades industriais, a partir do 2º Pós-Guerra. Essa mudança na predominância do espaço de pesquisa fez emergir novos problemas ao método e a teoria antropológica. Hannerz (2015, p. 179) corrobora com essa perspectiva ao afirmar que “a análise de redes não é apenas uma ferramenta da pesquisa urbana, embora a tendência tenha sido de seu crescimento e importância em virtude do interesse antropológico em sociedades complexas”.

Em 1954 Barnes publicou o primeiro artigo empregando a ideia de rede social em um sentido mais específico no seu estudo de Bremnes, uma pequena comunidade norueguesa de *pescadores* e cultivadores (HANNERZ, 2015; p. 179), para “descrever como noções de igualdade de classes eram utilizadas e de que forma indivíduos usavam laços pessoais de parentescos e amizades na comunidade” (BARNES, 2010, p. 173). Em seguida, em 1955 e 1957, Elizabeth Bott apresentou resultados de pesquisas utilizando o conceito de redes sociais em estudos de parentesco, realizados com “famílias comuns” em Londres, trazendo essa análise para os contextos urbanos (HANNERZ, 2015; p. 180).

Para Mitchel (1974, p. 279), a partir dos trabalhos desses autores, “a ideia de redes sociais se tornou cada vez mais popular entre os antropólogos sociais e sociólogos como uma forma de compreensão do comportamento humano”; a perspectiva inaugurada com esses estudos possibilitou a interpretação da realidade social a partir da articulação de redes, o que permite relativizar as fronteiras dos espaços dentro das ordens locais e globais – que passam a ser vistas como estruturas complexas e interpenetradas.

A relevância e multiplicação da análise de redes sociais na antropologia coincidiram com o deslocamento da ênfase de seus estudos, que privilegiaram as sociedades e povos ditos primitivos na primeira metade do século XX, em direção as sociedades complexas ou contextos urbanos das sociedades industriais, a partir do 2º Pós-Guerra. Essa mudança na predominância do espaço de pesquisa fez emergir novos problemas à pesquisa e a teoria antropológica. Fenômenos sociais até então fora das preocupações científicas, como a fofoca e a amizade, passaram a ser encarados como aspectos da realidade que deveriam ser compreendidos e explicados, como é possível reconhecer nos contextos dos trabalhos que Feldman-Bianco (2010) coligiu sob o título de *Antropologia das sociedades contemporâneas*.

Essa identificação impõe considerar que nas últimas décadas do século XX, sociedades diversas foram transformadas em contemporâneas de um novo modelo de desenvolvimento organizado e sustentado sob o princípio da circulação tecnológica da informação em escala planetária. Essa nova face do capitalismo, comumente chamada de globalização, foi analisada por Castells (2013) a partir de uma de suas principais características: organizar a sociedade em rede.

O sentido sociológico de *sociedade em rede* resulta de uma abordagem multidisciplinar que funde abordagens da economia, história, geopolítica, tecnologia da informação, comunicação, urbanismo e ciências sociais, para apontar os delineamentos da complexa estrutura social que será o campo onde o século XXI apresentará a ação de seus atores. As fronteiras institucionais dos Estados nacionais são abaladas por intensos fluxos de informação que ampliam o horizonte de contato entre grupos e atores sociais. Dessa forma, elementos culturais surgem virtualmente à consciência de sujeitos geograficamente distantes. Em um fluxo desigual, diferentes formas de organização da experiência coletiva entram em contato e são remodeladas, incorporando e alterando elementos externos, de acordo com a capacidade de acesso à base tecnológica de navegação nessa rede.

Apesar da ênfase atribuída à revolução tecnológica, baseada nas tecnologias da informação, como vetor de remodelação da base material da sociedade o sociólogo espanhol também aponta um movimento de reagrupamento em direção à elementos identitários primários. Dessa forma, ainda que aparentemente ocorra uma integração cultural planetária, as formas de vida e sociabilidades regionais e locais também se articulam e ganham força gerando movimentos de revalorização.

Seguindo esse raciocínio, pode-se classificar dois sentidos da categoria *redes*, quais sejam: O sentido sociológico, relativo às relações de interdependência entre economias e nações (CASTELLS, 2013), incluindo aí as redes baseadas na tecnologia da informação que lhe dá sustentáculo; e o sentido antropológico que explica as inter-relações entre os sujeitos (BARNES, 2010). As redes estudadas aqui são aquelas estabelecidas entre indivíduos que se movem, reciprocamente, em relação uns aos outros construindo identidades em meio a razões práticas próprias de sua atividade econômica.

Assim, o conhecimento teórico sobre redes sociais na antropologia é necessário para a construção dos modelos de relações sociais, que foram utilizados na análise das **Redes**, ou mesmo de seus diversos fragmentos (BARNES, 2010, p. 179). Para o autor, a análise de redes sociais fica mais plausível quando considerado uma parte dessa, a qual ele chama de

rede parcial⁴⁰. Barnes considera que, para empreender análise de redes, é importante o conhecimento quanto aos instrumentos analíticos disponíveis (BARNES, 2010, p. 177), entre os quais ele aponta a necessidade de construir um modelo que contenha a representação de pessoas, algumas das quais estão em relacionamentos sociais com algumas outras.

Na construção do modelo, o fato empírico crucial é que toda pessoa real se conecta com outra ou entra em contato com várias outras pessoas. Isso inclui o fato de que, no modelo, as pessoas não formam uma cadeia simples ou uma única estrela⁴¹, mas várias estrelas que formam a **Rede**. Na estrela há um elemento tomado como centro de ligações ao qual Barnes chama de elemento *alfa*⁴², é como o centro da estrela.

Outro instrumento de análise é um modelo parcial ou total de uma rede, onde aparecem seus elementos, chamados de nós⁴³ e suas ligações⁴⁴, laços ou conexões. A esse modelo facilitador de análise Stanley Wasserman e Katherine Faust (2009) chamam de sociograma. Através dos modelos de redes parciais, é possível examinar seus elementos ou *nós*, “com base na posição, na forma ou no conteúdo” (BARNES, 2010, p. 180).

Sociogramas⁴⁵ e sociomatrizes foram usadas pela primeira vez por Moreno, que demonstrou como eles poderiam representar as relações retratadas (WASSERMAN e FAUST, 2009, p. 77). Trouxe assim a ideia dos grafos⁴⁶, onde há os modelos das ligações entre os *nós* interligados em forma de sociomatrizes ou sociogramas. O uso de grafos, sociogramas e sociomatrizes, é necessário para se criarem modelos, sistemas simplificados de representação, de redes de relacionamento, porém não é possível representar sua totalidade, é modelo simplificado para permitir análises. Wasserman e Faust (1994) publicaram seus estudos a partir de bibliografias existentes, levando em consideração o que foi produzido por seus antecessores, mas trazem à tona métodos e aplicações das análises de redes sociais, permitindo que se utilizem tanto nas ciências sociais como nas ciências exatas e computacionais na busca de modelagens antes impossíveis

⁴⁰ Rede parcial para Barnes é qualquer extração de uma rede total, com base em critério que seja aplicável a essa. (BARNES, 2010, p. 179).

⁴¹ Estrela significa “um indivíduo que, em termos comparativos, é o frequentemente escolhido por seus companheiros em contextos específicos”; Barnes (2010, p. 181) atribui seu uso inicial a Moreno, na década de 1930, se refere a um elemento e suas ligações diretas.

⁴² Elemento alfa é a representação de uma pessoa da rede tomada como referência para examinar a rede a partir do seu ponto de vista (BARNES, 2010, p. 180).

⁴³ Nó de uma rede é cada elemento que compõe essa rede social e está passível de ligação com outro nó.

⁴⁴ Ligação, laços ou conexões de uma rede é a conexão entre os elementos ou nós da rede social.

⁴⁵ Sociogramas ou sociomatrizes são modelos da rede parcial passível de ser analisadas, na visão Wasserman e Faust (2009).

⁴⁶ Grafos é o conjunto de todos os pares de elementos interligados em um modelo de rede social (WASSERMAN e FAUST, 2009)

A Teoria do Graphos em associação com a teoria sociométrica para representar o modo como se ligam os atores ou *nós* de uma rede, pode ser aplicado em pesquisas de cunho antropológico para análises das características de seus componentes. “As características morfológicas de uma rede social são aquelas que lidam com a forma ou padrão das ligações de uma rede” (MICHELL, 1969, p. 280). Podendo apontar posições de elementos importantes da **Rede**, como os elementos de centralidade.

É possível identificar a centralidade de um ator em uma rede em razão da quantidade de laços nos quais está ligado. Dessa forma, a centralidade é definida pelo número extenso de relações que o ator mantém em relação a outros sujeitos e com a maior visibilidade que alcança em razão disso (WASSERMAN e FAUST, 2009, p. 173).

A compreensão das **Redes** de circulação do pescado tem como pressuposto as interações sociais estabelecidas pelos indivíduos para se interconectar nas diferentes etapas desse processo. Essa estrutura de sociabilidade produz entre seus atores “nós” ou laços de relacionamentos distintos das relações institucionalizadas e impessoais comumente estabelecidas entre vendedores e consumidores, ou entre tomadores e prestadores de serviços, cada qual anônimo nos limites dos papéis sociais que desempenham.

As interações existentes nas redes sociais da **Pedra** envolvem processos comunicativos baseados em informações incorporadas (GOFFMAN, 2010), ou seja, no fluxo de mensagens que o emissor comunica através de sua própria atividade corporal e que depende da presença dos corpos dos sujeitos envolvidos no diálogo para sua sustentação e compreensão. Esse tipo de interação simétrica é caracterizado por um rico e contínuo fluxo de informações retroalimentado constantemente enquanto os sujeitos se comunicam, e é condição necessária para a tessitura de redes sociais.

A análise de redes se volta para o entendimento das sociabilidades em uma dimensão que escapa aos modelos analíticos de grupos duradouros ou instituições fundamentadas em conjuntos normativos bem definidos e constantes. De acordo com Granovetter (1973), através da análise de relações interpessoais em redes, torna-se possível interpretar as interações cotidianas e próprias de pequenos grupos com o repertório analítico das ciências sociais. Dessa forma, o estabelecimento de laços entre os diversos indivíduos concretos que atuam intencionalmente na circulação do pescado na **Pedra** não se limita ao campo econômico-comercial, avançam para estágios que envolvem, principalmente, confiança, alianças, desafios, conflitos e reciprocidade.

A teoria das redes sociais foi aplicada nessas relações para analisar as posições dos atores sociais, a centralidade de sujeitos de categorias específicas, a força de seus laços e

formas de suas práticas. As relações sociais na Pedra vão dos laços mais fortes, em função da proximidade entre os atores sociais, às mais amplas, que geram os laços mais fracos.

Assim, os referenciais teóricos sobre redes sociais foram proporcionados por Barnes (1972, 2003 e 2010), Mitchell (1969), Hannerz (2015) e Wasserman e Faust (2009), dando o suporte necessário à teoria de redes sociais aplicada à tese. De modo subsidiário consultou-se ainda Bott (1976) e Wellman (1983), além de Granovetter (1973), ainda na temática sobre redes sociais, que é um item de muita importância nesta tese.

Barnes (2010) deixa claro as possibilidades de uso dos estudos de redes sociais, tanto em níveis institucionais mais amplos, quanto em grupos locais, que “têm em comum o fato de serem vistos como processos que levam sujeitos e grupos mobilizando seguidores para seus objetivos e ao mesmo tempo influenciam pensamentos e ações de seus adeptos” (p. 171). Esse autor trouxe embasamento para que no período de 2012 a 2015 eu pudesse adotar suas contribuições para estudar a **Rede**, como uma “rede social total” (BARNES, 2010, p. 179). Pude a partir de seu embasamento teórico, comparar seus modelos com as interconexões empreendidas pelos atores envolvidos na cadeia produtiva do pescado, que tem a **Pedra** como elemento fixo e como lugar de sua centralidade, para fazer circular o pescado na Cidade.

1.3 OUTROS CAMINHOS PARA O CAMPO DE PESQUISA

No tocante, às relações de sociabilidade que vislumbrei na pedra do peixe, e que foram debatidas no meu trabalho procurei me inspirar no conceito trazido por Simmel (1973) e reforçado por outros estudos sequenciais, como por exemplo, na maneira que Marilyn Strathern, no seu clássico trabalho *O Gênero da Dádiva* (2006), que à luz da teoria de sociabilidade desse autor clássico, nos mostra que o uso desse termo, como Strathern nos chama atenção, tem a ver com a constituição social e moral de “*relatedness*”, ou seja, o estado de estar relacionado. Seguindo Strathern, e sua análise acerca das sociedades melanésias, além de procurar demonstrar o lado moral e o lado social da sociabilidade construída em torno da pedra por seus diferentes atores sociais, também busquei reforçar tal como essa autora faz, que a produção da sociabilidade decorre da ação humana nas suas mais diferentes e variadas formas.

Além disso, através da teoria de Simmel, procurei mostrar que nas relações de sociabilidade na pedra pode-se observar, do mesmo modo como esse autor evidenciou em sua pesquisa, que há uma diferenciação entre sociação e sociabilidade, o que pode ser observado na pedra, onde ocorrem relações mais fluidas, passageiras, como a simples compra e venda do

pescado, ou seja, do tipo sociação, assim como ocorrem relações mais profundas, intrínsecas e duradouras entre agentes diversos, conceituadas por Simmel, como sociabilidade (2005; 2006).

Mauss (2003) trouxe sua rica contribuição às ciências sociais com a teoria do fato social total e teoria da dádiva, usadas nesta pesquisa. Polanyi (2012) ao apresentar a diversidades de sistemas econômicos aponta para a possibilidade de compreender dinâmicas específicas a partir de suas lógicas próprias de funcionamento, sem ter como referência necessária o mercado autorregulado. Como ocorre com a economia local empreendida na Pedra, a qual é regida pela própria sociedade, como uma economia que embora faça parte da economia de mercado é ao mesmo tempo popular, no sentido de que impera a informalidade dentro de um microcosmo específico com regras próprias e culturais.

Em meu trabalho procurei analisar que as relações sociais em torno da pedra são sempre relações culturais e, portanto, acima de tudo simbólicas, pois me deixei guiar pelos ensinamentos antropológicos que veem a cultura como simbólica, sobretudo, pelo postulado de Clifford Geertz, que conceitua a cultura como uma teia de significados tecida pelo próprio homem, essa teia orienta a existência humana, isto implica dizer que trata-se de um sistema de símbolos usados pelos indivíduo em interação recíproca. Para isso, acompanho a mesma definição de símbolo dada por esse autor, que o entende como qualquer ato, objeto, acontecimento ou relação carregada de significado.

Nesse sentido compreender o homem e a cultura é interpretar essa teia de significados, e o papel do cientista social seria o de buscar interpretar essa teia de múltiplos significados tecidas pelos homens no seu convívio em sociedade. Ainda em Geertz, ao definir a cultura como um campo simbólico e o trabalho do antropólogo em interpretá-la, esse autor chama atenção para o fato de que a interpretação antropológica sempre é uma tarefa de segunda ou terceira mão, uma vez que o pesquisador jamais será o “outro” e seu ponto de vista ou argumento sobre a cultura alheia também estará contaminada por sua própria cultura bem como pelas teorias científicas que trouxe para interpretar seu campo de pesquisa.

Desta forma, ao seguir os princípios teóricos de Geertz escolhi a pedra e as relações sociais que envolvem sujeitos diversos em torno dela como um texto possível de compreendermos as ações humanas que ocorrem no Ver-O-Peso em função do pescado e sua circulação pela malha urbana de Belém, em decorrência do papel central que ela ocupa nesse processo, uma vez que nela ocorre a recepção e a distribuição desse produto que é o pescado. Contudo, sem perder de vista, que minha interpretação é apenas mais uma interpretação

possível sobre esse fenômeno social, ou seja, em termos de Geertz, uma interpretação de segunda, terceira mão.

Polanyi (2010) em “as origens de nossa época”, traz a visão de que as relações comerciais são agregadas de outras relações que vão além da simples compra e venda. Nas relações comerciais do pescado isso fica evidenciado, tanto na Pedra como nos pontos de comercialização do pescado na malha urbana de Belém.

Santos (2008) com sua obra “Metamorfoses do espaço habitado” trouxe uma contribuição que deu muita base para a discussão do lugar, do espaço urbano, dos fixos e os fluxos, assuntos necessários para relacionar ao fluxo do pescado em Belém e seus locais fixos ao longo da malha urbana, onde os consumidores finais encontram tal produto. Em “Economia espacial”, Santos (2011) faz uma crítica ao sistema que favorece ao grande capital internacional, apresentando alternativas fundadas nas particularidades mais próximas das populações exploradas pelo sistema que lhes demonstra desinteresse. Dentro dessa linha, Santos (2011) trata dos circuitos no sistema urbano, a viabilidade do comércio moderno, inovações, vendas e redes de difusão, onde afirma que “cada indivíduo participa de uma ou mais redes [...]”.

Nos estudos da antropologia econômica encontrei Sahlins (1978), que pesquisou as sociedades tribais para trazer mais compreensão das sociedades complexas e o consequente entendimento que “uma sociedade afluyente é aquela em que todas as vontades materiais das pessoas são facilmente satisfeitas” (SAHLINS, 1978, p. 7). Como outros referenciais bibliográficos e etnográficos desta pesquisa, foram utilizados dados advindos de estudos anteriores realizados sobre o *pescador*, suas atividades e suas relações socioeconômicas na Amazônia, até chegar ao Ver-o-Peso, o qual tem sua história coincidente com a própria história de Belém, com destaque para sua referência espacial e simbólica, suas práticas econômicas e culturais, seus fluxos de bens de consumo que entram e saem, diariamente, daquela feira que funciona como um porto de entrada e, ao mesmo tempo, um ponto de distribuição diária de produtos.

Dentro dessa linha, a estratégia de pesquisa utilizada consultou autores que anteriormente escreveram, realizaram estudos e pesquisas socioantropológicos empreendidos quanto aos assuntos diretamente abordados nesta tese, como também de modo correlato.

Desse modo, encontrei Alex Fiúza de Mello (1985), que realizou e publicou pesquisa abordando “A Pesca sob o Capital” onde traz a análise quanto a tecnologia a serviço da dominação. A obra de Mello (1985), em sua pesquisa, faz um amplo estudo sobre as relações de poder estabelecidos entre capital e trabalho no próprio mundo da produção, onde a

tecnologia e o processo de trabalho se transformam em armas de dominação. Seu objeto de trabalho é “A instalação do reino do primado da máquina e suas consequências junto à categoria dos *pescadores* amazônidas” (p. 3). Obra que trouxe muito esclarecimento quanto ao modo de vida dos trabalhadores da pesca no mundo da máquina e do capital financiador da produção em massa e gerador de novos modos de relacionamentos entre atores sociais envolvidos nessa atividade.

Os estudos de Lourdes Furtado (1987 e 1993) trouxeram muitas contribuições a esta tese, nos quais a autora trabalhou com *pescadores* do litoral do Pará e do rio Amazonas quanto aos conhecimentos e modo de vida desses grupos sociais, abordando os aspectos fisiográficos, ocupação, configurações espaciais e poder adaptativo desses atores sociais em relação às modernizações nos meios de transportes e comunicação, bem como sua organização social e econômica, até os conflitos mais emergentes, quais são semelhantes em todo o universo amazônico em se tratando da atividade de pesca artesanal.

Leitão (1997) realizou um estudo sobre o *pescador* regional e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil, que se constitui uma referência quanto aos aspectos sociais e organizacionais desses trabalhadores da pesca. Organizou a obra “Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém” onde reuniu uma coletânea de pesquisas socioantropológicas [...] “sobre este lugar emblemático na cidade de Belém” (LEITÃO, 2010).

Corrêa (2009) foi um pioneiro neste assunto, abordado nesta tese, com seu trabalho intitulado: *Pescadores, balanceiros, vendedores de café*. O autor trouxe a comercialização do pescado no Ver-o-Peso como fruto de pesquisa realizada para seu Trabalho de Conclusão de Curso – TCC, ao término do seu curso de Ciências Sociais na Universidade Federal do Pará, sobre a Pedra. O trabalho de Corrêa (2009) resultou em um artigo publicado no livro organizado por Leitão (2010), no qual, Corrêa e Leitão versam “sobre os trabalhadores que atuam no desembarque de pescado no Mercado do Ver-o-Peso”. Mais precisamente sobre “o processo de comercialização na **Pedra**”.

O trabalho de Corrêa, com a contribuição de Leitão, é referência anterior ao empreendido nesta tese, que tem em comum a Pedra do Peixe, embora haja uma significativa ampliação (na tese) em relação ao seu trabalho de conclusão de curso, porque propõe a **Pedra** como centro das redes sociais que formam uma grande **Rede** para fazer circular o pescado em Belém, fazendo um apanhado dessa **Rede** também antes do pescado chegar à **Pedra** e sua circulação depois da **Pedra**, na malha urbana de Belém. No entanto, o artigo de Corrêa e Leitão (2010) foi essencial para a gênese deste trabalho de campo, pois permitiu antever

situações e instigar a busca para investigar outras questões sociais imbricadas nesse *locus*, para serem detalhadas nesta pesquisa.

Violeta Loureiro (1985), em sua obra “Parceiros do Mar: natureza e conflito social na pesca da Amazônia” e mais recentemente “A Amazônia do século XXI: novas formas de desenvolvimento” (2009), faz abordagens quanto a temática do extrativismo, principalmente da pesca na Região sob um olhar socioantropológico.

Isabel Sousa (2000) realizou pesquisa, iniciada em 1995 e avançada a partir do ano 2000, com ênfase para o sistema de crédito informal (aviamento) estabelecido entre os atores sociais que estão envolvidos com o pescado na localidade de Apeú Salvador, em Viseu, no Nordeste paraense. Essa autora trouxe subsídio para comparar o tipo de aviamento por ela estudado, com o tipo de aviamento atual praticado na **Pedra**.

Em pesquisa antropológica e sobre a riqueza patrimonial do complexo Ver-o-Peso, Dorotéia Lima (2008), destacou a riqueza estampada nas características arquitetônicas, urbanísticas e paisagísticas do conjunto tombado pelo Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional-IPHAN, em 1977.

Quanto aos estudos da **Malha**, temos Milton Santos (2008), que trouxe sua ajuda com “A natureza do espaço”, “Metamorfoses do espaço habitado” e “Economia espacial”. Sua teoria dos fluxos e fixos trouxe muito embasamento para as análises e conclusões da teoria das redes sociais aplicada nesta tese, tendo a cidade de Belém como palco de ação.

Penteado (1968) com sua obra denominada Geografia urbana em Belém, que dá subsídio para interpretar o crescimento urbano da Cidade. Contribuindo no aspecto histórico-geográfico sobre a **Pedra**, o porto e o Ver-o-Peso, no contexto de centralidade e econômico, utiliza-se duas obras de Antônio Rocha Penteado, as quais são “Belém do Pará: estudo de geografia urbana”, de 1968, e “Sistema Portuário de Belém”, de 1973, onde na primeira – em dois volumes – o autor marca a geografia brasileira com a especificidade dos estudos de geografia urbana, tomando Belém como objeto; exaltando a sua localização privilegiada no contexto físico da Região. Na segunda obra o autor detalha esse privilégio físico através do sistema portuário da cidade.

Agier (2011) que trata de lugares, situações, movimentos em sua obra denominada antropologia da cidade. Paolo Perulli que trata das visões da cidade e as formas do mundo espacial. Ainda no aspecto de coletar dados históricos sobre o Ver-o-Peso, a Pedra do Peixe, história que trata da cidade de Belém desde sua fundação busca-se Cruz (1973), Barata (1973), Meira Filho (1973), Moreira (1966) e Coimbra (2002).

Carlos (1997) que trata de estudo da “cidade e do cidadão” traz sua contribuição à pesquisa, considerando a cidade, como é percebida, bem como o espaço urbano, muito importante para esta tese e Becker (2013) com sua obra denominada “A Urbe Amazônida”, que vem tratar do estudo sobre os lugares centrais das cidades, os quais são diferentes de outros devido a contrastes, entre hierarquias locais e redes não locais, tomando com particularidades as cidades da Amazônia.

Rodrigues (2006; 2008) pesquisou e publicou resultados que focalizam práticas culturais no dia a dia de um bairro de Belém do Pará, o Jurunas, onde moradores se orgulham do pertencimento ao bairro e vivem entre as dificuldades de um bairro popular e a alegria de suas muitas festas ao longo de todo ano, onde a autora discute dentre outros assuntos a sociabilidade e o capital social dos habitantes que se autodenominam *Juruneses*, em uma grande contribuição à antropologia urbana e a este trabalho. Pois na Pedra do Peixe e ao longo de toda a cadeia produtiva do pescado os sujeitos se relacionam comercialmente, mas também com o sentido mais denso de sociabilidade e utilizam o capital social para alcançar resultados a seu favor ou a favor de sua **Rede**.

A etnografia foi realizada com suporte de obras que relatam experiências de campo, tanto quanto as situações comuns que os etnógrafos passam nas suas pesquisas, quanto às experiências inusitadas que podem acontecer, alertando aos pesquisadores sobre as surpresas de cada campo específico, as quais só é possível enfrentar no momento em que se depara com elas, desde a entrada no campo, a aceitação do pesquisador pelos nativos e as situações cotidianas no seu decorrer.

Para dar suporte bibliográfico aos trabalhos de campo e à antropologia etnográfica, utilizou-se Malinowski (1978), Clifford Geertz (1998), Cardoso de Oliveira (2000), Gilberto Velho (1978), DaMatta (1978), José Guilherme Magnani (2000; 2008) e Firmino da Costa (1986), por suas importantes contribuições à pesquisa etnográfica.

Firmino da Costa (1986) trata da pesquisa de campo e o do método de sua execução, apontando que “um método é uma estratégia integrada de pesquisa que incide sobre a seleção e articulação das técnicas de recolha e de análise da informação” (p. 129); o autor trata da organização crítica das práticas investigadas.

Metodologicamente esta tese perpassou inicialmente pelo levantamento bibliográfico proporcionado por autores que abordaram os temas relativos à pesca e ao *pescador* na Amazônia, Ver-o-Peso, Pedra do Peixe, redes sociais, formação do espaço intraurbano, pesquisa de campo em antropologia. Em seguida foi realizado o trabalho de campo para construção de dados etnográficos.

Esta tese exigiu o levantamento de dados secundários junto às instituições de pesquisa e gestão pública, citadas anteriormente e outros órgãos competentes, os quais contribuíram para a compreensão dos aspectos abordados.

No campo, a pesquisa se realiza através da observação direta e da observação participante, pois só *in loco* se produz a etnografia para as análises e reflexões antropológicas, incluindo aí o levantamento iconográfico que traduz a realidade de determinado momento, permitindo com que fique registrado as imagens do que foi encontrado no campo; a elaboração de tabelas e gráficos como resultados das análises. As entrevistas realizadas com alguns trabalhadores envolvidos no processo também foram ampliadas e analisadas. Observação e registro dos dados concretos sobre uma vasta gama de fatos é, portanto, um dos pontos principais no método de trabalho de campo (MALINOWSKI, 1984, p. 27).

A pesquisa de campo levou em consideração as características de cada setor do campo pesquisado nos aspectos social, cultural, de economia e físico-geográfico, inserido nesse processo e assim o presente estudo visou à descoberta, através da investigação, enfatizando a interpretação em um contexto que prioriza o cotidiano dos atores aí inseridos; buscando retratar a realidade local usando uma variedade de fontes de informação; representando, ainda, os diferentes e conflitantes pontos de vista dos aspectos sociais, econômicos, culturais e de centralidade.

Nesse sentido a pesquisa de campo foi desenvolvida através do levantamento de dados primários para análises estatísticas, observação direta e participante de natureza etnográfica, visando a interpretação da realidade social, quando foram realizados os seguintes passos:

- Primeiramente o reconhecimento do campo e levantamento de dados primários, bibliográficos e teóricos, para permitir um acesso seguro ao campo de pesquisa;
- O segundo foi realizado um levantamento de dados quantitativo quanto aos tipos e quantidade de embarcações existentes nas atividades, locais de onde vem ou para onde se deslocam, equipamentos usados na pesca, na comercialização, espacialização da **Pedra** e quantidade de trabalhadores envolvidos diariamente;
- O terceiro passo foi o emprego de questionários e entrevistas, que foram aplicados pelo pesquisador proponente e outros pesquisadores e estudantes voluntários interessados na temática.

Dentro desse passo houve o levantamento quanti-qualitativo, tendo no primeiro momento como instrumento de pesquisa um questionário, contendo perguntas semielaboradas referentes às relações sociais e trabalho dos sujeitos de categorias específicas, selecionados

em função das suas atividades dentro da **Rede** e da amostragem do universo que representam, que atuam no Mercado de Ferro, objetivando uma análise consistente, para em seguida ser aprofundada com entrevistas e perguntas abertas para se somar às observações e anotações de perto e presente no cotidiano local. Houve exceção à **Pedra**, porque a abordagem desse tipo não é recomendada para pesquisar os trabalhadores que lá atuam, mas sim a abordagem direta, a observação participante e a entrevista informal.

- O quarto passo foi a realização de visitas ao campo em ordem cronológica, de modo sazonal e por prioridades, onde houve a observação direta e participante de algumas atividades diárias dos sujeitos que atuam nos locais pesquisados, com as informações detalhadas no livro diário de campo, tais informações foram aprofundadas através das análises e comparação com as questões observadas em campo a partir de coletas de dados materializadas através das entrevistas; a partir dos dados de campo houve a elaboração de tabelas para análise.

Um importante componente para uma pesquisa do nível de um curso *stricto sensu* é a participação em eventos científicos como congressos, seminários e outros para apresentar e publicar resultados parciais da pesquisa, porque além da apresentação e possíveis contribuições recebidas pelos outros participantes, o pesquisador pode encontrar novidades, rever conceitos e procedimentos, podendo até rever a estrutura planejada anteriormente para levar a cabo sua pesquisa, além de que há mais ânimo para sua elaboração. Há a pretensão de elaborar um material de audiovisual com duração máxima de 5 minutos sobre fatos e situações mais destacadas da pesquisa, como produto final. Assim, na tese houve as análises críticas, conclusão e sugestão quanto ao assunto pesquisado; seguido da elaboração de revisão final de pesquisa que permitiu a estruturação final da Tese; finalmente foi elaborada a introdução, o resumo e preparação para a Defesa da Tese.

No trabalho de campo foi possível observar que as relações que põem o pescado em circulação se multiplicam formando rede social em volta dessa comercialização o que pode ser interpretado através da elaboração de modelos teóricos de análise de rede social. Foi notado que os sujeitos de laços fracos com os atores sociais de maior centralidade, embora distantes da relação direta desses, são responsáveis pela multiplicação das redes menores ou parciais, pois eles agem periféricamente em várias redes, sempre sem criar laços fortes, mas o suficiente para interconectar as várias redes parciais para formar uma grande **Rede** de distribuição do pescado na cidade de Belém.

A **Rede** abordada na **Pedra** tem todas as características teóricas para estudos sistematizados, a partir das contribuições dos autores que embasam os estudos de redes

parciais, como Barnes (2010), que para os casos estudados nesta tese, apontam as centralidades representadas respectivamente pela **Pedra** como local marcante na cidade e por atores sociais que representam as categorias que ali se relacionam para fazer circular o pescado em Belém, como os *balanceiros* Gouvêa e *Tetéo* que atuam na **Pedra**, os quais representam outros atores sociais em posições centrais semelhantes às suas, nas respectivas redes sociais parciais, interconectando-se com outros sujeitos em suas devidas posições, na **Rede**, como o *peixeiro* Pedro Sá do Mercado de Ferro ou os *peixeiros* Mancha e a Pingo que atuam respectivamente nas feiras da Tavares Bastos e do bairro do Guamá, dentre outras tantas pessoas nas suas diversas categorias, dentro da divisão do trabalho para fazer circular o pescado em Belém, permitindo a necessária pesquisa etnográfica.

1.4 A PEDRA DO PEIXE E SUA CENTRALIDADE NA MALHA URBANA DE BELÉM

Esta tese vem tratar da **circulação do pescado**, que passa pela **Pedra** do Ver-o-Peso, a qual se apresenta como centralidade de um comércio específico, com seus trabalhadores, *compradores*, sua rica história, seu cotidiano como mercado popular e sua riqueza estampada nas relações econômicas que se transformam em relações sociais mais intrínsecas; fazendo parte de uma rede social que começa na captura do pescado, nas águas distantes da cidade, mas que chega na **Pedra** em suas relações comerciais e em outras relações mais densas, promovendo a circulação do pescado em Belém do Pará e em outras localidades.

A **Pedra**, como centro das relações sociais que fazem circular o pescado por toda a cidade de Belém, é um setor do Complexo Ver-o-Peso que concentra em média diária, cerca de duas mil pessoas⁴⁷ entre trabalhadores, *tripulantes* das embarcações, *compradores* e pessoas que passam na **Pedra** como trajeto para outro setor do Ver-o-Peso ou para outro local qualquer; vindo a se destacar, como um setor de centralidade em diversos aspectos.

O pescado é tido assim, como um produto alimentício para o consumidor final, mas para o comerciante é uma mercadoria. Na **Pedra** ocorrem intercessões de centralidades quanto ao pescado, que eu considero de quatro tipos particulares:

a) O primeiro tipo é a centralidade físico-geográfico. Local para onde convergem barcos com seus proprietários, seus *tripulantes*, que levam o pescado à **Pedra**, *balanceiros*,

⁴⁷ Segundo estimativa do presidente da Associação do *Balanceiros* do Ver-o-Peso.

viradores e carregadores, que fazem a mediação entre o rio e o asfalto, e *compradores* que distribuem o peixe na **Malha**; a cidade de Belém possui *excelente posição geográfica*⁴⁸ e se insere nesse contexto de influência fluvial da Região por estar marcada pela sua localização na confluência dos rios Guamá e Pará, esse último chamado de Baía do Guajará à altura da cidade de Belém e Baía do Marajó mais ao Norte, possui portos das mais variadas capacidades e funções que podem ser simples pontos de embarque e desembarque de passageiros e de carga, chegando até aos de compra e venda de mercadorias. A ligação de Belém, através de seu porto, com o “*hinterland*” paraense se dá pela navegação fluvial, na grande bacia amazônica (PENTEADO, 1973, p.147), onde existe o porto principal e outros secundários “[...] garantindo que produtos dos mais diversos tipos circulem entre a capital e as cidades do interior” (RODRIGUES, 2011, p. 265).

b) O segundo tipo é a centralidade histórico-social. Manifestado quando é considerada a permanência e a resistência secular do entreposto pesqueiro, associado ao Centro Histórico e comercial de Belém, Enriquecido pela relação que a sociedade belenense mantém com o Ver-o-Peso e com a **Pedra**; afinal o local onde hoje se encontra instalada a **Pedra** é uma área importante, social e comercialmente, ao longo de toda a história de Belém, desde sua fundação no século XVII, quando desembarcava o pescado para “pagamento dos soldos” (CRUZ, 1973, p. 277) aos funcionários públicos da época, o que pode ter gerado a vocação do local para entreposto pesqueiro, uma vez que já havia toda uma conjuntura de ocupação social daquele espaço da cidade para embarque, desembarque e abastecimento, até os dias atuais. Espaço, para Carlos (1997, p. 28) é uma relação social que se materializa formalmente em algo passível de ser apreendido, entendido e aprofundado. O espaço é produzido, ocupado e transformado pelas relações sociais que o tornam um lugar, em um determinado tempo. A **Pedra** é um lugar produzido e reproduzido desde o século XVII, que marca a história da sociedade local de Belém.

c) O terceiro tipo é a centralidade econômico-cultural. Considera a **Pedra** o lugar do início do movimento comercial e financeiro do pescado em direção à Cidade. Lugar da constituição dos saberes e atuação dos atores sociais da **Pedra**, que ali chegam por diferentes caminhos, por diferentes razões, passam e voltam eventualmente ou ficam por lá trabalhando

⁴⁸ Penteado, (1968:38) em suas obras “Belém do Pará- estudo da geografia urbana” (1968, vol. I e II) e “O sistema portuário de Belém” (1973), comenta e exalta a localização privilegiada de Belém no contexto regional e até internacional.

por pouco ou muito tempo, como é o caso do Gouvêa⁴⁹. Cada sujeito tem uma história particular de chegada à **Pedra**. É também um lugar de manifestações festivas da Cidade, no itinerário do Círio de Nazaré, é palco de uma tradicional homenagem à Nossa Senhora de Nazaré com fogos de artifício e de estampido, que se mantém presente na memória e na percepção contemporânea do belenense;

d) O quarto tipo, é a centralidade da **Rede**. A **Pedra** concentra o pescado vindo das águas, recebido maciçamente pelos *balanceiros* que passam, cada um, a ser atores sociais centralizadores de diversas redes parciais, operando como “redistribuidores”, em semelhança ao princípio comparativo estudado por POLANYI (2000, p. 68-69), para quem, “o padrão institucional da centralidade, por seu turno, que está presente, de alguma forma, em todos os grupos humanos, fornece um conduto para coleta, armazenagem e redistribuição de bens e serviços. A **Pedra** é um local de centralidade da **Rede** social do pescado, ou seja, a **Rede** é como um modelo abstrato construído a partir da maior quantidade possível de informações sobre a totalidade da vida social de atores em conexões, que neste caso específico – são os atores do entreposto pesqueiro que se interconectam para fazer circular o pescado em Belém. Isso instiga a compreender e explicar o que efetivamente acontece naquelas relações sociais, que perduram na **Pedra** e se expandem por toda a Belém.

Mas o pescado continua sendo o elemento que está centralizado no Ver-o-Peso, cabendo-lhe o grande papel econômico que dá importância aquele local, que faz com que outras mercadorias circulem, que continua abastecendo as feiras e mercados populares e os supermercados; mantendo uma rede viva que chega às mesas dos paraenses. Fazendo o verdadeiro papel de um terminal pesqueiro popular, mas conflitando com princípios legislativos federais, conforme se verá adiante.

A recepção do pescado na **Pedra** se dá pela tradição existente e que faz daquele local um entreposto pesqueiro, mas também pela necessidade que o Poder Público tem de demonstrar que exerce um controle sobre esse produto tão importante para a alimentação e economia local. A Prefeitura de Belém, através de sua Secretaria Municipal de Economia (SECON), é responsável pela tarefa de fiscalizar a origem, variedade, quantidade e destino do pescado, cabendo de modo específico, à Divisão de Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde o papel de fiscalizar a qualidade desse pescado, o que é feito esporadicamente e por amostragem.

⁴⁹ Gouvêa é um *balanceiro* que se tornou meu interlocutor e que trabalha na Pedra há 38 anos, tendo começado como auxiliar de *balanceiro*, preenchendo talões da fiscalização de pescado a ser inspecionado pela Vigilância Sanitária, nos últimos anos da década de 1970.

A **Rede** em torno do pescado na cidade de Belém envolve atores diversos: entre *pescadores* distantes, donos de embarcações e seus *tripulantes*, os profissionais que atuam na **Pedra**, os *compradores*, os consumidores finais e o Estado que tenta controlar essa trama; possibilitando assim, investigações e pesquisas sobre as relações aí existentes, antes da **Pedra**, na **Pedra** e na **Malha**.

O peixe advindo da **Pedra** do Ver-o-Peso tem um valor simbólico entre os consumidores de Belém, os quais o veem positivamente, sendo do senso comum que na **Pedra** se encontra peixe fresco, peixe novo e desse modo cada consumidor também faz parte da rede comercial tecida em volta do pescado e iniciada pelos *tripulantes*-extratores longínquos do litoral, dos rios e estuários amazônicos, *pescadores* que são hábeis navegadores, conhecem muito bem os cursos hídricos e se arriscam por muitos dias para realizar tal tarefa.

Antes mesmo da **Pedra**, a circulação do pescado está em constante movimento pelos *tripulantes* e *barqueiros*, por comerciantes que fornecem insumos necessários à pesca, e que muitas das vezes são os próprios marreteiros⁵⁰ ou *balanceiros* do Ver-o-Peso. Esses *pescadores* para realizarem a captura do pescado das águas marinhas, ou estuarinas, passam muitos dias afastados dos seus meios familiares, seus ambientes em terra, enfrentando tormentas e outras tantas dificuldades, como foi primordialmente analisado por Furtado (2008):

Pelo profundo conhecimento dos ambientes hídricos em que vivem e pela habilidade em navegação, eles assemelham-se aos Argonautas do Pacífico Ocidental e da legendária Grécia, até mesmo no ritual de se tornar um *pescador*. Sem bússola, orientando-se apenas pelas estrelas, pelo sol, ventos e correntes marinhas, atravessam baías, bordejam litorais, navegam mar afora, desviam-se de obstáculos (como paus, bolas de capim, tronco de árvores), conhecem a integração de bacias hidrográficas e sua respectiva biodiversidade e ciclos biológicos, assim como formas de apropriação e comercialização de seus produtos (FURTADO, 2008, p. 44-45).

Desse modo, fica marcado o objeto de estudo desta tese, o qual passa pelas relações sociais de interconexão e interdependência, chamada de **Redes** sociais, estabelecidas entre os diversos atores envolvidos no processo de **circulação do pescado** na malha urbana de Belém, vindo lá de fora, passando de modo marcante pelo entreposto pesqueiro do Ver-o-Peso, chamado de **Pedra**.

⁵⁰Marreteiro é um termo sinônimo de *balanceiro* ou comerciante da Pedra, mas é usado de modo pejorativo como atravessador, não é aceito pelo *balanceiro*.

Setores mais elitistas e conservadores da sociedade local, por outro lado, emitem eventuais críticas às condições sanitárias da feira, do mercado e principalmente da **Pedra**, cogitando a transferência de suas atividades para localizações menos centrais e de menor visibilidade, o que atesta, de certo modo, o impacto do seu uso e a forte vitalidade de suas práticas. Havendo assim uma resistência cultural em detrimento às pressões exercidas pela mudança de local do entreposto pesqueiro da **Pedra**.

Existe o Decreto Federal de número 5.231 de 6 de outubro de 2004, que dispõe sobre os princípios a serem observados pela administração pública federal na criação, organização e exploração de Terminais Pesqueiros Públicos, onde determina no seu Artigo 2º, parágrafo 1º, que “A fiscalização sanitária do pescado e seus derivados, nos entrepostos e unidades de beneficiamento dos Terminais Pesqueiros Públicos, é de competência do Ministério da Agricultura, Pecuária e Abastecimento. Dispositivo esse que vai de encontro ao modo como de fato funcionam as atividades na **Pedra**.”

Houve a ameaça de deslocar as atividades exercidas hoje na **Pedra**, para um Terminal Pesqueiro Público, cuja construção foi iniciada em 2010 à margem da Baía do Guajará, na Rodovia Arthur Bernardes, no bairro do Tapanã, com recursos do Governo Federal e que estava previsto para ser concluído ao final do ano de 2012. Mas foi revisto e arquivado – pelo menos por enquanto – qualquer processo nesse sentido.

Em pesquisa *in loco* foi observado que numa embarcação que chega à **Pedra** desembarca diariamente uma quantidade para ser comercializada naquele dia, conforme a demanda, no entanto quando não havendo uma procura compatível com sua carga, isso faz com que fique ancorada por mais um, dois e até três dias, quando o pescado fica armazenado no gelo – do barco – até a comercialização plena. Mas o *balanceiro* B1, afirmou que “pode ser mais dias, até cerca de sete dias o peixe aguenta, embora venha perdendo sua qualidade”, o peixe que sobe para a **Pedra**, caso não seja comercializado, não deve descer novamente para a geleira do barco, pois perderá em muito sua qualidade podendo vir até a contaminar outros peixes que estejam conservados no gelo, sendo ideal, nesse caso, vender por preço competitivo para que isso não ocorra. Segundo o presidente da ASBALAN, diariamente passa na **Pedra** cerca de 300.000 quilos, dos quais são vendidos pelo menos a metade, a outra metade é vendida nos dias seguintes. Com a média de 150.000 quilos, vendida diariamente.

A partir da **Pedra** o pescado é distribuído para os mercados, feiras, supermercados, grandes e pequenos consumidores de Belém e outros *compradores* de municípios próximos e até mesmo de outros estados brasileiros, havendo vários casos de

exportação, como o dia em que observei, no mês de novembro de 2013, quando havia um grande carregamento para a China.

De trinta e quatro feiras livres cadastradas pelo Departamento de Mercados, Feiras e Portos da Secretaria Municipal de Economia- SECON, na região continental de Belém, foi observado, preliminarmente, que em vinte e cinco dessas feiras há comercialização do pescado na própria feira, mas ressalta-se em algumas dessas feiras não há um prédio de mercado específico para venda desse produto, no entanto 100% dos *peixeiros* dessas feiras se abastecem na “Pedra do Peixe”. Em outras nove feiras existem prédios de mercados mais específicos (também abastecidos pela **Pedra**) para venda de peixe (SECON, 2011). Pouco a pouco a SECON está adequando os espaços das feiras para esse uso específico, construindo equipamentos cobertos e com todos os aparatos necessários para esse fim, como são os casos das feiras da Marambaia e da Cabanagem, essa última mais conhecida como feira da Damasco (Rua), que ganharam espaços com características de mercados de peixe.

Na feira da Terra Firme se comercializa pescado ao longo da Avenida Celso Malcher, no turno da tarde a partir da 17 horas até 19 ou 20 horas, esse pescado é fornecido pelos próprio *peixeiros* do Mercado Municipal do bairro, onde no turno da manhã eles comercializam pescado nos seus boxes, no interior desse Mercado e vale ressaltar que esse produto é adquirido na Pedra do Peixe, embora em outro tempo atrás, esses *peixeiros* do Mercado tenham criado uma Comissão para adquirir peixe com melhor preço em tradicionais centros de desembarque do pescado, como Vigia de Nazaré, Bragança e Salinópolis e para isso a Comissão de trabalhadores conseguiu comprar um caminhão para realizar tal transporte o que durou da década de 1990 até o final da primeira década de 2000 quando houve aumento de despesas com o veículo adquirido, conseqüentemente falhas no transporte e no abastecimento de pescado. A Comissão durou até 2013 e no final os *peixeiros* só conseguiam se reunir para trazer pescado da **Pedra** para o Mercado da Terra Firme.

Quanto aos mercados, propriamente dito, a SECON possui levantamento consistente do volume de pescado comercializado nesses equipamentos públicos da capital paraense nos aspectos quantitativos, nos anos 2009 e 2010 e faz um efetivo acompanhamento no interior dos mercados. Foi possível observar a partir desses dados, que alguns mercados deixaram de comercializar o pescado ao longo do tempo e por outro lado, observou-se que há um efetivo acompanhamento e fiscalização do Poder Público Municipal no sentido não permitir a evasão desse produto de modo aleatório para outros centros consumidores que muito pressionam nesse sentido. Assim pôde ser observado que dentre os mercados da área

continental de Belém, o Mercado de Ferro⁵¹ foi o que mais comercializou o pescado nesses anos, representando cerca de 34,14% do total em 2009 e 31,09% do total comercializado em 2010, ficando sempre próximo de 1/3 do quantitativo global.

A cidade de Belém como território geográfico que abriga a rede social tecida nesse contexto de pesquisa tem o envolvimento de muitos grupos informais ou institucionais como partícipes dessa conexão.

Onde se observa a centralidade comercial-geográfica divergente da **Pedra** para vários pontos de venda, os quais são como nós dessa rede, que culmina por atingir toda a população apreciadora do pescado. Pessoas movidas numa relação dinâmica que vai sucintamente do meio físico ao social, na troca ou comercialização do pescado. Para Santos (1996, p, 215) é no nível do local, ou “*lugar*” que os “fragmentos de rede ganham uma dimensão única e concreta socialmente”.

No que se refere à malha urbana, é importante frisar que o termo “malha urbana” foi inicialmente utilizado em urbanismo, depois se popularizou como uma metáfora que significa conjunto de vias da cidade, podendo representar um fragmento da área intraurbana; e, pode como vício de linguagem que é, ser usado só o termo “malha”, para o mesmo significado, como o faz esta pesquisa, na qual, **Malha** é o conjunto de vias por onde circula o pescado em Belém; onde estão os mercados, supermercados, feiras livres e outros pontos que são abastecidos desse pescado para chegar ao consumidor final.

A cidade de Belém, embora hoje não apresente mais as mesmas características, foi marcada tanto histórica quanto geograficamente por dinâmicas econômicas, socioculturais e demográficas influenciadas por cursos d’águas tanto internas à **Malha**, quanto ao seu redor, cercada por rios que se assemelhavam a verdadeiras hidrovias.

Neste cenário, considerando que a cidade de Belém é banhada pelo Rio Guamá e pela Baía do Guajará, que de certo modo a atravessam através de seus diversos afluentes, conhecidos sob a linguagem popular como igarapés; vale esclarecer que a maioria de seus cursos d’água internos encontra-se atualmente aterrada e/ou retificada, em razão do processo de ocupação urbana, perdendo ou reprogramando assim sua importância social anterior, traduzida, por exemplo, no lazer e na retirada de recursos naturais para subsistência, além da circulação de pequenas embarcações. Mas a maior influência hídrica à cidade se faz a partir de seu grande rio-mar – denominado rio Pará – como versa Moreira (1966), que o destaca físico e socialmente em relação à paisagem e à própria cidade de Belém, terra a qual ele se

⁵¹ Mercado de Ferro é o mercado do Ver-o-Peso que fica ao lado da Pedra e vende principalmente pescado, por ser construído de peças metálicas é conhecido como Mercado de Ferro.

refere e que o rio envolve como num *abraço*. Pois o rio Pará é o conjunto do estuário e das baías aí formados.

Se a saliência ou projeção de terra em que em que ela se encontra é o centro focal da paisagem, pelo grau de concentração humana que encerra, o rio constitui, entretanto, o elemento mais expressivo e importante sob o ponto de vista fisiográfico. Nele reside a animação do quadro, pois o rio é movimento, é comércio, é sociabilidade. A sua própria extensão e caudaliosidade já sugere essa importância fisiográfica e social. O elemento hídrico assume aí um caráter portentoso, diferente do padrão hidrográfico comum no país, exigindo como tal uma escala de aferição própria para seus valores dimensionais. Note-se que *rio* tem no caso um sentido genérico, abrangendo indistintamente os acidentes hidrográficos em geral. Tanto designará os cursos d'água como as baías, e por extensão o estuário, expressão comum dessa generalidade (MOREIRA, 1966, p. 63).

O autor traz, na sua contribuição, um cunho socioantropológico ao perceber a importância do rio para a paisagem, para o aspecto fisiográfico, mas também pela concentração de pessoas, pela simbologia representada e pela sociabilidade existente. Nos dias atuais o rio-mar continua a ter essa mesma importância, visualizada por Moreira (1966), primeiro porque sua massa hídrica interligada em toda a Amazônia permite o transporte e deslocamento de pessoas, mercadorias e outros bens que circulam e satisfazem necessidades de ribeirinhos e cidadãos; em segundo lugar por sua dinâmica que proporciona riqueza econômica pelo abastecimento do comércio, indústria e prestação de serviços e em terceiro lugar – sem haver hierarquia ou grau de importância – está a grande possibilidade que o rio cria de propiciar relacionamentos sociais, seja nas embarcações ou nos portos onde essas atracam, relações as quais resultam em sociabilidade.

Frente ao exposto, é importante que se compreenda as características geomorfológicas de Belém para que seja possível entender o processo de ocupação dessa cidade e a gênese de sua **Malha**, a qual se fez a partir das margens de rios e igarapés, havendo, em seguida, expansão para as áreas de terra firme. A busca por essas áreas ocorreu como alternativa a não ocupação das áreas alagadas e de baixadas⁵², as quais eram vistas como entraves ao ordenamento do primeiro eixo de ocupação de Belém, levando o Estado a efetivar constantes ações de aterramento de diversos corpos hídricos.

Nesse movimento de ocupação, as áreas denominadas de *terra firme* passaram a ser ocupadas pela classe social mais abastada, restando àqueles com menor poder aquisitivo a ocupação das áreas alagadas e de baixada como alternativa de moradia na área central e ao

⁵² Áreas alagadas são àquelas com cotas inferiores a quatro metros quanto ao sítio continental e que correspondem aproximadamente a 40% do espaço urbano continental de Belém.

longo da primeira légua patrimonial⁵³ e depois fora dessa área, mesmo que essas se apresentassem inadequadas à ocupação humana. Entretanto, nas duas últimas décadas do século XX, após intervenções urbanísticas estruturais empreendidas na **Malha**, as antigas áreas alagáveis da Capital paraense vieram a despertar interesses imobiliários.

Assim, é possível se observar que o histórico do processo de ocupação de Belém, como afirma Moreira (1966), ocorreu em três fases assim denominadas:

a) Fase “Periférica ou Ribeirinha”, que data da fundação da cidade em 1616 até meados do século XVIII; b) Fase da “Penetração” de meados do século XVIII até meados do século XIX; c) A última fase é a “Continentalização” que teve início no século XIX se estendendo até o presente (p. 52).

Moreira se baseou em poucos estudos existentes à época e possivelmente periódicos disponíveis ou em relatos que se reproduziram com o passar dos tempos nas muitas gerações, até chegar ao seu alcance, mas ele foi perspicaz em pesquisar e publicar seu trabalho para a posteridade, naturalmente pode haver pequenos desvios na exatidão dessa cronologia, no entanto o mais importante é sua contribuição de fixar essas fases na história do urbanismo de Belém.

Moreira (1996, p. 48) ainda contribui com os autores e pesquisadores que o sucederam ao longo do tempo e que até hoje se arvoram a expressar estudos sobre essa temática; localizando, por exemplo, geograficamente a cidade no contexto hídrico de sua gênese, ao afirmar que “Belém está situada no vértice de um estuário, no encontro entre as águas marítimas e fluviais”; expressão que se nota reproduzida em muitos trabalhos sobre Belém.

A cidade teve seu processo de ocupação ocorrendo em função dessa influência hídrica, considerando primeiramente sua fundação nessa confluência citada por Moreira (1996), em seguida, por seu primeiro bairro, que foi construído às margens do Rio Guamá, denominado atualmente de bairro da Cidade Velha, e complementarmente o seu segundo bairro foi criado às margens da Baía do Guajará, denominado bairro da Campina. Entre esses dois bairros, estava o desaguar do igarapé Piri – denominado também de alagado do Piri, por ser uma enorme área com a predominância de igapó⁵⁴, envolvendo o pequeno curso d’água – que se bifurcava de outro igarapé (hoje canal da Tamandaré) o qual corria na direção do rio

⁵³ Primeira légua patrimonial de Belém é a área doada ao Município, no ano de 1627, pelo Governador Francisco Coelho de Carvalho, a qual compreende a porção angular de terra, onde o seu vértice está na ponta do Forte do Castelo e seus lados - cada um medindo uma légua (6 Km), um pela beira do Rio Guamá e outro pela beira da baía do Guajará e cujo arco de fechamento (unindo esses lados) vai da beira do rio Guamá à proximidade do antigo “Engenho do Utinga” (CRUZ, 1973, p. 262-263), até a beira da baía do Guajará, em “Val-de-Cães” (Id., Ibid.). [...]. Hoje, a área corresponde ao centro principal da cidade, onde estão concentrados o Centro Histórico e a maior parte da infraestrutura e dos serviços (LIMA, 2012, p. 47-48).

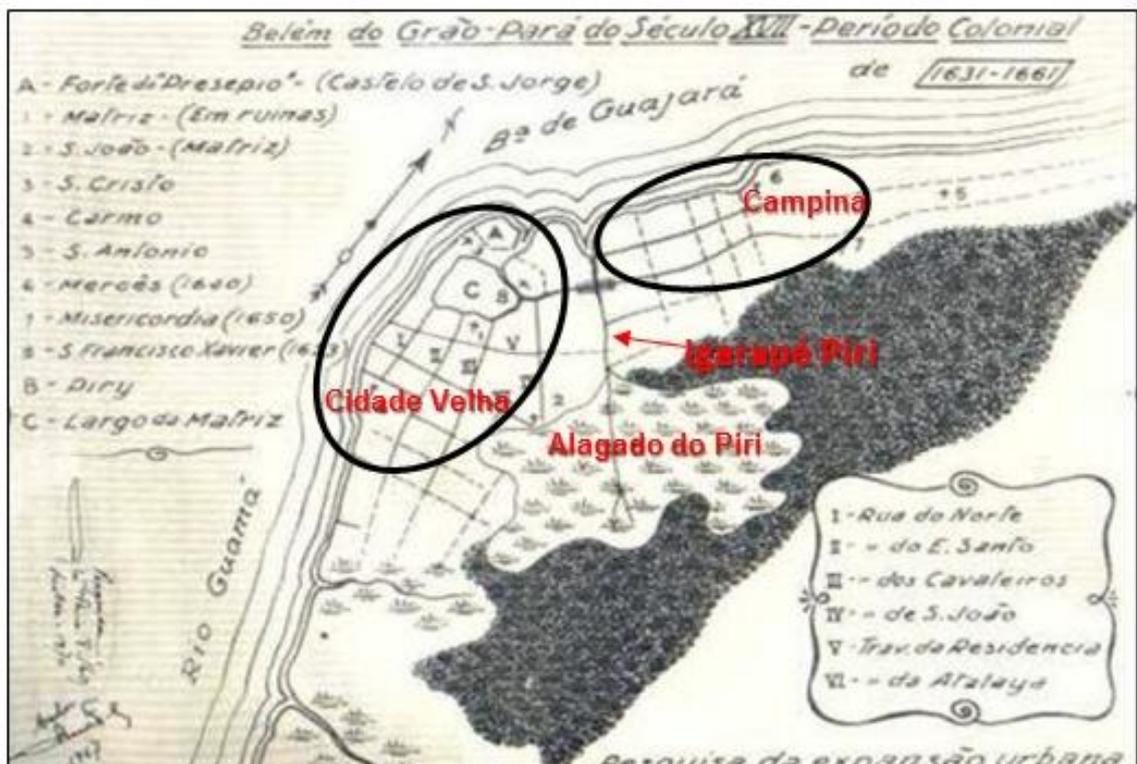
⁵⁴ Igapó é região alagada da floresta amazônica, vegetação baixa dessa região. (BECHARA, 2011, p. 678).

Guamá – vindo no sentido paralelo à atual Avenida 16 de Novembro, mais especificamente na direção dos atuais Praça Felipe Patroni, Palácio Antônio Lemos, Praça Dom Pedro II e Praça do Relógio; na foz do igarapé Piri havia um grande alargamento na direção da baía do Guajará, com o formato semelhante ao de uma mini enseada a adentrar o continente, numa morfologia muito característica da região que se forma por sofrer influência das marés; essa enseada, quando em maré cheia, permitia o embarque e desembarque das canoas e outras embarcações na época da fundação de Belém, onde hoje está situada a Doca do Ver-o-Peso. Moreira (1966, p. 58) corrobora como essa afirmativa ao descrever uma ponta de terra existente à época e também chama de enseada à foz do igarapé Piri:

Note-se, porém, que o sítio original de Belém, a atual Cidade Velha, tinha realmente o aspecto de uma ponta, que então se destacava pela ocorrência de uma enseada ao lado (hoje Doca do Ver-o-Peso), onde vinha ter um igarapé, posteriormente aterrado. Com o aterramento do igarapé e a transformação da enseada em Doca, deixou de existir a ponta como anteriormente se apresentava (MOREIRA, 1966, p. 58).

A Figura 3 apresenta um mapa de Belém nos seus primórdios, mostrando a área da cidade dividida em duas partes (dois bairros destacados) pelo alagado do Piri, como é descrito por Moreira (1966), com uma ponte de ligação que pode ser notada nesse mapa do século XVII, entre os anos de 1631 e 1661.

Figura 3 – Mapa da cidade de Belém do Pará no século XVII e o igarapé Piri.



Fonte - Meira Filho, (1976, p. 339), com intervenções do autor, 2015.

A essa altura percebe-se, ainda, que o alagadiço citado por Moreira (1966) já estava sendo aterrado, pois esse alagado envolvia todo o igarapé, da nascente à foz, o mesmo destino dado mais tarde a esse igarapé, que foi pouco a pouco aterrado até seu desaparecimento pleno; restou do Piri somente a sua foz, em forma de enseada, onde se instalou nesse mesmo século o Ver-o-Peso. Essa configuração urbana perdurou até o final do século XVIII, quando houve outras intervenções tímidas de avanço territorial.

Na segunda metade do século XIX, a cidade ganhou inúmeros serviços urbanos como: bondes eletrificados, iluminação pública, serviços de esgoto, limpeza urbana, forno crematório, corpo de bombeiros, calçamentos de ruas e avenidas, entre outros. Tal configuração urbana foi possível em razão do surgimento da produção gomífera na Amazônia, o que trouxe contundentes mudanças na configuração da cidade.

Em função dessa gama de serviços, segundo Rodrigues (1996, p. 126), ocorreu o direcionamento do vetor de ocupação para o interior de Belém, agora de modo mais efetivo. O padrão dessa ocupação continental foi semelhante ao da primeira etapa de povoamento, sendo que as áreas de várzeas, alagáveis, foram novamente ocupadas pela população mais pobre, tendo essas áreas como única alternativa de moradia no centro da cidade.

De acordo com Corrêa (1989), a ocupação direcionada ao interior da cidade alcançou outros bairros, como os bairros da Pedreira e do Marco, os quais eram cortados por um grande número de igarapés e que na administração do intendente Antônio Lemos foram aterrados para dar lugar à construção de ruas largas e perpendiculares, fato que acabou gerando inúmeros problemas (CORRÊA, 1989, p.37).

Houve uma parada nas intervenções urbanísticas em Belém, a partir da década de 1910, com a queda da produção da borracha⁵⁵ e consequente diminuição de seu valor de mercado internacional, havendo novas obras públicas somente na década de 1950, com a implantação das redes de drenagem, retificação de vários igarapés transformando-os em canais, sendo outros cursos d'água também aterrados para a maior integração da malha urbana de Belém.

Rodrigues (1996), por seu turno, ressalta o predomínio de um traçado irregular da malha urbana de Belém, tendo como exceções principalmente o bairro do Marco e os Conjuntos Habitacionais. Esse fato deve-se pela procura de terras que apresentavam cotas

⁵⁵ Passado o ciclo áureo da borracha, a cidade entrou em declínio. O preço da borracha despencou no mercado internacional com o aparecimento de um novo produtor, a Malásia (LOBATO, 2005, p. 37; WEINSTEIN, 1993, p. 51).

mais altas para a expansão da cidade. Entretanto, não deixou de lado a ocupação das áreas de baixada, vindo os arruamentos, a obedecer, de acordo com esse autor, a uma “dança das águas”⁵⁶.

A forma urbanística da Cidade, e suas consequências, poderia ser outra se tivesse sido considerada, por exemplo, a proposta de transformar Belém numa cidade fluvial, seguindo os moldes de Veneza, como pensada pelo Presidente da Província do Grão-Pará, Jerônimo Coelho e antes dele, ainda no período colonial, pelo engenheiro militar Gronsfeld, que propunha, segundo Rodrigues (1996, p. 163), “[...] o aproveitamento dos igarapés em vias navegáveis, dentro da cidade. Sem aterramento e sim com canalização. Tais medidas teriam resolvido o problema relativo às enchentes, dando à cidade uma outra feição urbanística. ”

Apesar do exposto, a morfologia apresentada ainda produz efeitos na vida de seus habitantes, contribuindo para que a cidade – ainda hoje – apresente características de uma vida ribeirinha, influenciada tanto por seus contemporâneos quanto por antecessores, bem como por sujeitos de outras localidades que se relacionam com a **Malha**, através das embarcações que atracam nos seus diversos portos para diversas atividades.

Considerando as mudanças que marcaram o desenvolvimento da cidade, observa-se que a população, hoje, circula na malha intraurbana, principalmente através de veículos automotores que interligam os muitos equipamentos urbanos como as feiras, os mercados e os supermercados – além de outros pontos – como a **Pedra** do Peixe do Ver-o-Peso, local em que sujeitos recebem o pescado do rio e o comercializam para abastecer a cidade, dando continuidade à sua circulação até que o consumidor final o receba para sua alimentação.

O Complexo Ver-o-Peso, mais conhecido popularmente como feira do Ver-o-Peso é um local, na cidade de Belém, com destaque histórico e que também funciona como porto, ponto comercial e turístico de ampla importância socioeconômica e cultural à cidade, que é, fisicamente, um espaço onde diariamente milhares de pessoas se reúnem para interagir e promover comercialização de mercadorias das mais diversas espécies e tipos; simbolicamente é muito mais que um espaço comercial sendo muito valorizado no imaginário e na estima dos habitantes da região, como um sistema simbólico com sua paisagem marcante.

Cada embarcação, cada caminhão ou veículo de pequeno porte, seja particular ou de aluguel que traz ou leva o pescado passando pela distribuição na **Pedra**, participa de um processo, juntamente com os atores sociais envolvidos nesse evento diário, formando uma

⁵⁶ “Dança das águas” a que se refere Rodrigues (1996) é uma metáfora que trata da geomorfologia e da topografia que em conjunto com o movimento das marés e sua dinâmica de relação com as precipitações locais definem espaços e potencializam enchentes em pontos de cota baixa na cidade, definindo usos do solo.

rede de relações sociais, econômica e cultural que de algum modo consegue abranger toda a cidade de Belém, até chegar ao consumidor final, diariamente, passando por sua malha interurbana ou mesmo saindo dos seus domínios territoriais. Entender a rede imbricada nesse processo, em uma visão antropológica, foi motivo suficiente de pesquisar a rede econômica e de interação social em volta do pescado.

É nessa margem da doca das embarcações que diariamente desembarcam toneladas de pescados para abastecer o mercado de ferro, vários outros mercados, supermercados e feiras livres de Belém, de muitas outras localidades do Pará, de outros estados e até, eventualmente, recantos internacionais. É onde se concentram pessoas, barcos e outros meios de transportes para atuação na recepção, distribuição ou comercialização desse produto, dessa mercadoria.

Entre a produção, no caso a captura do pescado, que se dá *lá fora*⁵⁷ e a pressão do consumo que se faz diariamente na **Pedra**, existem relações interpessoais que implicam na participação e na distribuição do conhecimento de cada ator social que participa desse conglomerado em um fluxo que se expande socialmente e que será descrito adiante (Capítulo 4), com maior densificação.

A princípio é um conglomerado econômico, mas que em suas minudências demonstram ir muito além da pura relação de compra e venda, sofrendo influências do ambiente cultural específico que redundam em interação expansiva entre seres humanos, formando naturalmente grupos e redes sociais por interesses e afinidades. Afinal a maioria das tendências econômicas situam o homem econômico dentro do contexto de seus múltiplos impulsos, interesses e hábitos, ou seja, o homem como ele é modelado pelo seu complexo ambiente cultural, ora racional e ora emocional.

A organização que forma esse emaranhado processo inicia na pesca e nos locais longínquos, *lá fora*, de onde vem o pescado, o qual é trazido principalmente em embarcações para o Ver-o-Peso, que nesse momento tem a função de ser local referente para concentrar e controlar a distribuição ou comercialização em grande quantidade desse produto aos *compradores*, isto é um entreposto pesqueiro.

Na cidade de Belém do Pará, esse entreposto pesqueiro funciona a contento, recebendo e fazendo circular o pescado que é um alimento tido como essencial aos habitantes

⁵⁷ Lá fora é um termo muito usado pelos atores sociais envolvidos nessa trama, na Pedra, quando se referem aos locais onde se captura o pescado, em uma referência à distância dos rios estuarinos e litoral em relação ao Ver-o-Peso.

da cidade; “encontram-se envolvidos diretamente nesse emaranhado social uma variedade de trabalhadores entre água e terra, onde dentro de suas especificidades estão vários profissionais e *compradores*” (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 103), embora existam os *compradores* profissionais há também os consumidores finais, os quais não deixam de ser *compradores*.

Muitos esses sujeitos pertencem a redes sociais de parentesco, de amizade, de trabalho nos preparativos à pesca, na pescaria propriamente dita, estendendo sua rede ao Ver-o-Peso. Ao chegar à **Pedra**, há o desembarque onde surgem outros atores componentes dessa rede; são os *balanceiros*, os *carregadores*, *viradores*, *conferentes*, *compradores* e outros trabalhadores eventuais que dão apoio com vendas de cafezinho, mingau, churrasquinho e tantos outros produtos ali demandados. Após a **Pedra** estão outros tantos atores até chegar aos consumidores finais que de algum modo contribuem ou alimentam esse sistema, segundo suas normas.

A cidade de Belém não pode passar sem o seu Ver-o-Peso, que ao mesmo tempo em que é um mercado popular é um mercado de bens simbólicos para seus habitantes e demais atores sociais que fazem circular o pescado por sua malha urbana, mais especificamente nos pontos fixos de venda.

É possível concluir parcialmente que a história de Belém do Pará está intrinsecamente ligada a história do Ver-o-Peso, pois desde 1625, com a taxaço dos produtos que chagavam ou saiam do ancoradouro, logo denominado de Haver-o-Peso (CRUZ, 1973, p. 107), apenas nove anos após a fundação da cidade, já se iniciava um lugar de comércio, mas também de socialização e de cultura que perdura ao longo da história de Belém. Iniciando ali também, uma rede de pessoas que de geração em geração vem reproduzindo atividades que resultam na circulação do pescado para abastecer a cidade.

CAPÍTULO II: VER-O-PESO – MERCADO POPULAR: HISTÓRIA E SIMBOLISMO NA CIDADE DE BELÉM

*Belém, Belém, acordou a feira
Que é bem na beira do Guajará (...)*
(Chico Sena)

O fragmento de versos da música de Chico Sena⁵⁸ denominada Flor do Grão-Pará, que serve de epígrafe a este Capítulo é aqui inserido porque coaduna com um determinado momento das madrugadas, na Pedra do Peixe, quando há nitidamente uma espécie de despertar coletivo, o que foi observado muitas vezes nesta pesquisa.

O Complexo Ver-o-Peso, mais conhecido popularmente como feira do Ver-o-Peso, é um espaço multiuso na cidade, com destaque histórico, e que também funciona como porto, ponto comercial e turístico de ampla importância socioeconômica e cultural. Fisicamente é um espaço onde diariamente milhares de pessoas se reúnem para promover a comercialização de mercadorias das mais diversas espécies e tipos. É muito mais do que um espaço comercial, sendo muito valorizado no imaginário e na estima dos habitantes da região, tendo sua paisagem marcante na vida social da cidade. Esse espaço heterogêneo, onde se misturam “trabalho, sociabilidade e lazer para variados tipos de pessoas que diariamente por lá transitam” (SILVA, 2010, p. 183-187) é um espaço que, portanto, não se limita às trocas comerciais (LEITÃO, 2010), mas se constitui como um verdadeiro mercado de bens simbólicos.

Antropologicamente, o espaço do Ver-o-Peso se constitui em um complexo sistema de trocas entre diversas categorias de trabalhadores que interagem diariamente de diversas formas, nos diversos setores da feira, como o *barqueiro* Jonan e sua tripulação, que traz peixe do Baixo Tocantins, principalmente da espécie conhecida como “Mapará” (*Hypophthalmus edentatus*), para fazer escoar comercialmente através do *balanceiro* “João Branco” e seus auxiliares. Esses atores sociais formam uma rede de trocas e sociabilidades que vai muito além da simples comercialização de produtos, como veremos adiante.

Carlos (1997, p. 28) considera o espaço como fruto de uma relação que se concretiza de modo formal “em algo passível de ser apreendido, entendido e aprofundado”. Esse aporte teórico vem ao encontro do que representa o espaço do Ver-o-Peso, pois a

⁵⁸ Flor do Grão-Pará, música de autoria de Chico Sena, um dos grandes compositores da Música Popular Paraense, tendo atuado muito na década de 1980 nas noites belenense, cantando e compondo, até seu falecimento, aos 26 anos de idade, no ano de 1986; considerada o maior destaque da sua produção musical, Flor do Grão-Pará é tida popularmente como uma das mais representativas da cidade de Belém.

sociedade o produziu ainda no século XVII, o aprofundou e o reproduz a cada dia no seu cotidiano relacional como um limiar entre o rural e o urbano, entre rios e a cidade. Como afirma Campelo (2010, p. 45), o Ver-o-Peso “encerra em si próprio um espaço significativo para a identidade econômica e cultural da cidade e de toda a região, principalmente as ilhas que dele dependem, emblema oficial da cidade e porque não dizer de todo o Pará”, trazendo em si mesmo moradores da cidade, das ilhas, de outros municípios, principalmente ribeirinhos, que interagem nesse local; uns vendendo, outros comprando, outros carregando e outros tentando “dar um golpe”, tentando um furto, mas cada uma das milhares de pessoas que ali se reúnem contribui para a materialização espacial do Ver-o-Peso, mantendo viva sua originalidade de espaço limiar.

É um Complexo por ser constituído de vários segmentos espaciais, que são os seguintes, no sentido de sudoeste para nordeste: Feira do Açaí, Doca das Embarcações, mais conhecida como Doca do Ver-o-Peso, em frente à qual está a Praça do Relógio, e na sua lateral se encontra a Pedra do Peixe⁵⁹; em seguida o Mercado de Peixe, o Mercado de Carne (LIMA, 2010, p. 69) e a Feira Livre do Ver-o-Peso, com todos os seus setores organizados, no meio desses encontra-se o prédio denominado de Solar da Beira e, no limite ao norte, está a Praça do *Pescador* (SILVA e RODRIGUES, 2011, p. 336), onde hoje existe um estacionamento ao ar livre para os usuários daquele espaço. Mas seus limites físicos estão interligados complementarmente ao grande centro comercial da capital do Pará.

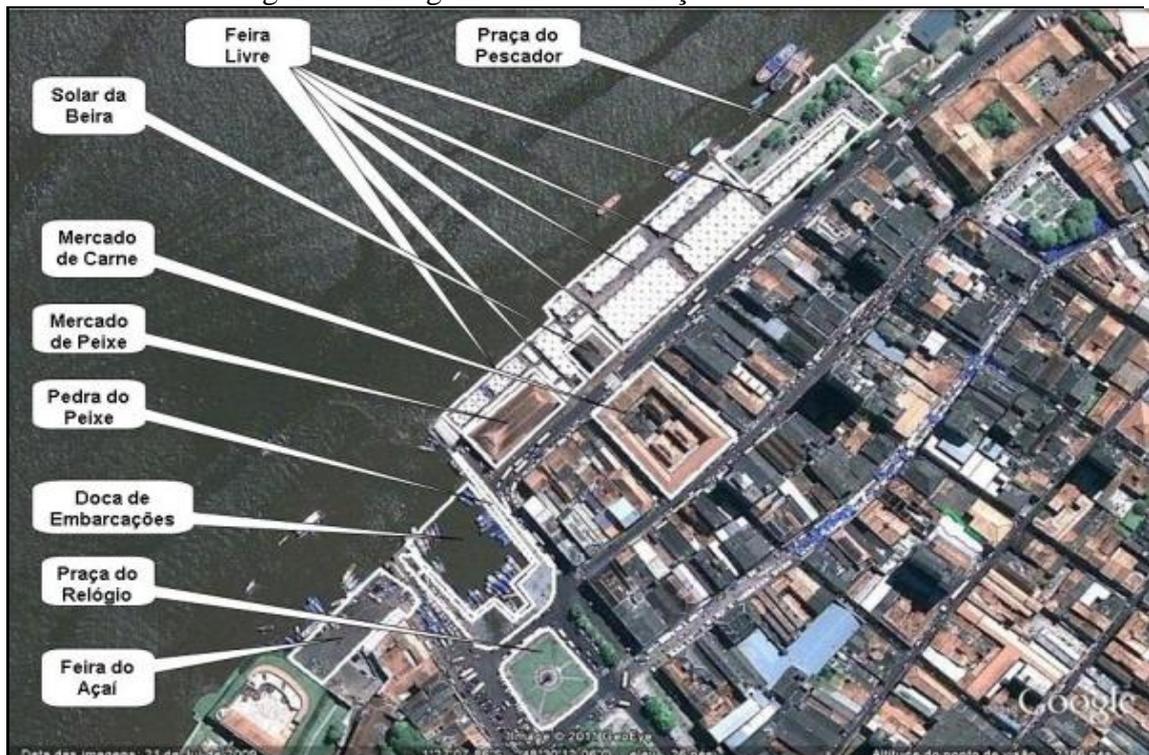
A imagem do Ver-o-Peso e seus setores acima descritos, aparece na figura 4, com destaque para a Pedra do Peixe margeando a enseada desde a baía do Guajará e o Mercado de Peixe, bem no prolongamento da Avenida Portugal, quando é uma calçada estreita que se alarga após a Boulevard Castilhos França, indo até a calçada ampla na frente da Praça do Relógio. Essa figura 4, espacializa essa setorização onde os atores sociais atuam transpassando setores para dar plenitude às suas respectivas atividades dentro do complexo.

No caso da Pedra do Peixe, seus constituintes sociais realizam ações em função da chegada do pescado à ribeira e que de lá, transpassam para outros setores como o setor de alimentação e o Mercado de Ferro, que se integram no abastecimento. É assim que a Carla recebe o pescado no setor da **Pedra**, para fritar, cozer e vender diariamente muitas das vezes aos próprios trabalhadores dos diversos setores do Ver-o-Peso e outras tantas pessoas que

⁵⁹ Pedra do peixe, Pedra do Ver-o-Peso ou simplesmente “Pedra” é um espaço na calçada lateral que margeia a doca das embarcações separando-a, pela rua, do mercado de peixe ao final da Avenida Portugal; é o ponto de concentração do pescado que chega ou sai para comercialização em Belém (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 103; SILVA e RODRIGUES, 2011, p. 337). É um espaço de muita importância para essa pesquisa, vindo a ser um dos objetos de estudo, por um *locus* de relações em redes sociais pelo pescado.

trabalham no entorno ou que vêm de qualquer ponto da Cidade e para no seu Box para degustar os petiscos que dona Carla oferece. É assim também que o *peixeiro* João recebe o seu pescado na **Pedra** e o escoa a partir do seu talho para outros setores do Complexo e à população em geral, incluindo aí a dona Carla, que declarou compra na **Pedra** e que também compra peixe no Mercado de Ferro, preferencialmente com o seu “João”, porque “ele nunca me enganou, ele separa um peixe bom *pra* mim e se precisar ele vende até fiado”.

Figura 4 – Imagem com a setorização do Ver-o-Peso



Fonte: Google Earth modificado pelo Autor, 2013

Este capítulo vem tratar assim, do Ver-o-Peso com sua rica história, seu cotidiano como mercado popular onde há muita relação de pessoas que trabalham ou que o frequentam por determinado motivo e sua referência simbólica e cultural de Belém. Mas especialmente explicita sua representatividade junto à população da cidade de Belém, cuja história está intrinsecamente atrelada à história do Ver-o-Peso, indo desde sua fundação até os dias atuais nesta segunda década do século XXI, quando o Poder Público acena por retirar o entreposto de pescado, denominado popularmente de **Pedra** e que faz parte da vida e da paisagem física local, mas também da paisagem viva no imaginário do belenense, marcada organicamente pelas embarcações atracadas naquele local, a abastecer a cidade de pescado e outros gêneros alimentícios, mas que levam de volta, produtos adquiridos no Ver-o-Peso, para o interior paraense, promovendo trocas de mercadorias e de simbolismos em rede. A figura 5 mostra a

imagem da **Pedra** em final de expediente, ao amanhecer de um novo dia, quando as redes sociais se mudam desse local para adentrar a malha urbana de Belém ou se recolhem para retornar na madrugada seguinte ou em outro o momento circunstancial qualquer; como os *tripulantes* de barcos, que levantam âncora e saem nesse horário para seus portos e realizarem as devidas manutenções nos barcos, nas redes e demais equipamentos ou, se acaso não venderam todo o pescado, ficarão recolhidos na embarcação à espera da próxima madrugada para colocarem seus produtos na **pedra** para a venda.

Figura 5 - Imagem da Pedra em final de expediente ao amanhecer



Fonte –Autor, 2013.

Nessa hora, em que está retratada a imagem da figura 5, as balanças que ainda restam serão guardadas e os vendedores de peixe em caixotes aproveitam para expor seus produtos vendidos a preços módicos, que concorrem com os praticados no Mercado de Ferro. Para compor esse capítulo, além da pesquisa com dados secundários, procura-se resultados de pesquisas qualitativas e etnográficas empreendidas sobre o Ver-o-Peso.

A opinião de pessoas entrevistadas, de várias idades e classes sociais, demonstra que há um relativo entendimento e sentimento comum em relação a esse símbolo da cidade de Belém. Há no Ver-o-Peso uma memória ligada à noção de identidade do povo que habita esta cidade (CAMPELO, 2010, p.45).

2.1 A ORIGEM DO VER-O-PESO: A PRÓPRIA HISTÓRIA DA CIDADE DE BELÉM

Historicamente, o Ver-o-Peso nasceu logo após a fundação de Belém, a partir do uso constante da pequena enseada formada na foz do Igarapé do Piri, local onde era praticado o embarque e desembarque de pessoas e especiarias na cidade, nos idos da segunda década do século XVII, em plena gênese do domínio colonial português sobre o Norte do Brasil. Havia nesse local um porto de praia, semelhante às praias de rios regionais, como por exemplo a praia do Cruzeiro em Icoaraci, criado espontaneamente pelos habitantes da cidade, em função de sua localização geográfica estratégica, e que no seu início funcionou informalmente para embarque e desembarque das pessoas e principalmente das drogas do sertão, até que, em 1625 (CRUZ, 1973, p. 107), a representação da administração local do Reino português sentiu a necessidade de ter o domínio sobre todos os produtos que eram trazidos ou levados da cidade, vindo a criar um posto para taxaço desses produtos. No ano de 1625, durante a administração de Gomes Freire de Andrade, o Senado da Câmara, devido à falta de recursos para enfrentar despesas, obteve do Governador a doação da renda do Ver-o-Peso, orçada em cento e cinquenta mil réis (CRUZ, Id., Ibid.) para auxiliar nas despesas correntes.

É do senso comum que o complexo Ver-o-Peso iniciou, desse modo, a partir da necessidade de controle tributário pela administração local da Colônia, como um pequeno posto de verificação das mercadorias que saiam da região através das embarcações por via fluvial; só com o passar dos anos foi crescendo e se transformando lentamente, mas com certa complexidade, nesse conjunto de prédios, feiras e mercados, onde diariamente a população se aglomera para satisfação de necessidades específicas em um ambiente de circulação, trocas e outras relações sociais.

Tratando da precisão de data da sua origem, Cruz (1973, p. 107), afirma que “A casa do Ver-o-Peso, Mesa Fiscal, onde eram pagos os impostos a que estavam sujeitos os gêneros trazidos para a sede da Capitania, foi instituída em Belém no século XVII, em data não precisa, sendo a renda destinada à Coroa Real”, ratificando o motivo de sua criação e ao mesmo tempo deixando dúbio a exatidão, em termos de data, do seu início. No entanto o mesmo autor apontou “o ano de 1625 como sendo o ano no qual a renda do Ver-o-Peso passou a ser utilizada pelo Senado da câmara local para cobrir as despesas correntes” (CRUZ, 1973), ficando esse ano como o marco do início das atividades do Ver-o-Peso. Mas a população da cidade, usuários e Governos Estadual e Municipal, consideram a data de 27 de

março de 1627 como sendo o início ou nascimento do Ver-o-Peso e comemoraram assim seus 387 anos em 2014 (G1.GLOBO.COM/PA, 2014 – ANEXO 1), em uma festa que durou três dias.

Independente de data de sua fundação, o fato é que “o desenvolvimento histórico produz um espaço a partir da unidade dialética homem-natureza” (CARLOS, 1997, p. 29), as necessidades sociais o produziram inicialmente como um porto, um espaço de desembarque que no seu desenvolvimento se tornou um polo comercial, o qual se reproduz continuamente como um ambiente simbólico à cidade de Belém, sem que se despreze uma investigação mais aprofundada quanto à data de sua origem.

Bastou um trapiche construído rusticamente na ribeira, em pleno século XVII, uma balança para taxar os produtos desembarcados ou embarcados e uma população carente de abastecimento que pouco a pouco foi se apropriando daquele espaço, para dar início ao aglomerado mercantil que resiste vigorosamente nesta segunda década do século XXI. Desembarcando também o pescado que garantiu a esse espaço tal vigor em comercialização e vida social.

No entanto, ao longo desta pesquisa surgiu uma hipótese de que o Ver-o-Peso não foi inicialmente um local de venda, de abastecimento da Belém colonial e sim apenas um entreposto de tributação, digna de ser discutida. Pois em entrevista com o arquiteto e urbanista, professor e pesquisador Alexandre Martins de Lima, para compor o subitem 2.3, sobre significado, patrimônio cultural e o que é afinal o Ver-o-Peso para a população em geral? Houve uma surpresa na sua resposta, que fez ampliar essa investigação, uma vez que ele (LIMA), atrelou a origem da primeira feira ou primeiro ambiente de comércio de trocas da cidade, não com o local do *Haver-o-Peso* - onde se taxava o que chegava e saía da cidade, mas sim com a existência de uma feira/mercado, iniciada em frente à igreja das Mercês e afinal, “A investigação histórica deve ser o teste crítico demandado pela ciência antes que ela admita os fatos como evidências” (BOAS, 2009, p. 37).

É bem verdade que nos fundos da igreja (figura 6) estava o rio que mais tarde veio a receber o porto da cidade e Lima se baseia nessa figura, que é um desenho de J.J. Codima, do final do século XVIII, para afirmar que só após as primeiras grandes transformações urbanísticas empreendidas em Belém e que implicaram no início do aterramento da praia, onde hoje existe a Avenida Boulevard Castilhos França, é que houve a mudança da feira daquele local original para a enseada na foz do Piri, onde já desembarcavam produtos em maior quantidade para serem taxados.

Ou seja, pela sua hipótese, havia o entreposto de taxaço que se transformou no Ver-o-Peso, mas não havia naquele lugar um ponto de comercialização propriamente dito, o que demorou cerca de um século para existir com esse fim. Conforme o entrevistado:

Eu entendo o Ver-o-Peso muito além de um mero cartão postal da cidade, eu entendo o Ver-o-Peso como se ele fosse um microcosmo social econômico e histórico, ele fala muito, ele (O Ver-o-Peso) diz muito da história da cidade, ele está exatamente encrostado em um dos primeiros bairros de Belém, que foi exatamente a freguesia da Campina, ainda que ele não tenha iniciado exatamente ali onde ele está hoje, mas o comércio estava numa área que basicamente é da sua cercania, esse fundamento do Ver-o-Peso como comércio, esse germe prelevo do Ver-o-Peso se inicia na frente da igreja das Mercês, onde existia ali um mercado grande, basicamente uma feira aberta que com todo o processo de urbanização e de crescimento da cidade, melhorias urbanas, ele acabou sendo transferido para a área da ribeira onde havia a área mais próxima ao rio que era a área onde ancoravam as canoas, as embarcações e já havia iniciado, a essa altura, o processo de aterramento que se transformou na avenida que existe lá, que passa em frente ao mercado, que aquilo tudo é aterrado, e ficou mais fácil ter essa área de comercialização mais próxima ao mercado. Mas além da história eu vejo isso como um microcosmo social, pois ali você vê pessoas de todas as classes sociais; o Ver-o-Peso é uma referência para muita gente, tem pessoas que fazem feira ali, fazem compras sistematicamente já de muito tempo e você vê negros, você vê mulatos, vê cafusos e vê também o branco, você tem oportunidade de contemplar, de vislumbrar efetivamente o que é uma grande parte da população amazônica, que não é uma população branca, pois população branca é aquela de influência basicamente europeia e ali está a mistura, mas você tem condição, ali, de perceber tanto socialmente com etnicamente a origem da população verdadeiramente amazônica, então por isso eu considero o Ver-o-Peso como um grande microcosmo (Alexandre Martins de Lima, 38 anos arquiteto urbanista e professor universitário, entrevista em 13/03/2014).

A figura 6 apresenta a imagem que o professor Alexandre Lima se baseou para afirmar na sua entrevista que existiu uma feira organizada na área em frente à igreja das Mercês, onde hoje é a Praça Visconde do Rio Branco, desenhada e aquarelada por J.J.Codima, que foi um desenhista que fazia parte da Expedição Filosófica ao Pará, comandada por Alexandre Rodrigues Ferreira, e consta, no senso comum, que seus desenhos eram realizados com o maior esmero para traduzir a realidade local a ser posteriormente apresentada ao Rei.

A imagem mostra ao fundo e a esquerda, a Baía do Guajará com embarcações típicas do século XVIII e uma praia com certa movimentação de pessoas, ao centro a Igreja das Mercês, mas em primeiro plano é marcante a presença de seis barracões construídos de modo rústico, sem pavimentação no piso, com pilotis de madeira e com telha cerâmica na cobertura em forma de quatro águas, típicas do período colonial brasileiro. O detalhe que chama a atenção é a movimentação de muitas pessoas, sob ou no entorno dos barracões, que

lembra a circulação comumente empreendida em uma feira visando abastecimento das pessoas. A população de Belém, há alguns anos antes, em 1749, era de 6.574 habitantes (BAENA, 2004, p. 19).

Figura 6 – Fachada da igreja da Mercês final do Sec. XVIII



Fonte: Mendonça, 1999, p. 278.

Mas a maior questão aqui é ressaltar a atividade retratada ou congelada na pintura aquarelada de Codima, que mostra uma espécie de atividade social sob os barracões, que muito parece ser de comercialização em espaço coberto, o que era um anseio da população local da época; que somente a partir de 1727 pôde contar com a autorização do funcionamento de um açougue onde pudesse comprar carne, o qual foi instalado em uma casa, justamente naquelas imediações, onde hoje é a Rua Gaspar Viana, logo após a igreja das Mercês.

Cruz (1973, p. 276) afirma que “O caminho aberto no bairro da Campina onde estava localizada a casa em que se cortava o gado para a venda de carne aos moradores, ficou sendo chamada de Rua do Açougue, depois Rua da Indústria e hoje Rua Gaspar Viana”. O autor comenta que esse açougue instalado muito incomodava o Governador da época, devido a grande falta de cuidados de limpeza, pois lá mesmo eram talhados os gados, e jogados seus restos pelo chão, sem o devido cuidado por parte do responsável pelo estabelecimento. “Não havia higiene no açougue, ali era sangrado o gado, ficando – o sangue estagnado e podre” (CRUZ, 1973, p. 277), mas era o “único açougue que existia em Belém no ano de 1784, quando esteve na cidade o pesquisador baiano Alexandre Rodrigues Ferreira”, que assim se manifestou:

Já representei à Sua Excelência, em outro papel, que nesta cidade nem nego achar uma praça de frutas e hortaliças, nem uma ribeira de peixes, nem um celeiro de farinha nem cotidianamente providos os talhos no açougue único que existe no bairro da Campina, nem coisa alguma que determinadamente se venda em determinado lugar por determinado preço (apud CRUZ, 1973, p. 276).

Alexandre Rodrigues Ferreira, citado por Cruz, esteve em Belém do Grão-Pará em 1784, na expedição oficial para elaborar suas considerações sobre “fatos e vultos do Pará, que fazia parte das demarcações de terras portuguesas” (CRUZ, 1973, p. 276) e se manifestou em suas considerações, em registros da Expedição Filosófica ao Pará⁶⁰, que Belém carecia de um espaço de comércio popular, negando, desse modo, a existência do Ver-o-Peso como sendo um local de comercialização, fortalecendo em parte a hipótese do professor Alexandre Lima.

Cruz continua sua impressão quanto aos fatos de serem remotas as possibilidades da abertura de um mercado para abastecimento da população, “onde o povo pudesse encontrar frutas, hortaliças, farinha ou outros gêneros, para aquisição fácil e por determinado preço como desejava Alexandre Rodrigues Ferreira” (1973, p. 277). Para o autor as evidências indicam que Belém não era abastecida com fartura:

O gado abatido no açougue provinha da ilha do Marajó, da aldeia Cayá e nem sempre era suficiente para o gasto dos moradores. Chegava à cidade de 7 a 8 dias de intervalo. [...] O peixe fresco não era muito. Os pescueiros remetiam para a capital, tainhas frescas, salgadas e secas. Com elas se pagavam os soldados, o Governador, o Bispo e os filhos das folhas [...] que eram os empregados públicos da época. O que leva a crer que até o final do século XVIII, não havia propriamente dito um mercado popular em Belém que a abastecesse de gêneros alimentícios (Id., Ibid.).

Não existia na época um mercado físico, mas pelas afirmações de Cruz (1973, p. 277) é inegável a existência dos atores que realizavam trocas de mercadorias, pois narra a chegada do gado, do pescado, verduras e inúmeros outros gêneros alimentícios, firmando já naquela época, a atuação dos atores sociais na gênese do Ver-o-Peso, seja no lugar onde é hoje ou em outro da sua imediação e que perdura até os dias atuais.

O autor não determina o local de desembarque do pescado que chegava à cidade. No entanto, quando ele atrela o pagamento dos funcionários públicos da época, com o pescado que desembarcava na cidade, há de se convir que o local do desembarque, era onde hoje é o próprio Ver-o-Peso, pois só lá havia o posto de controle de entrada e saída de

⁶⁰ A Viagem Filosófica às Capitanias do Rio Negro, Grão Pará, Mato Grosso e Cuiabá, de Alexandre Rodrigues Ferreira, foi realizada por ordem da Coroa de Portugal nos anos de 1783 a 1792 (OJEDA, 2011, p. 44).

produtos e mesmo o gado que chegava para ser abatido e vendido no açougue, deveria ser fiscalizado e desse modo também desembarcava no Ver-o-Peso, que provavelmente nessa época (século XVIII) ainda não tinha mesmo a função de comércio propriamente dito, mas sim local de desembarque e posto de controle e taxaço de produtos, embora já existisse ali a atividade de troca proporcionada pelas pessoas que, como ocorre hoje, já davam vida ao lugar.

Mas, pelas palavras de Ferreira, há de se supor que a população não dispunha de um abastecimento regular e suficiente à população da época, no entanto toda cidade “ é um *local de mercado*, quer dizer, conta como centro econômico do estabelecimento com um mercado local” [...] (WEBER, 1999, p. 409). Embora Weber tenha se referido nesse ensaio às cidades mais urbanizadas, esse princípio de aplica de modo genérico a todas as cidades desde seu surgimento ao fim da pré-história, pois o abastecimento de uma população é essencial para a vida satisfatória de uma cidade e Belém, mesmo nesse período colonial, deveria ter um *locus* para essa prática ou qualquer um *modus operandi* de se abastecer.

Quando foi concluída a igreja das Mercês em 1763 (MENDONÇA, 1999, p. 278-279), essa edificação religiosa já tinha polarizado, com a igreja da Sé, a função de abrigar os grandes festejos religiosos locais e até cerimônias cujo foco e ápice principal se davam em Portugal, como o casamento da princesa⁶¹, em 1760 (MENDONÇA, 1999).

A igreja das Mercês estava então quase concluída, na feição que hoje lhe conhecemos, permitindo já a realização da cerimônia religiosa no seu interior, que para efeito é integralmente forrado de tecidos, e a montagem das arquiteturas efêmeras e dos aparatos pirotécnicos na praça em sua frente (p. 276).

Por arquitetura efêmera, é de senso comum tratar-se de construção para abrigo provisório, sem muito esmero, para durar pouco tempo, mas também pode ser construção rústica e sem acabamentos. O que se observa na figura 6, é que existem colunas de madeira bruta fincadas no chão de terra batida, mas o telhado é coberto com telha cerâmica, que é material durável, e possui um peso próprio razoável, que requer uma estrutura capaz de suportar sua carga sem haver deformação e que normalmente tem um tempo de duração de dois, três e até mais anos; ainda se para durar pouco tempo, poderiam ter usados palha para a coberta; mas Derenji e Derenji (2009, p. 60), denominam esse espaço de mercado para venda de escravos.

⁶¹ Em junho de 1760 foi anunciado o casamento da princesa da Beira, Dona Maria, filha de Dom José e herdeira do trono de Portugal, com seu tio o infante Dom Pedro. (<http://domjoseprimeiro.blogspot.com.br/2008/05/corte-de-relaes-com-santa-s1760.html>).

Assim, é possível supor, corroborando com a hipótese de Lima em sua entrevista (2014), com Cruz, (1973), Mendonça (1999), Derenji e Derenji (2009), Codima (1874) e Weber (1999), que embora esses barracões tenham sido construídos para uso ou função de abrigar festejos religiosos, que são eventuais, quando não houvesse tais eventos poderiam muito bem serem usados durante o dia como local para a venda de escravos, o que também não acontecia todos os dias – e de comércio popular, considerando que nas suas imediações já existia um polo de abastecimento – o açougue – e que a população carecia de um centro de abastecimento de frutas e hortaliças, sem o que não poderia se alimentar e que toda cidade tem essencialmente seu sistema de mercado. A população se apropria de espaços, cria funções e uso dos espaços em função de suas necessidades e assim criou também o Ver-o-Peso como um dos primeiros centros de abastecimento da cidade e polo de muita socialização e de cultura local.

Ao final do século XVIII, a cidade estava em expansão e com a expulsão dos religiosos da ordem das Mercês, seus bens foram confiscados e o local onde estava o Forte São Pedro Nolasco, ao fundo da Igreja das Mercês e suas imediações passaram a ser vistos como potencial para o porto da Cidade. “Em 1794, os mercedários foram expulsos da Província e as dependências do Convento passaram a abrigar a sede da Alfândega” (IPHAN, 2014, p.1); época em que já existia um trapiche na frente do *Haver-o-Peso* que permitia a interação da população aos atores sociais que traziam pescados e frutos em suas canoas.

Apesar das atividades do *Haver-o-Peso* serem iniciadas na primeira metade do século XVII, somente em 28 de setembro de 1839, o seu espaço foi oficialmente “destinado à *Ribeira do peixe fresco*, quando houve a extinção da repartição do *Haver do Peso* como local de arrecadação, cuja função passou a ser exercida na Recebedoria Provincial” (BARATA, 1975, p. 134). Mas em 1791 já existia a Ponte da Cidade, que [...] “ficava do lado ocidental da doca do Ver-o-Peso,

[...] começando quase ao canto da Rua da Praia (hoje Rua 15 de Novembro), lado Sul, até onde havia a então edificação. A doca do *Haver do Peso* começava nesse tempo na linha da Rua da Cadeia (atual João Alfredo) para a calçada do Colégio, lado setentrional (BARATA, 1973, p. 172).

A descrição do autor quanto a localização da casa do Haver-o-Peso é coerente com a planta de Belém de 1791 (figura 7), na qual aparecem dois trapiches, sendo que o da esquerda foi denominado de ponte da cidade (BARATA, 1975).

A figura 7 apresenta o Plano geral da cidade de Belém em 1791 e nessa imagem é possível ver na parte inferior, mais à direita, dois trapiches, que resultaram na demarcação da

doca das embarcações do Ver-o-Peso, havendo assim a comprovação de que nesse ano já havia um trapiche na ribeira, o da esquerda, onde a população pudesse interagir com os comerciantes e outros atores sociais que já realizavam as atividades essenciais que caracterizam até hoje o espaço do Ver-o-Peso. Podendo traduzir desse modo, que pessoas, embarcações e produtos já marcavam a paisagem do Ver-o-Peso.

Figura 7 – Plano geral da cidade de Belém em 1791 pelo engenheiro Theodósio Constantino Chermont



Fonte: Reis, 2001.

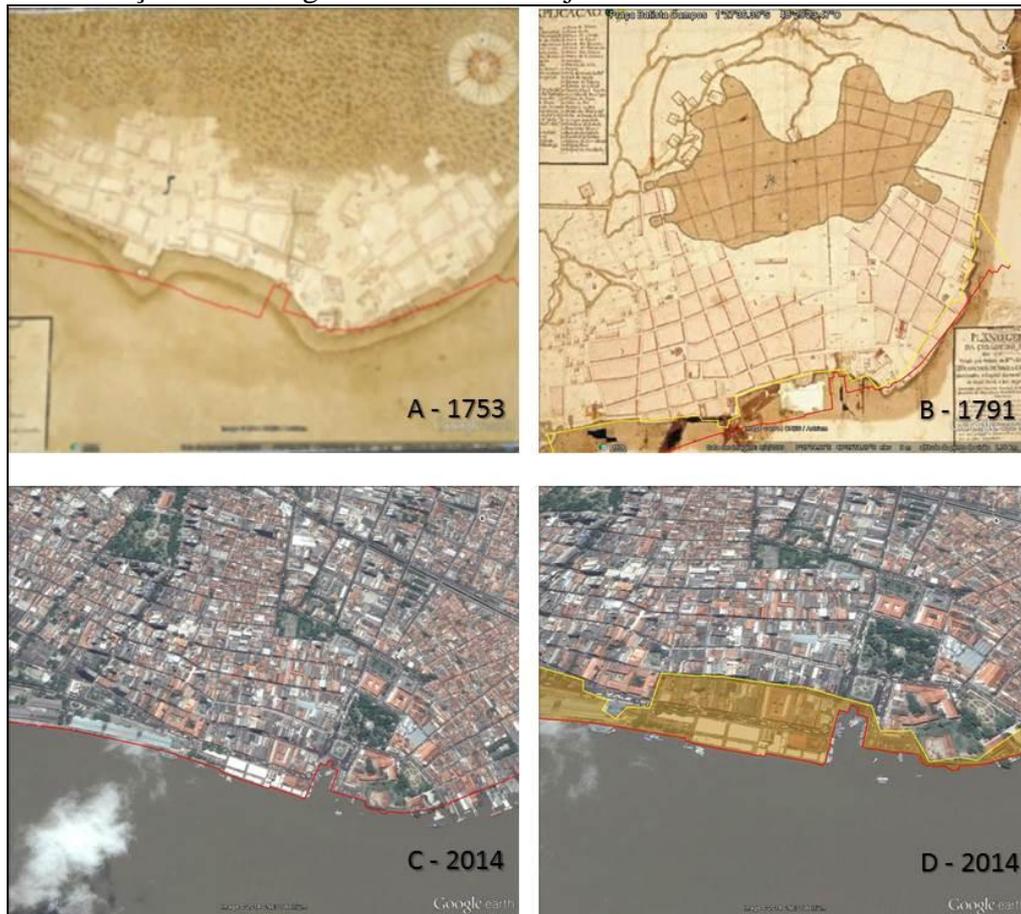
A figura 8 está dividida em quatro partes (A; B; C e D) e traz em comum uma linha de cor vermelha, cujo traçado – como pode ser visto na figura 8 (A) representa a linha atual (2014) da margem da Baía do Guajará, que se contrapõe com a margem que banhava a parte embrionária de Belém à época (bairros Cidade Velha e Campina), inclusive definindo a doca do Ver-o-Peso iniciada no trapiche da esquerda, nas figuras 8 (A) e 8 (C).

As figuras 8 (B) e 8 (D) apresentam uma linha de cor amarela, que destaca o traçado da margem, naquela parte de Belém colonial, antes do aterro realizado por todo o século XIX, mas cujas bases se iniciaram nos últimos anos do século XVII. A figura 8 (D) mostra em cor marrom a parte que foi aterrada naquelas imediações e que definiram a doca do

Ver-o-Peso, “cuja linha d’água ia até direção da Rua da Cadeia em 1791 (BARATA, 1973, p. 172)”, que pode ser comprovado na figura 8 (B).

A Rua da Cadeia, foi denominada Rua do Mercador hoje é Rua João Alfredo, perto da qual se atribui o início do trapiche que se transformou na lateral da Doca das embarcações e o próprio Ver-o-Peso. A figura 8 (D), mostra a parte da cidade após o aterro.

Figura 8 – Traçados da margem da Baía do Guajará na cidade de Belém colonial e atual



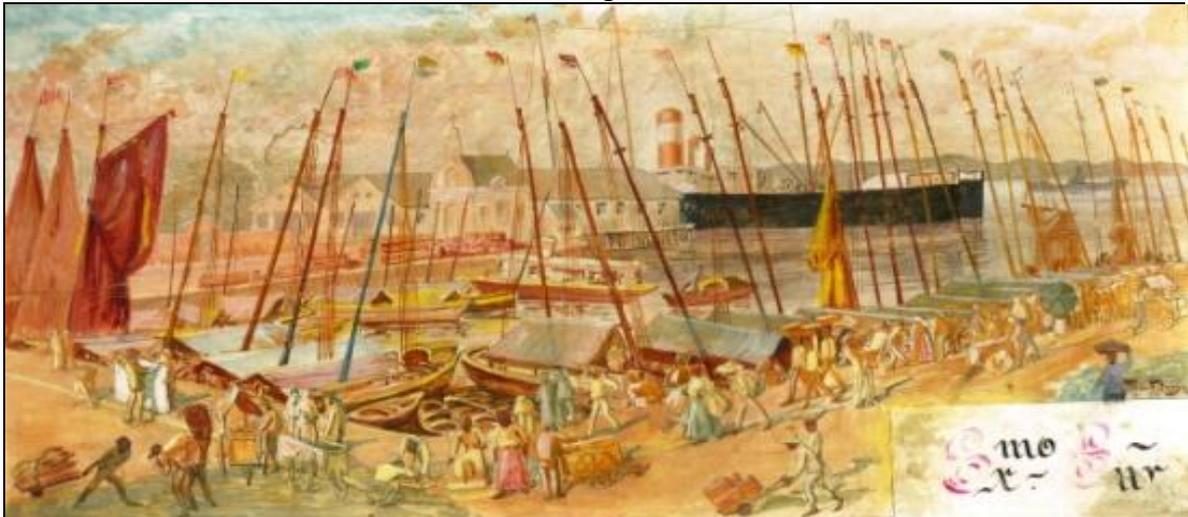
Fonte: Autor a partir do Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (2014).

O Ver-o-Peso nasce, assim, a partir do anseio da população de Belém de ter um local próprio para seu abastecimento, pois o surgimento da Ponte da Cidade, em 1791, provavelmente fez com que aquele *locus* virasse um mercado popular a céu aberto e crescente, ao ponto de fazer com que as autoridades retirassem daquele local a repartição destinada às cobranças de impostos sobre mercadorias, que passou a ser feita na Recebedoria Provincial. Segundo Campelo (2010, p. 43) “a área do Ver-o-Peso atual foi concluída em 1913 com o término da construção do porto de Belém, que aterrou extensa faixa da orla, da antiga doca do Ver-o-Peso até a doca do Reduto [...]”. É provável que só após o aterro da praia, que se iniciou no século XVIII e se estendeu por todo o século XIX é que a enseada

tenha sido definida com sua forma e dimensão atual, pois a figura 9, traz uma imagem de 1910, que corrobora com essa afirmação.

A figura 9, apresenta a imagem da enseada do Ver-o-Peso antigo, do início do século XX, retratada em aquarela sobre papel por Theodoro Braga em 1910, “dois anos depois de concluir” e apresentar à sociedade belenense, sua famosa tela “A fundação de Belém do Pará”⁶² cuja imagem está na figura 10.

Figura 9 - Imagem da enseada do Ver-o-Peso antigo, do início do século XX, por Theodoro Braga



Fonte: fau/ufpa.org/ 2012/04/25.

Essa imagem, captada por Braga, em 1910, continua atual nessa segunda década do século XXI, pois retrata o ambiente relacional, inicialmente constituído para abastecimento, compra e venda de produtos, mas que pela natureza humana perpassa pela simples relação comercial para outras dimensões de prestações e contraprestações que Maus (2003, p. 191) denomina de fato social total.

A pintura do quadro “A fundação de Belém” (figura 10), causou muita polêmica à época de sua produção, principalmente porque o pintor apresentara na tela o forte do castelo construído, desde sua gênese, em alvenaria ou pedra, causando muita contestação, pois na região não havia esse recurso material na época da fundação da cidade. Mas o interessante é que há vários elementos simbólicos da cidade em destaque nessa pintura; ela (a imagem) mostra, por exemplo, a foz do igarapé Piri e a enseada que, já àquela época, recebia as

⁶² Theodoro José da Silva Braga tinha a idade de 38 quando pintou tal papel dois anos após a conclusão da tela A Fundação de Belém de 1908, uma vista a partir da desembocadura do lago do Piri, o que seria mais tarde a doca do Ver-o-peso, por ele reproduzida em ângulo parecido em novembro de 1910, sem mostrar a fortificação do plano intermediário, já escondida pelo casario, detrás dos velames (Nota do blog da FAU/UFPA,2012).

embarcações e que mais tarde viria a formar em sua margem, a maior feira livre do Brasil, o Ver-o-Peso e sua paisagem sempre enfeitada pelas embarcações, que ainda hoje trazem o pescado e outros produtos para abastecimento local. Mas mostra ainda a relação entre os vários sujeitos atuantes no local embrionário, em demonstração do que esse *locus* é desde sua origem um espaço de muita interação social, cultural, de trocas de mercadorias e vivacidade, trazendo a ideia de que desde sua origem a Cidade tem ali uma de suas principais referências.

Figura 10 – Imagem da tela “A fundação de Belém do Pará”, de Theodoro Braga



Fonte: fauufpa.org/ 2012/04/25.

Os habitantes de Belém veem com muita estima o Complexo Ver-o-Peso, exaltando seus pontos fortes e dando desconto aos pontos fracos, assim como acontece com os componentes de uma mesma família com relação aos seus entes queridos quando esses apresentam pontos negativos. A história do Ver-o-Peso está desse modo, atrelada à história da Cidade, assim como sua feira ao ar livre se destaca como aquela que deu origem a tantas outras espalhadas nos bairros da capital. “A verdade é que a Belém dos nossos antanhos está viva em seu Ver-o-Peso. Paisagem que é parte de sua alma, de sua memória e de sua razão de ser” (MEIRA FILHO, 1973, p. 169).

2.2 VER-O-PESO: MÃE DE TODAS AS FEIRAS DA CIDADE

A imagem do Ver-o-Peso é constante na vida dos belenenses tanto fisicamente, sendo um local que marca a centralidade econômica da capital paraense, para onde convergem a maioria dos transportes coletivos vindos de vários bairros e até de outros municípios da Região Metropolitana de Belém, como também tem sua imagem presente na memória mais íntima de cada morador da cidade de modo incontínente, pois é fato comum se

falar do Ver-o-Peso no dia-a-dia, é muito comum sair matérias nos jornais e telejornais sobre algo ali relacionado. Tudo isso faz com que a fixação de sua imagem esteja presente no imaginário da população local de modo ininterrupto. Para Leitão (2011, p. 22):

Uma ida ao Ver-o-Peso, além dos sentidos para cheiros, cores e sabores, certamente aguça as ideias apontando para as quase infinitas possibilidades de reflexão sociológica que este mercado provê, uma vez que se constitui em ponto de convergência de produtos e saberes, onde os conteúdos das práticas sociais são mais culturais que econômicos.

Possuindo a maior feira livre no âmbito nacional, tornou-se, ao longo de sua existência, um grande mercado popular de trocas, saberes, sendo [...] “responsável pelo abastecimento de domicílios, restaurantes, lojas e supermercados” [...], isso de modo direto, mas também de modo indireto é [...] “ponto central da rede mais extensa de mercados e feiras da cidade [...]” (LEITÃO, 2011, p. 24). A autora se refere ainda aos municípios e cidades vizinhas, considerando que parte dos consumidores são feirantes de bairros e dessas localidades. A Geovana, 41 anos, dona de um hotel no município de Salvaterra, embora esteja estabelecida em um município próximo de tradicional ponto pesqueiro, que é Soure, abastece seu estabelecimento com o pescado da Pedra do Ver-o-Peso, “porque só lá se encontra constantemente o pescado em grande quantidade e boa qualidade” e por isso vem periodicamente a Belém em busca desse produto, após se deparar “por várias vezes” com a falha do pescado em sua localidade de origem. Os trabalhadores da **Pedra** exportam pescado para outras cidades do estado, do Brasil e de outros países.

Mas o Ver-o-Peso tem grande influência mesmo é no abastecimento das outras feiras da cidade, com produtos regionais, mas principalmente com abastecimento de pescado, frutas, verduras e leguminosos, os quais diariamente são adquiridos por feirantes e outros comerciantes que os revendem nos diversos bairros da cidade.

Dentro desses parâmetros, podemos apresentar o Ver-o-Peso como um exemplo, por excelência, de um mercado popular, de tradição regional e local e, ao mesmo tempo, como um espaço translocal, transnacional, onde se articulam novas e antigas formas de organização e venda de produtos, sociabilidades e identidades, num contexto de modernidade amazônica. (LEITÃO e RODRIGUES, 2011, p. 1).

Leitão (2011) realizou pesquisas socioantropológicas sobre esse lugar “emblemático na cidade de Belém” e ainda reuniu seus trabalhos com de outros pesquisadores em uma publicação específica sobre essa temática com o título “Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém”, no ano de 2011, trazendo contribuição a quem se

arvore em conhecer um pouco mais sobre esse *locus* tão importante para a cidade e sua população, mostrando seu cotidiano, as ricas relações sociais ali empreendidas, vendo (...) “o Ver-o-Peso como um lugar privilegiado tanto pela magnitude sociológica, quanto pelas facilidades operacionais” (...) (LEITÃO, 2011, p. 9), o que permite aos interessados um campo inesgotável de pesquisas.

Na figura 11 é apresentada a imagem de grande parte do Ver-o-Peso, onde notadamente, da direita para a esquerda estão a enseada das embarcações (doca do Ver-o-Peso) e, em volta dessa, a Pedra do Peixe (em forma de um “L” invertido), o Mercado de Peixe ao centro, em sua frente na margem da Baía do Guajará, as barracas da feira e à esquerda, ainda na margem, a continuação das barracas, o prédio do Solar da Beira e atrás desse o Mercado de Carne. É nesse microcosmo que pessoas interagem por meio das diversas atividades que se desenvolvem desde o despertar na madrugada até o novo despertar, que se segue reafirmando o Ver-o-Peso como sendo não somente um espaço físico, mas, sobretudo um espaço de relações interpessoais e interculturais.

Figura 11 – Imagem do Ver-o-Peso com a enseada das embarcações, a Pedra, o Mercado de Peixe ao centro, barracas da feira, o Solar da Beira e atrás deste o Mercado de Carne



Fonte: fau.ufpa.org - 2012/04.

O Ver-o-Peso é referência para muitos feirantes que comercializam produtos nos bairros e ainda de madrugada lá se abastecem, no momento da venda por atacado, quando

encontram o produto a um valor competitivo em um ambiente propício para a socialização e a formação de redes de compras e de sociabilidade, como é retratada na figura 12, onde se pode observar no local entre a **Pedra** e o Mercado de Peixe, a venda e compra de diversos produtos, dentre os quais o pescado *in natura* e salgado, camarão e caranguejo, sendo que nesse espaço predomina o pescado fresco e as pessoas interagindo nesse grande evento.

Figura 12 - Imagem da Pedra do Peixe próximo ao Mercado de Ferro



Fonte – Autor, 2014.

Muitos são feirantes que vem de seus bairros para se abastecer nesse ponto referencial da cidade e levar sua mercadoria que será revendida em feiras, mercados, carrinhos ambulantes ou utilizadas no preparo de comidas nos restaurantes formais ou não formais; o Ver-o-Peso continua, assim, sendo um exemplo que deve ser seguido pelos feirantes das demais feiras de Belém.

O “seu” Luiz Gonzaga, que vende verduras na feira da Tavares Bastos em Belém, compra seus produtos no Ver-o-Peso em torno de três a quatro vezes por semana, foi entrevistado nesta pesquisa porque ele se associa, quanto à condução, a um grupo de vendedores de pescado, o qual eu pesquiso na mesma feira, para deslocamento nas madrugadas em busca de comprar seus produtos e quando perguntado sobre o porquê de se abastecer naquele local ele respondeu que “o Ver-o-Peso é **a mãe de todas as feiras de Belém**, lá tem de um tudo e tudo bem fresquinho, não é esse produto que vem pela estrada

demorando séculos pra chegar aqui pra nós”. Ir diariamente ao Ver-o-Peso para feirantes das diversas feiras de Belém é algo que faz parte do seu trabalho, embora alguns se abasteçam na Central de Abastecimento – CEASA; mas os que compram seus produtos no Ver-o-Peso o fazem considerando aquela feira como sendo uma matriz que fornece produtos para sua filial, isto é, a feira do bairro, onde trabalham, como definiu o “seu” Gonzaga.

O que o “seu” Luiz Gonzaga relatou, quanto à qualidade dos produtos oferecidos no Ver-o-Peso, é uma opinião muito presente no senso comum de feirantes e de consumidores finais, pois o abastecimento daquela feira é diário e são diversos os produtos, os quais vêm de localidades ribeirinhas ou dos centros dos municípios das proximidades de Belém, por via fluvial e também pelas estradas.

Assim, “vindos de dezenas de lugares e fontes, os produtos vendidos naquela feira originam-se em locais espalhados nas mais diversas localidades do Pará” (MORAES e RODRIGUES, 2014, p. 68). Um desses muitos locais que abastecem a grande feira é Macapazinho, comunidade quilombola localizada no município de Santa Isabel e de onde pelo menos duas vezes por semana os produtores arrumam o que produzem em sacas e trouxas formadas por maços de hortaliças; o que é executado através de dois representantes da comunidade, denominados de marreteiros.

Os produtos são transportados em um ou dois caminhões que ficam estacionados num espaço próprio em frente à pedra do peixe. De lá, as trouxas e demais produtos são baixados para os carretos e levados até a calçada atrás do mercado de ferro, onde são dispostos lado a lado; enquanto isso, os marreteiros começam a abrir as trouxas e arrumar os produtos em cima de bancadas para vendê-los. Nesse momento também os feirantes e outros marreteiros de diversas feiras de Belém já começam a fazer a escolha do que vão comprar. Geralmente, antes de terminarem de arrumar tudo, metade do que foi levado à feira é vendido (MORAES e RODRIGUES, 2014, p. 66-67).

Os autores apresentam suas observações e ressaltam que o modo como ocorre essa comercialização de produtos de Macapazinho, através dos dois marreteiros encarregados pela comunidade dessa venda, se multiplica aos montes naquela feira, “pois sendo umas das maiores feiras do país, o Ver-o-Peso dificilmente ficaria restrito a um fornecedor, até mesmo porque não é restrita a um vendedor, mas a centenas (MORAES RODRIGUES, 2014, p. 68), sendo que eles não podem vender seus produtos nos horários de funcionamento diários da feira, para não conflitarem com os feirantes daquele local. Desse modo os produtores que abastecem o Ver-o-Peso, trazem seus produtos à noite e atravessam a madrugada, até os primeiros raios solares, na comercialização com feirantes do próprio Ver-o-Peso e de outras muitas feiras de Belém.

Na minha interpretação, o *seu* Luiz Gonzaga traz em sua narrativa, sobre o porquê se abastecer no Ver-o-Peso, uma opinião coletiva e mais abrangente dos feirantes de bairros sobre essa questão. Quando considerou o Ver-o-Peso, **a mãe de todas as feiras**, ele fez clarear a interpretação das interpretações, lembrando (GEERTZ, 1989, p. 16), dos outros companheiros de compras da feira da Tavares Bastos, os quais no momento da entrevista, vibraram com sua resposta, concordando em aceno afirmativo com a cabeça, e com palavras em exclamação, como: “É isso aí!” – ou - “Disse tudo!”. Eles agiram em uma participação espontânea e intrometida na entrevista, àquela altura, sobre o significado do Ver-o-Peso para eles. Essa entrevista foi uma das “mais curtas” e marcantes que realizei nesta pesquisa, pois se constituiu de uma pergunta só, seguida de um silêncio e uma gostosa gargalhada de encerramento.

É que a resposta do “seu” Luiz Gonzaga foi tão intensa que evitou outras perguntas; não precisava, ele mostrou em poucas palavras que a cultura é densa (GEERTZ, 1989, p. 27) e que cabe ao pesquisador interpretá-la considerando suas minúcias. Pois sendo “Símbolo de identidade paraense, em especial da cidade de Belém, o Ver-o-Peso pode ser visto como um ícone citado por várias camadas da população, sem nenhuma contradição entre elas [...]” (CAMPELO, 2011, p. 63-64).

A Feira do Açaí é um setor que mede em muito essa relação direta e indireta que a cidade tem com o Ver-o-Peso, pois diariamente é frequentada por *compradores* que buscam o açaí, fruto que é batido com água em máquina apropriada para a extração do seu suco tão apreciado na mesa do paraense. Ao mesmo tempo em que é uma feira dentro da feira do Ver-o-Peso, é também a representação de outras feiras da cidade, como é comentado por Sales (2014, p. 80) ao se referir àquele espaço:

Chegando à feira logo se avista a movimentação resultante da comercialização do principal produto daquele setor, que é o açaí *in natura*. O movimento frenético de *compradores*, *carregadores*, *marreteiros*, *maquineiros*, etc. torna-se a marca daquela feira dentro de outras feiras.

Sales faz uma descrição da Feira do Açaí e contextualiza-a em um complexo formado por outras feiras e mercados, entreposto pesqueiro e setores diversos, todos considerados importantes nas suas especificidades que, reunidos, formam o Ver-o-Peso.

Aquele espaço se torna assim uma centralidade comercial de Belém e essa referência se manifesta através dos meios de transporte coletivo que vêm dos diversos bairros trazendo e levando passageiros para vários pontos da cidade, mas passando no Ver-o-Peso, disputam espaço na via pública onde estão vendedores a tentar burlar o Poder Público para

expor seus produtos e é assim que muitos desses atores sociais chegam para as compras. Após realiza-las voltam de ônibus aos seus bairros, os quais, no início da manhã são bem demandados para transportar seus produtos, mas contratam carreteiros para transportar os produtos aos seus locais de trabalho, quando em maior quantidade.

A figura 13 retrata a disputa dos veículos com vendedores na via ao lado da Pedra do Peixe, onde se pode perceber que os vendedores de pescado sobre caixotes, localizam-se na caixa da via, a poucos centímetros da trajetória do veículo coletivo que aparece na imagem, e entre o vendedor sentado e o coletivo ainda transita um pedestre por trás de um freguês do vendedor de peixe.

Figura 13 - Imagem da disputa entre veículos e vendedores de peixe na via pública ao lado da Pedra



Fonte – Autor, 2014.

O Ver-o-Peso é a *feira mãe* das demais feiras de Belém, não só por ter sido a primeira, mas por inspirar a criação das demais e por ter um significado de consenso entre aqueles que estão presentes no seu dia-a-dia, entre os seus feirantes, os feirantes de bairros e a população em geral. Cada belenense tem sua opinião sobre o que significa o Ver-o-Peso, que vai sempre além do aspecto econômico e cultural para Belém. “Ninguém, nesta terra, lançou os olhos para a vida, sem tê-lo como a tônica, o traço perfeito entre os caracteres mais sugestivos da cidade (MEIRA FILHO, 1973, p. 169) ”, nessa tônica característica, está inserido o Ver-o-Peso, cheio de significados para a cidade de Belém.

2.3 VER-O-PESO: IMPORTÂNCIA CULTURAL E A VISÃO POPULAR SOBRE ESSE MERCADO

Essa é uma sequência lógica do subitem anterior, no que concerne ao significado do Ver-o-Peso para a população de Belém, de o porquê ter sido escolhido como símbolo da cidade ou de outro modo seu patrimônio cultural. “O Ver-o-Peso une o velho ao novo; o tradicional ao moderno; a elite ao popular” (CAMPELO, 2011, p. 46). Essa afirmação de Campelo, pode ser constatada nos depoimentos selecionados e apresentados, adiante, neste texto. Não é de hoje que o Ver-o-Peso alcançou esse *status* junto ao belenense, mas ao longo da história da cidade; vindo gradativamente a se tornar o seu principal cartão postal e chegando a representa-la simbolicamente. Segundo Lima (2011, p. 71) “Datam do final do século XIX, as primeiras imagens fotográficas da Docca do Ver-o-Peso, ainda sem o Mercado de Ferro, impressas em cartões postais” [...], cujos registros continuam por todo o século XX, adentrando ainda o século XXI, com crescente intensidade.

Há nitidamente uma riqueza cultural cujo ápice do valor está no simbolismo coletivo impregnado no belenense, o que é ratificado por vários autores, como Leitão e Rodrigues (2011, p. 13).

A maior riqueza do Ver-o-Peso está contida no lastro de memória da própria cidade que pode ser ali encontrado. Há muito deixou de ser apenas um porto e uma feira livre, na qual se negocia toda espécie de produtos comestíveis, industrializados, vestuários, artesanato, ervas, etc., para se consolidar como importante lugar de práticas culturais, onde o cotidiano regional e o imaginário amazônico se reproduzem e se perpetuam por meio das mais diversas atividades tradicionais – do preparo de alimentos ao uso de ervas com fins medicinais e místico-religiosos. Nesse sentido, o Ver-o-Peso é também um mercado de bens simbólicos, que alimenta o corpo, a alma e o espírito de uma cidade que mantém elos com o rio e a floresta (LEITÃO; RODRIGUES, 2011, p. 13).

Fazendo uma enquete junto à população da cidade, com pergunta única, sobre “o que o Ver-o-Peso significa para você?”. (Para o entrevistado), as respostas obtidas vêm ratificar o que Campelo (2011) afirma no primeiro parágrafo deste subitem, referindo-se a união de opostos na unanimidade quanto ao seu simbolismo. Aqui são apresentadas as falas de doze pessoas, que fazem parte de um grupo de cinquenta e três pessoas entrevistadas, em diversos locais da cidade, incluindo o Ver-o-Peso e essas dezoito respostas escolhidas nessa narrativa são as que mais representavam as demais.

Olha, o Ver-o-Peso representa *pra* mim muita coisa.... que, quando eu me lembro... que quando eu tinha meus filhos *pequeno* eu ia muito lá comprar as

coisa... que lá é mais barato,... comprar frutas, comprar verdura, legumes, aí eu tinha uma renda muito pouca mas aí... eu conseguia né...assim fazer compras e dava,... dava pra me manter, comprava peixe lá no Ver-o-Peso, as coisas é mais barato lá, melhor que no supermercado,... que no supermercado é mais caro as coisa, lá no Ver-o-Peso não, eu me sentia bem lá, eu nunca mais fui, mas é bom lá (Raimunda Cruz, doméstica, 47 anos, entrevista em 15 de março de 2013)

A dona Raimunda representa aqui um grupo que atrela o Ver-o-Peso aos aspectos relativos à oferta de muitos produtos com preços baixos, quando comparados com outros locais de abastecimento, no caso dela o comparativo é com o supermercado. É importante destacar que diariamente no Ver-o-Peso, há promoção e descontos nos preços de produtos perecíveis ao final do turno da manhã, próximo do meio dia até por volta de uma da tarde, evento esse chamado popularmente de “virada” ou “hora da virada”. É muito comum pessoas comprarem produtos perecíveis com preço bom nessas horas para abastecimento diário ou até semanal, pois o produto conservado em refrigeração tem mais tempo até seu consumo como alimento. É caso do “seu “ João Santana, entrevistado na Pedra do Peixe:

Para mim é uma feira que amanhece, que começa pela madrugada e tem uma importância de eu poder vir aqui, de madrugada, comprar o peixe o açaí e outros tipos de frutas até mesmo verdura que tem aqui com preço muito bom, um maçã de cheiro (verde) custa 2 reais e nas feiras um macinho de nada custa o mesmo 2 reais, logo cedo tem tudo isso, é importante pras pessoas que também trabalham aqui, é muito organizado (João Santana, 44 anos, estudante universitário e auxiliar administrativo, entrevista em 13 de março de 2013).

O João Santana também enfatizou o fator preço e embora resida no Município de Marituba (Região Metropolitana de Belém), ele vai constantemente à feira do Ver-o-Peso nas madrugadas de terça-feira e quinta-feira, apanhando ônibus às 3h:40 ele chega à feira por volta de 4h:30 compra principalmente peixe, frutas e verduras e retorna à Marituba chegando lá por volta de 6 horas ou 6h:30.

O Ver-o-Peso representa um espaço e um tempo em que há revelação e o esperado encontro da história com a memória. “A memória buscada – a dos trabalhadores da feira – colocada em termos de uma memória popular encerra, na verdade, uma dupla atitude: a exclusão e inclusão ideológica desta memória”. (CAMPELO, 2011, p. 65)

[...] quando eu ouço falar do Ver-o-Peso vem na minha mente a cultura paraense, quando eu me dirijo até o Ver-o-Peso é como se eu encontrasse o Pará ... vivenciando o que é a vida do paraense, aquela simplicidade da cultura, da origem.... desde sua origem com os ribeirinho, os barcos, ancorando para venderem suas frutas. É onde é possível encontrar as frutas paraenses saborosas, tem concentrado todos os tipos de frutas e os peixes da

região, desde o pirarucu até a pescada, a dourada, a piramutaba, o mapará e outros tantos que você quiser encontrar; mas você tem um pedaço do Pará lindo e principalmente de Belém, concentrado ali naquela margem; aquela natureza toda lhe revigora e lhe dá energia *pra* você continuar a sua vida como paraense nativo que você é (Joana Paixão, 55 anos, pedagoga, entrevista em 13 de março de 2013).

A dona Joana falou da cultura paraense e da oferta dos produtos regionais, como frutas e pescado com diversidade. Mas para a senhora Maria Mesquita, 54 anos, professora universitária, o Ver-o-Peso significa “a cultura e a raiz paraense”. A resposta de dona Maria foi curta, mas representa a visão de muitas pessoas, que falam que o Ver-o-Peso é patrimônio cultural paraense de vários modos. Lima (2011) realizou pesquisa sobre o patrimônio cultural do Ver-o-Peso, quanto aos aspectos oficiais e o que se diz no Ver-o-Peso a esse respeito e lembra que o mesmo foi tombado pelo IPHAN no ano de 1977 (LIMA, 2011, p. 70). Então o modo de falar sobre cultura ou patrimônio cultural relativo ao Ver-o-Peso é diverso, mas todos têm em mente essa premissa. O que é ratificado pelos estudantes Jéferson e Ana Priscila:

[...] para mim o Ver-o-Peso é o coração da cidade de Belém onde todas as pessoas se encontram para comprar pra vender onde temos o comércio e há aquele contato com o povo com a cultura paraense com os aromas com a culinária então o Ver-o-Peso é mais ou menos isso essa mistura do Pará (Jéferson Ferreira, 19 anos, estudante, entrevista em 15 de março de 2013). O Ver-o-Peso representa além de um ponto turístico ele também abastece a cidade através do comércio e sustento para a economia, porque ele pode além de oferecer os bens de comercio ele também oferece o emprego contribuindo para o ciclo da economia, mas ele também é um ponto de referência para muitas pessoas como os limites próximos que são referenciados como sendo próximo do Ver-o-Peso (Ana Priscila 18 anos estudante, entrevista em 15 de março de 2013).

A estudante Ana Priscila lembra logo do ponto turístico, mas em seguida acrescenta a importância comercial e de geração de renda que o Ver-o-Peso representa e vai encerrar suas considerações lembrando da importância referencial na cidade. Já o advogado Ismael Leite, que não quis dizer sua idade, foi muito além em seus comentários sobre o significado do Ver-o-Peso, iniciando pela sua primeira idéia que é de ser ao mesmo tempo cartão postal da cidade, um espaço urbano e uma referência de diversidade étnica. Falou da preservação da cultura regional e enfatizou o fato da tecnologia e desenvolvimento econômico diminuir a procura daquele local, embora seja um local necessário para a percepção da identidade do povo.

O Ver-o-Peso significa pra mim muito além de um cartão postal ou de um espaço urbano ou mesmo de uma referência de diversidade étnica, o Ver-o-

Peso na verdade ele é um junção de todos esses fatores na medida em que ele preserva as raízes culturais de todo o povo paraense e amazônida. No Ver-o-Peso nós podemos encontrar comidas, ervas e substâncias que não mais são privilegiadas ou usadas na nossa sociedade assim com também fica evidente a diversidade do povo que hoje no âmbito urbano pode parecer um pouco mais restrito, mas o verdadeiro povo amazônida, ele convive e desenvolve suas relações naquele ambiente, então o Ver-o-Peso parece ser na verdade o repositório de um passado do povo paraense, do povo Amazônia que infelizmente devido a tecnologia pelo próprio desenvolvimento econômico vem se tornando menos recorrente mas que nos dias de hoje é um espaço absolutamente necessário, justamente para Ver-o-Peso poder ter a oportunidade de se encontrar e de perceber a essência do povo que formou nosso território (Ismael Leite, advogado, idade não declarada, entrevista em 15 de março de 2013).

Fazendo a enquete com trabalhadores da **Pedra** como o *balanceiro* Tetéo, as respostas giraram em torno do local de trabalho “o Ver-o-Peso é o meu local de trabalho, eu venho aqui todas as noites e cumpro um horário” (Tetéo, 14/4/2014), outros como, o *carregador Faísca* (14/4/2014), dizem isso de outro modo “é o meu ganha pão”.

A dona Beth *Cheirosinha*, vendedora de ervas, no Ver-o-Peso, vai além para, ela o Ver-o-Peso “significa o que é *pra* todos os paraenses, é a representação da Cidade, que em qualquer lugar que se vai, *pra* reconhecer Belém tem que mostrar logo o Ver-o-Peso... é a cara de Belém, meu querido” (Beth Cheirosinha, entrevista em 14/4/2014). Os trabalhadores do Ver-o-Peso responderam em geral com poucas palavras, a maioria se referindo ao local de trabalho, embora poucos falem da sua percepção quanto ao patrimônio cultural, logo em seguida se referiam ao seu local de trabalho. Mas a Dona Beth Cheirosinha fala do simbolismo à Cidade, ela tem uma percepção mais ampla, reconhecendo o valor simbólico do seu lugar de trabalho e ela é famosa por dar entrevista, onde de certo repete sempre essa ênfase do simbolismo ale encontrado.

A Danielle Larrat estava em um *Shopping Center* no centro de Belém quando foi entrevistada e disse que:

O Ver-o-Peso é o cartão postal de Belém, é a representação da Cidade de Belém, embora seja um pouco bagunçado, mas nem é culpa dos feirantes, é um lugar muito bonito, uma paisagem muito bonita, eu não vou quase lá, mas gosto muito, gosto do por do sol – lá em cima –na mureta, é muito lindo. É um lugar que todos devem ir (Danielle Larrat, 45 anos, técnica de instrumental odontológico, entrevista em 17/4/2014).

A entrevista com Danielle foi proposital eu procurava por *ela*, ao ver uma pessoa bem elegante, com sapatos de saltos bem altos e com as mãos cheias de sacolas de compras, eu não hesitei em abordá-la, queria perceber a visão de uma pessoa daquele perfil externo sobre o Ver-o-Peso, felizmente ela me atendeu e ao enquadrar comparativamente sua

resposta, que embora tenha uma frase negativa é semelhante à resposta da Dona Beth, quando se refere a representação de Belém, aí está presente a sua visão quanto ao significado do Ver-o-Peso. Há tempo a Danielle não vai ao Ver-o-Peso, mas gosta e tem referências do local como sendo “lindo” e recomenda que “todos” devem ir ao Ver-o-Peso.

Mas uma só entrevista foi negativa, o senhor Gregório de Almeida vê o Ver-o-Peso com uma visão muito pragmática, eu o entrevistei na Estação das Docas, ele disse:

O que o Ver-o-Peso significa para mim, é que não deveriam dar tanta importância a uma feira que tentam organizar, mas que continua sendo desorganizada, tentam limpar, mas sempre está maltratada, suja e com um odor horrendo. É ladrão *pra* todo lado. Eu tenho *pra* mim que existe um engano coletivo, parece que só eu percebo tudo isso, ninguém mais enxerga aquela imundice que aparece quando a maré seca é todo tipo de sujeira que o pessoal que trabalha lá joga. Mas é tido como símbolo de Belém, quem sou eu para ir contra todos, eu sou obrigado a aceitar, mas eu tenho a minha opinião, que eu nem sei se vai te servir, porque é essa. *Pra* mim se tirar tudo *aquilo* de lá não vai fazer falta não. (Gregório de Almeida, 67 anos, comandante de navio mercante, entrevista em 27/4/ 2014).

O Gregório foi muito enfático ao expor sua posição quanto ao significado do Ver-o-Peso, ele me entrevistou também, antes de ser entrevistado pediu minha identificação pessoal e funcional. Depois da entrevista, ele teceu outros comentários, disse que é goiano de nascimento e veio para Belém ainda adolescente, com 16 anos. Trabalha “porque gosta”, mas já tem tempo para se aposentar, no entanto ainda se sente forte e vai esperar a “compulsória” e depois vai morar em Florianópolis, porque “lá sim é cidade organizada”. Ele mora em um condomínio na BR-316 e pouco sai de casa “quando está em terra”. Mas uma coisa ele falou que coaduna com a maioria dos entrevistados: O Ver-o-Peso “é tido como símbolo de Belém e quem sou eu para ir contra todos”; ao declarar isso, o Gregório demonstra que aceita, embora não concorde com a maioria. Ao selecionar as respostas para esse item, eu me questioneei sobre o porquê de não entrevistar só paraenses, mas logo refleti que a ideia era essa mesmo de causar reflexão, quanto ao significado do Ver-o-Peso, para as pessoas de um modo geral. Para o Gregório “feira é como é na Europa toda”.

Um integrante do grupo musical que havia em Belém, o Edmar da Rocha do grupo Mosaico de Ravena, compôs uma música denominada “Belém, Pará, Brasil” que trata de desabafar, protestar quanto ao tratamento dispensado à Cidade e ao Estado por parte da Nação, em cuja letra inicia como o verso: “Vão demolir o Ver-o-Peso/ *pra* construir um *shopping center*”[...] (EDMAR DA ROCHA, 1992). Esse verso inicial da música, lembra a frase final da fala do Gregório: “*Pra* mim se tirar tudo *aquilo* de lá não vai fazer falta”, é um

pensamento de quem não tem nenhuma identidade com o Ver-o-Peso, para o Gregório deveriam demolir o Ver-o-Peso em nome da retrógrada higienização urbana.

Como pode ser observado existe um entendimento linear entre os entrevistados de que o Ver-o-Peso é muito mais do que um local de compras na cidade, é também símbolo dessa Cidade e sua importância cultural está no fato de que todo paraense tem direta ou indiretamente uma relação com esse *locus*, todos os entrevistados abordados tiveram o que falar sobre o significado do Ver-o-Peso, alguns falaram mais especificamente do local onde estavam, principalmente os que foram entrevistados na **Pedra**, no Mercado de Peixe, na Feira do Açaí e no setor de refeições.

Como pode ser observado existe um entendimento linear entre os entrevistados de que o Ver-o-Peso é muito mais do que um local de compras na cidade, é também símbolo dessa cidade e sua importância cultural está no fato de que todo paraense tem direta ou indiretamente uma relação com esse *locus*, todos os entrevistados abordados tiveram o que falar sobre o significado do Ver-o-Peso, alguns falaram mais especificamente do local onde estavam, principalmente os que foram entrevistados na **Pedra**, no Mercado de Peixe, na Feira do Açaí e no setor de refeições.

No mês de dezembro de 2015 quando uma emissora de televisão local, afiliada de uma rede nacional, promoveu concurso durante às comemorações dos 400 anos da fundação de Belém, em três categorias: 1) O prato que mais representa Belém; 2) A música que mais representa Belém; 3) O símbolo de Belém nos seus 400 anos. Onde o Ver-o-Peso ganhou com a disputa concorrendo com outros ícones como o Círio de Nazaré, o túnel das mangueiras e o Forte do Castelo, dentre outros. Essa pesquisa promovida por esse veículo de comunicação de massa, veio – em tempo – ratificar o que a maioria dos entrevistados na minha pesquisa para compor esse nesse item.

O símbolo que o Ver-o-Peso representa para Belém, tão cedo não permitirá que esse lugar venha a ser demolido ou mesmo modificado por qualquer motivo e por quem quer que seja, o que é garantido por Lei. Meira, como defendendo essa premissa, arremata assim: Meira arremata esse subitem assim: “Não aceitamos em nenhuma hipótese, sob qualquer justificativa, mexer, mutilar, destruir tal patrimônio. Problemas novos que surgem em função do progresso urbano merecerão soluções outras que não as dessa morbidez de aniquilar o passado (MEIRA FILHO, 1973, p. 169)”.

2.4 A PEDRA DO PEIXE: MARCO INICIAL DO VER-O-PESO

O Ver-o-Peso, originou-se como um porto natural, semelhante às praias de água doce que conhecemos nos dias atuais, o qual a povoação se apropriou; “ficava na desembocadura do alagadiço e igarapé do Piri, que lançava suas águas na Baía do Guajará” [...] (ARRUDA, 2003, p. 63).

[...] a nova concentração de colonos e comércios fez com que o desembarcadouro da praia do Forte venha a se deslocar para a margem direita do Igarapé do Piri, ficando como ancoradouro principal da cidade durante o século XVII, no espaço entre a Rua dos Mercadores e a desembocadura do Piri com a baía do Guajará (ARRUDA, 2003, p. 64)

Quando Arruda (2003) afirma que a concentração de pessoas na margem direita do Igarapé Pirí, fazendo com que se potencializasse esse espaço como sendo o principal ancoradouro e conseqüentemente o principal ponto de comercialização, o autor mostra que a sociabilidade hoje marcante naquele ponto se assemelha aquela iniciada, ainda, no período colonial. A Rua dos Mercadores – a que se refere Arruda (2003) – é na atualidade, a Rua João Alfredo e marca o nascedouro do Ver-o-Peso, porque definiu o espaço do ancoradouro, onde está a Pedra do Peixe, espaço ao qual o autor se refere como criado pela concentração dos colonos e a comercialização local, portanto espaço de sociabilidade.

Esse ancoradouro - e porque não dizer o Ver-o-Peso - desde sua origem vem sofrendo mudanças ao longo dos tempos, até chegar ao que é nos dias atuais, mudando usos e funções em seus diversos setores, nas muitas reformas por que passou ao longo do tempo; porém, desde antes da primeira função administrativa, que foi a taxaço, já existia ali a verdadeira base que resultou nesse grandioso complexo, e sua Pedra do Peixe.

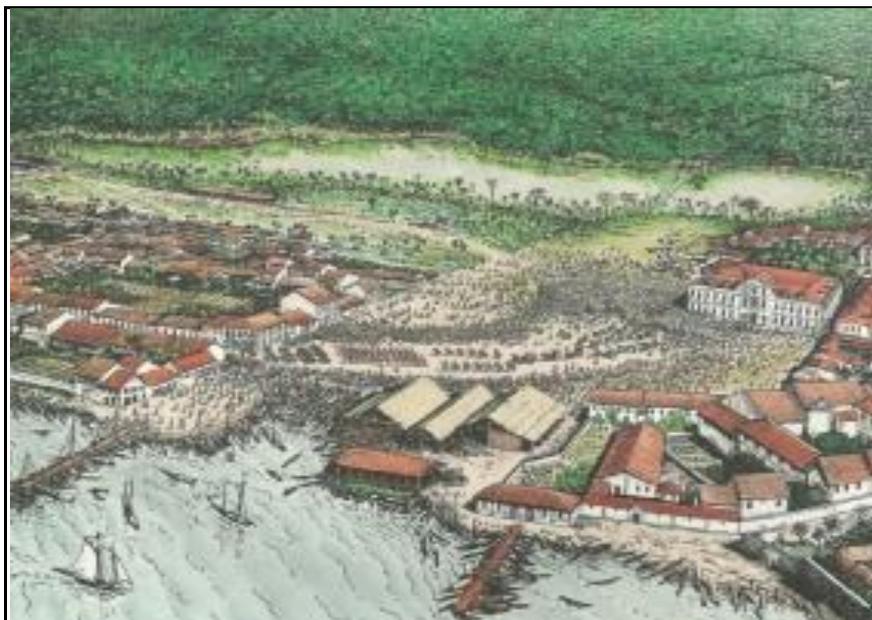
Embora o costume popular de embarque e desembarque de pessoas e de drogas do sertão tenham potencializado o surgimento da mesa do Haver-o-Peso, ainda no ano de 1625 (CRUZ, 1973, p.103), a consolidação do entreposto pesqueiro na doca do Ver-o-Peso foi gradativa, até ao do final do século XVII, quando se iniciou as primeiras construções de trapiches rudimentares para facilitar o embarque e desembarque. Segundo Barata (1975, p. 134) em 1791 já existia a Ponte da cidade, na realidade um trapiche construído de madeira regional, mas sua oficialização como entreposto pesqueiro data de 28 de setembro de 1839, quando a função do Haver-o-Peso deixou de ser o de arrecadação ou taxaço de produtos, momento em que o trapiche existente passou a ser oficialmente “destinado a ser a ribeira do

peixe fresco” (BARATA, 1975, p. 134), função essa que já conta com quase dois séculos de existência oficial. Barata complementa:

A casa e balança do *Haver do Peso*, para cobrança do dízimo dos gêneros de exportação, foi estabelecida na ponte de embarque da *praça* pelo governador, José de Napoles Tello de Meneses. O antecessor deste governador já havia ordenado o estabelecimento dessa repartição, sem, contudo, ter podido levar avante este projeto, por oposição do Senado da Câmara. A ponte em que estava a balança do *Haver do Peso*, em uma pequena casa de madeira, ficava no espaço compreendido entre a rua da Cadeia (depois Rua dos Mercadores; hoje João Alfredo) e a rua Boa Vista (depois rua da Imperatriz e hoje 15 de Novembro [...]). Daí veio o chamar-se, por corruptela, a esse lugar o Ver-o-Peso, nome que ainda hoje tem, vulgarmente (BARATA, 1973, p. 134).

A ponte a que Barata se refere, provavelmente era como um trapiche rústico, como os que se conhece até os dias de hoje e que é muito encontrado como pequenos portos e ribeiras da Amazônia. O autor afirma que “a ponte era de madeira, e bem extensa; ficava na frente da casa do *Haver do Peso*, ao lado da doca de mesmo nome (BARATA, 1973, p. 134). Mas a casa *Haver-o-Peso* resistiu naquele local até 1847, quando “foi mandada demolir por lei provincial” (BARATA, 1973, p. 68), o historiador lembra que já se faziam oito anos que esse espaço fora destinado exclusivamente ao controle do peixe fresco ou *ribeira do peixe fresco*, mas a casa de madeira ainda resistia. A ilustração da figura 14 demonstra como poderia ser esse trapiche, trazendo uma ideia de como seria essa ponte que ficava na margem direita do Igarapé Pirí.

Figura 14 – Ilustração mostrando o trapiche denominado de ribeira do peixe fresco por volta de 1793



Fonte – Pinto, s/d.

A figura 14 apresenta uma ilustração de Luiz Pinto, que faz parte de uma revista ilustrada com a história do Círio de Nazaré (sem data, p. 13), onde apresenta o que seria a primeira romaria do Círio de Nazaré, a qual foi realizada em 8 de outubro de 1793; nessa ilustração o pesquisador mostra os dois trapiches existentes, sendo que o trapiche da esquerda seria o que Barata se refere como a ribeira do peixe fresco ou ponte da cidade e que fica localizado de modo coincidente com a Pedra do Peixe atual.

A planta de Belém de 1791 (figura 15) mostra dois trapiches adentrando o rio e dá base à ilustração de Pinto (s/d), conforme indicado na figura 15. O trapiche da esquerda veio, mais tarde, a definir as margens da atual Doca do Ver-O-Peso, construída no final do século XIX com pedras em forma de prismas retos de bases retangulares. Segundo Arruda (2003, p. 66), “as obras do cais da cidade com muralha revestida de pedra cataria⁶³, prismática, foi iniciada em 1848 e concluída em 1859, indo do convento de Santo Antônio até ao Castelo”. O fato da construção do novo cais em substituição ao trapiche de madeira, ser de moldado em pedra sobre pedra, pode ter influenciado para que naturalmente esse local tenha sido denominado mais tarde de Pedra do Peixe, em substituição ao termo criado, ainda no período colonial, “ribeira do peixe fresco”.

Figura 15 – Ilustração mostrando os dois trapiches, o da esquerda seria a ribeira do peixe fresco



Fonte: Arquivo Histórico do Exército, Rio de Janeiro (2013).

⁶³ Pedra cantaria é rocha lavrada ou moldada para tomar formas, como as de sólidos geométricos, principalmente paralelepípedo, para utilização em construção.

A figura 16 apresenta a imagem da enseada das embarcações, em um cartão postal de Belém, onde à direita se percebe que ainda não existia o Mercado de Peixe, em seu lugar havia um outro prédio, mas o cais de pedra já estava executado, incluindo o cais da esquerda que hoje dá para a Feira do Açaí.

Figura 16 – Ilustração mostrando a Pedra do Peixe sem o Mercado de Ferro ao fundo



Fonte: Belém da Saudade (2014, p. 64).

A imagem da figura 16 serve muito bem para comparar com a imagem da figura 17, onde se nota que houve uma melhor definição da pavimentação em volta da enseada das embarcações, definindo melhor o que é hoje a Pedra do Peixe e ao fundo, já construído, o Mercado de Peixe, construído de peças metálicas – pré-fabricadas - importadas da Inglaterra. Essa imagem também mostra “um quiosque construído ao lado do Mercado ao centro a embarcações à vela e em primeiro plano as pessoas nas embarcações ou caminhando na via” (ARRUDA, 203). Ainda segundo Arruda:

O engenheiro Francisco Bolonha foi o construtor e também o investidor capitalista que importou as peças do Mercado de Ferro e ele possuía a concessão do Mercado e o monopólio do peixe, por fornecer gelo – era dono de fábrica de gelo – aos que lhe vendessem com exclusividade o pescado (p. 70).

As figuras 16 e 17 já foram referenciadas indiretamente nesta tese pela pesquisadora Dorotéia Lima, no início do item 2.3, quando a autora afirma que as imagens iniciais captadas através de fotografias mostrando em primeiro plano a doca das embarcações do Ver-o-Peso são do final do século XIX, quando nem existia ainda o Mercado de Ferro ao fundo da paisagem.

Figura 17 – Mostrando enseada das embarcações, ao fundo o Mercado de Peixe



Fonte: Belém da Saudade (2014, p. 67).

As figuras 18; 19; 20 e 21, apresentam lado a lado, imagens em dois tempos, mas no mesmo ângulo de visada, da **Pedra** para efeito comparativo. As imagens da esquerda foram disponibilizadas no blog da FAU/UFPA, com créditos para Robert Swanton Platt, que mostram o Ver-o-Peso e arredores em 1935 e as imagens da direita foram por mim captadas para tal comparação.

Figura 18 – Enseada das embarcações próximo à 15 de Novembro



Fonte – FAU/2014 e autor (2014).

Desse modo na figura 18, mostra em primeiro plano a enseada das embarcações e ao fundo a esquina da Rua XV de Novembro com a Avenida Portuguesa; pode-se notar que o uso do local não mudou ao longo do tempo e que a socialização através do desembarque de mercadorias e comercialização continua marcante, como pode ser notado também na figura 19, vista em um ângulo da Praça do Relógio para ter ao fundo o Mercado de Peixe.

Figura 19 – Mercado de Ferro ao fundo e a Pedra visada da Praça do Relógio



Fonte – FAU/2014 e autor (2014).

A figura 19 é visada de um ponto que permite da calçada oposta à Pedra do Peixe, em um ângulo visual que permite ver ao fundo – à esquerda – o Mercado de Peixe e ao centro as embarcações com seus *tripulantes* em seus barcos – *pescadores* - Furtado (2003, p. 23). Na figura 20 é apresentada uma visada da **Pedra** tendo ao fundo da paisagem as Praças do Relógio e Dom Pedro II, mas em primeiro plano, a de se notar na imagem de 1935, o desembarque de frutas e vasilhames de cerâmica enquanto que na imagem de 2014 todas as embarcações estão carregadas de pescado, mas novamente é marcante o uso e socialização daquele espaço.

Figura 20 – Ilustração mostrando uma visão da Pedra, a partir do Mercado de Ferro



Fonte – FAU/2014 e autor (2014).

Em um apanhado geral das figuras de 18 a 21, apresentam esse comparativo de dois tempos da história da **Pedra** e se observa que há uma utilização constante do local como ponto principal de chegada, saída e comercialização de mercadorias no local, bem como de interação de vários atores que ao seu modo e com seus objetivos próprios faziam e fazem ocorrer naquele lugar as mais diversas demonstrações de interações sociais, nas diversas atividades ali desenvolvidas.

Figura 21 – Enseada da Pedra do Peixe vista do lado oposto ao Mercado de Ferro



Fonte – FAU/2014 e autor (2014).

Assim se passa a história nesse local desde o primeiro *barqueiro* vindo do interior trazendo produtos para abastecer a cidade nos idos dos tempos coloniais, até os dias atuais; contando assim, além dos *barqueiros*, com diversos personagens profissionais como os vendedores, *balanceiros*, *golpistas*, *carregadores*, *viradores* e os *compradores*, dentre outros. Observa-se que o Ver-o-Peso e a **Pedra** tratam-se disso, de atores que usam esse espaço para a realização de suas atividades com interação ente si, fazendo renascer diariamente esse Símbolo encrustado na Cidade de Belém, mas que também é fonte de conflitos.

Penso que como aconteceu comigo desde criança, muito belenense aprende a ter uma relação com esse local, aprendendo a gostar do Ver-o-Peso e sua Pedra do Peixe, sentimento esse que passa de geração em geração, de pai para filho, de avô para neto, como uma tradição. Quando se pensa em um prato à base de peixe fresco, é possível que o pensamento vá ao Mercado de Ferro ou ao setor de alimentação dessa feira, para muitos belenenses e se for em maior quantidade, a **Pedra** é um referencial, pois lá tem preço bom no atacado, compra-se em quantidade a partir de 10 quilos, embora alguns *balanceiros* vendam a partir de cinco quilos, dependendo da demanda.

Eu encontrei e até entrevistei várias dessas pessoas, como a dona Maria José, 51 anos, que compra diariamente, de terça a sábado, cerca de 10 a 15 quilos de pescado, geralmente “dourada” ou “pescadinha”, para preparar aos seus clientes no pequeno restaurante popular que ela no bairro da Guanabara em Belém, ela afirma que compra o pescado na **Pedra**, porque “é fresquinho e tem preço”, daí ela pode oferecer um prato feito com “precinho que ninguém pode reclamar”. A dona Maria José sai do seu bairro às 4 horas, compra pescado por volta das 5 horas e 6 horas, 6h:30 ela já está em casa para iniciar os trabalhos no restaurante. “Eu acordo cedo porque tenho que encontrar os *balanceiros* sentados, porque se não... quando não tem peixe fica ruim, eu não vou comprar dos

*mercosul*⁶⁴, eu sei de quem comprar, eu ganho no preço; os meus fregueses sabem que eu só vendo peixe fresco. “

Mas estão ali presentes, também, outros *compradores* como o “Bento” é um *comprador* profissional de pescado, ele compra para supermercados, para atender encomendas de fora do Estado e para clientes que adquirem peixe em grande quantidade, é um sujeito muito brincalhão e quando tem uma folga ele procura conversar com os *balanceiros* e contar piadas, para o riso coletivo. Uma madrugada do mês de novembro de 2013 ele comprou 4 mil quilos de sarda para exportar à Hong Kong, “ Eu represento os caras que não querem vir aqui na **Pedra** de madrugada, mas eu faço tudo direitinho, porque se eu falhar eu perco meus clientes, eu vendo até pra China eu sou...(concluiu entrevista com uma pornofonia), mas mostrou que é um *comprador* oposto a Maria José, que compra 15 quilos por dia, enquanto ele compra toneladas, diariamente.

O Ver-o-Peso se mostra, desse modo, um mercado popular, no qual se realizam trocas de mercadoria por dinheiro, mas também trocas simbólicas, trocas culturais entre a cidade e o *hinterland* paraense. Garantindo a reprodução espacial, mas também cultural daquele mercado popular da cidade, onde existem igualdades na lógica de funcionamento comercial e quanto ao uso, mas desigualdades inerentes da individualidade dos sujeitos que o constroem diariamente; afinal, “o espaço se dá ao conjunto dos homens que nele se exercem como um conjunto de virtualidades de valor desigual, cujo uso tem de ser disputado a cada instante, em função da força de cada qual (SANTOS, 2008, p. 317).

A história do Ver-o-Peso e o significado a ele atribuído pela população de Belém e pelos sujeitos que fazem o seu cotidiano, o seu funcionamento ao longo do tempo, desde o período colonial quando foi iniciado, marca a vida da cidade. Fazendo com que seja “ referência para as demais feiras e mercados de Belém e do interior do Pará, tanto por sua estrutura como pela diversidade de produtos regionais ofertados (SILVA e CASTRO, 2014, p. 181). Essa referência de Silva e Castro (2014) é como a confirmação de que o Ver-o-Peso é reproduzido simbolicamente em cada mercado popular da cidade.

⁶⁴ Mercosul é uma categoria de *balanceiros* que compram de outros *balanceiros* ou de *barqueiros* o pescado, fiado, e revendem na própria Pedra, mas eles roubam no peso, cerca de 10%, segundo o comentário na Pedra.

CAPÍTULO III: ETNOGRAFIA NA PEDRA DO PEIXE

*Olha o cofo, a pescada
Caranguejo e a dourada
Leve dois ao preço de um
Aproveite que está no fim
Aproveite que está no fim.
(Armando Hesketh)⁶⁵*

A feira da madrugada formada por muitas pessoas, como os *balanceiros Tetéo*, o Gouvêa, o *peixeiro* Francisco, e a *peixeira* Pingo, o *carregador Faisca*, o *comprador Guru*, a vendedora de caixas de *papelão* Luiza, e tantos outros sujeitos, que se reúnem em torno da circulação do pescado na Pedra do Peixe, tem similaridades quanto ao horário⁶⁶ com a “feira do açai”⁶⁷, pois ambas se operacionalizam nas madrugadas belenenses reunindo pessoas e produtos nas inter-relações comerciais, mas também quanto à forma de comercialização de venda direta em ambiente onde muitos sujeitos se conhecem, realizam suas relações comerciais e também de sociabilidade, outra semelhança é quanto a periodicidade, ambas funcionam de segunda feira à sábado. Mas cada uma tem sua especificidade.

Muitas pessoas que adentram nesse fluxo vêm de bairros distantes do centro histórico, são *compradores* ou feirantes de outros recantos da cidade que se abastecem, abastecem comerciantes ou consumidores finais, que compram no Ver-o-Peso, que transportam as mercadorias para seu destino específico, em fluxos culturais e fluxos comerciais do pescado. Todos levados por suas necessidades de estar presente nesses locais para tais transações, que poderiam ser de simples comercialização, mas que as perpassam e vão além, passando para outro nível de interação onde estão amizade, confiança, aliança e sociabilidade; no entanto “[...] torna-se fundamental que esses significados de fluxos culturais dialoguem com categorias, mercado, dádiva e reciprocidade de maneira articulada e provocativa com os debates científicos clássicos [...] (BORGES, 2013, p. 24)”.

Muitos feirantes da cidade, como o Francisco⁶⁸, se associam para dividir as despesas de transporte, com outros companheiros para irem juntos à **Pedra**, à feira do açai ou

⁶⁵ Pregões – Música tema da Peça teatral *Verde Ver-o-Peso*, também conhecida como **Feira**, de autoria de Armando Hesketh.

⁶⁶ Quanto ao horário, tanto a Feira do Açai como a Feira da Pedra funcionam nas madrugadas porque vendem por atacado aos comerciantes que revendem seus produtos durante o horário comercial.

⁶⁷ A Feira do Açai é formada na rua que fica na margem oposta à Pedra e suas adjacências, entre o Forte do Castelo e a doca das embarcações do Ver-o-Peso, é o local, onde desembarca açai, ervas medicinais, farinha, e diversas frutas vindas de cidades do interior do Estado para comercialização.

⁶⁸ O Francisco é mais conhecido na Pedra como *Mancha*, por causa de um sinal de cor vermelha, tendendo para o grená, que ele tem no rosto. Ele vai à Pedra pelo menos três vezes por semana. Na feira da Tavares Bastos, onde ele trabalha, é apelidado pelos companheiros de *Mutante*. O Francisco é meu interlocutor na pesquisa, mas

a outro ponto do Ver-o-Peso, nas madrugadas belenenses. Esse tipo de associação ocorre a partir de vários bairros da cidade e todas essas relações se transformam em amizade, confiança, reciprocidade e sociabilidade; apresentando características semelhantes às das dádivas estudadas por Mauss (2003, p. 191), segundo quem “essas prestações e contraprestações se estabelecem de uma forma, sobretudo voluntária [...]”. No caso da associação observada, há também a necessidade coletiva de juntar forças, economizar, se proteger e, principalmente, comprar.

Embora narrado – adiante – como se fosse uma madrugada qualquer das tantas vivenciadas na **Pedra** pelo Francisco, seus companheiros de feira, centenas de outras pessoas e pelo autor, que estava interessado – em estudar as interações sociais do local, não posso deixar de destacar aquela em que notei o quanto a sonoridade e movimentação naquele lugar foram intensificadas a partir de um determinado intervalo de tempo em que gritos e falatórios emitidos em um volume intenso pelos atores sociais que se reúnem naquele espaço, quebraram o silêncio antes reinante, pois se essa sonoridade for comparada com a de alguns instantes antes, quando ainda é noite ou de instantes depois da feira da madrugada, quando amanhece o dia, percebe-se que são outros sons de tipo muito diferente. Tanto a intensidade do som aumenta, como a quantidade de pessoas ocupando cada pedacinho dos espaços, marcando vivamente a paisagem local, como fazendo parte do espaço físico e da madrugada da **Pedra**, caracterizando-a.

Quem não está acostumado ou tem contato pela primeira vez com aquele local, fica com a lembrança marcante do som característico da madrugada na **Pedra**, como que *martelando* na sua mente, confirmando que “o espaço físico e o tempo onde um som é ouvido são parte integral do som e da experiência do espaço público urbano” (CASALEIRO, QUINTELA, 2008, p. 1) e assim acontece nas madrugadas da **Pedra**, onde há a gritaria e o falatório, mas que ao amanhecer se cala ou muda de repertório, cedendo lugar aos sons intensos e característicos do tráfego urbano, abafando as conversas dos novos atores que interagem na feira durante o dia.

Movimento de corpos e sonoridade em função da recepção e distribuição do pescado é a tônica daquela paisagem todos os dias, desde a madrugada até o sol raiar plenamente, transformando-a na **Pedra** sonora do peixe, em um intervalo aproximado de 4 ou 6 horas de muito dinamismo social. Desse modo, na paisagem do Ver-o-Peso tendo a **Pedra**

antes da pesquisa eu já o conhecia e era freguês dele na feira porque ele vende peixes grandes, como o filhote (*Brachyplathystomafilamentosum*), a pescada amarela (*Cynoscionacoupa*) e a gurijuba (*AriusLuniscutis*), que eu sempre estou comprando aos sábados com ele.

como parte integrante de sua riqueza simbólica, “mistura-se ao vozerio da caboclada que negocia e fica marcado o vai-e-vem de uma população que ali se acumula desde os primeiros tons da madrugada ao crepúsculo manso de visões intraduzíveis no entardecer desta cidade morna do equador” (MEIRA FILHO, 1973, p. 168).

A partir de agosto de 2013 a Administração Municipal de Belém fez valer o disposto no Decreto Municipal nº 39.326/2001⁶⁹, quando ficou mais rigoroso o horário do término do comércio do pescado na **Pedra** pela manhã, o qual não pode passar das 6 horas, quando o local deve estar todo limpo, lavado e desimpedido para o turista eventual e o nativo do cotidiano poder ir e vir – na visão da política de governo da Administração Municipal que assumiu no início de 2013. Em consequência as atividades do comércio na **Pedra** se iniciam cada vez mais cedo, observado a autorização para seu início a partir de zero hora. O que foi constatado no meio do mês de dezembro de 2013, quando o pescado estava ficando mais escasso⁷⁰, pelo fator sazonal.

Com esse rigor, a partir de agosto de 2013, houve a proibição – mais uma vez – da venda de pescado no varejo ao amanhecer, logo após as atividades dos *balanceiros* e demais trabalhadores da **Pedra**, conflitando fortemente com a tradição de venda de peixe sobre caixotes, por pequenos comerciantes que compram do *balanceiro* o pescado que saiu das urnas dos barcos e por algum motivo não foram vendidos no atacado e que pode ser, ou geralmente é considerado como um pescado fraco⁷¹ ou um peixe de segunda⁷². No entanto em junho de 2014 já havia “um certo relaxamento” quanto a permissão para venda de peixe nos tabuleiros improvisados sobre caixotes até cerca de 8 horas da manhã enquanto ocorre a lavagem da **Pedra**.

Mas, na ocasião a que me refiro, para efeito narrativo e etnográfico, ficou marcada uma breve imagem da gênese dessa dinâmica diária de atores sociais se reunindo na **Pedra**, quando o meu relógio de pulso marcava 2h26 em uma madrugada chuvosa, no final do mês abril de 2013 -- portanto antes da ordem da Prefeitura para começar os trabalhos mais cedo, que nessa época começavam às 3 horas -- foi observado que, como se um despertador natural

⁶⁹O Decreto Municipal nº39.326/2001 é o instrumento normativo que regulamenta o uso do Complexo Ver-o-Peso e dá outras providências.

⁷⁰ Nos meses mais chuvosos da região (de dezembro até abril), segundo o *balanceiro* Gouvêa, há uma significativa diminuição da quantidade de pescado capturado, tanto em função das águas mais turvas como pela diminuição de barcos em sua busca.

⁷¹ Pescado fraco é aquele considerado de qualidade comercial inferior, em razão de apresentar menor possibilidade de conservação. A causa de sua perda de valor é ter sido retirado, e mantido fora do gelo por um período de tempo que pode comprometer sua conservação, estando próximo de estragar em face ao processo de apodrecimento com as fibras exauridas (ficando moído).

⁷² Peixe de segunda é aquele tido como de “segunda categoria”, que não é muito apreciado pelo consumidor final e consequentemente tem um valor comercial mais baixo, devido à pouca procura.

tivesse sido disparado, várias pessoas começaram a falar em voz alta, andando e convergindo para a beira da **Pedra**, formando um burburinho em torno dos barcos ancorados. Tem início assim, a dinâmica que se repete diariamente por todo o ano, com exceção das madrugadas de sábado para domingo, ocasião em que não há desembarque e comercialização do pescado em função da necessidade de existir um dia de descanso semanal para os trabalhadores envolvidos nesse processo, definido também por força da aplicação daquele Decreto Municipal.

Os primeiros veículos de transportes coletivos que trazem muitos desses trabalhadores surgem na Avenida Boulevard Castilhos França, conforme pode ser observado nas figuras 22 (A) e (B), onde à esquerda aparece um micro-ônibus na Avenida Portugal e a direita uma van pela Rua 15 de Novembro, disputando espaço com *balanceiros*, balanças, *viradores*, *carregadores* e outros profissionais que estendem espacialmente suas atividades para a via, nas madrugadas.

Figura 22 - Coletivos trafegando de madrugada trazendo trabalhadores para o Ver-o-Peso



Fonte: Autor, 2013.

Antes do rigor impetrado pela Prefeitura de Belém, a partir de agosto de 2013, havia trabalhos em todos os dias, “com exceção somente para o dia do Círio de Nazaré” (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 108), quando no local há uma grande festa em homenagem à Padroeira dos paraenses. A proibição do trabalho na **Pedra** aos domingos é motivo de reclamações entre os trabalhadores segundo quem “na segunda feira é muito *mole* o movimento, diminuindo o ganho de todos” (Gouveia, *balanceiro*, 05/11/2013), “praticamente *fica* dois dias sem movimento aqui” (Tetéo, *balanceiro*, 05/11/2013). Quem sente muito mais são os *peixeiros* do Mercado de Ferro, porque eles vendem muito peixe aos domingos e têm

“dificuldade de *segurar o peixe*⁷³ por dois dias” (*Jatene, peixeiro, 05/11/2013*). Está iniciando um dia de trabalho na **Pedra**.

Quem assistiu a peça teatral paraense “Verde Ver-o-Peso”⁷⁴ e vê essa cena real, compara e percebe que os autores da obra captaram esse momento de despertar de um novo dia, e o representaram ao público no início da peça; assim, como do mesmo modo, o compositor Chico Sena também retratou esse momento na sua música popular, que se tornou um clássico local, feita para sua cidade, onde tem um trecho que trata do início diário da feira (...) “*Belém, Belém, acordou a feira que é bem na beira do Guajará*” (...), em uma alusão a esse momento de despertar diário da maior feira da Cidade, quiçá do Brasil, com todos os seus atores sociais que, em rede, dão vida àquele pedaço de Belém. Mas a Peça teatral, também traz um alerta nos versos da música temática “Pregões”, de Armando Hesketh, quando diz: “*aproveite que está no fim*”, pois existem pressões conflituosas para mudar de lugar, na Cidade, o entreposto pesqueiro da **Pedra**, que será tratado em outro item sobre conflitos e informalidades na **Pedra**.

Mas, retornando ao despertar da **Pedra**, observei naquele dia de modo especial, que esse processo diário envolve muitos atores sociais ou personagens reais que surgem de madrugada na **Pedra**, às vezes ainda de noite, para assumirem uma posição inicialmente de comércio, mas que passa a ser solidária no decorrer do trabalho, dentro de categorias diversas, atando ligações⁷⁵ com outras pessoas formando uma rede social total⁷⁶ - aqui chamada de **Rede** - que é tecida em função dessa atividade maior, que vai desde a captura até a recepção e se estendendo pela circulação do pescado para toda Belém, parte do interior do Pará, outros estados brasileiros e até outros recantos internacionais.

Assim, este capítulo trata da divisão do trabalho, etnografia e redes sociais na **Pedra**, seus personagens, sociabilidade e reciprocidade. Analisando o modo como os personagens envolvidos nesse movimento se organizam, relacionam-se e atuam nesse espaço, fazendo parte de uma rede social que na **Pedra** se consolida com a recepção, passando em seguida pela comercialização, até fazer o pescado chegar ao consumidor final; mas que tem antecedentes, num processo se inicia de fato, com uma organização prévia, em um

⁷³Segurar o peixe é um termo nativo que significa conservar o pescado com qualidade, no gelo e em outros cuidados específicos.

⁷⁴ Verde Ver-o-Peso: é uma Peça teatral escrita por Geraldo Sales na década de 1980, que sempre é encenada, atualizada e muito requisitada, retratando a feira do Ver-o-Peso e seu dia a dia, a qual inicia quando os personagens, após uma noite de sono no próprio local, acordam para o trabalho diário.

⁷⁵ Ligações entre atores em uma rede social são canais para fluir informações ou recursos sejam materiais ou não materiais. Wasserman e Faust (2009)

⁷⁶ Rede social total é uma abstração de primeiro grau da realidade e contém a maior parte possível da informação sobre a totalidade da vida social da comunidade a qual corresponde (Barnes, 2010, p.179).

planejamento - mesmo mínimo que seja – muito importante, antes da pesca propriamente dita, que ocorre “lá fora”, seja marinha, estuarina ou fluvial. A organização é crucial para a existência e o funcionamento dessa rede social em torno do pescado.

A rede social total, para circulação do pescado – a **Rede** – é composta de pessoas que se inter-relacionam desde a organização da viagem, antes da pesca, passando pela pesca propriamente dita, pelo transporte até a **Pedra**, onde há a maior comercialização do pescado, e se estende até ao consumidor final, fazendo com que esse seja a última parte da rede social tecida. Listando as categorias profissionais envolvidos nessa trama temos: *pescadores*, *cozinheiros*, *geladores*, *maquinistas*, *geleiros* ou *barqueiros*, *encarregados*, *viradores*, *balanceiros*, *carregadores*, *compradores*, *embaladores*, *carreteiros*, *motoristas*, *taxistas*, *soldados*, *revendedores*, *fiscais*, *policiais*, *profissionais de atividades acessórias diversas*, *ambulantes*, *ladrões* e *consumidores*.

Todos fazem parte da **Rede**, alguns lá fora, outros muitos na **Pedra** e outros tantos na malha urbana da cidade, mas todos envolvidos na circulação do pescado. Circulação essa que, embora tenha passado por muitas modificações ao longo do tempo, mantém-se ativa, possivelmente nos mesmos moldes há séculos, tendo sua gênese na Belém colonial e vindo por todo esse interstício de tempo aumentando proporcionalmente com o crescimento geográfico e populacional da cidade até os dias atuais nessa segunda década do século XXI, não se sabe até quando.

Alguns trabalhadores que atuam na **Pedra**, como o vendedor de peixe salgado Amarildo e o *balanceiro Tetéo*, preveem que haverá um fim dessa atividade se as autoridades, que pressionam, resolverem realmente retirar esse entreposto pesqueiro do Ver-o-Peso ou houver diminuição significativa da população e espécies de pescado ou mesmo se não houver mais trabalhadores das categorias existentes e necessárias para os ofícios que fazem dinamizar a **Rede**, considerando que seus ofícios foram iniciados quando ainda eram crianças e que hoje é proibido o aprendizado infantil, o que impede a renovação do contingente desses trabalhadores, havendo desse modo várias ameaças às atividades da **Pedra**, que por esses motivos podem vir a ter um fim, como Armando Hesketh escreve nos versos de sua canção [...] “aproveite que tá no fim”.

3.1 FLUXO DA PRODUÇÃO DO PESCADO: O TRABALHO DAS CATEGORIAS INTERCONECTADAS EM REDE SOCIAL

O fluxo de produção do pescado consumido em Belém se forma a partir do planejamento para sua captura, momento em que se providencia insumos, reparos nos equipamentos, na embarcação e demais preparativos necessários à próxima viagem aos rios e litoral, onde se dá essa captura. Nas embarcações, os *tripulantes* são os profissionais responsáveis por capturar e por trazer a produção ao Ver-o-Peso, onde de modo sequencial há a recepção e a distribuição desse pescado à cidade. Os *tripulantes* confiam no *encarregado* ou no *barqueiro* para que o pescado seja todo vendido em terra, pois seu ganho está atrelado a essa venda e essa confiança. O *balanceiro* é o profissional que trabalha na **Pedra** em quem o *barqueiro* confia para realizar a comercialização do seu pescado.

A **Pedra** é o ponto de centralidade no qual, *balanceiros*, *viradores*, *carregadores* e *compradores* diversos, bem outras categorias de trabalhadores se encontram em um limiar entre água e terra, nas madrugadas belenenses, para essa parte do fluxo.

Os *tripulantes* de barcos que não conseguirem despachar o pescado até o sábado pela manhã, terão que esperar até a madrugada de segunda feira para poder descarregar novamente tal pescado, havendo aí um interstício não desejado por todos que atuam na **Pedra**.

Mas de um modo geral, o comum é que, ao chegar à **Pedra**, haja o desembarque do pescado, e, *tripulantes* das embarcações encontrarem-se com os atores sociais que trabalham na **Pedra**, os quais recebem e comercializam seu pescado. Todos ao reunirem-se e interagirem, o fazem de modo característico às interconexões das redes sociais.

O início do desembarque se efetiva pela colocação de pranchas de madeira forte com largura de no mínimo 50 centímetros, espessura de 5 centímetro e comprimento variável próximo de 4 metros, que servem de rampas para ligar o barco à **Pedra**, em seguida se inicia a retirada do pescado das urnas do porão das embarcações que são jogados pelo *gelador* para cima (ao convés) quando o pegador vai recolhendo cada peixe e colocando nas basquetas, o pegador ou outro *tripulante* empurra a basqueta para próximo das rampas enfileiradas e vai empurrando até que o *virador* a apanhe na base da rampa que está assente na **Pedra**, em seguida esse trabalhador vira a basqueta na caixa do *carregador* que essa altura já está sobre a balança, sob o olhar atento do *balanceiro* e do *comprador*.

As figuras 23 (A; B; C e D) e 24 (A e B) mostram os respectivos momentos da retirada do pescado das urnas do porão do barco ao seu convés onde são recolhidos para a

basqueta pelo *pegador* e em sequência a passagem do produto da embarcação para a **Pedra** através das rampas ou pranchas de madeira, onde se nota os atores sociais da água e terra se encontrando nas suas atividades específicas no fluxo do pescado. Só pega no pescado que tem luva para evitar contaminação ao produto que é muito perecível.

Figura 23 (A; B; C e D) – Saída do pescado das urnas do porão ao convés da embarcação e depois à basqueta



Fonte: Autor, 2013.

No barco do Juramí, umas das vezes que o acompanhei seu trabalho e sua tripulação na **Pedra**, observei e etnografei bem essa operação e sua sequência, na qual o pescado é retirado das urnas que estão cheias de gelo e em seguida é jogado do porão da

embarcação para cima (ao convés), pelo *gelador*⁷⁷ Tom, ocorre em sintonia com o pedido ou demanda da venda pelo *balanceiro* e ocorre sempre de modo semelhante ao que é apresentado nas figuras sequenciais de 23 a 24.

Figura 24 (A e B) – Pranchas de madeira para levar a basqueta com pescado da embarcação para a Pedra



Fonte: Autor, 2013.

Há uma série de gestos e gritos entre esses atores sociais que tem o mesmo significado, por exemplo ao tempo em que o *balanceiro* grita “desce mais dourada” ele faz o gesto com o braço, como chamando alguém. Ou “empurra essa caixa”, também é feito o gesto com os dois braços como alguém que está empurrando algo.

Observei que a habilidade gestual e corporal é potencializada pelos gritos e a linguagem apropriada para o lugar. Os atores sociais usam muito a pornofonia durante seu trabalho e reforço gestual com as mãos ou outras partes do corpo nesses momentos. Creio que seus gritos são proporcionais ao burburinho do seu ambiente na **Pedra**, para serem ouvidos, pois estão ali reunidos cerca de 900 a 1200 pessoas⁷⁸ que falam e gritam ao mesmo tempo e só desse modo é possível ser ouvido. No entanto observei também que o *balanceiro Tetéo* tem

⁷⁷ *Gelador* é o *tripulante* encarregado de gelar o pescado e, em terra, ele retira o pescado do porão para o convés, onde é depositado nas basquetas para em seguida serem conduzidas à Pedra.

⁷⁸ A estimativa de 900 a 1200 pessoas é uma média estimada pela SECON (2011) mas seus técnicos consideram que esse número é um volúvel em momentos diversos nas madrugadas da Pedra.

problema de acuidade auditiva e isso, segundo um oftalmologista que procurei para se manifestar se essa situação diária pode afetar a audição humana e ele confirmou que “ o grito já é um sinal de que muitos ouvem mal e possivelmente, por isso se comunicam dessa forma”, é como um acordo coletivo de se comunicar.

Mas as habilidades corporais são essenciais para os trabalhadores desse *locus* e uma categoria de trabalhador que é muito exigida é a do *gelador*. O *gelador Tom, lá fora*, já armazena cada espécie nas urnas com gelo em camadas de modo que ele sabe onde está cada espécie classificada por tamanho; ele retira o pescado com destreza, fazendo vários movimentos corporais.

No porão, primeiramente o *Tom* se abaixa para pegar o peixe retirando-o do gelo, levanta e na maioria das vezes – quando o peixe é de tamanho médio ou até 80 centímetros - pega o peixe pelo rabo com a mão direita, apoiando a cabeça do pescado com a mão esquerda, estica o braço para cima ao mesmo tempo em que impulsiona o corpo, flexionando ligeiramente o joelho, joga o pescado para o convés, rapidamente.

Quando o pescado é menor (40 ou 50 cm), basta uma mão para arremessa-lo ao convés; mas quando o pescado é maior que 80 cm é mais demorada a operação, pois de início são necessárias as duas mãos para retirá-lo do gelo e arremessa-lo para cima com a ajuda de um pegador que está no convés.

Chegando no convés, o pescado é catado pelo *pegador*⁷⁹, que o coloca nas basquetas, as quais são direcionadas à rampa⁸⁰, que liga o barco à **Pedra**, onde é recebida pelo *virador Mendes* (auxiliar do *Teté* nesse dia). O trabalho no convés é feito com certa sincronia entre o *Gato* e o *Bena*, que se revezam entre apanhar o peixe no convés, encher as basquetas, arrumando para caber o máximo de pescado, “quando bem arrumado cabe até cinquenta quilos de pescado, quando não cabe uns trinta” (quilos); a basqueta é empurrada para fora do barco através da rampa e ao mesmo tempo é vigiada para não haver furto de peixe.

O *gelador Tom*, está em atividade lá no porão, o qual está abarrotado de gelo recobrimdo o pescado, mais o gelo que fica no corredor; embora esteja de botas, luvas e todo vestido com roupa sobre roupa, ele sente o efeito da baixa temperatura que gira em torno de 5 a 8 Graus Celsius, mas diz que “já estou acostumado, é 8 anos nessa vida” [...], O *Tom* se

⁷⁹ Pegador é a denominação que o *tripulante* recebe nesse momento em que ele pega o peixe no convés para arrumar na basqueta e conduzir para fora da embarcação.

⁸⁰ Rampa nesse sentido, descrito, é uma tábua de madeira de lei, forte com no mínimo 5 cm de espessura, 50 centímetros de largura e 4 metros de comprimento, usada para ligação do barco à Pedra, onde esse está ancorado.

chama Antônio Silva, tem 32 anos, nasceu e mora em Belém, na Vila da Barca⁸¹ e pescava com o tio (Osvaldo) desde garoto, só parando para entrar no Serviço Militar; quando saiu da Marinha, [...] “O tio Valdo não pescava mais, não tinha mais peixe aqui por perto, aí eu tinha 21 anos, fui trabalhar embarcado, primeiro como *tripulante (pescador)* e depois como *gelador*”, [...] “ganho bem mais, aqui”.

Mesmo sem saberem, eles se tornam componentes da rede de circulação do pescado em Belém, são *tripulantes* da embarcação como o *barqueiro* Juramí, o Tom, o *Bena* ou *balanceiros* – como o *Teté* e o Gouvêa - ou *carregadores* como o *Faísca*, o *Padre* e o Hidelbrando; são *viradores*, como o Célio e Marcelo; são conferentes, como o Mena; são *compradores* de vários segmentos, dentre os quais estão o *Bené* Maria, que compra exclusivamente para uma grande rede de supermercado de Belém, ou o *Guru* que compra para vários comerciantes, restaurantes de Belém e de outras cidades, estão também os *peixeiros* Jatene, o Pedro Sá e o Francisco, além de outros tantos *compradores*; estão ainda trabalhadores diversificados em atividades que são importante nesse fluxo, como a vendas de caixa de papelão para embalar o pescado antes de ser despachado no veículo que o transporta até seu destino, nas feiras, mercados e outros locais de venda; além de vendedores de cafezinho, mingau e tantos outros produtos ali demandados.

Após a **Pedra** estão vários atores sociais no fluxo do pescado, até chegar ao consumidor final. São pessoas que trabalham em alguma etapa da circulação do pescado e que se interconectam uns com os outros, para tal objetivo. Existe desse modo uma grande rede social, a qual na sua abstração característica interliga esses atores sociais que promovem a circulação do pescado.

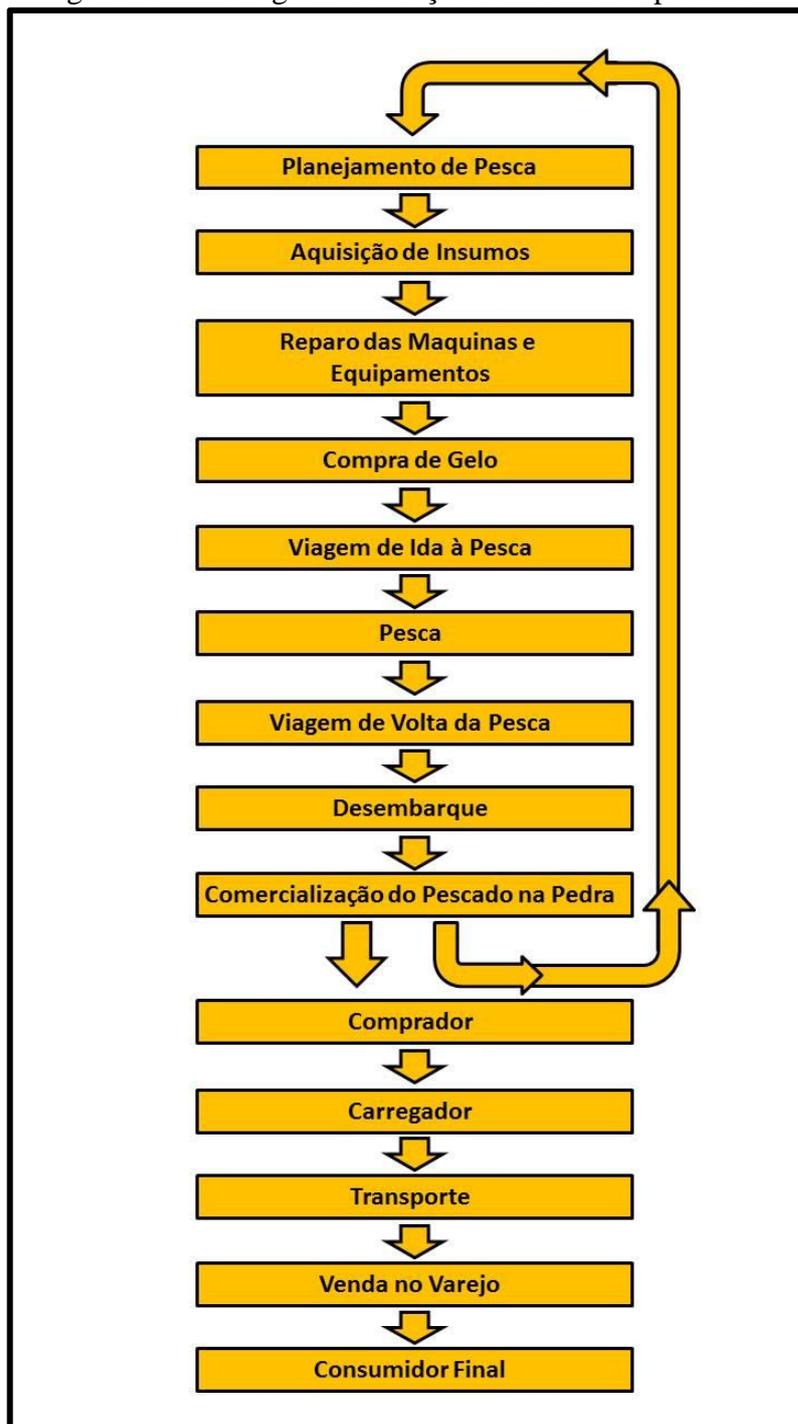
Antes de estudar de modo prático a grande **Rede** tecida em torno do pescado, optou-se por apresentar o fluxo da produção do pescado, juntamente com as atividades e categorias dos atores dessa **Rede**, que pode se iniciar no planejamento da pesca, seguido da aquisição dos insumos necessários à ação de pesca, concomitantemente aos reparos nas máquinas e equipamentos da embarcação e de uso essencial como as redes.

No caso dos barcos que partem de Belém, após as providências iniciais, seguem rumo a cidade de Vigia, no litoral nordeste paraense, onde completam o abastecimento de combustível e procedem a compra do gelo; em seguida se inicia a viagem, até o local ou ponto da pesca ou captura do pescado, onde os *tripulantes* passam cerca de 10 a 28 dias nessa atividade, até encher as urnas com peixes e gelo ou até acabar o gelo para acondicionar e

⁸¹ Vila da Barca é uma comunidade, originalmente ribeirinha, localizada nas margens da baía do Guajará, no bairro do Telégrafo, em Belém.

conserva-lo; após o que há a viagem de volta à **Pedra**, quando ocorre o desembarque e a comercialização pelos *balanceiros* aos *compradores*, que geralmente são revendedores e fazem o pescado chegar ao consumidor final. A figura 25 apresenta um fluxograma dessa atividade.

Figura 25 – Fluxograma das ações em torno do pescado



Fonte – Autor, 2014.

Ressalta-se que *tripulantes, encarregados, barqueiros e balanceiros* com os quais eu estive em companhia durante minha pesquisa muito se queixam da diminuição de pescado nos pontos piscosos nos últimos oito ou dez anos. Atualmente os barcos levam 25 dias *lá fora* e por vezes trazem as urnas com a metade da sua capacidade; uma embarcação com capacidade para 20 toneladas consegue trazer 10 toneladas ou 13 toneladas de pescado. “Acaba o gelo a gente precisa vir de volta, vai na Vigia (cidade) abastece de gelo e vem *pra* Belém” (encarregado Athias, março/2014).

Quando se esgota o pescado da embarcação é prestado conta para que os *tripulantes* recebam o que lhes cabe e a partir de então eles iniciarão procedimentos para nova jornada de pesca. Fica implícito no fluxograma da figura 25, que há atividades de pessoas em cada etapa, os quais se relacionam, como em **Rede** social, para levar pescado à **Pedra** e fazê-lo circular na **Malha**, e, portanto, cada ponto desse fluxo pode conter várias redes parciais que formam a **Rede**, ou seja a **Rede** social total do pescado que vem à **Pedra** para circular na malha urbana de Belém.

Em resumo, no fluxograma estão as etapas ou atividades empreendidas para pesca, comercialização e circulação do pescado por Belém do Pará; do planejamento para realizar a pesca, seu desembarque e comercialização na **Pedra**, momento após o qual os *tripulantes* recebem seus proventos resultantes da venda do pescado na **Pedra** e iniciam um outro ciclo para realizar nova pescaria e ao mesmo tempo prossegue, de modo independente, a comercialização que faz circular o pescado pela malha urbana, para chegar ao consumidor final.

Os trabalhadores dessa **Rede** exercem suas atividades por categorias, agindo individualmente, mas com características específicas de cada categoria, havendo relacionamentos comerciais entre os atores sociais aí envolvidos. Leitão e Rodrigues (2011) percebem as relações de reciprocidades existentes entre as categorias na **Rede**, no fluxo.

Uma primeira abordagem deixa perceber as relações de reciprocidade entre as diferentes categorias de trabalhadores, revelando igualmente as redes sociais que emergem nos mercados e como a dinâmica de tais ambientes depende da existência dessas redes interpessoais (LEITÃO e RODRIGUES, 2011, p. 1).

As autoras ao perceber que a relação entre as categorias de trabalhadores e consumidores nas redes parciais se dá dentro dos princípios de reciprocidade, elas também consideram que essas redes garantem a dinâmica e a circulação no mercado. Abordagens qualitativas e quantitativas de pesquisa em torno da rede social imbricada nesse processo

trazem à discussão, a relevância quanto a sua composição, sua importância para as muitas categorias de trabalhadores envolvidas ou dependentes dessa atividade e aos muitos beneficiados, aí incluídos os consumidores finais que saboreiam o peixe regional nos lares, restaurantes, botequins e outros locais onde pode ser servido; em uma evidente conotação de que o *modus operandi* é realizado com seres humanos em forma de redes sociais.

A trama é feita por indivíduos que se relacionam em rede para vender e comprar produtos, onde o principal objeto é o pescado e sua circulação, e, embora cada um tenha um posicionamento contextual específico, eles passam a formar categorias interligadas por objetivos específicos, passíveis de serem analisados pela sua importância cultural e socioeconômica. Para Mitchell (1969, p. 3) “é com a teoria da troca e da ação que se encontra a base para análise de redes”, dessa forma, para esse autor, a ideia de rede social está cada vez mais sendo utilizada por antropólogos como uma forma de compreensão do comportamento de indivíduos e suas redes sociais.

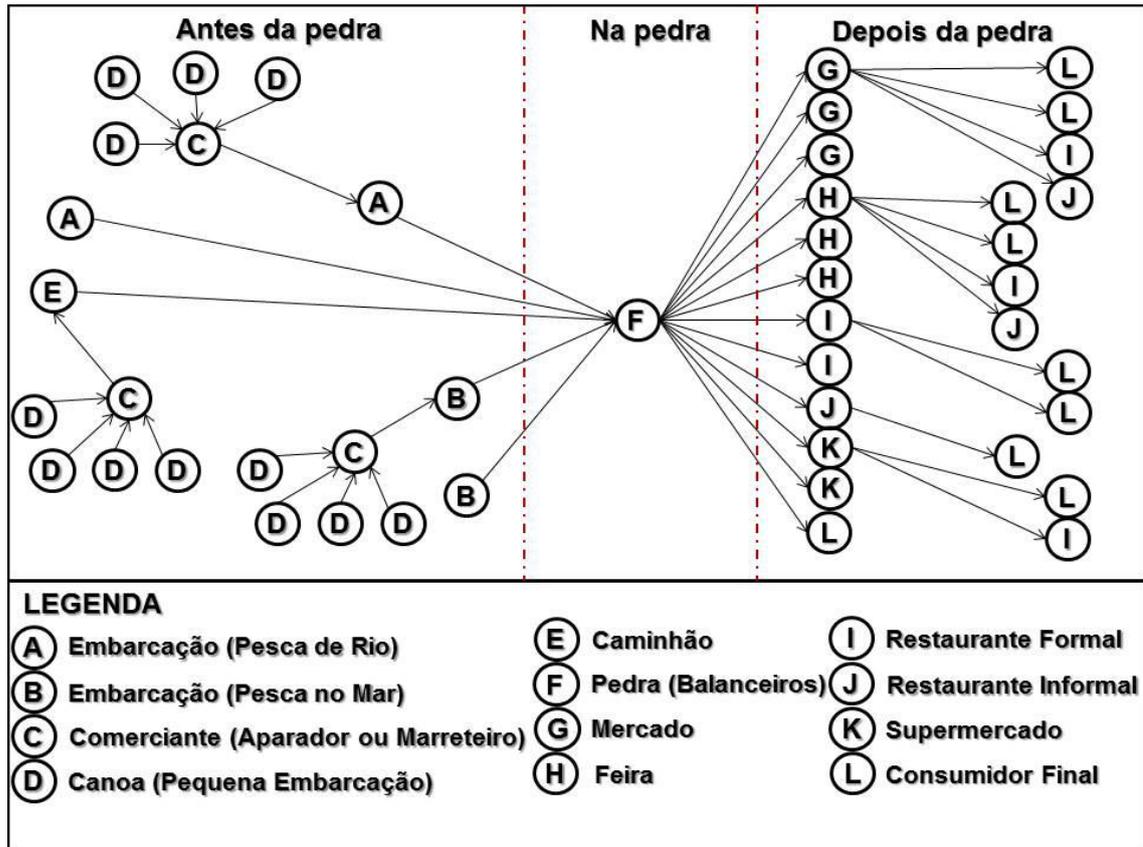
No caso dos trabalhadores ligados a distribuição do pescado no Ver-o-Peso é importante a análise da **Rede** para detalhar a **posição de membros das categorias**, o que fazem, como fazem, quais as especificidades “desse” fazer; como se relacionam, como vivem, de onde são e outras informações de cunho antropológico. As conexões interpessoais que surgem a partir da afiliação a uma determinada categoria, fazem parte da “rede social total tanto quanto as que vinculam pessoas de grupos diferentes” (BARNES, 2010, p. 175).

Na figura 26, as letras de (A) até (L) representam, no fluxograma, pontos por onde circula o pescado e onde se encontram os sujeitos da rede social do pescado, podendo cada letra representar uma pessoa, um conjunto de pessoas ou um local onde ocorrem ações relativas às atividades de uma rede social, podendo também ser um veículo que transporta o pescado, mas é importante ressaltar que em todos os pontos têm pessoas se movimentando para fazer circular o pescado na **Rede**. Nesse fluxograma, a letra (F) que representa a **Pedra** é o local que possui maior quantidade de atividades e de pessoas concentradas, é uma centralidade no fluxo representado na figura 25 e na da rede comercial do pescado que circula em Belém do Pará.

A Rede em torno do pescado é formada por atores específicos, dentro de categorias na divisão do trabalho, implícitos nos pontos representados no fluxograma da figura 26 em uma escala quantitativa bem maior, pois essa representação do fluxograma se repete, multiplicando-se várias vezes com diferentes atores sociais, mas mantendo ou pouco diferenciando quanto ao fluxo apresentado.

A figura 26 apresenta um **fluxograma** com a representação dos três momentos da Rede, formada em torno do pescado que chega à **Pedra**: 1) Antes da **Pedra**, 2) na **Pedra**, e 3) depois da **Pedra**. Pode ser notado que é somente um modelo de fluxo das atividades, mas que representa etapas das ações que os sujeitos envolvidos empreendem, objetivamente, dentro da Rede.

Figura 26 – Fluxograma das atividades antes da Pedra, na Pedra e depois da Pedra no âmbito da Belém continental



Fonte Autor, 2013.

No entanto nesse fluxograma, os pontos grafados pelas letras (A) e (B) representam embarcações que transportam o pescado até a **Pedra** (F), mas essas embarcações podem ser aquelas que trazem esse pescado do “ponto”⁸² de pesca direto à **Pedra**, bem como pode ser uma embarcação que vem de um centro pesqueiro como Vigia de Nazaré, Bragança, Soure, onde um comerciante (C) reuniu uma grande quantidade de pescado e mandou para Belém, ou ainda, pode ser aquele tipo de embarcação⁸³, a qual ao mesmo tempo que pesca,

⁸² Ponto de pesca ou pesqueiro, é o local onde tradicionalmente tem mais pescado disponível para ser capturado.

⁸³ Essa modalidade de embarcação, segundo o *balanceiro* Gouvêa, está em franca extinção, em função do medo de piratas e devido a oferta do pescado ter diminuído bastante nos centros pesqueiros, pois pequenos *pesCADORES* vendiam o excesso, hoje pescam mais para se alimentar ou vender nos seus lugares de moradia.

também compra pescado de pequenos *pescadores* no trajeto e que pouco a pouco consegue uma quantidade suficiente para trazer até à **Pedra**.

Os pontos (A) e (B) representam embarcações, com seus *tripulantes pescadores*, que ora estão em atividades no litoral, no mar (B) ora nos rios (A) do estuário do rio Amazonas. O ponto (E) representa caminhões que tanto podem trazer o pescado ao Ver-o-Peso (F), como também pode levar o pescado da **Pedra** para outros locais de consumo. O ponto (C) representa os comerciantes ou marreteiros do ramo, donos de embarcações, que investem na pesca e compram o produto dos *pescadores* de pequenas embarcações (D), para abastecer Belém através de suas embarcações mais potentes que as dos *pescadores* das suas localidades. O comerciante (C), pode estar em Belém e até concentrar sua base de embarcações na cidade e a partir dessa base organizar a pesca realizada nos pontos e trazidas para a **Pedra**.

A **Pedra** (F) representa o ponto de maior centralidade na **Rede**, pois é o local que concentra o maior movimento de pessoas reunidas, entre essas os *balanceiros* e conseqüentemente possibilita o maior número de ligações na **Rede**, recebendo e fazendo circular o pescado para os centros consumidores aí representados pelas letras (G), (H), (I), (J), (K) e (L), que são respectivamente os mercados de Belém, as feiras, restaurantes formais⁸⁴, os restaurantes informais (boeiras), os supermercados e o contingente de pessoas aí atuantes ou os consumidor final, além de outros vendedores ambulantes, de peixe.

Cada agrupamento liderado por um *balanceiro* é comparável ao que Barnes (2010, p. 179) denomina de uma rede social parcial, como já foi mencionado anteriormente, a qual se interliga com outras tantas, através da dinâmica de seus elementos, para formar a rede social total do pescado, a **Rede**, tão grandiosa que só se torna alcançável – para uma possível análise – através dos seus fragmentos parciais, como o que é apresentado na figura 27, no qual o *balanceiro Tetéo* é um elemento de centralidade. Esse modelo de rede social se repete por toda a **Pedra**, por isso é tomado como parâmetro ao estudo da posição, da dinâmica ou papel dos seus elementos e do que leva a transformação de uma relação econômica em uma rede tanto comercial como de sociabilidade.

Na **Pedra**, como em outro setor apontado no fluxograma da figura 26, existem várias redes sociais parciais, que formam a **Rede**; é o caso da rede do *Tetéo* apresentada na

⁸⁴ Restaurante formal é aqui considerado aquele que funciona dentro das formalidades legais como uma empresa estabelecida e registrada nas instituições específicas. Enquanto que o restaurante informal a que se refere esta pesquisa é aquele que ao contrário do formal, não possui documentação característica de empresa estabelecida, por exemplo as barracas e os boxes de feiras e pontos de venda de alimentos em esquinas da cidade e outros locais, sem a devida legalização.

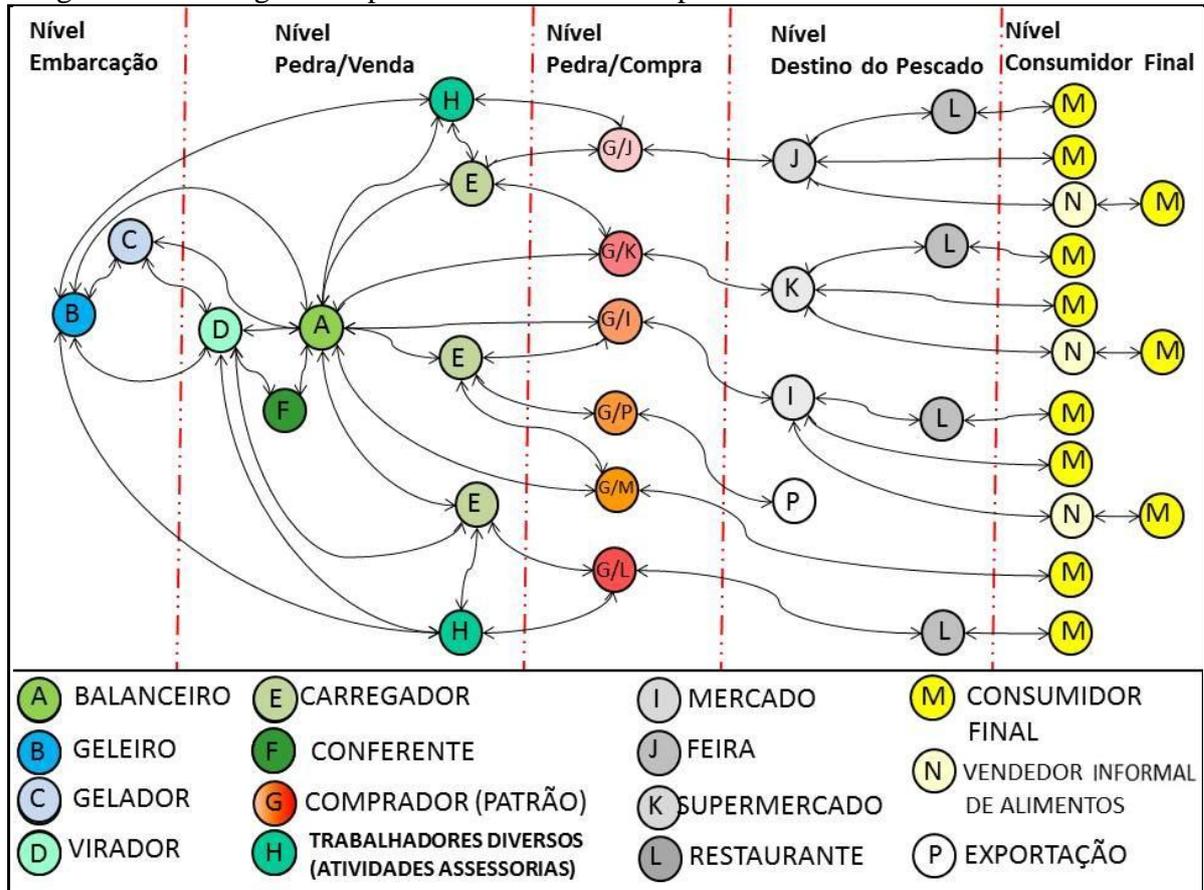
figura 27, em um sociograma que representa o modelo de uma rede social parcial, onde o *balanceiro Tetéo* (A) é um nó *alfa*⁸⁵, abastecido de pescado, nesse caso, pelo *barqueiro Limatão* (B). Essa rede visa apresentar os atores sociais atuantes na **Pedra**, do ponto de vista do *balanceiro Tetéo* (A), que é a figura que tem maior número de ligações, portanto é um *nó de centralidade* ou nó *alfa* dessa trama, considerando – ainda – nos estudos de redes sociais, empreendido por Barnes (2010, p. 181), que considera essa rede como uma estrela de primeira ordem. Às pessoas que têm ligações diretas com *alfa*, Barnes (2010, p. 181) chama de contatos de primeira ordem de *alfa* e desse inicia a análise de posição de cada indivíduo da rede social. *Tetéo*, um *balanceiro* da **Pedra**, faz o papel de intermediário entre um *barqueiro*, o *Limatão*, ponto (B) e um *comprador*, o Anísio (G/I); o *barqueiro* ou *geleiro* é o proprietário da embarcação, às vezes ele contrata um *encarregado* para o comando do barco, pode acontecer de o *balanceiro* ser também o dono do barco, “hoje em dia, tem *balanceiro* que são os donos dos barcos, de frota de geleiras” (*Tetéo*, entrevista em 17/11/2013). O *Tetéo*, ao tratar sobre o assunto afirma:

Tem *barqueiro* que não tem mais filho *pra* continuar o seu trabalho ou então deve muito, aí negocia com *balanceiro* que entra nesse negócio de ter embarcação, quer dizer que ele (o *balanceiro*) ganha no pescado e ganha no peso; mas não deve ser fácil não, lidar com *tripulante*, hum! Não tem mais homem que queira trabalhar embarcado, não. Isso é uma coisa que passava de pai pra filho, mas agora garoto não pode mais trabalhar...roubar ele pode, mas aprender um ofício enquanto é *moleque*, não pode (*Tetéo*, entrevista em 5/6/2014).

No sociograma apresentado na figura 27 aparecem o *balanceiro Tetéo* (A), que vende o pescado do *barqueiro Limatão* (B) e é auxiliado pelo *virador Bote* (D). O *Limatão* (B) tem cinco *tripulantes* na embarcação, desses só aparece no sociograma o *gelador Moacir* (C).

⁸⁵ Pessoa ou nó *alfa*, é explicada por Barnes (2010), como sendo importante para análise de uma rede social quanto a posição, assim: “é melhor tomarmos primeiramente o critério da posição. As conexões na rede total são relações diádicas entre pessoas, e uma maneira óbvia de isolar uma posição ou localidade social na rede, para estudo detalhado, é qualquer pessoa *alfa* e examinar a rede a partir do seu ponto de vista” (Barnes, 2010, p. 180).

Figura 27 - Sociograma representando rede social parcial com os atores atuantes na Pedra



Fonte – Autor, 2013

O *Tetéo* tem um sobrinho de apelido *Mena* (F), que é seu auxiliar – quiçá futuro substituto - e uma espécie de conferente, fica do seu lado observando e conferindo tudo em volta ou vai fazer mandados como comprar cafezinho e ao mesmo tempo aprendendo o ofício, o *Tetéo* disse: “não coloca o *Mena* aí, professor”, querendo dizer para eu não mencionar o seu sobrinho na pesquisa, o que fiz parcialmente sem entrar em detalhes. Os *carregadores* próximos, nesse caso, eram o *Fáisca* (E) e o *Motorzinho* (E).

Em geral, o *Limatão* (B), que é dono de barco, negocia o preço do pescado, com o *Tetéo* (A), mas quando o *encarregado* é empregado do *balanceiro*, como o *Tetéo* declarou anteriormente, “nesse caso ele não interfere no preço”. No barco do *Limatão* está o *gelador* Moacir (C), o qual é um *tripulante* que tem o papel importante de classificar e gelar o peixe “desde lá de fora” e de retirá-lo das urnas internas da embarcação, por espécies, jogando-os no convés do barco onde o *pegador*⁸⁶ o recebe e o coloca nas basquetas para serem levadas do barco à **Pedra**.

⁸⁶ Pegador é um *tripulante* encarregado de pegar o pescado, que vem das urnas no porão e é jogado para o convés da embarcação, para pô-los nas basquetas que serão desembarcadas para a Pedra.

Na **Pedra**, neste caso etnografado, está presente o *virador* apelidado de *Bote* (D) que é um dos sujeitos que trabalha direto com o *balanceiro Tetéo* e é elemento de sua confiança, o *Bote* recebe o peixe do *gelador Moacir*, que trabalha embarcado como *Limatão* ou o retira das caixas de isopor⁸⁷, que a essas alturas já estão posicionadas próximo do *balanceiro*, colocando o produto solicitado na caixa do *carregador Faísca* (E) que já está na balança do *Tetéo*, o pescado é pesado pelo *Tetéo* sob os olhares atentos do *comprador* e em alguns casos de um auxiliar do *balanceiro* – o *conferente* - (F), do *geleiro* ou *barqueiro Limatão* (B) que fica por ali atento. Afinal o peixe é dele e de sua *tripulação*.

A figura do *virador* (D) é essencial nesse processo, pois é ele quem trabalha direto com o *balanceiro*, “sendo geralmente parente desse ou seu conhecido há bastante tempo, em quem o *balanceiro* deposita muita confiança” (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 113), ele também deve ser forte para poder levantar a caixa do *carregador* juntamente com esse, até ajustar bem na sua cabeça, mais especificamente na *rodilha* desse *carregador* que após o devido equilíbrio sai carregando 100 quilos quase correndo.

O *carregador* (E), às vezes, é o que encontra o *comprador* ou *patrão* (G), levando-o ao *balanceiro*, ao qual é mais ligado, tem melhor relacionamento ou que poderia oferecer mais vantagem, conforme o caso, para negociação final do pescado, mas o comum é o *comprador* pesquisar, escolher bem o produto, o preço e o *balanceiro* proceder a troca, a compra e a venda; [...] o sentido de troca e de circulação das coisas é apenas parte material de fator bem maior que envolve o espírito humano (BORGES, 2013, p. 30).

A partir dessa etapa a rede social se dilui bastante, porque os *carregadores* e *compradores* são diversos, não tem – *a priori* - compromisso de comprar com o *Tetéo*, já que estão lá presentes cerca de cem a cento e cinquenta *balanceiros* vendendo nas proximidades, mas aí está um detalhe importante, alguns *compradores* são fiéis a um determinado *balanceiro* e isso ocorre porque é criada uma aliança entre e eles, há uma relação além da simples comercialização, e nesse caso os laços ou ligações se fortalecem, havendo “um contrato que é mais geral e mais permanente além do mercado” (MAUSS, 2003, p. 191).

Isso é um detalhe importante para a antropologia, pois do ponto de vista do sistema capitalista, dominante, deveria haver somente a simples compra e venda de mercadorias (MARX, 2008), mas a “economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais” (POLANYI, 2000, p. 65), e isso pode levar às relações de prestações totais (MAUSS, 2003, p. 193), progredindo para as relações mais intensas de sociabilidade

⁸⁷ Caixas de isopor, geralmente com capacidade para 200 litros, conservam pescado que vêm pela estrada, dos centros pesqueiros como o município de Vigia.

(SIMMEL, 1983, p. 168). Mesmo os sujeitos que não possuem aparentemente laços fortes com determinados atores sociais em posições de prestígios, podem muito bem se relacionar com outros de prestígios semelhantes aquele com o qual pouco se relaciona ou possui laço fraco. Isso demonstra o quanto há interconexões nas redes sociais que a tornam mais densas e laços fracos com uns sujeitos implicam em laços fortes com outros.

Depois do *comprador* há a continuidade da distribuição do produto até chegar ao consumidor final - Josefa (M) por exemplo - que o adquire do varejista Francisco, na feira da Tavares Bastos (J), ou outros consumidores nos mercados (I), supermercados (K); chegando também nos restaurantes oficiais (L) e os restaurantes informais, como o da boieira Joana, (N), que vende o peixe frito ou cozido em uma barraca na Feira da Tavares Bastos, aos fregueses que o degustam no almoço. O *comprador* pode ser dono de talhos em mercados e feiras dos bairros, como o Francisco, o Maciel ou o *seu Moju*; pode ser um dono ou gerente de restaurante como o Germano, que compra para o restaurante que ele administra dentro de um clube da cidade; pode ser um *comprador* profissional como a Socorro Araújo e o Guru ou mesmo uma pessoa comum, uma dona de casa, que vai somente consumir e quer comprar em quantidade com preço bom.

Essa rede social parcial que interage, com outras redes semelhantes, segundo os princípios de comercialização, mas também da reciprocidade, é composta por muitos atores sociais envolvidos na trama, os quais dependem uns dos outros, e quanto mais se ajudam, se comprometem mutuamente, mais estreitam ou fortalecem seus laços, como trata Corrêa e Leitão:

A estreiteza das relações permite certos compromissos entre vendedores e *compradores* de pescado, pois muitas vezes o dinheiro é adiantado ao marreteiro⁸⁸ para compra do pescado, por alguém a quem ele se compromete a entregar toda sua produção. Encontram-se nesse emaranhado social também, além da reciprocidade, muitas relações de parentesco, seja consanguíneo ou por afinidade. (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 125).

Um *comprador* bem tratado pelo *balanceiro*, retorna para comprar desse sujeito, o *carregador* que ajuda a escolher o peixe, evitando que o patrão leve *peixe fraco*, passa a ser essencial para esse *comprador* e pode ganhar gorjeta extra, confiança e preferência desse, por isso.

⁸⁸ Marreteiro, na Pedra, é uma denominação pejorativa atribuída aos *balanceiros*, em uma conotação no sentido negativo, pois, por eles são atravessadores, seriam os responsáveis pela alta dos preços do pescado na Pedra. Nos locais onde tradicionalmente há movimentação de pesca artesanal, o Pará, marreteiro é o atravessador que compra o pescado do pequeno *pescador* para revenda no mercado local ou para venda em Belém ou outra localidade, até fora do Estado.

O *balanceiro* que vende fiado ao *peixeiro* também constrói um vínculo de confiança, uma aliança, de reciprocidade a partir do prolongamento da relação comercial. Mas, essa aproximação, de que se refere Corrêa e Leitão (2010, p. 125), cria outros desdobramentos a serem tratados a seguir, como a garantia da distribuição e consequentemente da renda obtida com a venda do pescado e até empréstimos eventuais.

O *balanceiro Tetéo*, assim como outros atores sociais locais, fazem parte de redes sociais de compra, venda, mas também de amizade, parentesco e muita troca. O *Tetéo* chega mais cedo e já conta com um grupo de sujeitos, que lhe dão apoio, ali, diariamente, como o *virador Assis*, que a essa altura já está posicionando a cadeira e balança do *Tetéo*, próximo do barco (que ia servir ao *Tetéo* naquele dia) com capacidade para 20 toneladas, cujo encarregado e dono é o *Limatão* que ajuda o Assis a carregar e posicionar a balança e fica com sua tripulação a postos para o desembarque do pescado que é pesado e vendido pelo *Tetéo*.

A renda da venda é dividida de modo que o *balanceiro Tetéo* recebe 6% do valor bruto apurado; o restante (94% do valor bruto da venda) é dividido entre os custos tanto com a manutenção do barco, como reposição de peças e consertos de avarias na máquina e outros pontos do barco ou compras de redes malhadeira, nylon para seus reparos, pagamento de insumos e despesas com a próxima viagem, consumindo 50% do que restou do valor bruto apurado, após o pagamento do *balanceiro*. O restante (outros 50%) é usado no pagamento da tripulação, sendo que o *geleiro*, o *cozinheiro* e *maquinista* têm valores fixos, pré-estabelecidos, por viagem, enquanto que o encarregado e os demais *tripulantes* recebem em função da quantidade do pescado capturado e depois vendido.

Em um exemplo simulado dessa contabilidade, onde uma embarcação de porte médio, que traz 20 mil quilos de pescado a ser comercializado no valor de R\$8,00/quilo, poderia obter uma receita bruta de R\$160.000,00 e nesse caso 6% equivale a R\$9.600,00; que seria o que cabe ao *balanceiro* para comercializar esse pescado, restando R\$150.400,00; cuja metade é R\$ 75.200,00 que vai para o *barqueiro* pagar despesas com a viagem e manutenção da embarcação e esse mesmo montante de recurso (a outra metade) é utilizado para pagar a *tripulação*. Desse valor de R\$75.200,00 (pagamento da tripulação) o *barqueiro* paga também ao *encarregado* que recebe, nessa partilha, algo em torno de 25% a 30%, depois paga o *maquinista*, o *gelador* e assim o restante desse recurso, finalmente chega para pagar os *tripulantes*. Mas os *barqueiros* continuam se queixando das dificuldades de trazer pescado à **Pedra** por diversos motivos, principalmente – como colocado anteriormente – a diminuição

da população piscosa nos seus ambientes aquáticos, além do constante aumento dos custos dos insumos, peças de equipamentos, de pesca e de reposição nas embarcações.

Outro trabalhador que encontrei nas minhas idas e vindas à **Pedra** foi o *balanceiro* Gouvêa⁸⁹, que foi meu amigo na adolescência e juventude. No início dos anos de 1980 estudávamos juntos e já naquela época ele começou a trabalhar no comércio de madeira prensada, tipo *compensado*, cujas chapas recebia na Doca do Ver-o-Peso, próximo da **Pedra**. Portanto ele já atuava naquele local. Hoje é *balanceiro* e dono de embarcações, tanto geleiras que são aquelas nas quais o pescado é conservado no gelo, como barcos frigoríficos, nos quais o peixe é conservado em frigorífico, esses últimos geralmente capturam pescado para ser vendido às indústrias ou empresas exportadoras do produto.

O Gouvêa, ao trabalhar recebendo chapas compensadas na Doca do Ver-o-Peso, observou o potencial de ganho que a Pedra do Peixe representava e iniciou – na **Pedra** – uma atividade como auxiliar de vários *balanceiros*, no início da década de 1980, quando havia a inspeção da Divisão de Vigilância Sanitária da Secretaria Municipal de Saúde da Prefeitura de Belém, sobre o pescado que era trazido das balanças para a lateral de um prédio, tipo quiosque (Figura 28), que existia instalado na **Pedra**, na esquina da Avenida Portugal com a Rua 15 de Novembro⁹⁰.

Figura 28 – À esquerda está o quiosque de fiscalização do pescado da Pedra



Fonte – FAU/UFPA, 2014.

⁸⁹Gouvêa é ao mesmo tempo dono de embarcações e *balanceiro* na Pedra.

⁹⁰De um modo geral eram pesados e vistosos por amostragem, nas próprias caixas dos *carregadores*.

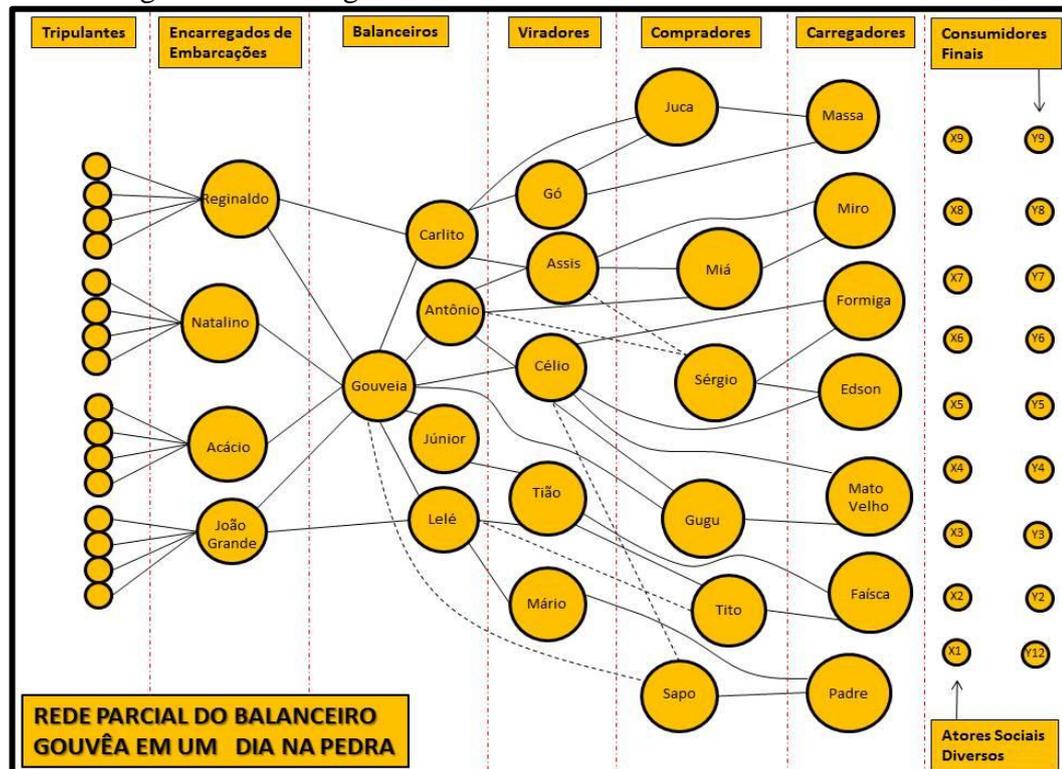
A figura 28 mostra o ambiente da **Pedra** em imagem dos anos 1970, que apresenta o quiosque que existiu ali até metade da década de 1980. O Gouvêa preenchia, nessa época, um talão que deveria acompanhar cada caixa de pescado a ser inspecionada. Essa atividade era um transtorno para os *balanceiros*, e com ele escrevendo era realizada de forma ágil; aí o Gouvêa passou a ser muito requisitado pelos *balanceiros* para tal serviço, pois ele era habilidoso na tarefa e “*balanceiro* não gosta de burocracia”, segundo declarou. Com o tempo ficou amigo de um *balanceiro* e passou a ser *balanceiro* também, primeiramente auxiliando especificamente esse *balanceiro* e depois vindo a sucedê-lo.

O Gouvêa aceitou ser meu interlocutor nessa pesquisa por nossa amizade e respeito mútuos, me mostrando detalhes que normalmente eu não atentaria e que outros *balanceiros*, jamais me confidenciariam, por se tratar de um grupo ou categoria muito fechada e a maioria deles, normalmente, não está disposto a dar informações para pesquisas ou para qualquer outra finalidade. Embora o Daniel, que é *balanceiro*, mas não atua como tal, pois exerce uma liderança no local, tenha me apresentado para vários *balanceiros*, tive muita dificuldade de obter informações sobre suas atividades na **Pedra**, até a intervenção do Gouvêa.

O Gouvêa, ao mesmo tempo que é dono de embarcações é *balanceiro* também, pois possui cinco balanças, conforme mostra a sua rede, apresentada em modelo, a partir da visão em um dia de pesquisa, na figura 29. Nesse modelo, procurou-se nomear cada *nó* da rede, diferenciando dos sociogramas normalmente apresentados pelos autores que trabalham com redes sociais, como Barnes, que são expostos com círculos e letras para depois serem nomeados, à parte, cada círculo ou seu significado, como no caso da figura 27.

Na ocasião relatada estavam na **Pedra**, quatro das suas balanças mais a balança comandada pelo próprio Gouvêa. Assim, o Gouvêa (A) tem laços com os encarregados – aqui representados pelos quatro que estavam ancorados na **Pedra** - dos seus barcos⁹¹, cada encarregado, por sua vez, têm relação com seus *tripulantes* (tripulação média de sete pessoas por embarcações, os quais têm plena confiança no seu encarregado) e assim o Gouvêa é um elemento de centralidade na rede social em análise -tomando-o como *nó alfa* da rede parcial para análise – ele se liga ao pessoal das embarcações como (nesse dia) os seus encarregados João Grande, Acácio, Natalino, Reginaldo e com seus respectivos *tripulantes*, dos quais eu só consegui maiores detalhes com a equipe do João Grande, que é um encarregado ligado ao *balanceiro* Gouvêa.

⁹¹ O Gouvêa é proprietário de embarcações do tipo geleiras ou douradeiras que o abastecem na Pedra.

Figura 29 – Sociograma com Rede Parcial do *Balanceteiro Gouvêa*

Fonte: Autor, 2013

O Gouvêa liga-se também com os outros atores sociais em terra, como seus *balanceiros* *Lelé*, *Júnior*, *Antônio*, e *Carlinho* com seus respectivos *viradores* *Mário*, *Tião*, *Assis* e *Gó*, mais o seu *virador* *Célio*. O *balanceiro* se liga também com os *compradores* *Sapo*, *Tito*, *Guru*, *Sérgio*, *Miá* e *Juca*.

Por sua vez, os *viradores* se ligam aos *carregadores* diversos da **Pedra**, que são parceiros eventuais, dependendo de estarem próximos e/ou de serem indicados pelos *compradores*, podendo ser, como nesse dia, o *Padre*, o *Faisca*, o *Mato Velho*, o *Edson*, o *Formiguinha*, o *Miro* e o *Massa*.

A partir dos *carregadores* não há, de modo formal, como prever possível pertencimento à rede em análise (Ligada ao Gouvêa); os *carregadores* são contratados por *compradores*. Todos estão representados na figura 29, mas ressalta-se que essa rede representada no sociograma deve ser analisada para aquele determinado dia em que foi percebida, porque a cada dia podem mudar a dinâmica dos atores sociais da **Rede**, por exemplo, o barco que está hoje na **Pedra**, amanhã pode não estar mais, nesse caso outros encarregados estarão presentes na **Rede**.

No sociograma da figura 29, os *nós* que representam atores sociais de “atividades de assessorias” (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 121), diversificadas e esporádicas, como os

vendedores de cafezinho, de mingau, as manicures, as cambistas de jogo do bicho, os vendedores de cigarro, de drogas ilícitas, os ladrões de diversas especialidades⁹², além de outros prestadores de serviços ou vendedores ambulantes de produtos diversificados; os agentes do poder público, os prestadores de serviços na **Pedra**, como cabelereiras, manicures que atendem aos *tripulantes*, bem como os cambistas de jogo do bicho que coletam apostas dos interessados em fazer uma *fezinha*, além dos consumidores finais, aparecem sem as devidas ligações por haver pouca força nos seus laços com essa rede, mas eles a compõem como à outras também e alguns desses sujeitos conseguem fortalecer laços com *balanceiros* e com outros atores da **Rede**, através da fidelidade, amizade, confiança e outras relações criadas nesse meio. Esses atores sociais estão sendo representados no sociograma da figura 26 por X1, X2, X3, X4, X5, X6, X7, X8, Xn.

Estão presentes de modo eventual nessa rede (sem obrigatoriedade) várias outras categorias de atores sociais, que são os fiscais da SECON, os fiscais da Vigilância Sanitária, os policiais militares, os guardas de trânsito e outros profissionais do Poder Público.

Os laços fortes (GRANOVETTER, 1973) dependem de relações duradouras, que, muitas vezes, são estabelecidas a partir do parentesco, da confiança, da empatia, da maneira de interagir, das alianças, que produzem uma sociabilidade fundada na reciprocidade. Mas os sujeitos de laços fracos, como os *carregadores* e *compradores* em geral, em relação à rede parcial do *balanceiro* Gouvêa ou em relação a outra rede parcial qualquer, têm uma importância relevante na **Rede** do pescado, justamente porque eles não são das relações exclusivas dessa ou de qualquer outra rede parcial e desse modo eles podem estar presentes em várias redes parciais, o que implica em uma difusão e uma integração entre as redes parciais, potencializadas por eles, que ora estão presentes na rede cujo o *nó alfa* é o Gouvêa, ora estão na rede do *balanceiro* Tetéo, ora estão em outra rede parcial qualquer, dando densidade à **Rede** total.

Dentro desse raciocínio é possível classificar, para analisar, os atores dessa rede parcial, na qual o *nó alfa* é o Gouvêa, quanto à força dos laços interpessoais (Id., Ibid.), em dois grupos: 1) Os que têm laços fortes, como é o caso dos outros *balanceiros* do seu grupo com seus respectivos *viradores* e dos *encarregados* e suas respectivas *tripulações*; 2) Os *carregadores*, os *compradores*, os agentes do Poder Público, os trabalhadores de atividade de assessorias e os consumidores finais, que são identificados como os que têm laços fracos com o Gouvêa. Esses laços ficam cada vez mais fracos conforme se afastam do contato dele,

⁹² Ladrões de diversas especialidades, porque existem os batedores de carteiras e celulares, os ladrões de peixe, os ladrões de relógios, arrombadores e ladrões de carro e de outros objetos.

considerando para a análise a teoria de Granovetter (1973, p. 1362). Até chegar em consumidores que não tem nenhum laço com a sua rede parcial, mas podem ter laços com a **Rede**, através de outra rede parcial. Foi observado – como comentado anteriormente – que esses atores sociais de laços fracos com o Gouvêa são responsáveis pela união ou aumento da densidade da **Rede**.

A maioria das noções intuitivas de força de um laço interpessoal pode ser satisfeita seguindo essa definição: a força de um laço é uma (provável) combinação de quantidade de tempo, intensidade emocional, intimidade (confiança mútua), e serviços recíprocos que caracterizam o laço. Cada um deles é um tanto independente do outro, embora o cenário esteja evidentemente muito bem inter-relacionado (...). É suficiente para o presente objetivo, se a maioria de nós pudermos concordar, sobre uma aproximação intuitiva básica, se um dado laço é forte, fraco ou ausente (GRANOVETTER, 1973, p. 1361. Tradução livre).

Alguns dos *compradores* são profissionais⁹³, podendo até serem exportadores que querem o pescado *in natura* para manter no gelo e transportá-lo até o seu destino, outros são *peixeiros* das feiras ou mercados de Belém, outros são donos de restaurantes, e assim essa rede – mesmo sendo parcial – se estende até aos consumidores finais Y1, Y2, Y3, Y4, Y5, Y6, Y7, Y8, Y9, Yn.

Como pode ser notado a partir do nível dos *carregadores* há uma mistura das redes parciais, pois o Faísca (*carregador*), ora está prestando serviço para o Guru (*Comprador*) que só compra com o Gouvêa, ora presta serviço para o Francisco (*Peixeiro*) que compra com qualquer *balanceiro*, embora tenha preferência de comprar com o Morango (*balanceiro*), desse modo o Faísca está presente em várias redes parciais, assim como seus colegas de categoria que compõem – passeiam - às diversas redes parciais. O mesmo se dá com alguns *compradores* que têm suas preferências por determinados *balanceiros*. Outros, todavia, não têm essa fidelidade, compram com o *balanceiro* que oferecer pescado de melhor qualidade com o preço mais acessível em cada ocasião e assim, também passeiam nas diversas redes parciais.

Do mesmo modo se dá no nível dos consumidores finais, os quais têm sua preferência de comprar em determinado lugar, por determinado motivo e com determinado fornecedor, mas como no caso dos *compradores* de pescado por atacado, é necessário relativizar sua preferência em função das muitas opções existentes; no caso dos consumidores finais há muitos pontos de venda que a cidade de Belém lhes oferece para aquisição do

⁹³ *Compradores* profissionais são como atravessadores, ou marreteiros que geralmente são contratados para comprar uma determinada quantidade de pescado par abastecer determinado comércio local ou de outro recanto do estado ou de fora desse. Por vezes até para exportar a outro país.

pescado. Eu ouvi moradores da cidade afirmarem que gostam do pescado do Ver-o-Peso, mas que cada vez está mais difícil estacionar lá, falta segurança e outras justificativas mais, para irem às feiras e aos supermercados.

Outras redes semelhantes às do *Teté* e Gouvêa, se multiplicam na **Pedra**, vindo das águas e se estendendo para a malha urbana de Belém ou simplesmente **Malha**, formando a **Rede** do pescado, que envolve comercialização, mas também outros tipos de relações na circulação do pescado em uma dinâmica diária de trabalho. A sequência foi apresentada no fluxograma da figura 25, que representa a cadeia produtiva do pescado e as fases da trama comercial que se transforma em sociabilidade.

Na **Pedra**, os sujeitos se agrupam, mesmo sem saberem, em redes sociais parciais – que são abstrações semelhantes à representada nas figuras 27 e 29 - por interesses mútuos, com práticas de solidariedade nos seus atos desenvolvidas a partir da relação comercial, progredindo num processo que vai além da sociação⁹⁴, porque “as formas nas quais resulta esse processo ganham vida própria” (SIMMEL, 1983, p. 168), onde “cada indivíduo oferece o máximo de valores sociais, compatíveis com o máximo de valores que recebe” (SIMMEL, 1983, p. 172), essas formas “são liberadas de todos os laços com os conteúdos; existem por si mesmas e pelo fascínio que difundem pela própria liberação desses laços” (SIMMEL, 1983, p. 168), ao que esse autor chama de sociabilidade.

É como a escolha da Dona Geovana (empresária do ramo hotelaria) ao comprar do Gouvêa, de querer continuar a comprar dele porque lhe oferece pescado com qualidade, facilita pagamento, atende bem, dentre outros fatores enaltecidos por ela, mais a amizade que se fez a partir da convivência, tenha criado sentido próprio.

A Dona Geovana declara que prefere comprar do Gouvêa porque só vê vantagem em comprar pescado dele, pois – como disse: “Eu compro com ele no escuro, literalmente, né? Tem *muita vez* que eu nem preciso vir aqui na **Pedra**, ele já pega a encomenda em mensagem - ele ou o filho dele, o Júnior - do que eu quero e manda por embarcação que vai passar em Salvaterra, ou carro de frete quando dá e eu recebo tudo embalado direitinho, com *gelo vivo*. Eu só venho mesmo aqui quando tenho que vir em Belém e é essa festa que o senhor viu, é esse tratamento todo tempo. Eu tenho mais é que dar preferência *pra* ele (Geovana, 42 anos, empresária, 17/3/2015).

Estão claras nesse depoimento da Geovana: 1) a gratidão que tem ao Gouvêa, por diversos motivos enumerados, que vão da regularidade da comercialização, passando pelo

⁹⁴Sociação na visão de Simmel (1983, p. 166), é a forma pela qual os indivíduos se agrupam em unidade que satisfazem seus interesses.

tratamento interpessoal; 2) a declaração de pertencimento à **Rede**; 3) que há confiança proporcionada pela regularidade e qualidade do pescado que lhe é oferecido; 4) chega à sociabilidade, no momento em que a Geovana diz que quando vai à **Pedra** é aquela “festa”, aquele “tratamento todo tempo” e 5) reciprocidade que ela externa ao término de sua entrevista: “eu tenho mais é que dar preferência pra ele”.

Considerando que um *balanceiro* é, em geral, um *nó* de centralidade em uma rede parcial e tomando-o como um *nó alfa*, pode-se concluir que o grau de reciprocidade existente na sua rede parcial é maior, quanto mais forte for o laço que um componente tem com esse *balanceiro* na rede, conseqüentemente um sujeito que não possua laço forte ou proximidade com esse *balanceiro*, terá poucas ou nenhuma possibilidade de estabelecer relações recíprocas com ele. Assim, a reciprocidade existente nos laços fortes, vão desaparecendo entre os sujeitos, conforme o seu distanciamento e enfraquecimento dos seus laços.

Essa soma das teorias de redes sociais (BARNES, 2010), da força nos laços entre pessoas de uma rede social (GRANOVETTER, 1973, p. 1362), da sociabilidade (SIMMEL, 1983, p. 168) e da reciprocidade (MAUSS, 2003, p. 191), entrelaçam-se para a compreensão das relações sociais na **Pedra**. Tomadas com ferramentas conceituais de análises permitem uma nova abordagem das relações em **Rede** (GRANOVETTER, 2010), com atores sociais que estabelecem interconexões a partir da compra ou venda ou associação (SIMMEL, 1983) e podem passar para uma nova fase comercial com mais privilégios, como o desconto em valores de mercadoria, e, em contrapartida, poderá haver a fidelidade de compra, o freguês volta a comprar do sujeito que lhe deu vantagem na venda; essa relação pode aumentar os laços entre as pessoas podendo ir além do trabalho, como a sociabilidade (SIMMEL, 1983). Alguns se frequentam nos seus eventos sociais fora desse trabalho contínuo, muitos são parentes, são compadres, conhecidos recentes que criaram vínculos de laços fortes e/ou são amigos de final de semana, mas todos fazem de tudo para manter a força nos laços (GRANOVETTER, 2010) e de modo concomitante, levando a sério seu trabalho.

3.2 CATEGORIAS NO FLUXO E NA REDE SOCIAL DO PESCADO NA PEDRA.

Essa trama que ocorre na madrugada abrangendo diversos atores sociais envolvidos no fluxo da produção do pescado, na **Pedra**, é uma ocorrência muito importante no Complexo Ver-o-Peso, por diversos motivos, dos quais vou destacar três.

Primeiramente marca sua temporalidade, mostrando que a feira tem vida própria em diversos momentos do dia, durante todo o dia, com público diversificado e específico em

cada períodos; segundo, marca sua paisagem, porque as embarcações carregadas de pescado compõem e complementam muito bem o cenário que mais simboliza a cidade de Belém, no qual esses veículos aquáticos estão ancorados na margem da Doca do Ver-o-Peso, tendo ao fundo o Mercado de Ferro, que é a visada preferida como cartão postal e imagem da cidade; e, terceiro, também marca a circulação do pescado à cidade e outras localidades para onde esse produto, tão apreciado da culinária paraense, é distribuído.

Como pode ser observado pelas considerações anteriores, há uma divisão do trabalho em categorias profissionais, com alta predominância do gênero masculino nas diversas atividades empreendidas na **Pedra**. “A divisão do trabalho, fenômeno tão antigo como a sociedade, origina-se de diferenças inerentes a fatos como sexo, geografia e capacidade individual” (POLANYI, 2000. p. 63). Nesse caso, as atividades de recepção e distribuição do pescado exigem força, destreza e habilidade corporal, sendo tradicionalmente absorvidas por trabalhadores do sexo masculino desde sua origem, embora se observe a tímida chegada do gênero feminino nessa rede social, seja pela presença da Elda, como *filetadora*⁹⁵, em um box do Mercado de Ferro ou pela Marina que *fileta* peixe na **Pedra** após as atividades dos *balanceiros* ou pela *peixeira* Pingo que trabalha no Mercado do Guamá.

Os *balanceiros* comercializam o pescado trazido pelos *barqueiros* e o fazem somente por atacado aos *compradores* dentre os quais se encontram os *peixeiros* que atuam no Mercado de Ferro. Para que o *balanceiro* possa vender o pescado do *barqueiro*, há necessidade de contar com o trabalho de outras categorias, como a do *virador* do *carregador*, como visto anteriormente, sendo que esse último tem como função profissional, carregar o pescado em caixa de madeira com dimensões proporcionais para caber 100 quilos do produto *in natura*, da balança até o carro indicado pelo *comprador*, o qual fica a cerca de no mínimo 100 metros de distância da balança.

O Mercado de Peixe fica ao lado da **Pedra**, é só atravessar a Avenida Portugal, que inicia nesse ponto do Ver-o-Peso. A **Pedra** é o espaço físico onde ocorre a atividade diária – entre 1h e 6h – da recepção do pescado e sua distribuição para toda Belém e outras localidades. A **Pedra** é o palco de atuação dos sujeitos que formam a rede social em volta do pescado que chega no Ver-o-Peso.

As figuras 30 (A e B) mostram um *balanceiro* no seu ambiente na **Pedra** e um *peixeiro* que trabalha no Mercado de Ferro e compra desse *balanceiro*. Essa imagem pode

⁹⁵ Filetar, é uma atividade que consiste em cortar o pescado e retirar desse somente a carne de modo que não tenha espinha, que denominam filé. Ao profissional que trabalha nessa atividade chamam de filetador, é muito comum encontrar trabalhadores do sexo masculino nessa atividade, mas encontrei duas filetadoras no Ver-o-Peso, uma no Mercado de Ferro, a Elda e outra na Pedra do Peixe, a Maria.

representar as duas categorias de um modo geral, pois os *peixeiros* do Mercado de Peixe são responsáveis pela demanda em torno de 32% de todo pescado que chega na **Pedra** (SECON,2011).

Figura 30 (A e B) – Um *balanceiro* e um *peixeiro* nos seus respectivos ambientes



Fonte – Autor, 2014

Para efeito da análise socioantropológica aqui empreendida se acompanhou a relação social, empreendida no momento da venda do *balanceiro* Tetéo para o *peixeiro* Pedro Sá e as intervenções dos trabalhadores que contribuíram para que a venda pudesse ser realizar, bem como alguns acontecimentos paralelos no intervalo da comercialização. Para essa pesquisa, alguns personagens permitiram que se usassem seu nome ou apelidos, no entanto foi respeitado o direito de outros trabalhadores que pediram para não serem identificados, ocasiões em que criei nomes e apelidos inteiramente fictícios, como foi o caso do *Tetéo* e do *Pedro Sá*.

Em cada barco atracado está um *barqueiro* ou *geleiro*; no caso o barco que estava servindo⁹⁶ ao *Tetéo*, era o Deusa do Mar II onde se encontrava presente o dono da embarcação, Juramí; por vezes um encarregado substitui o *barqueiro*. No barco ancorado

⁹⁶ *Barco servindo* é uma expressão nativa da Pedra para indicar que uma embarcação está abastecendo um determinado *balanceiro*, o qual por sua vez está representando sua tripulação na comercialização do pescado.

estão os *tripulantes* que dão apoio à venda, seja só vigiando para não haver furto de pescado ou pegando o pescado no convés, que é retirado das urnas⁹⁷, as quais estão no porão do barco e colocando nas basquetas⁹⁸.

Outra categoria também importante e que se relaciona diretamente com os *balanceiros*, como já foi tratado anteriormente, é a categoria dos *compradores*, que garante o fluxo do pescado, a partir da **Pedra**, para abastecer principalmente a Belém e sua Região Metropolitana, mas também abastecer, de modo secundário, outros municípios do Pará, outros estados, de modo eventual, bem como de modo muito incipiente, a países diversos através de exportação.

Encontrei na categoria dos *compradores* responsáveis por dar continuidade a circulação do pescado, sete tipos desses personagens que compram o pescado na **Pedra**, os quais classifiquei em função do destino do produto por eles adquirido. Desse modo, o primeiro tipo é o que compra para revenda nos mercados municipais, são os chamados *peixeiros*; o segundo tipo é o que compra para restaurantes formais, aqui considerados aqueles restaurantes estabelecidos de acordo com a legislação vigente; o terceiro tipo de *comprador* o faz para abastecer os restaurantes informais, onde muitas das vezes ele é o proprietário e até mesmo o preparador dos alimentos; o quarto tipo compra o pescado para revenda nas feiras oficiais, aquelas administradas pela Prefeitura de Belém; o quinto são os que revendem nas feiras clandestinas, aquelas não oficializados pelos Poder Público, e outros locais diversos: como as esquinas de ruas dos diversos bairros da Cidade ou até de modo ambulante, quando o revendedor oferece o produto pela cidade em automóveis ou a pé, com o pescado acondicionado em carrinho de mão; o sexto tipo de *comprador* abastece supermercados; e o sétimo tipo transporta para fora de Belém, seja a outros municípios, outros estados e até outros países.

A rede tecida para receber e distribuir o pescado é organizada tacitamente, dentro da economia praticada culturalmente na **Pedra**, que é auto regulável e interdependente, quase sem apoio ou intervenção do Poder Público; pois a Secretaria de Economia da Prefeitura de Belém se atém a fiscalizar horários de funcionamentos e a coibir venda a varejo na **Pedra**, além da cobrança de uma taxa anual de R\$27,50 de cada trabalhador cadastrado e a Vigilância Sanitária faz esporadicamente uma fiscalização por amostragem.

⁹⁷ Urnas são as divisões físicas nas duas laterais do barco, as quais são compartimentalizadas com paredes de madeira a cada dois metros aproximadamente, é nesses depósitos que o *gelador* vai colocando o pescado tirado das águas sob gelo, por camada e por espécies.

⁹⁸ Basquetas, são caixas de polipropileno nas quais são depositados os pescados que saem das urnas para a Pedra, tem capacidade para trinta quilos de peixe, mas “se estiver arrumado cabe até cinquenta quilos” (*Balanceiro* Lelé).

Ao analisar aspectos culturais da sociedade ocidental, Sahlins (1979, p. 185) afirma que a estrutura da economia surge “como a consequência objetivada do comportamento prático, em vez de uma organização social de coisas, pelos meios institucionais do mercado, mas de acordo com um projeto cultural de pessoas e bens”; indo ao encontro das práticas observadas na **Pedra**. A narrativa etnográfica apresentada a seguir procura demonstrar esse pressuposto.

A relação de venda do *balanceiro Tetéo* para o *peixeiro* Pedro Sá, aqui apresentada em uma descrição densa, traz embutida a participação de diversos atores sociais que atuam na **Pedra** e, portanto, na **Rede** de circulação do pescado para a malha urbana de Belém.

Na madrugada do dia 03 de junho de 2014, uma terça-feira muito agitada, acompanhei o movimento na **Pedra**, desde 1h até às 6h, fiquei próximo ao *balanceiro Tetéo* e pude observar que ele vende bastante para os *peixeiros* do Mercado de Ferro e me chamou atenção a amizade que ele tem com o Pedro Sá, *peixeiro* dos antigos, que tem 67 anos de idade, nasceu em Abaetetuba⁹⁹, como *Tetéo* e fala com ele em tom forte mas de total cordialidade, às vezes em tom de brincadeira, com frases e gestos que muitas das vezes só os dois entendem, por exemplo, nesse dia o Pedro Sá esteve lá por volta de 4h e falou para o *Tetéo* “Tira oitenta dourada na teta; vou lá no *Jambu* brigar com ele; ele agora só quer me [...]” (falando uma pornofonia) fez um gesto com a mão direita aberta batendo algumas vezes na lateral da mão esquerda fechada em punho e foi embora no meio da multidão.

O *Tetéo* traduziu, falando compassadamente com sua voz grave e baixa, dizendo “vai ver que o *Jambu* deve tá querendo enganar o parceiro com besteira; não precisa isso, claro que ele ia descobrir, ele (Pedro Sá) é macaco velho, vai já se deixar ser roubado, assim na cara dura”. Eu perguntei “em que ele (*Jambu*) está roubando” e o *Tetéo* disse lentamente, “deve ser no peso, mesmo que seja um quilo, meio quilo menos que seja, não é negócio, porque não vai bater na conta dele (Pedro Sá); é melhor dar um peixe a mais *pra* quem compra todo dia de ti, porque *pra* ti não faz diferença, mas *pro peixeiro* com o tempo *pesa*”.

O *Tetéo* parou a conversa, fazendo um gesto com a mão para eu esperar, dando atenção a um *comprador* que se aproximou. “O que vai hoje, tem *dourada* fresca que chegou agorinha mesmo. *Gurijuba*, vai? ”. O *comprador*, de nome Sérgio, pegou na *dourada* que

⁹⁹ Abaetetuba é município da região do baixo Tocantins, estado do Pará. Tem forte nas suas tradições, a construção naval, dentre outras.

estava na basqueta ao lado do *Tetéo*, abriu uma das guelras¹⁰⁰, apertou o pescado com o dedo indicador direito como quem quer furar algo, verificando assim a densidade da carne e gostou. Chamaram (gritando) rápido um *carregador* de apelido *Musa*, ou *Zé da Musa*, como o chamaram depois, que colocou a caixa de madeira na balança do *Tetéo* e o *virador* Mendes que servia ao *Tetéo*, nesse dia, virou a primeira basqueta na caixa do *Musa*, arrumando o peixe um por um para caber mais, sob o olhar atento do *comprador* e do *Tetéo*, depois foi virando basquetas até completar 100 quilos.

Atendeu atenciosamente ao freguês conversando com esse sobre custo de vida, só parando para pesar o peixe, receber e conferir o valor de cem quilos, equivalente a oitocentos reais naquele dia; o *Tetéo* agradeceu se despedindo do *comprador* e continuou a conversa comigo, onde parou, como se fosse um parêntese em uma escrita; colocou a mão direita ao lado da boca, como quem vai cochichar e falou pausadamente: “Ô professor, ele (Pedro Sá) confia na gente, compra de mim na *cega* – o senhor tá vendo - mas eu não vou enganar ele, primeiro que não é meu feitio e outro que mais cedo ou mais tarde ele vai descobrir e aí como é que eu fico, eu não sou *mercosul*”.

Perguntei que significava o termo “oitenta dourada na têta” e o *Tetéo* me falou: “É oitenta *quilo* de dourada graúda, fresca, da melhor que eu tiver, quer dizer que na têta, é que nem mamando na têta. Não é bom mamar na têta, professor? (Dando uma gargalhada breve). Quer dizer que ele *tá* usando do direito que ele tem de comprar tanto tempo comigo e eu dou peixe bom pra ele sim; ele não fica em cima, mas eu não vou enganar ele não, nem ninguém, não precisa todos *tenham* que ganhar, não é só eu não”. “Só tu *qué* quer é?”¹⁰¹

O tempo passou com outros eventos no local; logo depois, por volta de 5h, o Pedro Sá voltou com o *Tetéo* e disse, “já pode mandar pelo Hildebrando (*carreador*). Eu vou apurar hoje *pra* ti; tá? Mais tardar amanhã, tá?” Nesse caso o Pedro Sá disse que iria apurar, no sentido de garantir, separar o valor que devia ao *Tetéo* na sua venda nesse dia, para ser pago no dia seguinte. Isso é muito comum entre os *peixeiros* e os *balanceiros*, nesse caso o *balanceiro* anota o valor da dívida no seu caderninho, foi o que fez o *Tetéo*.

O Pedro Sá saiu no meio da multidão, mas logo voltou no minuto seguinte, e falou em tom alto e se gabando: “O *Jambu* devolveu foi trinta, ele não é besta. Eu fiz foi poupança nele”. Quis dizer que o *balanceiro Jambu* devolveu a ele (Pedro Sá) o que o mesmo declarou

¹⁰⁰ Guelras é o termo popular das brânquias, são os órgãos de respiração dos peixes, a coloração quanto mais vermelha, indica que o peixe está fresquinho, novo, na visão popular.

¹⁰¹ A frase: *Só tu qué quer é?* É expressão comum entre nativos de Abaetetuba, significando egoísmo; é pronunciado unindo as três últimas palavras, dando ênfase aos fonemas finais “e” agudo, tornando-se “só tu *quéquéé*”?

que ficou faltando em vários dias, de fornecimento; ele deixou acumular, mas nesse dia foi cobrar o que lhe era de direito, trinta quilos de pescado. O Pedro Sá saiu na direção do mercado e nesse dia não mais voltou na balança do *Tetéó*, que pesou sua encomenda e mandou pelo *carregador* Hildebrando.

Quando o Pedro Sá saiu, um *carregador*, que eu não pude identificar, gritou com voz alta e aguda: “Mas o Pedro Sá *tá* chorando, é? E quando ele faz isso com os fregueses *dele?*”. Isso provocou primeiramente um silêncio seguido de uma gargalhada coletiva naquele microcosmo da balança do *Tetéó*. Esse *carregador* estava no meio de muitos outros que ficam se ajudando mutuamente a levantar a caixa na cabeça do companheiro, quando não estão carregando as suas próprias caixas.

Ao ato de levantar a caixa para um companheiro que vai fazer o carreto, chamam na **Pedra** de dar o *canto*¹⁰², é sem dúvida um ato de solidariedade comum, pois logo a seguir, em outro momento, quem o está ajudando agora vai receber a mesma ajuda. A figura 31 retrata um momento desse, de dar o *canto*

Figura 31 – *Carregador* ao centro sendo ajudado pelo *virador* de camiseta amarela e por outros dois *carregadores* no ato de dar o *canto*.



Fonte – Autor, 2014

Nessa figura, pode ser visto o *virador* de camisa amarela ajustando a caixa na cabeça do *carregador* - ao centro de camisa laranja – e outros dois sujeitos sociais estão ajudando ou *dando o canto*. Assim, o *virador* e o *carregador* antes de iniciarem o levantamento da caixa que estava na balança, fazem o pedido “*dá o canto aí*”, e dois homens

¹⁰² Corrêa e Leitão (2010), dar o canto consiste no levantamento da caixa pelo *virador* e pelo *carregador* que irá fazer o frete, contando também com a ajuda de mais um ou dois *carregadores*, cada um pega em um lado da caixa e suspendendo-a para que o *carregador* possa se posicionar em baixo da caixa apoiando-a em sua cabeça, quando então todos soltam e o *carregador* a conduz até seu destino (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 113-114)

que estejam por perto, ajudam ao *virador* e *carregador* a levantar a caixa até a cabeça desse último, que ajeita melhor na rodilha¹⁰³ na cabeça, recebe a caixa na rodilha, segura e sai carregando no meio na multidão gritando frases de efeito como: “sai da frente que tá quente!”; abre ala menino!; ou “abre ala!; abre ala!” ou “*abre, abre, abre, abre!*” ou “*tá pingando, tá pingando, tá pingando!*”.

Quando o *Tetéó* falou que não é *mercosul*, ele se referiu a uma classe de *balanceiro* que se caracteriza por não possuir grande capital e conseqüentemente não trabalha diretamente com os *barqueiros*, alguns consideram que “o *mercosul* só quer é enganar” aos *compradores* desavisados ou eventuais.

Nesse meu percurso de pesquisa eu classifiquei cinco tipos de *balanceiros* o primeiro, é o caso do *Tetéó*, aquele que recebe pescado do *barqueiro* ou *encarregado* desse, vende e se necessário, o financia no momento que em que esse precisar; o segundo é o que vende para o do *barqueiro*, mas não o financia ou porque não tem capital ou porque o *barqueiro* nunca o aciona para tal; o terceiro é o que além da balança é possuidor de embarcações e nesse caso ele serve a ele mesmo, o quarto tipo é raro, mas é *peixeiro* do Mercado de Ferro que também é *balanceiro*, dentre os quais estão o Marcus Vinícius¹⁰⁴, e o *Xisto*, mais conhecido por Alonso.

O quinto tipo de *balanceiro* é o chamado *mercosul*, que é aquele que não tem capital e compra a crédito de outro *balanceiro* ou do *barqueiro* para vender por atacado nas proximidades desses, geralmente eles ficam na beira da calçada, próximo do leito da rua, ou se instalam na via, por não ter opção ou porque não necessitam ficar próximo de embarcações como a maioria dos *balanceiros* que se abastecem dessas.

O *mercosul* é um termo pejorativo na **Pedra**, que se refere ao *balanceiro* que fere às normas tácitas locais. Segundo um *balanceiro* isso procede, pois ele se referiu assim em relação aos *mercosul*: “ [...] os *mercosul* tem como tento (meta) roubar em 10%, ou ele rouba no peso, ou tira um peixe, ou troca por um *fraco*, ele dá um jeito de enganar o *comprador*; quer dizer que ele *tá ali é pra enganar mesmo*, na cara dura; só os *compradores* que não *tão acostumado na lida* é que compram deles”.

Tentei há muito tempo organizar um texto, com toda essa etnografia, pois havia muito material gravado, outros escritos na caderneta de campo, outros em fotografia e outros que escaparam desses registros, mas ficaram na memória que de vez em quando eram

¹⁰³Rodilha é uma espécie de coroa de pano em forma de rosca, composta de tecido enrolado, geralmente de saco de trigo, que serve para o *carregador* colocar na cabeça para amortecer o impacto da caixa cheia de pescado.

¹⁰⁴O Marcus Vinícius é presidente da Comissão do *Peixeiros* do Mercado de Ferro, entidade que representa a categoria dos *peixeiros* local.

recordados e anotados como perguntas para serem revistas em outra oportunidade. Ou seja, tentei explicar fazendo um novo arranjo etnográfico, como ensina Magnani (2002), “em suma”:

A natureza da explicação pela via etnográfica tem como base um *insight* que permite organizar dados percebidos como fragmentários, informações ainda dispersas, indícios soltos, num novo arranjo que não é mais o arranjo nativo (mas que parte dele, leva-o em conta, foi suscitado por ele) nem aquele com o qual o pesquisador iniciou a pesquisa. Este novo arranjo carrega as marcas de ambos: mais geral do que a explicação nativa, presa às particularidades de seu contexto, pode ser aplicado a outras ocorrências; no entanto, é mais denso que o esquema teórico inicial do pesquisador, pois tem agora como referente o concreto vivido (MAGNANI, 2002, p. 17).

Quase um ano depois desse acontecimento, eu voltei para a busca do *novo arranjo* e perguntei ao *Tetéo* se ele lembrava desse fato ocorrido naquela madrugada de junho de 2014, eu precisava colher alguns detalhes necessários à composição desse capítulo e fiquei surpreso com sua memória e a riqueza de informações que eu deixei de observar ou gravar naquela ocasião, como nomes dos sujeitos envolvidos naquele cenário dinâmico, termos usados na conversa e outros detalhes que a etnografia requer como essencial.

Mas, quando fui entrevistar novamente o Pedro Sá, em maio de 2015, ele não lembrava mais desse fato, mas disse ou repetiu, que “ninguém engana” ele e que isso ele já fez várias vezes, “tentam me enganar, mas quem se engana são eles”... “eu peso lá e peso aqui (Mercado de Peixe), “[...]se tiver errado o peso, eu não falo nada, eu deixo acumular. É que nem poupança, fica guardadinho, quando eu precisar eu vou lá e tiro o peixe que ficou faltando, nem que seja um quilo eu vou atrás”. Quando perguntei sobre a amizade com o *Tetéo*, ele primeiramente disse que *trata todo muito bem, que se dá bem com todo mundo*, depois refletiu e sorrindo afirmou: “ele é compreensivo e conversa com a gente, ele é amigo, além de parceiro, vale a pena comprar com o *Tetéo*”. Eu traduzi como eu gosto de estar na presença do *Tetéo*, ou seja, de socializar com o *Tetéo*, havendo também a uma explícita relação de reciprocidade entre esses atores sociais a trama.

A relação do *peixeiro* Pedro Sá com o *balanceiro Tetéo*, com o *balanceiro Jambu* e os demais atores sociais, reflete a trama econômica e social que acontece em volta do pescado formando a – mesmo em abstração - uma grande **Rede**, onde os trabalhadores envolvidos na trama, aqui representada pela rede onde o nó central é o *Tetéo*, se ligam com outras redes sociais parciais e participam da tecedura dessa rede total do pescado, cada ator social dentro de sua especificidade, tem uma participação, seja na captura, na recepção ou na comercialização do pescado.

Na relação social entre *Tetéo* e Pedro Sá, além da economia, está presente o princípio da sociabilidade (SIMMEL, 2006, p. 69), segundo o qual: “cada indivíduo deve garantir ao outro aquele máximo de valores sociáveis (alegria, liberação, vivacidade) compatível com o máximo de valores recebidos por esse indivíduo”. Mas também uma relação comercial baseada em um sistema de relações totais (MAUSS, 2003, p. 191), que envolve amizade, confiança e benefícios que vão além de um contrato, criando um vínculo de obrigatoriedade entre esses sujeitos da relação, enfim cria uma relação de reciprocidade.

As relações sociais entre duas categorias de trabalhadores das mais influentes, que participam das atividades de comercialização e circulação do pescado, nas madrugadas do complexo Ver-o-Peso, não se encerram nessa dualidade, pois para que o *peixeiro* compre do *balanceiro* ou de outro modo o *balanceiro* venda para o *peixeiro* é necessária, sumariamente, a participação de outros atores sociais aí atuantes; de modo que a discussão quanto a essas relações, a qual este trabalho se propunha fazer só foi possível a partir da etnografia realizada, onde os demais sujeitos, representando as outras categorias de trabalhadores aparecem de modo sincronizado, trabalhando imbricado ao trabalho do outro.

A relação econômica desenvolvida, que produz amizade, parceria, confiança, fidelidade e reciprocidade, encontradas entre o *balanceiro Tetéo* e o *peixeiro* Pedro Sá, ou de conflito, como ocorreu entre esse último e o *balanceiro Jambu*, é que faz com que haja um equilíbrio na rede em torno do pescado, é uma constante para fazer circular o pescado na **Pedra** e a partir dessa para os demais locais até que chegue no consumidor final.

Essa relação, tomada como recorte, entre um *balanceiro* e um *peixeiro* do mercado de ferro, pode representar, assim a relação existente entre as demais categorias de trabalhadores da **Pedra**, as quais estão interligadas e são interdependentes. Os resultados obtidos neste trabalho são de caráter qualitativos, produzidos a partir da interpretação do que foi observado diretamente no campo.

No entanto na continuação da pesquisa optei por levantar dados quantitativos através de aplicação de questionários entre as duas categorias. Inicialmente foi pensado em realizar a pesquisa com vinte *peixeiros* do Mercado de Ferro e vinte *balanceiros* que atuam na **Pedra**, todos a serem escolhidos de modo aleatório. Essa amostragem é representativa, pois existem sessenta boxes no Mercado de Ferro e cerca de duzentas balanças na **Pedra**.

Foi realizado o levantamento de dados entre vinte *peixeiros* com amostragem representativa para análise. O levantamento dos dados com os *peixeiros* ocorreu de forma satisfatória com a aplicação de questionários com perguntas categorizadas e abertas e, em seguida, com a tabulação e análise.

No entanto, não foi possível obter a mesma atenção dos *balanceiros* e fui aconselhado pelo *balanceiro Tetéo* a colher tais informações na *maciota*¹⁰⁵, ou seja, com abordagens informais e gradativas, o que passei a obedecer mais ainda, foi assim que resolvi trabalhar com informações obtidas em entrevistas descontraídas com oito *balanceiros* que aceitaram a tal *conversa* informal. O *Tetéo* é um típico *balanceiro*, gosta de falar muito, mas quando se trata de falar algo que possa comprometê-lo, ele diz logo, “se disser que eu disse isso eu nego, professor”, ele não gosta de gravação e fala sempre de “regras” da **Pedra**, que são informais, mas que, no entanto, são sempre seguidas por todos.

Mas, os resultados obtidos e sistematizados a partir dos vinte *peixeiros* e de oito *balanceiros*, oferecem elementos indicativos de que as categorias atuantes nesse cenário, vivem numa interdependência marcante, onde o que acontece com um pode se refletir no outro e isso faz com que todos os sujeitos se organizem dentro de suas categorias para agirem em rede social e manterem a dinâmica que faz existir suas atividades e os objetivos da **Pedra**.

A escolha dos *peixeiros* e *balanceiros* para o levantamento quantitativo, foi por considerar que no âmbito da **Pedra** e no Mercado de Ferro; essas categorias representam muito bem os demais sujeitos e assim, seria possível, através dos resultados obtidos, ter um perfil das relações entre esses sujeitos na rede do pescado.

Após a aplicação dos questionários com os *peixeiros*, efetivada por mim e mais dois companheiros (José Maria e Julierme) do Programa de Pós-Graduação (PPGSA), houve o respectivo processamento dos dados cujos resultados foram devidamente tabulados e, assim, foram elaboradas 22 tabelas (Ver em apêndice) com os resultados obtidos nesse levantamento de campo realizado no mês de abril de 2015, visando analisar como esses trabalhadores se relacionam com a categoria dos *balanceiros*.

A abrangência amostral desse levantamento corresponde a aproximadamente 33% dos boxes ou 1/3 dos *peixeiros* do Mercado de Peixe, as 22 tabelas apresentam dados sobre frequência da compra pescado, quantidade comprada habitualmente, espécies de pescado compradas, número de espécies de comercializadas quantidade vendida diariamente, dias da semana que vendem mais e que vendem menos pescado, período do ano que vendem mais e período do ano que vendem menos, fornecedores de pescado, preferência por *balanceiros*, motivos da escolha de fornecedores, existência de fornecedor do qual nunca compra pescado,

¹⁰⁵ Maciota é um termo que significa com calma, sem pressionar o *balanceiro*, ou seja nesse caso eu não deveria aplicar questionários, pois eles (os *balanceiros*), na sua maioria, não têm paciência para responder e isso já faz parte da sua categoria.

razão para nunca comprar desse fornecedor, preferência por *carregador* e atividade paralela à atividade de *peixeiro*. A seguir está o resumo dos dados obtidos.

Em relação a frequência da compra do peixe foi identificado que 95% dos entrevistados adquire a mercadoria diariamente. Vale ressaltar que o dia de domingo não é vendido o pescado na **Pedra**.

A quantidade de pescado comprada diariamente apresentou variação entre 100kg, adquiridos por 60% dos entrevistados, 150kg adquiridos por 5%, 200kg adquiridos por 25%, 300kg adquiridos por 5% e 500kg adquiridos por 5%. A predominância na compra de 100kg/dia indica a intensidade das relações comerciais na **Pedra** e no Mercado de Ferro.

A propósito da quantidade de pescado vendida foi observada concentração de *peixeiros* que afirmam vender 100kg/dia, com 50% dos entrevistados. Os demais informaram valores que vão de 50kg/dia a 500kg/dia, porém, sem apresentar uma concentração específica¹⁰⁶. Um *peixeiro* não respondeu a essa pergunta.

Durante o levantamento algumas características observadas no box 25 foram evidenciadas. Inicialmente, a quantidade de pescado comercializada ali apresenta discrepância em relação aos demais, pois são comprados e vendidos 500kg de peixe por dia. Outra característica que diferencia sua dinâmica das dos outros equipamentos do Mercado é a atuação da única *peixeira* do local, Elda, a qual trabalha filetando o pescado a ser embalado e levado a um clube social, cliente do box. O permissionário é o Edson e os trabalhadores são o Nilson (Louro) que é embalador, o Thiago que é filetador, juntamente com a Elda, o Sandro é motorista e o Alan é entregador do pescado.

Seis *peixeiros* trabalham só com uma espécie de pescado, sendo que quatro trabalham só com dourada, um trabalha com pescada amarela e um trabalha só com filhote. Cinco *peixeiros* trabalham com duas espécies de pescado e nove *peixeiros* trabalham com três ou mais espécies. Desses nove, dois *peixeiros* trabalham com dourada, pescada amarela e filhote, um *peixeiro* trabalha com dourada, pescada amarela e gurijuba; um *peixeiro* trabalha com pescada amarela, filhote, corvina, um *peixeiro* trabalha com tambaqui, tamuatá, pacu, dois *peixeiros* trabalham com dourada, pescada branca, piramutaba, um *peixeiro* trabalha com pescada amarela, gurijuba, pirapema, xaréu e um *peixeiro* trabalha com pescada amarela, pescada branca, corvina e camurim.

¹⁰⁶ Os demais valores informados foram: 50kg/dia (1 *peixeiro*); 50 – 60kg/dia (1 *peixeiro*); 60 – 70kg/dia (1 *peixeiros*); 50 – 100kg/dia (1 *peixeiro*); 150kg/dia (1 *peixeiro*); 200 kg/dia (2 *peixeiros*); 300kg/dia (um *peixeiro*); 500kg/dia (um *peixeiro*).

Esse resultado indica que, por um lado, há predominância da comercialização das espécies pescada amarela e dourada, consideradas popularmente como peixes de primeira, e, por outro lado, evidencia também que há diversidade nos tipos de peixe vendidos no Mercado de Peixe do Ver-o-Peso, como atestam a presença de pacu, tamuatá, pirapema e xaréu.

Dezenove *peixeiros* (95%) afirmam que o dia que vende mais é sábado e mesmo número afirma que o dia que vende menos é segunda-feira. Quanto ao período do ano que vende mais, 18 *peixeiros* (80%) afirmam que é na semana santa e sete *peixeiros* (35%) afirmaram que o período que vende menos é o mês de julho, enquanto que quatro divergem desses afirmando que o período que vende menos é no final do ano (dezembro) outros quatro (20%) afirmam que vende menos no início do ano (janeiro e fevereiro). Os demais diversificaram apontando outros meses, mas resta a percepção de que há quase unanimidade quanto ao dia que vende mais: sábado; o único que não concordou com essa afirmativa também não indicou o dia que vende mais, pois respondeu “depende”, e seu modo de responder outras perguntas também se mostrou evasivo desse modo.

Quando foi investigado quem são os fornecedores de pescado de cada um desses vinte *peixeiros*, obteve-se como resposta que dos maiores fornecedores de pescado são os *balanceiros* da **Pedra**, ou seja 95%, pois 19 dos 20 entrevistados se abastecem com essa categoria, mas foi encontrado um *peixeiro* que se abastece diretamente no barco, onde o *barqueiro* lhe fornece o pescado sem atravessador.

Em conversa informal, o *balanceiro Mimi* (apelido fictício), relatou que “é muito difícil um *barqueiro* abastecer um *peixeiro* direto, porque não tem estrutura para isso acontecer, não tem balança nos barcos, não tem *carregador* que venha do barco e isso foge de muita *regra por aqui*, mas pode acontecer, sim”. O *Mimi*, refletiu e disse que “falou demais”, no entanto sabe-se que na **Pedra** há regras tácitas que são seguidas pela maioria dos sujeitos da rede do pescado.

O *Mimi*, refletiu um pouco e disse ainda, que é possível haver dissidência dessas *regras*, “só que quando o *povo* (referindo-se aos trabalhadores da **Pedra**) sabe, *eles vão* em cima e o *barqueiro* que faz isso não é bem-vindo na **Pedra**, ele não tem espaço por aqui, ele não se cria não” (*Mimi, balanceiro, 56 anos, 13/8/2015*), falou aborrecido. Eu parei a conversa porque observei que criaria um constrangimento que poderia resultar em conflito no local, mas ficou a mensagem de que há regras a serem seguidas e por isso, muitos sujeitos (principalmente *balanceiros*) não querem dar declaração, para não se comprometerem.

Os *peixeiros* são enfáticos em afirmar que não têm preferência por determinado *balanceiro* ou fornecedor de pescado, pois somados aos 12 que afirmaram que compram pelo

preço e qualidade está o *peixeiro* que afirma que “tem amizade com todos” (5%), o que diz não ter preferência por vendedor, equivalente a 5%; o que diz que “*balanceiro* é tudo igual” (5%); o que disse de modo displicente, quase sem nexos “são *pescadores* sábios” (5%), resposta evasiva, mas que pode ser interpretado como uma forma do entrevistado dizer que não tem preferência por fornecedor; um *peixeiro* (5%) disse que “compra de quem tiver”.

Um *peixeiro*, (5%) falou que “só compra de quem interessa” e um não quis responder (5%). Ou seja, não houve demonstração por parte dos *peixeiros*, de que há preferência de comprar de um ou outro *balanceiro*.

Os *peixeiros* foram incentivados a responder quais os seus principais fornecedores e quatro deles não quiseram responder (20%), outros quatro (20%), responderam de modo evasivo: “vários”. Os entrevistados que apontaram preferência por fornecedores concentraram suas respostas nos seguintes *balanceiros*: Pedro Nobre (15%); Lelé (5%), Tatá e Dudu (5%), Xeréu (5%), Bragança (5%), Janito e China (5%), Miguel e Ademir (5%), Antônio Lopes, Raimundo e Carlitão (5%), Marco (5%).

Quando foi investigado se havia algum *balanceiro* de quem o entrevistado nunca compra, em algumas entrevistas o ambiente do diálogo ganhou tensão, observou-se que vários *peixeiros* demoravam a responder e ficavam visivelmente desconfortáveis para responder tal indagação. Era como se eles fossem prejudicar alguém com suas respostas, como se eles fossem ferir algum código de honra.

Mesmo assim eles respondiam na pesquisa, após algumas palavras de estímulo de quem estava entrevistando, principalmente quanto ao sigilo garantido e 11 *peixeiros* (55%) responderam que “sim”, há *balanceiros* com quem têm restrição em comprar, ou seja nunca compram com esses e oito *peixeiros* (ou seja, 40% da amostra) responderam que não tem tal restrição, apenas um *peixeiro* respondeu que “não pode citar”, mas está no grupo dos que têm restrição, somando agora 60% da amostra de pesquisa. Lembro que alguns olhavam para baixo e/ou falavam em voz baixa ao responder tal indagação.

O ambiente de tensão da entrevista se acentuava, quando foi solicitado aos *peixeiros* identificar de quem nunca compram, ou seja, nomear aos que tem restrição quanto a compra de pescado. Sete dos *peixeiros* entrevistados (35%), responderam de modo evasivo, fugindo totalmente da pergunta com muito constrangimento, o que foi contabilizado na análise das respostas como resposta que “não se aplica”; outros quatro (20%) não responderam, ou seja, se negaram a responder.

Dois entrevistados (10%) apontaram o *balanceiro* Ademir como aquele de quem nunca compram. As demais respostas não se concentraram sobre um *balanceiro* específico,

aparecendo menções a Antônio Brabo, Ademir, Antônio Dantas, Antônio Pantoja, *mercosul* e Pedro Nobre de forma individualizada.

Em outra pergunta, foi solicitado aos *peixeiros* apresentar a razão por que não comprar daquele fornecedor; uma boa parte dos *peixeiros* (40%) se negou a responder, somando ao que respondeu e sua resposta “não se aplica” forma 45% de abstenção, mas os 55% restantes demonstraram que na categoria dos *balanceiros* estão vários sujeitos, que não tem bons modos no tratamento com o público, como foi constatado nas respostas individuais quanto ao motivo de não comprar com determinado *balanceiro*.

Em sequência foi realizada um cruzamento de informações de modo que seis *peixeiros*, ou 30% dos entrevistados, apontaram que não compram desses fornecedores porque são arrogantes, dois *peixeiros* (10%) apontaram o fato desses enganarem os *compradores*, um disse que “é porque não baixa o preço”; um (5%) disse que são todos iguais e nove *peixeiros* (45%) se negaram a responder.

Alguns *peixeiros* ao responder essas perguntas, ressaltavam que não queriam se comprometer, usavam termos como: “eu não quero confusão comigo”; “olha lá, não vai me comprometer, hein?” Ou, “onde tu *vai* publicar isso, olha lá, rapaz”; ou “cuidado com isso, se perguntarem eu nego”.

Quando perguntados sobre a preferência por *carregadores* 14 entrevistados (70%) responderam que não tem *carregador* preferido ou exclusivo para trazer sua carga da **Pedra** e 6 (30%) *peixeiros* responderam que sim, que tem um *carregador* preferido. Na observação em campo se constatou que é muito difícil encontrar um *carregador* específico em determinado momento, pois essa categoria é muito dinâmica e num momento um *carregador* está na Praça do Relógio e logo a seguir pode estar em um cantinho da **Pedra** que o *peixeiro* pode não encontrar e talvez por isso menos *peixeiros* tenham preferência por um ou por outro, mas de todo modo os entrevistados apresentaram suas posições quanto a essa escolha.

Os *carregadores* mencionados como preferidos dos *peixeiros* foram: O *Dezenove*, o *Mato Velho*; a “família do *Macaxeira: Tio Juca e Mato Velho*”; Hidelbrando (5%) e o *Irmão Miler*. O *carregador tio Juca* teve o maior número de indicações (30%) como preferido entre os *peixeiros*; o tio Juca é filho do *Macaxeira*, um *carregador* dos antigos (aposentado). Que tem vários parentes no trabalho de *carregador*, um irmão, três filhos, dois sobrinhos e um genro.

Os *balanceiros* têm sempre os seus *carregadores* preferidos e sempre os indicam para os seus clientes que pedem tal indicação e o *balanceiro Tetéo* afirmou que “a grande maioria dos *carregadores* são honestos, são muitos poucos os que mexem no peixe, tem uns

que tem parte com os *larápios* e vedem até por fora; de peixe em peixe eles enchem uma caixa, *tá pensando?*, tem que ter *manha* com quem carrega também” (*Tetéó*, entrevista em 13/5/2015).

Quanto aos *balanceiros*, foi mudada a estratégia relativa ao modo de abordá-los para saber sua opinião quanto à relação com os *peixeiros* do Mercado de Ferro, isso após se perceber (por sugestão do *Tetéó*) que o melhor modo de retirar tais informações seria através de conversas informais.

Foram abordados, de modo específico, oito *balanceiros* que aceitaram – a princípio - responder aos quesitos e essas perguntas foram feitas de modo a saber inicialmente se vendem aos *peixeiros* do Mercado de Ferro, ao que todos afirmaram que “sim”, alguns riram da pergunta – era óbvio para cada um deles, pois estão lá para isso – mas em seguida foi perguntado se tem *balanceiro* que lhes dá preferência, ao que foi respondido por todos “sim”. Quando foi perguntado se “lembra de algum *peixeiro* que lhe dá preferência”, quatro responderam imediatamente que “sim”, três ficaram em dúvida, mas responderam “sim” e um respondeu “não”. Em seguida lhes foi perguntado se podiam nomear esses *peixeiros* e agora, seis falaram os nomes de seis *peixeiros*, um não quis dizer o nome e um *balanceiro* disse que não tem.

Foi observado que os *balanceiros* estavam incomodados com esses tipos de pergunta, e, assim as perguntas se encerraram de modo mais objetivo, quando lhes foi perguntado se tem *balanceiro* que não compra nunca dele, ao que foi respondido de modo unânime que “não”, e diversificada a justificativa do porquê eles acham que não tem alguma rejeição. Mas dos oito *balanceiros* entrevistados, dois foram citados por *peixeiros* como sendo fornecedor de quem nunca compra.

Desse modo a partir do que foi observado e analisado posteriormente, percebeu-se como os sujeitos se tratam, suas frases de efeitos e seus significados; tudo isso contribui para a afirmativa de que há uma tendência à busca de uma harmonia relacional na **Pedra** e no Mercado e se estendendo além desses espaços, através do respeito mútuo e da certeza de que os sujeitos são interdependentes, isto é eles pertencem a uma rede social que marca suas ações por normas estabelecidas mutuamente, como um fato social total a que se refere Mauss (2003, p. 191).

Quando um *peixeiro* se nega ou reluta em responder algo que possa se comprometer em relação a um *balanceiro*, esse *peixeiro* está demonstrando o respeito que tem por seus parceiros de **Rede**, pois embora alguns tenham respondido à pergunta sobre “ de quem você nunca compra” com certa mágoa, provavelmente por lembrar de alguma

controvérsia existente, esses atores o faziam com respeito e tentando evitar a quebra das regras da **Pedra**. Isso faz com que se considere essa interdependência existente na Rede, o respeito às regras tácitas, as quais são cumpridas para o funcionamento harmônico do sistema que faz circular o pescado, no fluxo e nos locais fixos, na **Pedra** e na **Malha**, onde estiver a **Rede**.

Com isso pode-se concluir parcialmente que, como essas atividades já existem há mais de três séculos nesse local, onde outras gerações agiram de modo semelhante para fazer circular o pescado, guardadas as proporções em função de variáveis populacionais, temporais e tecnológicas, há de se supor que esses relacionamentos derivados da comercialização, existem entre trabalhadores daquele local, desde o nascedouro da **Pedra**, o que me parece ser imprescindível para que haja continuidade da economia local, onde o pescado é um instrumento de troca, mas também de dádiva, de símbolo regional, de alimento e cultura gastronômica e que esse modo relacional para fazer circular o pescado, tão denso, tão rico social e culturalmente quanto duradouro, realiza-se dentro das características das redes sociais analisadas por Barnes (2010), Wasserman e Faust (2009), Mitchell (1969), Hannerz (2015) e Bott (1976).

CAPÍTULO IV: NA PEDRA E ALÉM DA PEDRA: CONFLITO E INFORMALIDADE NO FLUXO DO PESCADO

Este capítulo traz à discussão, a informalidade e a administração de conflitos, que predominam nas atividades empreendidas ao longo de todo o fluxo do pescado; inicialmente na **Pedra**, mas também indo além dessa; pois tanto os trabalhadores e demais sujeitos que exercem atividades no entreposto de desembarque do pescado, seja na venda, compra e prestação de serviços afins, como muitos outros atores sociais que atuam depois que esse pescado sai da **Pedra**, tanto em terra como em águas de rios e mar, no momento da pesca.

Assim, primeiramente será discutida a informalidade na **Pedra**, onde há regras tácitas que todos os atores sociais, que realizam atividades naquele local, devem seguir à risca, as quais envolvem a honra, o comportamento diante do *modus operandi* de como se desenvolve o mercado e suas transações financeiras, algumas mais tradicionais e outras mais específicas, suas modalidades de comercialização, onde dentre essas está a venda do pescado a crédito informal, mais conhecida como fiado e o crédito pessoal entre os sujeitos que participam desse mercado cotidiano.

Um outro aspecto abordado foi quanto a não conformidade com as regras tácitas prevalecentes, locais, que fazem como que haja conflitos internos como o não pagamento de dívidas contraídas, havendo pressão para tal quitação, tanto por parte do sistema local como por parte do próprio devedor que busca sua honra, em abalo, restabelecida. Muitos dos que devem e não pagam suas dívidas se auto eliminam da **Pedra** e suas atividades em torno do pescado.

A convivência pacífica com ladrões de diversas categorias está entre as poucas exceções às normas estabelecidas tacitamente entre os sujeitos daquele entreposto pesqueiro urbano, onde se aprende a conviver, a partir de certa precaução, com os transgressores que tentam de diversas formas se apropriar de bens e produtos de pessoas que se descuidam ou estão desavisadas quanto às investidas desses elementos que vivem na marginalidade na **Pedra** e seu entorno.

Ainda há o conflito advindo externamente pela pressão ora latente, ora aflorada, pela retirada do entreposto pesqueiro do centro da cidade, que sempre traz apreensão junto aos atores sociais que labutam nessas atividades.

O vendedor de peixe salgado Amarildo é um dos líderes locais dos mais preocupados com a pressão existente pela mudança do entreposto pesqueiro da **Pedra** para outro local, pois ele sempre está falando em um plano “B”, como se preparando para uma

nova investida do Poder Público, nesse sentido. É ele que faz um alarme quanto ao “fim da vida do Ver-o-Peso caso haja o término do entreposto pesqueiro local, pois as embarcações são responsáveis pela circulação do pescado e por comprar mercadoria na feira do Ver-o-Peso por atacado para levarem aos seus locais de origem”.

O segundo ponto abordado nesse capítulo é quanto ao novo ciclo em busca do pescado, *lá fora*, ou de outro modo, trata das considerações quanto aos sujeitos e suas atividades “depois da **Pedra**”, mas que podem ser ditas também como sendo “antes da **Pedra**”, pois são ações que ocorrem nesse intervalo, em um ciclo contínuo.

A interação na organização da próxima viagem, em terra e suas atividades cotidianas quando não estão pescando tanto podem ser tratados como sendo antes ou depois da **Pedra**; sua aventura em uma jornada de trabalho – *lá fora* - que pode durar cerca de 400 horas em 28 dias de pescaria, a questão da informalidade da profissão de *pescador/tripulante* que não tem carteira assinada, mas que de modo contraditório, tem seguridade e aposentadoria.

A produção de pescado que *deságua* em Belém, inicia e se fortalece, sempre de modo dinâmico, a partir do planejamento e da pesca, propriamente dita, realizada pelos *tripulantes* das embarcações geleiras, nos pontos pesqueiros dos rios estuarinos e na foz dos rios Pará e Amazonas.

A rede social do pescado é composta, nessa fase do fluxo, pelos *barqueiros* ou *geleiros*, às vezes comerciantes – chamados marreteiros – os *encarregados*, *tripulantes*, *maquinistas*, fornecedores e outros eventuais parceiros da empreitada. Os principais personagens dessa parte do fluxo e da **Rede** são os trabalhadores que se arvoram a realizar essa tarefa de ir *lá fora*, pescar e que muito bem poderiam ser identificados como *pescadores* (que o são mesmo), no entanto se autodenominam de *tripulantes*; isso é para “não ser confundido com o *pescador* de anzol”, como falou Careca, trabalhador que exerce suas atividades em um porto no distrito de Icoaraci¹⁰⁷ onde ancoram barcos para manutenção, depois que saem da **Pedra** e antes de nova jornada em busca de pescado.

Ser ou não ser *pescador* é uma questão de identidade para esses trabalhadores embarcados que levam seu pescado para comercializar na **Pedra**. Auto denominar-se *tripulantes*, não é especificamente uma negação de ser *pescador*, mas sim uma afirmação de que é *pescador embarcado*, por isso *tripulante*; mas é uma modalidade de *pescador*, afinal, “para o *pescador*, o profissionalismo não é uma questão de cidadania, mas uma questão de

¹⁰⁷ Icoaraci, distrito administrativo de Belém distante 18 km do Ver-o-Peso.

sabedoria, de ciência da natureza [...]” (FURTADO, 1993, p. 446). Cada modalidade de pesca exige específicas habilidades físicas, corporais, instrumentais e de conhecimento da natureza, do ambiente com o qual vai interagir, da espécie que vai capturar, dentre outros fatores. Para Furtado (1993, p. 447) “[...] o entendimento da pesca é uma realidade, não dada por si mesma, mas o resultado de uma construção que leva ao delineamento de seus contornos físicos, históricos e sócio-culturais e é a compreensão dos mesmos”.

As aventuras que ocorrem nos *pontos de pesca* e nos seus trajetos de ida e volta, tanto nos rios estuarinos, insulares, como também no litoral paraense, são realmente uma constante na vida desses trabalhadores, que enfrentam perigos conhecidos e novos, em cada jornada na busca do pescado; [...]“é maresia¹⁰⁸, é ondas mais alta, é tempestade”[...] (*Tripulante Dino*), troncos, copas, ramos e até árvores e palmeiras inteiras, além de outros tipos de barreiras soltas nas águas, desafiando o piloto a se desvencilhar para evitar o choque com a embarcação; são os piratas da modernidade amazônica, que bem armados e em pequenas embarcações velozes abordam os barcos pesqueiros com intuito de realizar assaltos, que os fazem com muita violência; dentre tantos outros abalos físicos e psicológicos.

Além dos muitos perigos enfrentados por esses trabalhadores, ao falarem da profissão, alguns deles lamentam-se da ciranda em que estão envolvidos, queixam-se da atividade que é tida como “[...] dura e estressante; a gente não consegue mais parar, porque acaba uma viagem, é só duas semanas em terra, mas é três semanas no mar, a gente tem que apelar e muitos viram viciados” (China, 41 anos, *tripulante*, 7/8/2015); ou “[...] *tripulante* não tem tempo *pra* família; é chegar no porto, levar dinheiro pra mulher e sair de novo *pra* lida, é todo o tempo; não sabe nem se o menino que pede *bença* é seu mesmo (Osso Duro, *tripulante*, 36 anos, 7/8/2015), são essas algumas das lamúrias em relação à profissão de *tripulante*; o fim de uma viagem é só o início de outra.

No caso do China, ele afirmou que já fumou cigarros artesanais de maconha¹⁰⁹ (*canabis sativa*) porque quase todos os *tripulantes* de um barco em que trabalhou fumavam, mas ao misturar com bebida alcoólica (cachaça), fez com que ele passasse muito mal, quase o levando à óbito e talvez isso tenha sido a causa do China não ficar dependente da maconha, como – segundo ele – muitos *tripulantes* que gastam parte de seus recursos financeiros com a

¹⁰⁸ Maresia é um tipo de névoa do mar que transporta o sal em suas partículas de água, que paira no ar, mas no sentido usado pelos *tripulantes* é o mesmo que marola ou ondulação na superfície do mar.

¹⁰⁹ *Cannabis sativa*, mais conhecida como maconha é uma substância classificada como entorpecente ilícito muito consumido no Brasil por ser de preço baixo e de fácil acesso nos centros urbanos, pode causar dependência aos usuários, dentre seus efeitos estão a sensação de leveza, relaxamento, mas pode provocar ainda taquicardia e impotência sexual (INFOESCOLA.COM); os *pescaadores* artesanais da Amazônia a usam para diminuir a ansia e o enjoo provocado pela agitação das águas.

compra da *erva*. O Osso Duro falou que sente saudade da família e que se preocupa com a criação dos filhos longe da sua influência.

Mas, mesmo com todas as queixas, esses trabalhadores se esmeram para conseguir o pescado *lá fora*, porque é isso que lhes garante seus recursos financeiros ao fim de cada jornada e desse modo eles participam da rede social que gira em torno do pescado em Belém e quando lhes perguntado porque não mudam de profissão as respostas convergem para: “só sei fazer isso” (Cléo e Osso Duro) ou “é a nossa cachaça (Téo), ou ainda de modo mais elaborado “é uma profissão como outra qualquer e toda profissão tem suas dificuldades”(Dino).

Leitão (2009) comenta quanto ao ingresso e identidade dos *pescadores* que utilizam canoas e requerem habilidades diferentes e mais específicas em detrimento aos *pescadores* embarcados que possuem equipamentos dotados de tecnologia mais sofisticadas que facilitam suas atividades de pesca:

Muitos *pescadores* da região amazônica justificam o número crescente de pessoas que ingressam na pesca pela “facilidade” da atividade; ao mesmo tempo, mostram que mais que equipamentos e força de trabalho, ser de fato *pescador* exige um saber específico, adquirido durante uma longa socialização. Conhecer onde está o peixe, o movimento do vento ou das águas, são aspectos valorizados e que conferem autenticidade em oposição aos que pescam em embarcações que dispõem de equipamentos que “trabalham” por eles. Tal conhecimento, fundamental para garantir um resultado minimamente satisfatório em termos de produção, é também marca da identidade do *pescador* como trabalhador especializado e, em tempos de conflitos em torno da exploração dos recursos, acaba por se constituir em elemento de resistência na luta contra a pesca predatória e pela preservação de modos tradicionais de exploração pesqueira (LEITÃO, 2009, p. 1).

No entanto os *pescadores* embarcados também possuem, por necessidade, habilidades e conhecimentos específicos para que possam realizar a contento, a pesca nas águas agitadas da foz do rio Amazonas e do mesmo modo todo *pescador* os possuem, seja na pesca de anzol, de curral, de arpão, de rede ou outro tipo de pesca.

Ao chegar na **Pedra** esses trabalhadores ainda tem o dever de zelar pelo pescado durante sua estadia na **Pedra**, até que esse seja totalmente comercializado e distribuído em toda Belém e outras localidades, depois da **Pedra**. É a circulação do pescado na malha urbana de Belém, que atinge toda a cidade, trazendo emprego, renda e abastecimento de um gênero alimentício de primeira necessidade.

Na figura 32 (A e B) são apresentados respectivamente os momentos da chegada dos *tripulantes* em suas embarcações na **Pedra** e durante um dia, onde as embarcações ficam ancoradas esperando escoar a sua carga de pescado na próxima madrugada.

Figura 32 (A e B) momentos da chegada de embarcação e de estadia na Pedra



Fonte – Figura 32(A) fau.ufpa.org e figura 32 (B) Autor/2014

Mas ao término dessa venda, quando o barco está vazio, se inicia imediatamente os preparativos para a busca de mais pescado *lá fora*, para novamente trazer à **Pedra** em nova jornada de comercialização e consequente retroalimentação do fluxo do pescado em Belém.

O fluxo do pescado é permeado pelas regras do mercado tradicional e das regras próprias da Pedra do Peixe, sendo essas últimas consideradas tácitas, mas a informalidade é uma constante, pois muitas das operações comerciais realizadas na **Pedra** são realizadas em sistema de crédito informal, onde o que vale é a palavra, a amizade, a confiança e a honra, que será visto adiante. Desse modo também são administrados os conflitos que surgem na **Rede**, quando internos no âmbito da **Pedra** e Mercado de Ferro, em geral é pela desconformidade com as regras tácitas e quando o conflito é de origem externa é provocado geralmente por alguma ação do Poder Público em suas ações políticas.

4.1 A INFORMALIDADE NA PEDRA: HONRA, *FIADO*, REGRAS TÁCITAS E CONFLITOS

A informalidade sistematizada na **Pedra**, além da comercialização tradicional, onde a compra e venda está explícita nas ações para fazer circular o pescado, abrange outros direitos e obrigações entre os sujeitos que lá exercem suas atividades, o que pode gerar a reciprocidade de que trata Mauss (2003) em seu ensaio sobre a dádiva. Como é uma prática generalizada há de se convir que essa abrangência sistêmica só é possível porque satisfaz ao coletivo ou dito de outro modo, as relações sociais que movem essa comercialização de

pescado empreendida na **Pedra** e segue regras tácitas que vão além dos interesses individuais, pois o benefício econômico é de todos.

O Poder Público pouco interfere diretamente nas atividades realizadas pelos sujeitos que trabalham na circulação do pescado e que tem a **Pedra** como centralidade, mas esses atores sociais têm entre si um trato, que não está escrito em nenhum estatuto ou contrato formal, mas está implícito nas suas ações e reações. São regras tácitas que existem na **Pedra**, antes mesmo da atual geração de trabalhadores iniciarem suas atividades nesse espaço, como disse o *balanceiro Mimi*, “[...] que quando eu cheguei aqui, quando todos que estão aqui chegaram *pra* trabalhar aqui, já existia *as regras*. É só seguir que dá tudo certo *pra* todos[...]”. O Mimi se referia a um acordo tácito coletivo, concebido e iniciado em tempos pretéritos no âmbito da **Pedra**, cuja cronologia não está registrada em nenhum documento, mas que é um fato social total. Ademais demonstra que existem laços informais entre os *balanceiros* e demais trabalhadores da **Pedra** regulados por normas de ações que produzem o bem-estar ou a boa convivência de todos.

Portugal (2007, p. 36), define que “as normas dizem aos indivíduos como eles devem comportar-se e o que devem esperar dos outros. [...] noutras palavras, as normas definem a pertença ao grupo, a contribuição esperada e a recompensa adequada para essa contribuição”. Ao seguirem as regras, cumpre-se um trato coletivo, onde o *balanceiro* continua vendendo e o *comprador* também vai continuar tendo condições de comprar mais para revender. No meio dessa relação comercial está a modalidade de venda a crédito, popularmente denominado de *fiado*. Caso o *balanceiro* não venda *fiado* ele estará fugindo à regra da informalidade e diminuindo assim seu patrimônio social que é o que potencializa seu poderio econômico. Isso vai ao encontro de Polanyi (2000) quando observa que:

A descoberta mais importante nas recentes pesquisas históricas e antropológicas é que a economia do homem, como regra, está submersa em suas relações sociais. Ele não age dessa forma para salvaguardar seu interesse individual na posse de bens materiais, ele age assim para salvaguardar sua situação social, suas exigências sociais, seu patrimônio social [...] (p. 65).

Quando o *balanceiro Tetéo* afirmou que não gosta de vender *fiado* mas que vende porque todos vendem e que se ele não vender nessa modalidade ele vai perder para a concorrência, ele ratifica a premissa de que todos os trabalhadores da **Pedra** seguem esse acordo de informalidade ali imperante, guardados alguns cuidados ou prevenções, como vender somente para quem conhece e já é *comprador* há muito tempo ou que conquistou e/ou

inspirou confiança ao *balanceiro*, que de todo modo é o financiador do produto, o responsável pelo crédito.

O modo de venda *fiado* resulta da relação de confiança que existe entre os atores sociais na **Pedra**, mas também pode vir a causar uma relação de dependência a ponto de acontecer, como no caso narrado pelo Wellington, que já trabalhou como *tripulante* de embarcação geleira, ele demonstrou que dono de barco pode vir a dever muito para o *balanceiro* e esse esperar o pagamento que será feito de alguma forma, nem que seja pela venda do barco ao credor, por um preço, geralmente, abaixo do valor real. E com isso o *balanceiro* “cada vez mais enriquece”, como declarou o Wellington.

O Wellington falou do cotidiano da **Pedra**, com assuntos diversificados, onde concluiu com a história de seu tio, que era dono do barco no qual o Wellington trabalhava que “ficou *enrolado* por ter muita dívida com um *balanceiro*”, cujo o nome Wellington pediu para não citar. Em seu depoimento tratou da dívida que seu tio contraiu e como isso envolve a honra do pagamento e o quanto o *barqueiro* pode ficar comprometido com o seu credor; eu iniciei este subitem com um dos seus depoimentos, na sua primeira entrevista:

Tudo tem que passar pelo *balanceiro*, a gente é fiel àquele *balanceiro*, primeiro pela amizade que nasce de algum jeito. Mas, a gente é fiel *pro balanceiro* porque quando a gente passa por dificuldade – no caso o meu tio – o *balanceiro* é quem dá apoio [financeiro], o meu tio ia lá com o *balanceiro* que ajudava financeiramente, aí por isso a gente fica preso ao *balanceiro*; deu problema no motor do barco, tem que comprar mais rede, tem que financiar alguma coisa, aí é o *balanceiro* é que banca, mas ele cobra.... aí, a gente é fiel. Depois vai pagando aos poucos, o *geleiro* fica fiel ao *balanceiro*, não assina nada, mas é obrigado a cumprir tudo que for combinado na palavra, fica fiel a ele. O *balanceiro* é uma espécie de agiota, e daqueles agiotas do tipo *barra pesada*, ele nunca perde, ele tá ali *pra* ganhar. O *barqueiro* pode até ficar enrolado e demorar a pagar, mas se não pagar ele não vai mais poder passar por lá. O meu tio vendeu o barco *pro* próprio *balanceiro*, eu acho até que foi por causa de composição de dívida com o *balanceiro* que ele (o tio) era fiel, o *balanceiro* não perde nada, ele tá ali *pra* ser o atravessador, o marreteiro¹¹⁰, ele pesa o peixe e vende mais caro, tá ali *pra* ganhar....e muito.

O meu tio mesmo devia muito, eu vi ele na mão do *balanceiro*, de modo que ele não tinha mais praticamente lucro. Acontece muito de o *balanceiro* comprar o barco do *geleiro* por conta da *conta* (dívida) que não é paga, aí ele (o *balanceiro*) dá um trocado de volta e manda o *geleiro* *pastar* – fica com o barco ou vende. Ele nunca perde, é como um agiota. A dívida vira uma bola de neve. Quando o dono do barco *acerta* no peixe¹¹¹ tudo bem, mas quando não *acerta* cai na mão do *balanceiro* e é difícil sair. Ele (o tio do Wellington) mudou de ramo é tá bem melhor do que naquela época que vivia na mão do *balanceiro*. (Wellington, 36 anos, *ex-tripulante*, entrevista em 18/3/2014).

¹¹⁰ Marreteiro é um termo pejorativo que se refere ao *balanceiro* como um atravessador, no sentido negativo, termo esse que o *balanceiro* não concorda.

¹¹¹ Acertar no peixe é quando a tripulação do barco consegue uma ótima pescaria e em curto espaço de tempo

A fidelidade de que trata Welington é mais uma espécie de pressão, característica da modalidade. O *barqueiro* Juramí ficou devendo muito para o *balanceiro* Tetéo, porque foi vítima de assalto por piratas, que levaram o motor e vários equipamentos do seu barco, os piratas dos tempos atuais agem nos rios da Amazônia, principalmente entre Belém e Vigia de Nazaré, além do roubo e da violência física empregada, os ladrões depredaram o barco do Juramí e o deixaram a deriva, sem controle nenhum, só seis horas depois um barco pequeno de passageiros, rebocou a embarcação do Juramí até uma ilha de São Caetano de Odivelas, onde ele e sua tripulação foi socorrida. Isso aconteceu em abril do ano de 2011 e assim o Juramí teve que fazer uma dívida grande com o Tetéo.

Se não é ele, eu tava falido, porque eu praticamente fiquei só com o casco do barco principal. Tive que comprar tudo, pagar tudo. A sorte é que eu tinha outro barco e chegava na Vigia, o Tetéo mandava eu desembarcar e mandar toda a carga pelo caminhão pra ele vender e ele bancava todas as despesas extras, da Vigia o barco logo voltava pra pesca lá fora (para ganhar tempo). Eu só parei de dever pro Tetéo no ano passado, eu trabalhei muito pra isso, mas o Tetéo se quisesse podia me... (pornofonia), mas não, ele foi que nem um pai é pra um filho, eu não devo dinheiro pra ele eu devo favor e a gente é parceiro, eu meu irmão e os parceiros que lidam com a gente, lá fora e aqui na Pedra (Juramí, 42 anos, entrevista em junho/2014).

Na **Pedra** os sujeitos se relacionam sob um código de honra centrado na palavra. Existe o dar, receber e retribuir (MAUSS, 2003), esse tipo de relação é positiva no sentido que um ajuda ao outro; a reciprocidade é uma constante na **Pedra**, no momento em que um sujeito tem necessidade de obter produtos, sem ter o capital a ser pago por isso, ele normalmente é atendido por um amigo ou parceiro, mas isso também pode levar um sujeito a se atolar em dívidas, que ele vai pagar de alguma forma.

Assim como aconteceu com o *balanceiro* que emprestava dinheiro ao tio do Welington, quando esse precisava de recurso para manutenção da embarcação e para os insumos da viagem em momentos que não *acertava no peixe* ou que tinha outras atribulações. Ou de outro modo, o que se deu com o Juramí, quando foi assaltado e precisou de apoio do Tetéo e o obteve. A diferença é que o *barqueiro* – tio do Welington – deveu tanto que não conseguiu pagar sua dívida e teve que vender o barco para pagar a tal dívida,

Por outro lado, o “apoio” que o Tetéo deu ao Juramí, não foi só de recurso financeiro; eles traçaram estratégias para recuperar a embarcação e ao mesmo tempo trabalhar mais com o barco restante, revezando a tripulação e diminuindo o tempo de viagem para

haver mais produção, deu tempo para o Juramí pagar sem ter que parar de trabalhar, para se recuperar mais rapidamente.

Embora haja uma informalidade nessa relação de venda, há toda uma relação comercial, mas também relação de honra na qual existe um equilíbrio envolvendo confiança, amizade e solidariedade, como um “fato social total” (MAUSS, 2003, p.193).

O *Tetéó* vende “só pra quem conhece” e que já compra com ele há muito tempo, “eu sei quem é bom pagador, o sujeito que pede fiado é porque ele tá em dificuldade, aí a gente podendo tem que ajudar né?... mas depois ele se recupera e paga,... depois ele vem comprar aqui comigo, mais e mais, quer dizer que se eu não vender pra ele, ele vai procurar um outro que vai vender fiado pra ele, aí eu sobro né?”. O *Tetéó* diz que já levou calote¹¹², “isso faz parte do nosso negócio, mas o sujeito que não paga, não aparece mais aqui na **Pedra**... ele fica com vergonha... só se é ruim, quando ele não tem vergonha na cara e aparece, mas aí todo mundo fica sabendo que aquele sujeito não é *boa gente*, aí ele sente a barra, ...ou vem pagar ou ele mesmo se elimina daqui, ...mas eu já peguei calote, sim”. A moral que envolve o devedor e o obriga a restituir é a mesma que dá essa revanche ou dá a *forra*¹¹³ e que é muito praticado na **Pedra**, pois se o *Tetéó* “não vender fiado outro *balanceiro* vai fazer”, como diz o próprio.

O termo “forra” tem um duplo sentido que pode ser positivo, quando há a intenção de retribuir ou pagar uma dádiva – ou uma dívida –, mas pode ser negativa quando houve uma dádiva sem retribuição, como uma dívida não paga, aí a forra pode ser como uma vingança.

A Luiza, que vende caixa de papelão, também declarou que vende fiado, “eu não gosto de vender, mas eu vendo, eu conheço todo mundo, todo esse feirante do peixe, que passa por aqui, vem cair aqui comigo, mas eu podendo eu vendo sim, eu testo *pra* ver se o cara é direito...mas esse pessoal que vem aqui é direito, sim; eles levam fiado mas pagam depois. Eu não gosto mas vendo”. Ou seja, se pudesse ela não venderia.

A Luiza como o *Tetéó*, se obrigam a participar do sistema de crédito informal que se institucionalizou na **Pedra**, o fiado é prática comum e caso eles não participem, perderão mercado. Nas conversas que empreendi com *balanceiros* e *compradores*, pude perceber que a venda na modalidade *fiado*, é uma constante na **Pedra**. Cada *balanceiro* tem seu caderninho

¹¹² Calote é ausência do pagamento do “fiado”, é quando o ator social não honra com o pagamento de sua dívida.

¹¹³ Forra ou desforra é um termo usado para o sentido de revanche negativa, como vingança ou *dar o troco* do mesmo modo, mas que também é usado no sentido de retribuir, no sentido de dádiva ou da obrigação de dar, receber e retribuir. Esse termo é usado na Pedra e foi encontrado também na Feira do Açáí por Borges (2003, p. 112), no sentido de dádiva e reciprocidade.

de anotações para registrar esses compromissos de compra e venda e que normalmente é honrado pelo devedor.

O *balanceiro*, com seu ganho de 6% do valor bruto da carga vendida, pode acumular um capital econômico que lhe permite diversificar seus negócios ou potencializar sua atuação na **Pedra**, podendo emprestar dinheiro aos *barqueiros* e *tripulantes*, quando esses têm necessidades extras. Ele (o *balanceiro*) tem um papel referencial de assistência e seguridade social como declara *Tetéo*:

Olha, quando o *barqueiro* precisa eu ajudo sim,...ele é trabalhador como eu sou, quer dizer que assim como acontece com ele pode acontecer comigo... é uma doença, é uma dificuldade, que eu não tenho como dizer não... eu tendo eu empresto, eu compro remédio, eu ajudo. Eu já ajudei até uma mulher do *tripulante* aí...que *tava* com *problema* de filho atravessado e correndo risco, chegou aí de madrugada gritando eu fechei minha balança..., não, eu nem abri minha balança nesse dia, eu queria era ajudar. Eu queria e consegui, liguei *pra* um, liguei *pra* outro e fui eu mesmo levar ela, lá na Santa Casa – só depois que ela já *tava* acudida eu voltei *pra* cá...de manhãzinha, o *moleque* *tava* nascendo e a mulher sadia. Já pensou o que essa mulher sentiu viajando desde de noite nesse barco cheio de peixe. Eu ajudo sim; esses *peixeiros* *tem* vez que um me *deve*, me *deve*, mas lá um dia me paga. Ele não para de comprar,...ele *tá* me devendo, mas *tá* olhando na minha cara, no meu olho... esse é *cara* de honra, porque ele *deve*, mas sabe que tem que pagar, ele nem fala nada e eu não cobro, mas ele paga (*Tetéo*. Entrevista em 5/6/2014).

A questão envolvendo esses personagens da narrativa do *Tetéo* é a tônica imbricada na informalidade da **Pedra**, mas que se torna institucionalizada, como um acordo entre os componentes da **Rede**, onde a honra acompanha as transações acertadas; muitas das quais sem nenhum documento, nem anotação em caderneta. É a reciprocidade fortificada nessa **Rede** e todos ou a grande maioria, sabe que não pode falhar, não deve quebrar o acordo informal, sob pena de ver quebrar também a sua moral, o seu capital social, que abalado, pode atingir o lado econômico. Isso é um indicador da pertença à **Rede** da **Pedra** ou à rede do pescado.

Mas em contraposição à honra e reciprocidade eu observei que resta ao devedor, honra e/ou penalidades, ou seja, para quem *deve*, existe a honra de pagar a dívida e para quem não cumpre com o pagamento de suas dívidas resta a penalidade. Assim, classifiquei cinco tipos de situações envolvendo dívida e honra: a primeira situação é aquela da auto-exclusão, onde o devedor deixa de frequentar a **Pedra**, porque não pagou a sua dívida, seja por vontade própria ou por não conseguir o recurso suficiente para tal intento.

Eu conheci na **Pedra**, o *peixeiro* Raimundo Siqueira da feira do Barreiro, o qual disse conhecer um vizinho seu, lá da feira, que “não pisa aqui na **Pedra**”, “ele deu um golpe

no *balanceiro* aí, e não foi em um só não [...] aí, agora ele paga *pra* comprarem peixe *pra* ele e na **Pedra** ele não pisa, ele tem medo até da sombra [...] isso não é vida não; ele só sabe ser *peixeiro*; qualquer dia ele não tem quem compre pra ele e aí? Como é que ele vai ficar? ”. O depoimento do seu Raimundo vai ao encontro do que Portugal (2007), trata quanto a inclusão e exclusão das redes sociais. Desse modo um sujeito pode se eliminar da **Rede**, ele dá o calote e foge.

A exclusão e a auto-exclusão na **Pedra** é uma realidade vivenciada e narrada por sujeitos que trabalham diariamente ali, cada um tem vários casos semelhantes que redundaram em exclusão de pessoas na **Pedra**. “As redes definem formas de inclusão e de exclusão, oferecem proteção ou indiferença, a partir de critérios de confiança e de desconfiança”. “[...] as normas no interior das redes sociais obedecem a um modelo complexo”. (PORTUGAL, 2007, p. 52). Quem quiser se manter ou pertencer à **Rede** do pescador deve cumprir às normas informais impostas pelo coletivo.

A segunda situação é de penalidade e também é redundante na eliminação do devedor, da **Pedra**; só que essa modalidade é contra a vontade desse tipo de devedor, que é tido como *cara de pau*, ele deve e não foge da **Pedra**, é quando a sua “fama corre aos ventos, aí chega a hora que ninguém mais vai vender pra ele, quer dizer que ele não é leal, ele quer dar golpe aqui” (*Tetéo*, 5/6/2014). Nesse caso, como no primeiro, o devedor é banido da **Rede**.

Na **Pedra**, as regras são claras, empresta-se, vende-se fiado, mas o devedor deve pagar para ficar limpo, honrado. Polanyi (2000, p. 65), estudando sociedades e sistemas econômicos, faz um comparativo dos sistemas atuais com os de uma sociedade tribal, quanto ao cumprimento de código de honra, estabelecido na comunidade, e vem corroborar com premissa semelhante existente na **Pedra**. Para o autor

[...] a manutenção dos laços sociais é crucial. Primeiro porque, infringindo o código estabelecido de honra ou generosidade, o indivíduo se afasta da comunidade e se torna um marginal; segundo porque, a longo prazo, todas as obrigações sociais são recíprocas, e seu cumprimento serve melhor aos interesses individuais de dar e receber (POLANYI, 2000, p. 66).

A terceira situação é aquela onde o devedor não consegue pagar, mas quer honrar de qualquer forma sua dívida, aí ele dá ou vende algo de valor seu, para honrar a dívida, ele vende casa, carro, barco e outros bens, mas paga a dívida, como ocorreu com o *barqueiro* que é tio do Wellington. Isso é muito comum acontecer, e foi a situação mais contundente que encontrei relativa a dívidas contínuas de *barqueiros* com *balanceiros* que ao virar uma

ciranda financeira exponencial, de modo a se tornar impagável, faz com que o devedor negocie o seu barco com o seu credor, em acerto de contas, no qual, segundo o Wellington (entrevista em 14/4/2014), “só o *balanceiro* é que sai ganhando” isso aconteceu com seu tio, com quem o Wellington trabalhou.

Quando o valor das despesas com a manutenção do barco e viagem está acima da capacidade econômica do *barqueiro* ocorrem duas situações, ou afeta o valor a ser pago à tripulação ou é necessário um aporte de recurso extra e é aí que pode entrar o apoio do *balanceiro* nesse financiamento. Podendo se repetir de modo que a dívida só vai crescendo até atingir um patamar onde o *barqueiro* tem que vender seu barco para pagar a sua dívida, mas “ele fica limpo, da feita que pagou ele fica limpo, quer dizer que ele vai trabalhar empregado (às vezes do *balanceiro*), ele vai trabalhar com outra coisa aqui ou lá na terra dele,[...] que esses *barqueiro*, quase *tudo* é do interior, é de Abaetetuba, de Igarapé Miri, é de Soure, de lugar onde se faziam barcos, e faziam, porque hoje cada vez tem menos”. “Os mestres fazedores de barco já não *tão* mais fazendo barco, porque os filhos deles não *aprende* mais o ofício, com esse negócio de garoto não poder trabalhar, não vai ter mais quem aprenda a fazer barco bom, qualquer dia tem que comprar na loja. O garoto só quer *tá* na internet, porque não pode trabalhar *pra* aprender um ofício, o mesmo que *pra* ser encarregado, *pra* ser pescador; *pra* ser pescador? Esse mesmo que ninguém, nem, quer ser mais, *pra* tudo, *pra* tudo precisa iniciar ainda *pequeno*. (Tetéó, 8/10/2014).

Nessa terceira situação de dívida, o devedor, que, nesse caso, honra seu compromisso nem que seja através da perda de um bem material precioso, que é o seu barco e tem um certo alívio, como no caso do tio do Wellington, que ficou bem melhor, “saiu da mão do *balanceiro* e ainda melhorou de situação”. Mas ele é bem visto porque honrou seu compromisso, como disse o Tetéó “ele sai limpo”, isto é ele sai honrado.

A quarta situação, é como no caso do Juramí, onde o devedor tem tempo para honrar sua dívida, sem pressão ele se recupera e paga; sai honrado. A quinta situação, também de honra é aquela do dia-a-dia na **Pedra**, onde alguém deve mas paga regularmente sua dívida nos prazos estipulados, sem criar conflito ou apreensão entre quem vende fiado e quem deve e paga.

Quanto aos regulamentos na **Pedra**, além dos poucos impostos pela Prefeitura de Belém, mais relativos aos uso e cumprimentos de horários, além da fiscalização esporádica da Vigilância Sanitária, nota-se que há uma regra tácita entre todos os seus usuários, os quais cumprem e consideram o seu conjunto, como um “código legal” a ser seguido naquele

ambiente, onde a informalidade está presente em todas as etapas do fluxo de atividades empreendidas desde a captura, indo por fazer circular o pescado.

As regras evitam os conflitos internos, estando sempre presente e com plena validade para os aspectos relativos à tributação, à empregabilidade, à saúde do trabalhador, à seguridade social, ao controle e inspeção sanitária e no sistema de crediário praticado, em tudo isso estão presentes essas regras informais.

Quanto ao enfrentamento de perigos e conflitos externos à **Pedra**, também as regras preceituam a união de todos para seus enfrentamentos; para isso existe a organização de trabalhadores por categorias para agir em prol de todos, mas também em benefício de cada um.

A grande maioria dos trabalhadores da **Pedra** não têm carteira assinada, assim como os *pescadores* ou *tripulantes*. Alguns trabalhadores, como o *carregador Jones*, são instruídos para terem vínculo com entidades que representam categorias de trabalhadores nos municípios de origem, lá estão as associações de *pescadores* que aceitam esses trabalhadores mais instruídos, que se filiam e participam efetivamente, ou não, da vida dessas entidades, como reuniões importantes, votação e pagamentos ou recolhimentos de contribuições mensais, se for o caso. Um ponto importante, segundo *Jones* é o sujeito ter seu domicílio eleitoral na localidade “[...] é a primeira coisa que vão ver, é se tu vota lá no lugar”.

O *Jones* (Nome fictício) declarou que embora não seja *pescador*, participa de uma “associação” – não pode dizer de que localidade – que lhe permite receber “o defeso” e que um dia vai lhe garantir a aposentadoria.

No entanto uma quantidade significativa de trabalhadores não tem como se aposentar, nem mesmo como se sustentar em um momento de doença, quando precisam da caridade de pessoas, que se reúnem para fazer coleta e ajudar esse trabalhador.

Os *peixeiros* do Mercado de Ferro, se reúnem em uma Comissão que os representa politicamente, organiza a limpeza e conservação do ambiente de trabalho, coleta recurso ao “longo do ano para a festa do dia do Círio de Nazaré” (NASCIMENTO, 2010) e coleta recursos para ajudar aos associados nos momentos de doença.

A maioria dos *tripulantes* diz que não tem carteira assinada por medo de não receber o “defeso”, eles se organizam nas colônias de *pescadores* da sua origem, mas alguns, principalmente de Belém, não tem filiação a qualquer entidade organizativa, embora outros declarem que pagam INSS através de carnê.

Notei os *carregadores* mais vulneráveis nesse sentido organizativo, pois quando alguns adoecem, somem da **Pedra** e ninguém nota sua ausência, “se está doente, ou está no

interior ou se morreu, ninguém sabe”, como declarou o Gouvêa sobre o assunto. Muitos dos *carregadores* se queixam de dores na coluna, alguns tem defeitos de desvios aparentes, na coluna, tipo escoliose ou outro tipo.

O *carregador Faísca* aparece nas figuras 33 (A e B), ele como seus companheiros de trabalho, desenvolvem técnicas corporais desde que iniciam suas atividades nessa profissão de *carregador*, pois há exigência da força, mas também destreza para equilibrar uma caixa com 100 quilos de pescado na cabeça. Onde qualquer descuido pode causar acidente. O *Faísca* é um exemplo de quem não tem nem uma garantia trabalhista ou seguridade social.

Figura 33 – Atividade do *carregador*, do *virador* e do *balanceiro*



Fonte - Autor, 2014

Na **Pedra**, o ator social que mais representa o capital é o *balanceiro*, pois esse detém o recurso capaz financiar e infraestruturar os *barqueiros*, suas embarcações geleiras e as viagens em busca do pescado. Cada *balanceiro* é um ator central em uma determinada rede social parcial, cada um deles tem um grupo de pessoas que dependem de seu capital girando nessa atividade; existem alguns profissionais que são exclusivos de uma rede em função do *balanceiro*, outros profissionais não possuem tal vínculo de exclusividade.

Por tudo isso o *balanceiro* é requisitado para ajudar os trabalhadores de sua rede, isto é, os que possuem laços fortes com esse, em momentos de dificuldades principalmente de saúde, seja do trabalhador ou de um ente querido seu que nesse caso é bancado pelos recursos do *balanceiro*, o qual já possui uma rede de relacionamento capaz de ajudar rapidamente a uma pessoa doente. “Eu já tenho um meio de ajudar, conheço um deputado que é médico e ele faz a vez pra mim quando é preciso (*Tetéó*)”.

Assim como o *balanceiro Tetéo*, estão outros *balanceiros* e outras tantas redes parciais, interdependentes, formadas na **Pedra**, e, geralmente esses *balanceiros* ajudam os

seus parceiros de rede; mas alguns membros de uma determinada rede pode fazer parte também de outras redes sociais, como os *carregadores* que acabam não criando vínculo de laços fortes com uma só rede; é o caso do *carregador* “Fáisca”, que um dia está prestando serviço para um freguês que está comprando do *balanceiro Tetéo*, mas outro dia estará com um *comprador* que adquire o pescado com o Gouveia, com o “Morango” ou outro *balanceiro*. Ele é contratado por um determinado *comprador* e muitas das vezes cria, com ele, uma relação de confiança, e, pode indicar um *balanceiro* que tenha um tipo de pescado procurado, mas que também é de sua preferência, de sua confiança. Mas de todo modo fica sem apoio de um *balanceiro* num momento de dificuldade.

“Os *carregadores*, é cada um por si, quando adoecem eles somem da **Pedra**, o *balanceiro* não vai bancar quem não trabalha *pra* ele e o *carregador* geralmente não trabalha *pro balanceiro*” (*Balanceiro Morango*). “Um *balanceiro* (que pediu para não ser identificado) declarou que ajuda os seus, porque esse trabalha com ele e se for o caso até dá um dinheiro bom *pra* ele se cuidar porque ele merece, ele já trabalhou *pra* mim, então o que eu der *pra* ele se cuidar, cuidar dos filhos, da mulher, ele já me pagou, isso faz parte”. Faz parte das regras existentes entre esses atores sociais.

Mas quando um trabalhador não tem um laço forte com um determinado *balanceiro*, ele pode ter com outro, pode existir laços fracos com uns e laços fortes com outros; ele ainda pode contar com a solidariedade do coletivo, quando é querido por muitos; “que quando o cara é um chato, é um safado, é um rebarbado, aí esse cara vai ficar sozinho, que ninguém vai ajudar ele, não” (*balanceiro Mimi*).

Um trabalhador *considerado* sempre tem a solidariedade de todos, é muito comum ver, na **Pedra**, alguém fazendo uma coleta para ajudar um companheiro em dificuldade e nesse momento o sujeito é julgado por todos e se for considerado do bem, com boas qualidades – para que o está julgando - vai ter muita contribuição, no entanto se for mal julgado, ele pode não receber muitas contribuições que poderiam amenizar seus problemas.

Na **Pedra** as regras tácitas existem para serem seguidas, a maioria dos sujeitos a segue à risca, pois elas protegem, amenizam os conflitos presentes nas relações internas das pessoas; como, por exemplo, a convivência pacífica com os atores sociais tidos como marginais, os quais são conhecidos de todos mas aceitos no seu meio, como os ladrões que se fazem presentes todos os dias naquele local.

São várias especialidades deles, destacando-se os temidos assaltantes que ficam rondando os *balanceiros*, *peixeiros* e *compradores profissionais*, esperando que um deles se descuide para cometer o assalto; além desses, estão os ladrões de peixe, os ladrões

descuidistas que trabalham circulando pela **Pedra** esperando encontrar uma vítima no meio da multidão para roubarem carteiras, relógios, joias e aparelhos tipo celulares; existem os ladrões de carros, os arrombadores de carros que furtam objetos dos carros estacionados mas o deixam no lugar e os vigaristas, também conhecidos como “171”, que segundo o *balanceiro* Ney “são os artistas do papo”, enganam as pessoas para se apropriarem de bens e/ou dinheiro desses, por isso considerados como ladrões, também.

Segundo o *balanceiro* Dudu, “raramente os assaltantes conseguem realizar ou efetivar alguma investida”, porque cada *balanceiro* tem seu sistema de segurança para evitar tais investidas, pois eles sabem que são visados e “um parceiro dá cobertura *pra* outro”. O Dudu complementa [...]“Um ajuda o outro olhando, dando dica, colocando olheiros *pra* passar o pano onde estão os carro, qualquer estranho é suspeito aqui”

O Gouvêa tem seu carro blindado, isso depois de sofrer assaltos e segundo ele, “outros parceiros também tem blindagem, tem que ser assim”. [...] eu já fui assaltado três vezes. Mas um dia eu saí daqui (da **Pedra**) 5 horas e parei numa panificadora, lá na BR (316), *pra* tomar café e quando eu ia descendo do carro percebi de relance pelo retrovisor que vinham vindo dois caras de um lado e um do outro; eu só fiz fechar a porta e eles meteram bala, se o carro não fosse blindado eu não *tava* aqui *pra* contar essa”.

Em dezembro de 2014, houve tentativa de assalto a um *comprador*, cujo nome foi preservado, mas segundo alguns *balanceiros* os ladrões visavam na realidade um *balanceiro* (nome preservado), o qual tem o carro semelhante ao do *comprador* e por isso foi confundido quando saia da Pedra do Peixe, após ter comprado uma boa quantidade de pescado, conforme narra parte da reportagem (ANEXO 3) de um jornal de grande circulação local:

[...] A tentativa de assalto foi contra um comerciante de peixes, que teve a identidade preservada. Ele saia do Ver-O-Peso após fazer a compra dos pescados e ter despachado em um caminhão. Ele foi embora do local em seu carro particular, modelo L200, e passou a ser perseguido por um táxi, modelo Siena da cor branca e um motociclista. Ao parar no semáforo da travessa Manoel Barata, esquina com a avenida Presidente Vargas, foi abordado por “Nego Bala”, que estava na garupa da motocicleta, que anunciou o assalto. No entanto, a ação do assaltante foi surpreendida pelos policiais civis da DRFR que monitorava o bando há tempos por denúncias contra eles por esse tipo de crime. “É uma quadrilha que é especialista em saidinha bancária, saidinha de shopping e, inclusive, em assaltar *peixeiros*, já que eles movimentam muito dinheiro, o que vem a ser algo que interessa muito a eles”, disse Ricardo do Rosário, delegado da DRFR. (O Diário do Pará. Quinta-feira, 18/12/2014) [...].

Assim como os *balanceiros*, os *peixeiros* e outros *compradores* se expõem bastante, pois levam muito dinheiro em espécie para pagar pelo pescado na **Pedra** e como foi

declarado pelo delegado Ricardo Rosário (acima), “são visados por ladrões especializados em *saidinha*”. Um *balanceiro* pode sair da **Pedra** com valores altos e em volume grande, que se torna perigoso tal saída do seu local de trabalho. Há um tempo atrás (em 2012) o *líder* Daniel pediu ajuda de aparato policial de uma delegacia especializada, para darem apoio na **Pedra**, mas foi pressionado a voltar atrás por questões internas de *peessoas* que não se sentiam à vontade com a polícia por perto, isso tirava a harmonia local e “afugentava os *compradores*” (*balanceiro* Dito).

O Francisco sai de casa, na Marambaia – de madrugada – com valores altos e pacote volumoso, algo em torno “entre mil e quinhentos e três mil reais, até quatro mil eu já levei”; assim como ele, centenas de *compradores* levam quantias vultosas de dinheiros, porque o pescado é vendido à vista ou mesmo que seja *fiado* um dia deve ser pago em espécie – as exceções são para os sujeitos que se beneficiam das relações de sociabilidade com *balanceiros* e com isso podem pagar durante o dia em espécie ou realizando transferências entre contas bancárias.

Mas, na **Pedra**, a atenção tem que ser profícua sob pena do *balanceiro* ser roubado pelos ladrões de peixe, eles têm várias técnicas para realizar seus furtos, como o caso narrado pelo *Teté*, onde flagrou um ladrão roubando o pescado na sua balança, “o larápico gosta de roubar por debaixo da perna do *virador*, eu peguei um *gatuno* outro dia e só dei de terçado na costa dele *pra* ele criar vergonha, vem roubar aqui, na minha cara, ele *tava noiado*¹¹⁴, só pode ser, pra roubar assim na minha cara, só pode [...]”.

Uma madrugada eu estava na **Pedra**, ao lado do *balanceiro* Gouvêa e esse *balanceiro*, de repente, apontando um sujeito que estava na margem da via, próximo da **Pedra**, disse: “Olha ali, professor, o Babá! Bate uma foto dele, bate uma foto dele!”. E eu olhei para o sujeito no mesmo momento que ele olhou para o Gouvêa e me olhou; eu estava preparando a câmara fotográfica, mesmo surpreso e quando o Babá viu a câmara, chamou uma pornofonia ao Gouvêa, gesticulando com a mão e saiu apressado, fugindo no meio da multidão. Sem entender nada, eu perguntei, “quem é o Babá?” E o *balanceiro* respondeu “é um ladrão, ora”. Depois continuou: “Tu não *quer* estudar tudo da Pedra, tem que estudar o ladrão também”. O Gouvêa me alertou para o fato de que eu deveria sim investigar essa categoria, que convive no ambiente da **Pedra** dentro de uma certa tolerância por parte dos trabalhadores do local, mesmo assim são conhecidos e tidos como marginais, por parte dos atores sociais que fazem circular o pescado.

¹¹⁴*Noi*ado significa drogado com uma espécie de cigarro entorpecente feito à base de pasta de cocaína, chamado *nóia*, que vem da palavra paranóia.

Os ladrões destoam da maioria dos atores sociais da **Pedra**, pois esses sujeitos tentam se beneficiar, através dos descuidos das pessoas que vão à **Pedra** comprar o pescado ou mesmo dos trabalhadores que, embora estejam naturalmente atentos, podem em algum momento se descuidar também.

O Gouvêa contou outro caso em que foi furtado um *filhote* de 116 quilos do seu barco, um mistério desaparecer um peixe que por ser tão grande, foi até separado na beira do convés. Ali estava o descuido que despertou os ladrões. O Gouvêa acionou a sua rede para descobrir quem furtou e como, pois era um mistério sumir um peixe desse tamanho, ofereceu até pagamento para quem indicasse pistas concretas, “como é que pode roubar um peixe de mais de 100 quilos, sem que ninguém veja?” Quando já era 10 horas da manhã, o Gouvêa estava em Icoaraci, e recebeu um telefonema e rumou para a **Pedra**; “o *caguêta* me disse onde estava, em um talho lá no Mercado, em uma caixa, coberto com *palelão*, eu fui lá e dito e feito; eu peguei o *sacana* com meu peixe; ele disse que comprou do Quirino¹¹⁵, mas não sabia que era meu, pediu *mil* perdão. Eu já tinha acionado um amigo meu delegado, mas aí eu relaxei, eu só queria saber como foi” [...]. “Depois vi que até chegar no *peixeiro* passou por outras duas pessoas, porque o Quirino não apareceu *pra* vender o peixe, ele passou *pra* outros dois comparsas, um deles ajudou o Quirino. Eles foram no barco, um subiu e ficou de *butuca*, quando deu, ele jogou o peixe na água e outro pegou e os dois levaram nadando, andando, sei lá, até a rampa e lá eles negociaram o filhote”.

O *ex-tripulante* Wellington falou que cabe aos *tripulantes* dos barcos a vigilância dos seus pescados, “porque esse pescado é também seu, é de lá daquele que vai ter sua renda e o ladrão de peixe é um inimigo que quer se apropriar do que é seu”.

Lá na Pedra, a tripulação continua trabalhando e ainda tem que ficar atenta mesmo, porque lá tem muito ladrão, se der *sopa* eles roubam o peixe, roubam dinheiro, aparelhos pequenos. Lá na madrugada tem muita venda de droga, eles não fazem parte do pessoal *pescador* ou que estão ocupados com a venda do peixe, etc, mas mesmo assim eles [os ladrões] se misturam lá e ninguém sabe quem é quem. Na Pedra tem muita droga, tem aqueles *ladrõezinhos*, tem prostituta lá se trocando até por um peixe, tem garotinha que a própria mãe leva.

Quando a gente encosta no Ver-o-Peso por volta de quatro e meia, o *gelador tá* lá no porão jogando peixe pra fora, aí o pegador¹¹⁶ (alguém da tripulação que é indicado naquela hora) pega e coloca na basqueta aí primeiro ele *tá* tirando o peixe de menor valor, o ladrão tá só por ali, disfarçado, como se fosse um *carregador* ou *comprador*, como quem não quer nada, fica só de olho, quando tá saindo do porão o peixe de melhor valor – filhote, pescada

¹¹⁵Quirino é nome de um rapaz, tido como ladrão de peixe na Pedra.

¹¹⁶ É um *tripulante* ou mais de um que recebe a atribuição de pegar o peixe que é jogado do porão da embarcação, ao convés, para pôr nas basquetas que desce até a Pedra.

amarela – ele [o ladrão] é muito ágil, pega um peixe grande *rapidola*, e sai correndo passando de um barco *pra* outro e ele de repente tá na Pedra; é aquela gritaria mas ninguém consegue alcançar ele, às vezes já tem outro comparsa que esconde o peixe e ninguém vê mais, é uma jogada incrível”... (Wellington, 36 anos, *ex-tripulante*, entrevista em 18/3/2014).

Os *peixeiros/compradores* se associam para chegarem a **Pedra**, também para evitar assaltos, “até o *taxista* tem que ser de confiança se não a gente tá fumado”, declarou o Francisco, em relação à sua prevenção contra assalto.

Outro conflito latente na **Pedra**, nesse caso de ordem externa, é relativo ao interesse regulador do Poder Público em normatizar e taxar as atividades produtivas praticadas na **Pedra**. Tal intento pode ter no fundo o interesse de incluir os atores do entreposto em categorias profissionais regulamentadas que estariam obrigadas a pagar impostos, mas que, também, usufruiriam da seguridade social oficial, o que implicaria em benefícios como seguro-desemprego e aposentadoria.

No entanto, esses atores mantêm entre si meios autônomos de controle e organização do trabalho, produzindo estratégias informais de apoio aos que deixam de trabalhar ou precisam se aposentar e não manifestam interesse em submeter suas atividades ao controle do Estado.

Existem conflitos de ordem interna e os de ordem externas, mas um outro tipo de conflito que envolve a coletividade da **Pedra** é o que visa os *balanceiros* como alvo de muita gente da sociedade, que os veem como *marreteiros*, atravessadores e reguladores do preço do pescado, por isso já houve tentativas de acabar com a figura do *balanceiro* no processo de comercialização do pescado da **Pedra**.

Na metade da década de 1990, o Governo Municipal, à época, chegou até a construir um entreposto pesqueiro flutuante de metal sobre uma espécie de balsa, que serviria de entreposto de desembarque do pescado e acabaria com as atividades exercidas pelos *balanceiros*, na **Pedra**, “acabando de vez com os atravessadores” segundo Cairo Júnior que era o administrador que coordenava tal projeto, pela SECON, “essa seria uma ótima solução para acabar com os atravessadores (*balanceiros*), que só servem para encarecer mais o valor final do pescado”; no entanto as estruturas do entreposto metálico não estavam aptas para tal função e a fábrica de gelo não funcionou como deveria, de modo que nunca entrou em operação, sendo esquecido na história.

No ano de 2012 novamente se cogitou a construção de um entreposto pesqueiro, desta feita com recursos do Ministério da Pesca, em substituição à **Pedra**, dessa vez localizado na margem da Baía do Guajará, na avenida Arthur Bernardes, ao norte de Belém,

cuja construção estava prevista para ser concluída no final de 2012, entrando em operação no ano de 2013, pondo fim às atividades de recepção do pescado na **Pedra**.

Nesse momento, houve a união das associações dos diversos segmentos profissionais que trabalham na **Pedra** para as lutas visando à sua permanência na **Pedra**, o que provocou muito protesto por parte do que se sentiam atingidos, sem terem sido ouvidos quanto a essas ações e conseqüentemente a instalação de audiência pública realizada na Assembleia Legislativa do Estado – ALEPA, para esclarecimentos e tomadas de decisões. Os trabalhadores promoveram manifestações de protesto, passeata da **Pedra** até a sede da ALEPA, lotando suas galerias e exigindo na audiência pública, que o Poder Público explicasse quanto ao entreposto que estava sendo construído sem sua participação.

Nessa audiência pública que ocorreu em 7 de maio de 2012, na ALEPA, foi possível discutir acerca dessa construção e o destino da **Pedra**. Sendo que entre os principais encaminhamentos dessa Audiência ficou certo de que haveria um atraso na implantação do novo entreposto pesqueiro até que se desse uma solução quanto ao trabalho e destino dos trabalhadores da **Pedra** e outro encaminhamento foi a exigência do Ministério Público do Estado da apresentação de um projeto alternativo pelos trabalhadores afins, contemplando a **Pedra** e o entreposto, no qual deveria se adequar o espaço às novas tecnologias disponíveis, à legislação que trata de entreposto pesqueiro (Decreto Federal nº 5.231/2004) e aos parâmetros previstos pelo Instituto do Patrimônio Histórico Nacional – IPHAN.

Quando houve a pressão para a mudança de local do entreposto da **Pedra** para o Terminal Pesqueiro Público que estava em construção, em 2012, os trabalhadores ficaram muito apreensivos, o Amarildo¹¹⁷ foi um dos líderes que esteve sempre a frente, juntamente com o Daniel, para articular com autoridades e políticos, no sentido de encontrar alternativas para a continuação do entreposto na **Pedra**.

Ao final do ano de 2012, houve um relaxamento total dessa pressão e as obras do novo entreposto pesqueiro paralisaram e não foram mais retomadas até o final de 2015, quando se encerrou esta pesquisa, fazendo com que a **Pedra** continue suas atividades, sob administração municipal, mas sem muito controle público. Mas, o Amarildo, ainda hoje (entrevista em 5/6/2014) procura alternativa fora da **Pedra**, porque para ele “essa ideia deles de acabar com o entreposto da **Pedra**, ainda não acabou, eles (as autoridades) querem acabar com a **Pedra**; com o tempo isso volta de novo”.

¹¹⁷ Amarildo é presidente da Associação dos Vendedores de Peixe Salgado no Ver-o-Peso.

O Amarildo, o Daniel e outras lideranças das categorias que atuam na **Pedra** veem a paralisação das obras do novo entreposto pesqueiro de Belém com alegria e com apreensão. Alegria porque acabou – mesmo que temporariamente – a pressão para extinguir o desembarque do pescado na **Pedra**, que acabaria com um *modus operandi* que se faz desde o século XVII, logo após a fundação da cidade de Belém do Pará. Mas que nesse momento de trégua, os trabalhadores não precisam mais despende energia para breca essa ação do Poder Público, de acabar com o tradicional entreposto pesqueiro popular de Belém, na **Pedra**.

Mas a apreensão continua, pois é fato que existe esse Decreto Federal (nº 5.231/2004), que estabelece parâmetros e critérios para o funcionamento de um entreposto pesqueiro e assim a **Pedra** está totalmente fora desses parâmetros em diversos aspectos, dentre os quais se destacam a dimensão exígua do espaço local, a higiene, a falta de equipamentos que evitem o contato manual, a falta de espaço para um fluxo de desembarque e processamento do manejo do pescado dentro das técnicas indicadas, inadequação espacial para uma fábrica de gelo e falta de espaço para manobra de veículos terrestres de transportes de carga. Por tudo isso há essa apreensão dos que labutam na **Pedra**, que se veem envolvidos nesse conflito, agora latente.

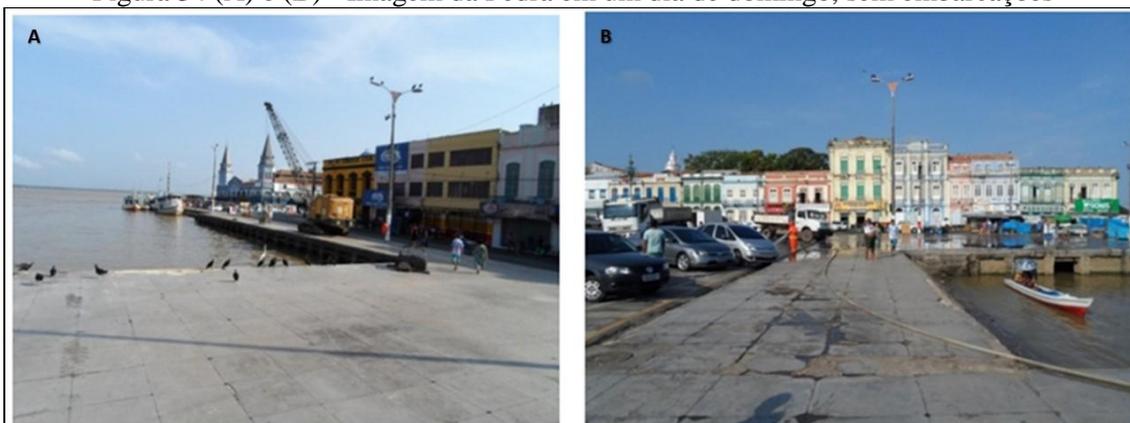
Assim, as lideranças dos trabalhadores da **Pedra** sentem que em outro momento haverá outras ações visando a extinção do desembarque de pescado no centro da cidade e isso seria a continuação desse conflito, que pode abalar econômico e culturalmente o povo de Belém e de outras localidades.

Para o Amarildo a proibição do desembarque de pescado na **Pedra**, acaba também com a movimentação de pessoas no Ver-o-Peso, que ficaria com uma paisagem “sem vida”, sem as embarcações. Ele diz em tom de desabafo:

“[...] acabando o movimento dos barcos, acaba a vida do Ver-o-Peso, porque quem dá vida *pro* Ver-o-Peso é o pescado, é o *pescador*, é o *barqueiro*, o *balanceiro* e todos que estão aqui. O *barqueiro*, o *tripulante* traz peixe e leva mercadoria daqui *pro* lugar de onde eles são, levam mercadoria pra abastecer, compram rede, fio de *nylon*, corda, motor, peças e tudo que tem aqui. Acabou embarcação, acabou tudo, o Ver-o-Peso vai virar uma cidade fantasma, sem vida” (Amarildo, entrevista em 14/6/2012).

As figuras 34 (A e B), mostram o cenário de um domingo sem atividades de desembarque de pescado na **Pedra**, para tentar ilustrar as palavras apocalípticas do Amarildo, de como ficaria a paisagem do Ver-o-Peso, segundo essa sua projeção.

Figura 34 (A) e (B) - Imagem da Pedra em um dia de domingo, sem embarcações



Fonte: Autor, 2013

E continua: “Porque o povo de Belém, a maioria, não compra aqui, ele vai comprar no supermercado, que tem tudo lá. Quem compra aqui é o pessoal mais tradicional ou que gosta mesmo, muitos gostam de vir aqui só *pra* comprar peixe e aí leva o cheiro, o limão e aproveita leva outras coisas, fruta. Mas quem compra o grosso mesmo, é o pessoal das embarcações, eles levam em caixa[...], é caixa de tomate, é caixa de cebola, é batata, é caixa de fruta, é saca de farinha. Tem uns que trazem listas de encomenda, é *pra* comerciante é *pra* parente, todos lá dos locais de onde eles vem. Tudo isso aqui é muito *pro* ribeirinho e tudo pode acabar ” (Amarildo, entrevista em 14/6/2012).

Assim, alguns sujeitos da **Pedra**, como o Amarildo, veem o perigo de acabar o peixe da **Pedra** e a vida do Ver-o-Peso, indo ao encontro do triste alerta cantado na peça Verde Ver-o-Peso: “aproveite que está no fim” (Armando Hesketh).

Mas outros personagens, como o Daniel (Lider dos *Balanceiros*) o Marcus Vinícius e o *Benezinho* (*Peixeiros* de Mercado de Ferro), vêem o cenário futuro em ângulos diferentes do visto pelo Amarildo e o *Teté*, pois esses três como outros tantos sujeitos que labutam na **Pedra** têm esperança e fé em Nossa Senhora de Nazaré e creem que “ela não vai deixar acontecer o pior com a gente, não” (Benezinho, entrevista em 14/6 2012).

O Marcus Vinícius, mais conhecido por Marquinhos, é o Presidente da Comissão dos *Peixeiros* do Mercado de Ferro (2015), que tem o objetivo de congregar os *peixeiros*, arrecadando uma quantia diária e outra mensal, para garantir a limpeza do Mercado, eventuais ajuda em caso de doenças de companheiros. Há, ainda, uma arrecadação extra para as “festividades de Nossa Senhora de Nazaré do dia do Círio” (NASCIMENTO, 2010).

O Daniel por sua vez preside a ASBALAN, que congrega os *balanceiros*, arrecada diariamente dez reais de cada *balanceiro* que está atuando naquele dia, com esse recurso o Daniel paga o aluguel da sede e utiliza parte dos recursos para realizar um café da

manhã no dia do Círio, que é oferecido aos *balanceiros* e seus familiares na sede da ASBALAN, seguida da festa que ocorre na via pública em frente a mesma sede e também somando aos recursos dos *barqueiros* e dos *peixeiros* do Mercado de Ferro para as homenagens à Santa com fogos, tanto na véspera do Círio quanto no dia da grande procissão.

De todo modo, a maioria dos trabalhadores da **Pedra** e do Mercado estão envolvidos de algum modo com as festividades do Círio de Nazaré, seja através da festa, das homenagens ou só contribuindo com as coletas que de algum modo redundam nas festas ou homenagens pirotécnicas à Santa de Nazaré, por ocasião do Círio. Assim há uma união de todos para defender a continuação das suas atividades da **Pedra**, mas há também uma união para homenagear e festejar Nossa Senhora no momento em que a imagem da santa passa pelo seu local de trabalho, tomado nesse dia pela população de Belém que também direta ou indiretamente participa da rede do pescado.

4.2 INFORMALIDADE ALÉM DA PEDRA: “SÓ DUAS SEMANAS EM TERRA PRA TRÊS NO MAR”

O fluxo do pescado além da **Pedra** se desdobra em duas vertentes, a primeira é a distribuição aos pontos de venda da malha urbana, que será tratado no capítulo derradeiro dessa tese, como sendo “depois da **Pedra**” e a outra vertente é a efetivada pela preparação da nova pescaria, o que ocorre no interstício entre a venda de toda a produção e outra pescaria, momentos em que a embarcação fica ancorada em terra por aproximadamente duas ou três semanas até a próxima jornada em águas do rio ou do mar nos *pontos de pesca*, que pode durar três ou quatro semanas. Essa etapa (segunda vertente) que pode ser confundida como sendo “depois da **Pedra**” ou “antes da **Pedra**”, já dito anteriormente, abre um novo ciclo no trabalho de captura do pescado, considerando que a tripulação já vendeu o produto do ciclo anterior na **Pedra** e nesse momento se prepara para ir novamente *lá fora* atrás de mais pescado para abastecimento da população consumidora. É uma jornada de trabalho em intervalo de tempo entre água e terra ao qual um *tripulante* se refere como sendo “só duas semanas em terra *pra* três semanas no mar” (*tripulante*, agosto/2015).

Essa questão de pensar a **Pedra** como referência no fluxo do pescado e a partir de então referenciar atividades “antes” e “depois”, dá-se primeiramente porque a **Pedra** é um ponto de centralidade para a rede social do pescado em Belém, sendo ao mesmo tempo ponto de recepção e de distribuição desse produto, mas é um lugar onde a maioria dos atores sociais

- de água e de terra - se reúnem em trono do pescado. Por isso precisou de um capítulo para descrever densamente a Pedra do Peixe do Ver-o-Peso.

Em segundo lugar porque existem muitas terminologias ligadas à pesca que seriam mais fáceis de explicar considerando a **Pedra** como referência inicial e como base para tal compreensão, afinal a pesquisa é sobre redes sociais do pescado em todo o seu fluxo organizacional, mas a maior importância, sem desmerecer outras etapas, é a posição central da **Pedra**.

Em terceiro lugar, porque logo após a recepção do pescado na **Pedra** há circulação desse produto na malha urbana e de modo concomitante estão organizando uma nova jornada de pesca, que embora seja “antes da **Pedra**”, também é “depois”, em seguida à recepção e distribuição, concluindo e ao mesmo tempo iniciando um novo ciclo do fluxo.

Além dos *pontos de pesca lá fora*, os *tripulantes* das embarcações têm outros pontos de referências de trabalho; preferencialmente nas localidades mais tradicionais consideradas entrepostos pesqueiros, onde são organizadas ou planejadas as jornadas de pesca e, ao mesmo tempo, são sedes de apoio para as embarcações do local. Os municípios de Bragança e Vigia, além de Belém representam os principais portos de desembarque de pescado do estado (SOUSA, 2009, p. 4425).

Há um destaque para a cidade de Vigia de Nazaré na microrregião do Salgado, Nordeste do Pará, porque, pela sua localização oferece muitas vantagens aos *tripulantes*; é lá que se compra gelo para conservar o pescado nas urnas, podendo-se ainda abastecer a embarcação com insumos e combustíveis, e, porque o porto da cidade de Vigia é um local tradicional de desembarque do pescado regional, semelhante à Pedra do Ver-o-Peso, de onde sai pescado para outras localidades do Pará e para outros estados brasileiros, especialmente do Nordeste. Muitas embarcações pesqueiras têm como sede aquela cidade ou suas proximidades.

A cidade de Belém, nos dias atuais, é tida como um centro de organização pesqueira, considerando-se que muitos empreendedores do ramo de pesca artesanal possuem portos e seus respectivos estaleiros nas proximidades da cidade, como é o *balanceiro* Gouvêa que tem instalado o seu centro de comando das embarcações pesqueiras de sua propriedade, na Vila de Icoaraci, local que ele chama de porto.

É lá (no porto) que, entre uma jornada de pesca seguida da venda do pescado na **Pedra** e outra jornada (ou ciclo), seus barcos atracam para passar por reparos e manutenção necessários à sua conservação, desempenho e qualidade; quando também são realizados os consertos e/ou substituições de redes danificadas na jornada anterior e o preparo da próxima

pescaria, como planejamento e compra de insumos necessários à viagem. É desse porto que seus barcos saem para a nova aventura, a nova jornada em busca do pescado.

Quando as embarcações estão no porto, sua tripulação que mora em Belém é liberada para, cada um ir à suas respectivas casas, mas a maioria passa o dia no porto consertando redes de pesca, realizando outras tarefas ou mesmo só conversando e interagindo com os outros *tripulantes* da sua embarcação e de outras que estão na mesma condição. Existe toda uma rede de relacionamento iniciada *depois da Pedra* - que ao mesmo tempo é também *antes da Pedra* - pelos *pescadores* e seus patrões, por comerciantes que fornecem insumos necessários à pesca, pelos *barqueiros* e os *tripulantes* auxiliares nas embarcações.

O *tripulante* Dino, quando está no porto, fica consertando rede de pesca de *nylon* danificada, para essa atividade o *tripulante* precisa adaptar seu corpo à flexibilidade da rede que precisa ser esticada para evidenciar a necessidade de reparo. Ao mesmo tempo em que usa seus braços, mão e pés como instrumentos indispensáveis ao manejo da rede, senta-se em um local do convés do barco no qual trabalha em uma posição que torna o seu corpo também flexível para tecer (consertar) a rede e ainda conversar com seu parceiro de trabalho, Nando.

Eu fiquei em uma sexta-feira de agosto de 2015, desde 9 horas da manhã até o fim da tarde conversando com *tripulantes*, primeiro informalmente e depois após selecionar quem se dispunha a gravar o que já tinham falado anteriormente, fui obtendo os aceites dos que poderiam dar informações a serem divulgadas, com as devidas autorizações. O tempo foi passando rapidamente e fui pegando depoimentos que ficaram mais soltos, após um almoço a base de *dourada* assada no fogareiro de proa, tipo avoadado¹¹⁸, em uma embarcação atracada em um porto de Icoaraci, conversa regada a muita cerveja. Antes estavam presentes o “patrão” e dois encarregados, momento em que houve uma coleta para comprar o necessário.

Foram horas de gravação, quando não era possível gravar eram anotados os pontos principais para serem processados depois, embora alguns dados tenham se perdidos, principalmente pela dificuldade de compreensão das gravações que realizei e de legibilidade das notas que tomei na ocasião. Todavia, foi possível selecionar os depoimentos a seguir como representativos da sociabilidade dos *tripulantes*. Ressalta-se que alguns atores sociais pediam para gravar um pouco longe do grupo, porque havia muita *gozação* de um com o outro, intervenções, vaias e até aplausos. Algumas gravações ficaram comprometidas em função dos gritos e vaias enquanto alguém falava. Eis a seguir um dos depoimentos:

¹¹⁸ Avoado é a prática de assar peixe ou camarão diretamente na brasa, podendo ser também na palha de modo rápido sem deixar queimar demais (Juramí, *barqueiro*, entrevista em 12/março/2015).

Eu comecei a fumar baseado porque me disseram que acalmava, *tira* aquela agonia que a *maresia* dá na gente e *tirava* a saudade da família, pelo menos enrolava ela. Mas depois eu fiquei viciado mesmo, eu fumo até quando *tou* em terra, aqui eu já *apertei* um cigarro, eu gasto muito com isso, eu até devo por causa disso, eu só penso no *bagulho* e luto muito *pra* não ir *pra* outro tipo que dizem que é melhor, eu quero o *bagulho* só *pra* me acalmar, mas eu sei que não é coisa boa não, é que nem o cara que bebe e é dependente da cana [...] (Nando, *tripulante*, 42 anos, 7/8/2015).

Um dos depoimentos fez com que alguns dos sujeitos presentes fossem às lágrimas, quando um *tripulante* iniciou seu discurso, sorrindo no meio dos demais que estavam brincando. Falou bastante, mas ao final, lagrimando, em um momento em que a cerveja já influenciava os *tripulantes* presentes, enfatizou as limitações de convívio familiar que a profissão impõe. A essas alturas não havia mais brincadeiras entre os presentes, que a partir de então ficaram serenos e atentos ao ouvir cada parceiro se manifestar. Até aquele discurso faziam gozações sobre a vida de cada um, principalmente quanto a fidelidade das companheiras. Após outras palavras emocionantes ou marcantes, o *Ossu Duro* concluiu sua falação que mexeu com os demais, assim:

[...] olha, domingo é dia dos pais; quantos dias *desse* eu passei com meus *filho*? Se me perguntar eu vou dizer poucos, nem sei quantos, mas *pouco* mesmo; porque quem trabalha embarcado, não tem *dia de pai, de mãe*, de natal e nem dia nenhum que as pessoas *tão* comemorando alguma coisa; se tiver que ir *pra fora*, é *isso* que vale e pronto. Isso aqui acaba com a gente (Osso Duro, *tripulante*, 36 anos, entrevista em 7/8/2015).

Fiquei na embarcação até 17 horas quando alguns *tripulantes* começaram a deixar o porto, indo para suas casas nesse dia. A figura 35 mostra o primeiro grupo reunido naquele 07 de agosto de 2015, na embarcação – por volta de 9 horas da manhã - estão o *balanceiro* 1 (*balanceiro*, dono das embarcações e do porto), os encarregados Cássio e Natalino; três *tripulantes* e eu, no início da conversa. Um dos *tripulante* fotografou essa cena.

Depois vieram outros cinco *tripulantes* conversar, quando foi realizada uma coleta para comprar peixe e cerveja. Foi preparado um fogo na proa do barco e assado o peixe a ser degustado em meio a muita conversa. O *patrão* saiu na hora do almoço, depois de comer um pouco de peixe com farinha e os dois encarregados saíram depois do almoço para um cochilo, o que não necessariamente produziu um ambiente livre de restrições, pois a presença dos outros sujeitos também impõem limites ao que pode ou não ser dito.

Os depoimentos só foram realizados a partir das 14 horas, antes eram só conversas informais de assuntos diversos, de preferência sobre *causos* de pescaria e de *pescador*,

embora todos soubessem que eu gravaria depoimentos para minha pesquisa naquele dia. A partir das conversas iniciais eu comecei a selecionar alguns depoimentos e já no meio da fala de um informante, eu perguntava se poderia “gravar isso”.

Figura 35 – Pesquisador, *Barqueiro*, encarregados e *tripulantes* reunidos em uma embarcação ancorada em um porto localizado em Icoaraci, ao Norte de Belém



Fonte: Pescador Nando, 2014

Como todo etnógrafo captei as mensagens dos *tripulantes*, sobre alguns aspectos de suas vidas e sobre a profissão, a partir dos depoimentos e da observação. Interpretei essas mensagens, do meu ponto de vista, e textualizei uma apreensão antropológica desse modo nativo de ser, destacando quatro pontos que mais foram falados nos depoimentos ou que mais lhes afligiam principalmente nas viagens, mas também com outros reflexos pessoais, que são: Primeiramente os relativos à saudade e à insegurança quanto aos relacionamentos com as companheiras que ficam em terra e com os demais familiares; isso afeta os *tripulantes*, abalando-os emocionalmente em alguns momentos quando estão *lá fora*, principalmente quando relaxam das atividades fins da pescaria e o pensamento vai até a família.

O segundo é o medo de serem emboscados por piratas dos rios amazônicos, dos quais os *tripulantes* se previnem de vários modos; alguns patrões pagam segurança armada na saída de Belém até Vigia e no retorno também, mas isso faz com que eles viajem sobressaltados e temerosos.

Eu conheci um *ex-tripulante* que já foi assaltado e ficou com tanto trauma deixou de trabalhar embarcado. Atualmente em sua nova atividade após o assaltado, preferiu trabalhar em terra, ele trabalhou 26 anos como *tripulante* de barco de pesca – “desde novinho”, deixou a atividade há três anos por medo de piratas e relatou o seguinte:

Já fui assaltado uma vez, apanhei de revolver na cabeça, eram uns 15 assaltantes bem armados que vem em *voadeiras*, *rabetas*, que são velozes. Eles são rápidos, urnas), levam o rancho, as redes, motor, dinheiro - quando é na ida entre Icoaraci e Vigia. Eles são muito violentos, batem, humilham, deixam o barco à deriva, *pra* isso retiram a peça que faz o barco ir *pra* frente e *pra* trás (reverso), isso quando não jogam os *tripulantes* na água ou matam sem pena. Agora todo *tripulante* de barcos tem medo, principalmente nesse trecho entre Belém e Vigia”. [Repete], “o foco deles é a embarcação de pesca, levam rancho, levam dinheiro, quando vai daqui pra Vigia e rede e motor quando vem da Vigia pra Belém, aí trancam o pessoal – *tripulante* – nos camarotes, nas escotilhas de proa, aí soltam na maré, jogam na água, toda noite temos assalto por aí, só que ninguém fala nada com medo....Os donos de barco que podem pagam segurança particular pra evitar isso. O patrão aqui paga segurança, né [...]? (*ex-tripulante*, 44 anos, entrevista em 24/1/2014).

Esse *ex-tripulante* que fez essa declaração concluiu que, por esse motivo saiu dos barcos e não voltou mais para a atividade de pesca como *tripulante*. No entanto, como em uma readaptação de função – existente no mundo trabalhista e na seguridade social tradicionais – continua em uma atividade correlata aproveitando suas outras habilidades: ele conserta redes de pesca que chegam avariadas dos barcos após a pesca, em um porto na baía do Guajará onde os barcos param para manutenção.

O *balanceiro* e dono de embarcações, Gouveia, afirma que seus barcos só saem de Icoaraci (do seu porto particular) cedinho da manhã e com segurança armado até a Vigia na ida para a pesca e na volta o mesmo procedimento se dá, de Vigia a Belém.

O terceiro aspecto de destaque foi o relativo aos *tripulantes* que se percebem em uma ciranda de trabalho, e dívida, da qual é muito difícil sair, “quando se entra é difícil sair, sim” (*tripulante* Paulo Ganso, 7/8/15). O *tripulante* começa a emprestar dinheiro do patrão, porque o pagamento que ganha numa pescaria não é suficiente para pagar suas despesas e nesse caso fica na mão do empresário. É semelhante ao sistema de aviamento¹¹⁹ em que se inserem pequenos *pescadores* de colônias pesqueiras no Pará e que “ainda, hoje, [...] regula quase todas as relações de produção do setor primário da economia amazônica (SOUSA,

¹¹⁹ Aviamento, segundo Sousa (2000, p. 75) “é um regime de crédito” praticado na maioria dos “povoados rurais da Amazônia”, no qual as relações se compõem de três grandes elementos: formas de propriedade sobre a produção; situação dos homens, classes ou grupos sociais; e formas de distribuição dos produtos. Esse regime de crédito é muito praticado entre *geleiros* e *pescadores* de colônias pesqueiras da região.

2000, p. 78). A autora complementa: Embora apresentando particularidades, conserva a característica básica e tradicional, que é o fornecimento de bens de produção e bens de consumo pelo marreteiro ao *pescador* e este, em pagamento da dívida, entrega a produção (Sousa, 2000, p. 81). Nessas particularidades as quais se referem Sousa (2000), estariam questões semelhantes ao que pode acontecer com os *tripulantes* que entram na ciranda, como falou Paulo *Ganso*.

O quarto abalo é o sofrido pelos *tripulantes* que se tornam dependentes químicos de entorpecentes lícitos e ilícitos, como a cachaça e a maconha, observados com frequência entre eles, que segundo o *tripulante* China é usado “*pra* relaxar, *pra* não marear, é *pra* não ter *cara branca*, mas aí com a continuação vira vício mesmo”. Muitos dos que entram nessa dependência, contraem dívidas difíceis de serem pagas. Como o *tripulante* Tango, que não quis gravar, mas admitiu que é dependente químico; ele demonstrou ser muito tímido, é do tipo caladão risonho; no entanto os seus companheiros lhe atribuíram muita violência no lar; disseram que “o Tango bate é muito na mulher”; os companheiros falavam na frente dele, sobre ser violento e ele nem reagia, só sorria de modo tímido, realmente não parecia ter um perfil violento, o Tango ficou um pouco por lá até em torno de 15 horas e saiu sem se despedir e sem ser notado.

Alguns trabalhadores embarcados desistem da atividade, por diversos motivos, uns por não conseguirem se adaptar às atividades, outros porque não conseguem controlar a náusea provocada pelo movimento constante do mar, outros porque percebem que não há perspectiva de crescimento profissional, como o Wellington, que desempregado só trabalhou como *tripulante* por oito meses:

Eu trabalhei em um barco de pesca e tenho alguma experiência como *pescador*, o meu tio tinha um barco *geleiro*, eu vi coisas inesquecíveis lá no Ver-o-Peso que hoje eu trago como exemplo de vida. Eu estava desempregado, eu tinha 22 anos e trabalhei por oito meses embarcado na pesca, saí porque eu queria outros rumos, lá não era carteira assinada, não tinha futuro *pra* mim. Eu queria ter outras profissões. A maioria dos *pescadores* não tem carteira assinada, recebem por produção ou através de um pré-acordo, se eu ainda estivesse lá eu não ia crescer profissionalmente (Wellington, 36 anos, *ex-tripulante*, entrevista em 13/3/2013).

Muitos barcos e suas tripulações que ficam na **Pedra** durante o período de desembarque e venda de pescado, depois desse período podem ir de volta ao seu local de base ou para algum porto em que fazem reparos nas embarcações. Na **Pedra** conheci o *barqueiro*

Juramí através do *balanceiro Tetéo* e quando ele termina de despachar seu pescado, segue para a cidade de Soure¹²⁰, onde é sua base e de onde sai para outra pescaria.

Na **Pedra**, o Juramí se dispôs a mostrar seu barco e falar sobre o seu sistema de trabalho, sua tripulação, sua relação com o *balanceiro* e o modo como é repartido o valor apurado na venda do pescado. O Juramí falou que a relação do *barqueiro* com o *balanceiro*,

[...] deve ser a mais calma e transparente possível. É como um casamento, tem que dá certo, tem que ter respeito, não pode ter desconfiança que assim todos ganham e a relação é *durável* [duradora]. Se um bancar o espertinho aí não vai dar certo, vai ter que procurar outro *balanceiro* porque *aquele* quer ganhar sozinho e aqui ninguém ganha sozinho, um depende do outro” (Juramí, 42 anos, entrevista em junho/2014).

Ele possui dois barcos e trabalha principalmente com a pesca de dourada (*Brachyplatystoma flavicans*) e gurijuba (*Apistorniscutis*), as outras espécies tem menos importância na sua contabilidade. Passa cerca de vinte a vinte e cinco dias pescando e vem mensalmente ao Ver-o-Peso; há nove anos *Tetéo* é responsável pela venda de sua produção na **Pedra**. “Quando eu ancoo aqui (no Ver-o-Peso), passo de dois a cinco dias, até acabar o peixe das urnas e o meu irmão, [Juca], já está tirando peixe lá no ponto¹²¹ pra trazer pro *Tetéo*” (Juramí, 42 anos, entrevista em junho/2014).

As embarcações geleiras, como a do Juramí, partem isoladamente, sem acompanhamento de outro barco para a pescaria, mas as embarcações que pertencem a organizações mais complexas, como as do Gouvêa, são acompanhadas de três ou quatro botes ou piolho¹²² a reboque e formam uma esquadra em busca do pescado. Uma embarcação geleira considerada grande - capacidade para 50 toneladas - mede 6 metros de largura por 21 metros de comprimento e uma embarcação pequena, do tipo piolho, com capacidade entre 5 e 10 toneladas, mede 4 metros de largura por 15 metros de comprimento.

Uma embarcação geleira, de um modo geral, possui as seguintes partes: O casco, a proa, o bailéu de proa, a popa, as escotilhas de proa e as escotilhas de popa, a cabine de comando, a cabine interna onde estão o banheiro, a cozinha, a despensa e os beliches.

A figura 36(A) apresenta a imagem do interior de uma embarcação, na popa, onde aparece em primeiro plano a escotilha de popa, uma abertura de acesso à sala de máquina, que fica no porão traseiro do barco, atrás dessa abertura aparece um balcão multiuso, onde fazem

¹²⁰ Soure é um município do arquipélago do Marajó a Noroeste de Belém.

¹²¹ Ponto é o local geográfico na foz do rio Pará ou do Amazonas, de onde é retirado o pescado citado.

¹²² Piolho ou bote é um tipo de embarcação pequena, de pesca. Acompanham uma embarcação maior e pescam em outros pontos próximos para abastecer o barco maior, com sua produção.

refeição ou colocam mantimentos e utensílios de modo temporário, atrás do balcão existe um compartimento que funciona como um hall, onde aparecem dois recipientes, com capacidade para 200 litros, com combustível reserva e nas laterais desse compartimento estão os treliches, onde os *tripulantes* dormem; após esses cômodos, ao lado de cada treliche, estão respectivamente o sanitário e a despensa, um em frente ao outro.

Ao fundo aparece um outro balcão, também usado como mesa, que divide esse compartimento da cozinha. Na figura 36 (B) aparece o convés e a parte da frente do barco, a proa, onde em primeiro plano está uma abertura denominada de escotilha de proa, que dá acesso ao porão e às urnas, as quais por sua vez aparecem na figura 37.

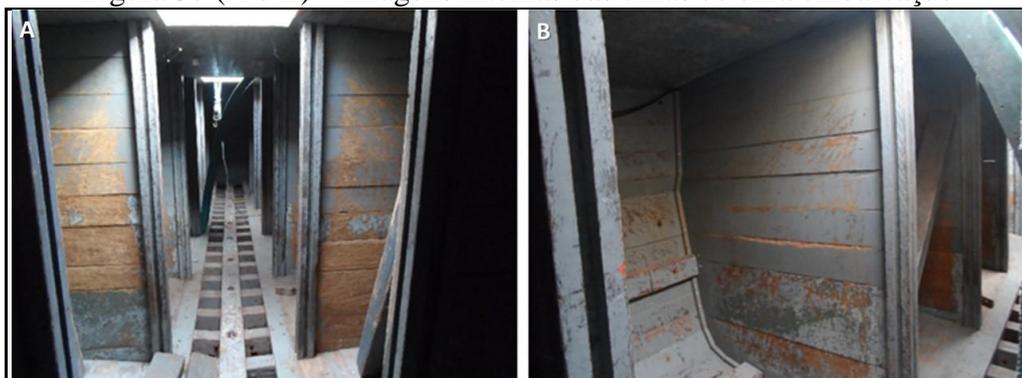
Figura 36 – Imagens Interna e externa de uma embarcação



Fonte: Autor, 2014

Na parte de baixo do convés, da cabine e da proa, estão as urnas (Figuras 37 A e B), onde são acondicionados os peixes capturados, cujo acesso é pelas escotilhas de convés e de proa. Essas urnas são dispostas umas em frente às outras e são separadas por um minúsculo corredor de aproximadamente 60 centímetro de largura. Sobre a cabine dos *tripulantes* e na popa são guardadas as boias de isopor, as redes e as tábuas que fecham essas urnas, através de encaixes de baixo para cima.

Figura 37 (A e B) – Imagens internas das urnas de uma embarcação



Fonte: Autor, 2014

Uma urna dessa embarcação (Figura 37 A e B), mede um metro e vinte centímetros de largura por dois metros de altura e dois metros de profundidade na parte mais alta, sua capacidade é para depositar aproximadamente duas toneladas de pescado e essa embarcação possui dezesseis urnas. Por isso é classificada como uma embarcação de trinta toneladas.

A Lei Federal de nº 11959 de 2009, dispõe sobre a Política Nacional de Desenvolvimento Sustentável da Aquicultura e da Pesca, ou seja, regula as atividades pesqueiras. Essa lei define em seu inciso III do Artigo 2º, como sendo pesca, “toda operação, ação ou ato tendente a extrair, colher, apanhar, apreender ou capturar recursos pesqueiros”; no seu Artigo 8º, classifica a pesca como: “comercial e não comercial”. A pesca artesanal é tida como comercial, caracterizada, segundo a lei, “quando praticada diretamente por *pescador* profissional, de forma autônoma ou em regime de economia familiar, com meios de produção próprios ou mediante contrato de parceria, desembarcado, podendo utilizar embarcações de pequeno porte.

Essa lei federal em seu artigo 10, classifica no parágrafo 1º as embarcações de pesca comercial como sendo: I – de pequeno porte, quando possui arqueação bruta – AB igual ou menor que 20; II – de médio porte, quando possui arqueação bruta – AB maior que 20 e menor que 100; III- de grande porte, quando possui arqueação bruta – AB igual ou menor a 100. Casarini (2011, p. 6) esclarece que “o termo Arqueação é utilizado para expressar a capacidade volumétrica de uma embarcação” e que “[...] Arqueação Bruta (AB), com o termo em inglês *Gross Tonnage* (GT), é a soma de todos os volumes internos da embarcação (desde que fechados e cobertos)”. De um modo prático arqueação bruta (AB) é a divisão da soma dos volumes dos compartimentos - cobertos e fechados - de uma embarcação por uma unidade inglesa de 100 pés cúbicos, equivalente a 2,83 metros cúbicos.

Desse modo, as embarcações regionais de pesca são classificadas, pelo senso comum entre os *barqueiros*, como sendo de porte pequeno, médio e grande em função da sua capacidade de carga e para eles barco de porte pequeno tem capacidade para até 10 toneladas, o de porte médio acima de dez toneladas até quarenta toneladas e de grande porte acima de cinquenta toneladas. Essa relação entre a classificação nativa e a classificação técnica do porte das embarcações é muito próxima segundo um professor da Faculdade de Engenharia Naval da UFPA.

Como a legislação estipula que a pesca artesanal é praticada “por *pescador* profissional” e em “barcos de pequeno porte”, e, que muitas embarcações que atracam no Ver-o-Peso são de porte médio e até grande, então há de se concluir que muitas dessas embarcações estão em desconformidade com a Lei 11.959/2009, que trata da pesca e aquicultura, no entanto não há qualquer impedimento por parte dos órgãos e autoridades marítimas, quanto a esse quesito, em relação às embarcações regionais.

Na pesca de dourada em embarcações artesanais são utilizadas mais as de médio porte (20 toneladas) e observei dois tipos de organizações nesse sentido. O primeiro é o pesca em esquadra, onde vai um barco maior (médio ou grande porte) seguido por quatro embarcações de pequeno porte. Outro modo é quando o *barqueiro* trabalha só com uma embarcação, sem o auxílio dos barcos menores, chamados de bote ou *piolho*. A diferença entre esses tipos e organização está no tempo de pesca, pois com o reforço dos barcos menores servindo a um maior, o tempo pode cair até na metade; uma jornada de pesca que poderia durar 28 dias pode durar 15 ou 18 dias.

Quando o barco maior sai, os quatro menores saem a reboque, mas com motor ligado, embora em marcha lenta, para não forçar a máquina do barco maior. A tripulação de um barco de porte médio é composta geralmente por sete sujeitos enquanto um bote tem três *tripulantes*; tanto bote como o barco principal jogam rede para capturar dourada e a cada dia os botes passam para o barco principal a sua produção que deverá ser acondicionada nas urnas da embarcação maior.

As figuras 38 (A e B) apresentam respectivamente duas embarcações consideradas de porte médio com capacidade para 20 toneladas e quatro embarcações de porte pequeno, do tipo bote ou *piolho* que as acompanham – cada uma embarcação maior é acompanhada de quatro menores – nas jornadas de pesca, em algumas organizações e essa estratégia de pesca é utilizada para pescar mais em menor tempo.

Essa figura 38 (A e B) possibilita a noção do que seria embarcação de pequeno porte, que nesse caso mede 15 metros de comprimento e quatro ou cinco metros de largura, bem como as embarcações de médio porte que nesse caso (20 toneladas) medem 25 metros de comprimento por seis metros ou sete metros de largura.

Figura 38 – Duas embarcações de porte médio e quatro de porte pequeno denominadas de bote ou piolho.



Fonte: Autor, 2014

O barco do Juramí é de porte médio (20 toneladas) e ele não conta com a estrutura de botes para acelerar o tempo de pesca, fica lá no ponto por cerca de 25 a 28 dias; trabalham com ele seis *tripulantes*, mas em um dia, o qual eu o entrevistei na **Pedra**, estavam três *tripulantes* a auxiliá-lo, um no porão (o *gelador Tom*) e dois no convés (*Gato e Bena*).

O *maquinista*, recebe um valor fixo por viagem, em geral pouco atua no manejo do pescado, ficando a postos para qualquer manobra da embarcação; quando encontra uma posição “boa” na **Pedra**, ele é dispensado para ir a sua casa, quando mora em Belém ou para eventuais passeios na cidade. Eu não tive contato com o maquinista do barco do Juramí.

O *cozinheiro* é um tipo de *tripulante* comum com menos experiência no convés ou é profissional de cozinha mesmo, que só aparece nos barcos com mais de seis pessoas, aqueles com capacidade acima de 20 toneladas, nos barcos menores há um revezamento ou um dos *tripulantes* é escolhido para o preparo da comida, a qual deve ser de arranjo prático, de preferência seca. Normalmente, quando a embarcação chega ao Ver-o-Peso, o *cozinheiro* é dispensado para ir a sua casa, quando mora em Belém, pois ele é um profissional que recebe um valor pré-estabelecido que gira entre um e dois salários mínimos, por viagem. O *gelador* recebe em torno de quatro salários mínimos por viagem ou um percentual na partilha, depende do *barqueiro* e dele fazerem um ou outro tipo de acordo.

Os demais *tripulantes* se revezam no trabalho de apoio à venda e vigia do pescado, enquanto uns descansam ou vão para suas casas ou casa de parentes, nos dias em que a embarcação está ancorada na **Pedra**, outros trabalham; quando sai da **Pedra**, sem carga, a embarcação vai para um estaleiro ou um porto determinado para a devida manutenção e aí os

tripulantes ajudam para os preparativos da próxima viagem, consertando redes, pequenos reparos ou comprando e carregando mantimentos necessários para a próxima jornada *lá fora*.

Quanto à remuneração, o Juramí reafirmou que “os *tripulantes* dependem do quanto foi apurado na venda do pescado; do valor apurado são retirados 6% (do valor bruto) para remunerar o *balanceiro* e do percentual de 94% bruto restante, é retirado a metade para pagar os *tripulantes* parceiros no pescado e a outra metade vai para as despesas de manutenção da embarcação, compra de peças, materiais, equipamentos, insumos; enfim, despesas com a viagem (muitas das vezes a que se encerrou e parte ou totalidade da próxima).

O barco é como um parceiro, tem sua parte do recurso apurado na venda do pescado. Quando a despesa com o barco e viagem é menor que 50% do valor que resta, após o pagamento do *balanceiro*, é ótimo para o proprietário da embarcação (o *barqueiro* ou *geleiro*), pois é sinal de lucro no seu negócio, mas se a despesa for maior que esses 50%, aí em geral é garantido ou priorizado o valor (a metade) que vai remunerar a tripulação, incluindo aí o encarregado da embarcação (que gira em torno de 25% do valor bruto após o pagamento do *balanceiro*) e nesse caso o *barqueiro* deve arcar com o déficit para completar os valores que cubram as despesas (barco/viagem), pois ele é o dono da embarcação. Caso o *barqueiro* não tenha esse valor, ele aciona o *balanceiro*, o qual normalmente lhe empresta tal valor, sem embaraços.

O encarregado de uma embarcação é o comandante da tripulação, responsável pelas operações dentro e fora do barco, é de plena confiança do proprietário, ficando responsável pelos equipamentos desse. *Na maioria das vezes os proprietários não vão ao mar para pescar, a não ser eventualmente* (FURTADO, 1987, p. 259) e nessa eventualidade a figura do encarregado desaparece.

O Juramí faz parte de um grupo minoritário, no qual o proprietário da embarcação (*barqueiro* ou *geleiro*) é também o seu comandante (encarregado), como trata Furtado (1987) e nesse caso ele recebe como encarregado e com *barqueiro*. Há o caso em que o *barqueiro*, contrata um encarregado de confiança do patrão e esse adquire a confiança da tripulação, que lhe deposita toda fé como seu representante junto ao patrão.

O Juramí falou que atualmente o peixe está cada vez mais raro, “ a gente vai *lá fora*¹²³, passa três, quatro semanas e nem vem com as urnas cheias mais, é muito difícil a gente voltar com o barco cheio e as despesas estão cada vez maior; a metade do apurado

¹²³ Lá fora é um termo nativo que significa que o pescado é capturado distante de Belém, nos pontos específicos onde estão os grandes cardumes.

nunca dá *pras* despesas”. Concluiu: “Quando o peixe dá¹²⁴ é bom, mas quando tá *panema* é só despesa”

Muitos *pescadores* vendem sua produção para comerciantes, os quais denominam de marreteiros - que compram e concentram certa produção para revenda, alguns desses marreteiros mandam sua produção à Belém. Isso é praticado mais nas colônias de *pescadores*, - é mais simples para o pequeno *pescador* retirar pescado para subsistência e vender o quanto antes o excedente, “*não paga imposto, não tem complicação*” (*Janu*, 36 anos, *pescador* de São Caetano de Odivelas); faltam-lhes estrutura e conhecimento com pessoas chave, por isso não conseguem vender a produção muito longe.

Mas segundo o *balanceiro* Gouvêa e confirmado por *tripulantes* entrevistados, a grande maioria das embarcações que aportam na **Pedra** são compostas por tripulações que realizam a pesca para venda e que essa modalidade de compra da produção por marreteiros (intermediários) nos locais de entrepostos pesqueiros, são mais apropriadas para tais localidades, muitos já têm encomenda para outras cidades e pouco dessa modalidade chega a Belém, a não ser para “supermercados que fazem encomendas desses intermediários” que encaminham sua produção à **Pedra** através de embarcações ou de caminhão frigorífico. A pesca lá fora é a materialização que garante o fluxo do pescado em Belém, o qual desaguardo na **Pedra** é distribuído na malha urbana da cidade e outras localidades.

A viagem à busca do pescado inicia ainda na madrugada, as embarcações saem dos portos de Belém e outros das proximidades, como o porto que pesquisei em Icoarací, costumam parar na cidade de Vigia de Nazaré por volta do meio dia, demorando cerca de duas horas, quando já abasteceram a embarcação de gelo. Do porto de Icoarací ao ponto pesqueiro da dourada, leva de seis a oito horas, segundo o encarregado João Grande, o que é coincidente com o senso comum entre os *tripulantes* que fazem esse trajeto. O Juramí sai da **Pedra** e prepara a próxima viagem na cidade de Soure, de onde sai para o ponto pesqueiro de dourada, o qual fica a cerca de cinco horas ao norte.

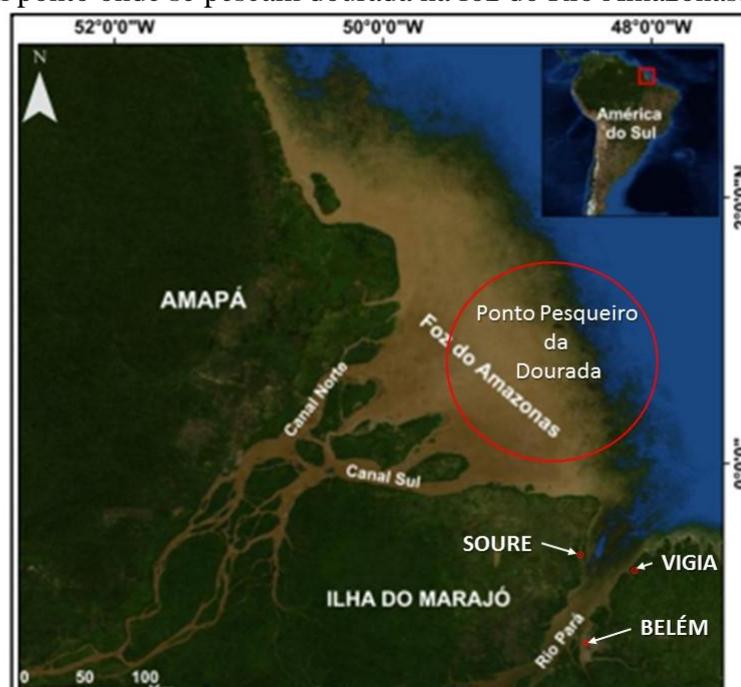
Um tradicional ponto pesqueiro onde se encontra a espécie *dourada* fica ao norte do arquipélago do Marajó, após o cabo Maguari, entre a foz do rio Pará e a foz do rio Amazonas, local no qual se inicia o canal Norte ou barra Norte, onde “encontra-se o canal de navegação chamado Canal Grande do Curuá” (BALTAZAR, 2013, p.1), aproximadamente nas coordenadas 00° 10’00’’N e 48°30’00’’W e arredores dessa localização.

¹²⁴ Quando dá o peixe é um termo que significa que a pesca foi boa com muito pescado capturado.

Uma viagem de pesca artesanal, na Amazônia, é sempre uma aventura e exige esforço, habilidade, conhecimento e disposição por parte dos os *tripulantes*, eles pouco descansam; alimentam-se pouco; o desjejum da manhã de um barco grande (capacidade para 40 toneladas) é um café preto em um copinho descartável de 50 ml, as vezes 100 ml, com bolacha água e sal da pequena, cacetinho¹²⁵ ou rosca. Para não haver disputas ou conflitos, alguns *barqueiros* fazem a divisão do rancho por *tripulante*, distribuindo antes da viagem o quinhão que cabe para cada um e desse modo eles guardam os alimentos em seus pertences para consumo nos momentos apropriados.

A figura 39 apresenta a localização e de modo referencial, as cidades de Belém, Vigia e Soure, como referências.

Figura 39 – Um ponto onde se pescam dourada na foz do Rio Amazonas, Costa do Pará



Fonte – Baltazar, 2003, p. 1. Modificado pelo autor, 2015

Nos barcos menores (capacidade entre 5 e 10 toneladas) e nas embarcações de porte médio (entre 10 e 20 toneladas) o rancho é menor e o que tem no barco é de todos os *tripulantes*, mas para economizar o café da manhã é um avoadado de peixe fresco com farinha, o que geralmente repete no almoço e no jantar, esse é o mesmo cardápio dos barcos grandes; a variação alimentar é para mortadela e outras comidas que sejam de preparo rápido e prático.

¹²⁵ Cacetinho e rosca são dois produtos derivados do trigo que substituem o biscoito ou o pão, o primeiro é um haste linear em formato e tamanho de um salsicha de lata o a rosca é como o cacetinho em formato de círculo.

Algumas organizações dividem antecipadamente o mantimento para cada *tripulante* evitando possíveis conflitos “entre os comem mais do que outros” (Encarregado Castro, abril/2013).

Para dormir na embarcação há revezamento entre os sujeitos presentes, assim – por exemplo - em um barco que possui sete *tripulantes*, esses se dividem em dois grupos, três pessoas ficam vigiando e quatro podem dormir por até cinco horas, depois há a inversão. A jornada de trabalho é de cerca de dezesseis a dezessete horas por dia e cinco a seis horas para dormir ou descansar, há quem diga que não consegue dormir, como o *tripulante* Piauí. “[...] eu não consigo dormir nesse banzeiro todo, eu desmaio se tomar umas três ou quatro [doses de cachaça]”.

Durante o dia, logo após o desjejum, os *tripulantes* iniciam suas atividades, jogam a rede por quatro ou cinco vezes, sendo duas vezes antes do almoço; após puxarem as redes todos ajudam a desmalhar o pescado que é espalhado no convés e logo saem dois do grupo que estava desmalhando para procederem o preparo do pescado, abrindo-o para retirar as vísceras e encaminhando ao *gelador* para que esse o acondicione nas urnas, sempre separando por espécie e por tamanho. Algumas espécies de menor valor comercial encontradas nas redes, como o bagre por exemplo, são separadas para servir de alimentos aos *tripulantes*. Alguns *barqueiros* determinam a salga dos peixes de menor valor comercial, como é o caso do Juramí, que tem essa pratica.

Nos barcos que pescam gurijuba há o cuidado da tripulação de retirar a ova, que denominam de grude, o mesmo se dá com a pescada amarela, pois a grude dessas espécies representa um fator a mais na economia do *barqueiro*, que vende no mercado informal existente em Belém e outras localidades, para exportação ao mercado chinês¹²⁶, principalmente.

O depoimento de *pescadores* é sempre importante para corroborar com o texto, que é construído a partir de suas narrativas e de dados secundários, assim o *ex-tripulante* Wellington descreve suas aventuras como *tripulante*, que ele não cansa de falar para as pessoas em sua volta:

Nós íamos pescar no rio Amazonas, lá *pro* lado quase do Amapá, no canal, como quem vai no rumo do oceano. A primeira vez que eu fui, eu fiquei maravilhado, ao mesmo tempo que eu trabalhava eu achava aquilo muito lindo, apanhar peixe vivo, tinha tempo que nós só víamos céu e água, ar e mar. Não enxergava terra. Eu era do convés, a gente jogava a rede umas quatro vezes por dia e esperava um bom tempo depois puxava, desmalhava, limpava o peixe, e jogava na geleira. *Lá em baixo* [no porão da embarcação]

¹²⁶ No centro de Belém do Pará, nas proximidades do Ver-o-Peso, existe um ponto de compra de grude de pescada amarela e gurijuba e de barbatana de tubarão, local comandado por um exportador chinês.

tem o *gelador* que fica *lá embaixo* arrumando, ele fica arrumando o peixe no gelo, nas urnas, por espécie. É o que ganha mais dos *tripulantes*, na hora da divisão, depois do encarregado é ele quem ganha mais; tem também o motorista [maquinista] que ganha diferenciado, mas só em barco grande que tem. Cada um tem sua função, tem o encarregado, o cozinheiro que é trabalho mais leve, *pra* um barco desse (capacidade para dez toneladas), bastam cinco pessoas. Todo mundo ajuda todo mundo, o mais difícil é puxar a rede, o puxador de rede é o que mais fica exausto, aí todos ajudam. O *cozinheiro* vai *pra* lá *pro* convés ajudar os outros, às vezes o *gelador* também ajuda, quando não tem muito peixe para arrumar, o mais trabalhoso mesmo é puxar a rede. Esse barco que eu estava tinha a capacidade de 10 toneladas, a gente abastecia em Icoaraci e passava de sete a doze dias no mar; quando a produção *tá* ruim a gente vai na Vigia abastecer de gelo e volta *pro* *pesqueiro* [ponto pesqueiro], quando a gente acerta no peixe como já aconteceu, com quatro dias a gente *tava* de volta. Daqui [de Belém] *pra* Vigia são 6 horas e da Vigia *pro* local de pesca era cerca de 6 a 8 horas. A gente *pra* não ser assaltado desligava a luz de noite e ficava sempre um ou dois vigiando, era feito um revezamento. Era risco, mais vale a experiência dos mais antigos. Tinha vez que a gente ia *pra* beira (margem) *pra* dormir. Mas todos têm medo de assalto. Preferem correr risco de ser batido por outra embarcação no escuro do que ser assaltado.

Não tem hora certa *pra* dormir não, mas tem revezamento, dois *dorme* e outros ficam acordados. O café da manhã era o *avoado*, o peixe assado de brasa, com farinha; que é assado no fogareiro de barro que fica na popa e que chamam de *braseiro*; meio dia era peixe de novo, às vezes com mortadela, só é levado comida prática [seca] que não dá trabalho como mortadela, por exemplo, feijão, macarrão, nada disso não é levado que dá trabalho. O Pessoal mais antigo bebe muita cachaça e fuma aquele fumo muito forte de corda, o *porronca*, mas tem gente que fuma *maconha* direto, primeiro é com a desculpa que é *pra* aguentar o *banzeiro*, mas depois é por vício mesmo, não tem dinheiro que chegue para quem é viciado nisso. Mas todo mundo obedece ao encarregado do barco, que sabe organizar o barco. (Wellington, 36 anos, ex- *tripulante*, entrevista em 13/3/2013).

O ex-*tripulante* Wellington, marcou minha pesquisa, porque foi um dos primeiros informantes que narrou a respeito da vagem de pesca e cada narrativa era carregada de emoção e riqueza de detalhes, como nessa fala, na qual ele inicia explicando que na primeira viagem se sentiu “maravilhado” com tudo que via e que sua função era *tripulante* do convés, explicando ainda o papel de cada sujeito da embarcação e a exaustão do trabalho de puxar a rede. Falou do tempo de cada viagem e da possibilidade de “acertar o peixe”, quando há abreviação nesse tempo. Ainda falou do perigo de assalto pelos denominados piratas dos rios da Amazônia, que são muito cruéis e temidos pelos *tripulantes*.

O wellington disse que se adaptou logo ao movimento do barco, nas águas agitadas do *rio-mar*, no entanto muitos *tripulantes* bebem ou fumam entorpecentes para se livrar de enjoo e conseguir ter um certo equilíbrio em relação ao movimento das ondas sobre a embarcação. Disse que “com o tempo o sujeito se acostuma com a visão mareada, quando chega em terra parece que ainda está no mar, nas ondas do mar”. Finalizando o Wellington

falou do respeito da relação da tripulação com o encarregado, que é de muito respeito e confiança, segundo ele “o encarregado é que nem um técnico de futebol”, se referindo à experiência e liderança de um ator social com esse papel de dirigir um grupo na captura de pescado. “O encarregado sabe até onde tem peixe e onde *tá panema*, se tiver *panema* um ponto ele desloca o barco *pra* outro” (Welingnton, 36 anos, ex- *tripulante*, entrevista em 13/3/2013).

A pesquisa nesse campo se ateu aos *pescadores* que trabalham mais com a pesca de dourada, que são a tripulação do *barqueiro* Juramí e tripulações do *barqueiro* e *balanceiro* Gouvêa “A pesca da pescada amarela é mais ao norte do ponto onde estão as douradas e requer um barco potente que aguente o tranco” (Nando, *tripulante*). Que complementa:

Aqui o ramo é da pescada e dourada, sendo que dourada é tirada no canal do Curuá e o pessoal demora menos tempo porque é gelo, cerca de 21, 25 a 28 dias, o produto vai direto *pro* Ver-o-Peso. A urna é preparada com isopor *pra* durar (o gelo) trinta dias, pega também outros peixes, pescada branca, bagre, piaba. No Ver-o-Peso, dura até 7 dias tendo gelo vai botando na cabeceira da urna, se o peixe “cair” aí joga fora. A pescada é *pegada* mais *fora*, *pro* lado do Amapá e das Guianas, o peixe congelado (dos barcos frigoríficos) vai *pras* fabricas, ou direto *pros* caminhões, não vai nem *pra* Pedra (Fernando, 38 anos, *tripulante* a 19 anos, entrevista em agosto de 2015).

O *tripulante* Nando se referiu à demanda e procura pela pescada amarela que o grupo de patrão dele, só leva em uma embarcação para a **Pedra** quando não vende a carga antes, porque em geral no Município de Vigia é logo desembarcado para um caminhão ou uma indústria de beneficiamento de pescado. O Nando falou ainda da importância da conservação do pescado nas urnas, evitando uma contaminação que leve à perda da carga. “Todo o cuidado é pouco, até o gelo tem que ser comprado em um ponto de confiança e o *gelador* tem que ser um cara que gosta de higiene, senão...” (pode contaminar a caga).

Quanto as especificidades da profissão em relação às leis trabalhistas, foi realizada a pesquisa com trinta e seis *tripulantes* em vinte e três embarcações que estavam ancoradas na **Pedra**, escolhidas aleatoriamente, muito em função da disposição de aceitar participar da pesquisa, além de mais duas embarcações de um porto de Icoarací e a tripulação do Juramí, totalizando vinte e seis embarcações, mas abrangendo cerca de cem *tripulantes*; embora as entrevistas tenham sido realizadas com um ou no máximo dois *tripulantes* de cada embarcação sobre às questões trabalhistas, esses entrevistados respondiam pelos seus companheiros, pois eram os mesmos regimes e condições de trabalho.

Desses entrevistados todos afirmaram que não possuem registro em carteira de trabalho e logo se apressam em justificar que “se for fichado¹²⁷ o parceiro perde o seguro defeso, aí ninguém quer perder esse direito”. Quando se desligam do trabalho, muitos entram em acordo com o *barqueiro*, recebem um valor acordado e não o procuram mais, houve um *tripulante* que afirmou que:

[...] nem adianta jogar o patrão na justiça, porque *eles* nem *ligam*, nem *vão* lá, quando não, eles *dão* um jeito de protelar [entrar com recurso] até o *cara* cansar de ir lá atrás de audiência; é, tem que faltar o trabalho *pra* ir lá no casarão *pra* audiência, mas isso nunca chega no fim, já pensou o *cara* tá lá no meio embarcado, como é que ele vai parar *pra* ir lá, *pra* audiência? Como? Não é como quem mora em Belém, em Icoarací, por perto, que dá *pra* ir lá, não. Eles [os patrões] matam no cansaço, é muito raro algum parceiro ganhar uma de patrão e ainda tem que gastar com advogado, que diz que é fácil, mas não é fácil não. (Gera, 45 anos, entrevista em 7/8/2015).

Os *tripulantes* trabalham sem carteira assinada – a grande maioria por opção - têm jornada hiperextensa de trabalho e se queixam que o que ganham não compensa, mesmo assim observei que de modo geral eles não se queixam dos seus patrões, pelo contrário, como diz o *tripulante* Dino,

[...] a gente tem que agradecer a Deus de ter ele como patrão, porque ele *tá* aí *pra* gente, que quando um precisa ele *tá* aí *pra* ajudar, então não dá *pra* sair dele, não. O dinheiro pode não ser muito mas tendo peixe tem dinheiro, então cada uma sabe o deve fazer *pra* ter dinheiro, ele não ganha sozinho (Dino, entrevista em 7/8/2015).

Além dos direitos trabalhistas mais básicos, os trabalhadores embarcados deveriam receber adicionais de periculosidade, considerando-se os riscos que correm, principalmente em alto mar. Caso algum *tripulante* venha a passar mal, não tem como prestar socorro urgente, pois a cidade com estrutura de saúde mais próxima do ponto de pesca de dourada fica a cerca de seis horas de viagem e no barco só existem material para pequenos curativos, o que sempre são usados nos acidentes de trabalho que segundo os *tripulantes* do barco do Juramí (Bena e Gato) “é todo tempo acidente, é peixe que fere é baque, é corte, é tudo”.

Já houve caso de *tripulante* cair no mar, e, quando um caso desse ocorre é quase impossível o seu resgate porque no canal a correnteza é muito forte, as ondas têm normalmente um metro de altura. O *tripulante* Mário falou que soube de um caso de um tio seu que no “ano de 1985 caiu no mar e a água levou, tinha um redemoinho lá e ele sumiu,

¹²⁷ Ser fichado é o mesmo que ter registro em carteira de trabalho ou carteira assinada.

nem sinal dele até hoje, dizem que os *encantados* levaram ele porque ele tinha obrigação com eles, e ele não cumpria, ele era do santo, ele”.

Em pesquisa na Capitania dos Portos da Amazônia Oriental – CPAOR, que fica localizada na Rua Gaspar Viana em Belém, conversei com o tenente Fontes e ele falou que acidentes com *pescadores* das embarcações geralmente não são registrados na Capitania, “mas já teve casos em que a embarcação toda vai a pique”. Encontrei um registro do processo de número 13.026 (ANEXO 2), que trata do desaparecimento de uma embarcação denominada Capitão Gancho I, em 1987, com cinco *tripulantes*, cujo caso foi julgado pelo Tribunal Marítimo e foi considerado como “causa não apurada acima de qualquer dúvida. Fato considerado aos fortuitos.” O Processo foi encaminhado para arquivamento.

Um outro caso foi narrado pelo *tripulante Néa*, sobre o pai do Beto, (de um amigo seu de apelido Beto) que deixou recentemente de trabalhar embarcado, “o pai do Beto teve um infarto *lá fora* e não tinha com acudir ele, ainda mandaram ele por um barco que *tava* vindo *pra* Belém, mas ele não resistiu”. O único modo de alguém voltar é através de uma embarcação de conhecidos ou do mesmo grupo, que esteja retornando da jornada e a comunicação é por rádio. O sistema de rádio também permite aos encarregados saberem quais embarcações estão por perto e/ou em terra, assim os *barqueiros* também ficam sabendo dos seus movimentos e alguma possível anomalia.

Outro relato semelhante foi narrado por um *tripulante* de uma embarcação que estava ancorado na **Pedra**, sobre um parceiro seu (um *tripulante*) que caiu do barco e não foi encontrado:

[...] eu vi com esses meus olhos, o cara *tava* de *porre* e na embarcação tem que ter equilíbrio, se ela joga *pra lá* a gente tem que jogar o corpo *pra cá* e não pode descuidar, aí ele bebeu além da conta que aguentava, não se equilibrou direito e foi *pra água*, era noite escura, ninguém sabe *pra* que lado ele foi parar, no outro dia avisamos pelo rádio e procuramos foi muito, mas nada do *Chapinha*. Pensa que levaram adiante o sumiço dele? Que nada, o patrão, o outro, era outro patrão (não era o seu atual patrão), deu um dinheirinho *pra* viúva calar o bico e ficou por isso mesmo; aqui ninguém tem seguro de vida não, aqui não tem um monte de direitos que um trabalhador comum tem (*Tripulante D*, 47 anos, entrevista em 8/10/15).

Como pode ser notado pelo relato do *tripulante D*, é preciso o domínio pleno do corpo, na mobilidade interna da embarcação e o desequilíbrio de um *tripulante* pode ser fatal; no caso do parceiro dele o *Chapinha*, encontrava-se embriagado e quando alguém está nesse estado é recomendado ficar na cabine, segundo o encarregado Malta; segundo esse encarregado, um *tripulante* sob seu comando “só bebe o que aguentar e é importante ser obediente, se não

tá fora”; referindo-se ao seu comando e prevenção de acidentes. Para esse encarregado “não é proibido fumar ou beber”, mas deve ser em quantidade que não venha a causar risco de vida, e concluiu: “[...] um acidente desse não muda a viagem, não. Se eu parar não vai trazer ele de volta e quem vai pagar a viagem?” Afirmou nesse momento, com certa firmeza, que caso houvesse um acidente com morte de um *tripulante* seu, ele continuaria a sua jornada de captura de pescado. Ou seja, na sua concepção, a morte de um companheiro não seria motivo para abortar sua missão e da tripulação.

Lembrei, que quando eu sondei a possibilidade de fazer a viagem para uma jornada de pesca para minha pesquisa, o primeiro questionamento que o *barqueiro* e *balanceiro* Gouvêa e o seu encarregado Cássio me pautaram foi quanto ao meu condicionamento físico, segundo eles inadequado para tal intento e que haveria o risco de desequilíbrio do corpo na embarcação, o que poderia causar um acidente desse tipo comigo. Eles não foram diretos, mas interpretei que era isso que eles pretendiam me dizer nos seus *rodeios* e dificuldades colocados, quando eu falava da minha viagem como *tripulante*/pesquisador. Eles falavam por exemplo que “não tem escada dentro da embarcação” ou “o chão do convés fica muito liso” ou ainda, “*tu* vai emagrecer de verdade”.

Outros relatos sobre acidentes como esses eu coletei ao longo da pesquisa e tais relatos retratam a fragilidade dos trabalhadores em vários aspectos, mas com destaque para as questões das condições de trabalho com periculosidade e outros aspectos que vão de encontro à legislação trabalhista em vigor no Brasil. Onde se vê que a informalidade nas atividades de pesca em embarcações prevalece a conduzir as regras e os acordos trabalhistas; semelhante ao que ocorre na Pedra do Peixe, em Belém.

A aventura da pesca na costa do Pará, nos rios e lagos regionais, é realizada por sujeitos destemidos, dos quais muitos iniciaram ainda criança, como relataram os *balanceiros* Gouvêa e Tetéo, os quais lamentaram que na atualidade existem as leis trabalhistas, como o Estatuto da Criança e Adolescência, que impedem com que menores sejam aprendizes em ambientes de periculosidade, como as embarcações em movimento de pesca o são.

Tal lamento é mais uma preocupação para muitos *barqueiros*, *balanceiros* e *peixeiros*, porque para eles a aprendizagem se dá a partir de que “o menino” está na pré-adolescência, pois é “quando pode ser preparado para assumir uma profissão, como a do avô, do pai, do tio e às vezes do padrasto, que trabalha na lida”, como se manifestou o *balanceiro* Mimi. Para Mimi a relação de parentesco é um grande fator que poderia levar o menor aprendiz a desenvolver aptidões relacionadas às atividades pesqueiras, pois ele mesmo herdou do pai a balança com a qual hoje trabalha e seu avô era dono de embarcação geleira. Mas no

interior do estado é muito comum o menor acompanhar os parentes nas pescarias; eu vi crianças em atividades de pesca tanto em Vigia como em São Caetano de Odivelas e em Salinópolis.

A figura 40 mostra uma embarcação de pequeno porte com tripulação formada por quatro sujeitos, dos quais dois (O *pescador* de camisa verde e o de camisa amarela) são bem jovens e já iniciaram nessa profissão que os *balanceiros* Gouvêa e Tetéo temem quanto a sua reprodução.

Figura 40 - Embarcação com quatro *tripulantes*, dos quais dois são muito jovens



Fonte – Autor, 2004

O fato é que essa preocupação quanto a renovação da mão de obra dos *tripulantes*, *balanceiros*, *peixeiros* e de outras categorias é uma ameaça à reprodução da **Rede**, pois os seus componentes estão em diversas categorias e não havendo renovação da mão de obra, segundo a narração de *Tetéo* e Gouvêa, “tem de ter outro modo de ensinar”, ou seja, há de haver outro modo de inserir um trabalhador nessas atividades fins, seja através de uma Escola básica de pesca ou de cursos de capacitação no âmbito da associações e outras entidades de *pescadores*. Além do mais há grande tendência de aumentar a fiscalização trabalhista sobre as atividades de pesca artesanal, assim como outras atividades fins, relacionadas com a cadeia produtiva do pescado.

O lamento dos *tripulantes* se contrastam com suas obrigações, as quais eles realizam com toda presteza e competência, há muitos que entram nesse sistema e logo saem, mas os que ficam nessa profissão entram naturalmente, também, nessa linha de pensamento que transformei em versos de música popular: “Só quinze dias em terra, são três semanas no mar/ São três semanas em terra e quatro semanas no mar” (Autor, 2015).

CAPÍTULO V: DEPOIS DA PEDRA: A REDE DE CIRCULAÇÃO DO PESCADO NO MEIO URBANO DE BELÉM

Este capítulo aborda um ponto importante na finalização deste estudo quanto ao fluxo do pescado e conseqüentemente a formação da rede social afim, pois trata da circulação do pescado “depois da **Pedra**”, isto é, quando os atores sociais espalham esse produto pela malha urbana da cidade de Belém, mais especificamente nos pontos fixos de comercialização, como mercados, feiras livres, supermercados e outros, onde se vendem o pescado *in natura* aos consumidores finais, como citado anteriormente, dentro do espaço urbano. Para Santos (2008, p. 86), “os fluxos são o movimento, a circulação e assim eles nos fornecem a explicação dos fenômenos da distribuição e do consumo. Desse modo, as categorias clássicas – isto é, a produção propriamente dita, a circulação, a distribuição e o consumo – podem ser estudadas através desses dois elementos: fixos e fluxos.

As pessoas estão tanto no fluxo, onde se relacionam comercialmente e se interconectam em rede de socialização fazendo circular o pescado, como também nos pontos fixos, onde se comercializam o pescado na Cidade. Assim essa **Rede** – as pessoas que a fazem existir – está no fluxo e no fixo, em Belém.

O espaço urbano de Belém, do ponto de vista de abastecimento de produtos, abriga um centro comercial representado pelo Ver-o-Peso e seu entorno, além de feiras, mercados municipais e outros pontos fixos nos seus diversos bairros, no espaço intraurbano e todos esses espaços estão de algum modo interligados por pessoas envolvidas nesse abastecimento. Para Santos (2008, p. 119-120), o espaço urbano é formado por dois componentes “que interagem continuamente, que são: 1) a configuração ou o conjunto de dados naturais mais ou menos modificados pelo homem e 2) a dinâmica social ou conjunto de relações que definem uma sociedade em um dado momento”. Para esse autor “[...] a rede urbana tem um papel fundamental na organização do espaço, pois assegura a interação entre fixos e fluxos, isto é, entre a configuração territorial e as relações sociais” (SANTOS, 2008, p. 120).

A partir do embasamento quanto ao espaço urbano, fluxos, circulação e fixos tratados por Santos (2008), foi possível etnografar essa parte da cadeia produtiva do pescado, que se dá após o seu desembarque na **Pedra**, seguido de sua distribuição aos pontos de comercialização específicos, em Belém do Pará. Para tanto, observei sua circulação em três feiras e uma rede de supermercados de Belém, como amostragem representativa do seu universo, na malha urbana da cidade. “A observação nas feiras e mercados permite identificar

a produção e manutenção de práticas e saberes ribeirinhos em ambiente urbano” (LEITÃO, 2010, p.25). Estudando fluxos e fixos na cidade, Santos (2008) considera que os fluxos alteram os objetos fixos, para o autor:

A análise dos fluxos é as vezes difícil, pela ausência de dados. Mas o estudo de fixos permite uma abordagem mais cômoda, através dos objetos localizados: Mercados, supermercado etc. Cada tipo fixo surge com características, que são técnicas e organizacionais. Um objeto fixo passa a ser um objeto social graças aos fluxos. Fixos e fluxos interagem e alteram-se mutuamente (SANTOS, 2008, p.86).

Depois da **Pedra**, a circulação do pescado se estende para a malha urbana de Belém, através dos chamados *compradores* que adquirem o produto, no atacado e o revendem no varejo. Tanto os *peixeiros* do Mercado de Ferro, como os *peixeiros* de outros mercados, de feiras e pontos não regulamentados pela Prefeitura, como também os profissionais encarregados de realizar as compras aos supermercados e demais *compradores* avulsos, formam uma categoria – os *compradores* – que têm o objetivo de adquirir o pescado e obter lucro na sua compra e revenda. No capítulo 3 foi discutida a relação entre os *peixeiros* do Mercado de Ferro e os *balanceiros*, fornecedores oficiais da **Pedra**. “Além dos aspectos essencialmente comerciais e econômicos, as feiras e mercados têm indiscutível significado social, cultural e de prestação de serviços. (LEITÃO, 2010, p.26).

No caso dos *peixeiros* de feiras de bairros, seu ganho ou lucro é nitidamente contabilizado a seu favor a partir do trabalho de ir à **Pedra** adquirir o pescado. Cada *comprador* e, de modo mais específico, cada *peixeiro*, tem seu jeito específico de atuação visando circular o pescado adquirido na **Pedra**, por toda a cidade de Belém; sendo possível até comprar pescado sem precisar ir à **Pedra**, bastando um aparelho celular e confiança nas pessoas de sua rede social que trabalham na **Pedra**. “A viabilidade do comércio moderno parece aumentar com o tamanho e com o nível funcional da cidade” (SANTOS, 2001, p.128).

Nesses locais, na cidade, onde pesquisei a circulação do pescado, realizando etnografia com alguns sujeitos que ao meu ver, representam suas respectivas categorias, nos muitos pontos de venda em Belém, bem como alguns dos seus fregueses que representam os consumidores finais e o extremo da rede social do pescado, pude observar para descrever e analisar seus modos de atuação dentro dessa **Rede**.

Como no caso do *peixeiro* Francisco da feira da Tavares Bastos, que compra para seu box e para outros *peixeiros*, ganhando um real por cada quilo de pescado comprado para os seus parceiros Maciel, *Moju* e seu irmão Benedito, os quais não vão na **Pedra** comprar.

Observa-se desse modo que, dentro de determinadas categorias, existem diferenciações entre sujeitos em função de suas práticas e atuações ao longo do fluxo de circulação do pescado.

Contabilizando, por exemplo, em uma semana, sem feriados prolongados ou festas do calendário oficial, na qual o Francisco compra 500 quilos de pescado para esses três parceiros, ele ganha naquela semana quinhentos reais bruto pelo seu trabalho, tirando as despesas que segundo ele, equivalem a aproximadamente 20%, ele ganha em valores líquidos algo em torno de quatrocentos reais por isso, além dos ganhos sobre as suas próprias compras que giram em média de 700 quilos por semana, essa é a quantidade que ele declarou vender na feira da Tavares Bastos.

Semelhante, dentro de determinadas particularidades, é caso da peixeira *Pingo*, que trabalha no mercado do Guamá e vai diariamente (menos domingo e segunda-feira) na **Pedra** comprar pescado do seu irmão (Paulo) que é *balanceiro*, segundo a peixeira *Pingo*, “ele é *mercossul*”. Comprando com o Paulo ela adquire peixe bom e com qualidade. Ela compra principalmente as espécies pescada branca, “pequena”, pescada gó e dourada, também de tamanho pequeno; mas ela enfatiza que compra do Paulo e também de outros *balanceiros* que lhe dê preço bom, esse item é fundamental para ela.

O *Seu Boneco* é *peixeiro* da feira da 25 de Setembro¹²⁸, trabalha em um box composto (espaço com quatro boxes unidos), o qual divide com três irmãos, compra peixe na **Pedra** três vezes por semana; além de pescado ele compra também camarão e pirarucu salgado. Como tem carro próprio, tipo caminhonete, ele mesmo transporta o pescado comprado na **Pedra**, para a feira da 25.

O *Guru* é um *comprador* profissional, que exporta pescado para outros estados e compra ainda para comerciantes que exportam para outros estados e até para outros países. O *Guru* tem 42 anos, nasceu em Belém e compra pescado todos os dias, prefere comprar do Gouvêa, mas compra também de outros *balanceiros* pela qualidade e pelo preço oferecido. Atualmente ele está partindo para o ramo de filetagem de pescado.

A Socorro Araújo é a gerente encarregada de comprar o pescado para uma grande rede de supermercados de Belém e ela o faz com auxílio de vários colaboradores da organização comercial, tendo um parceiro de nome Benedito Maria que vai toda madrugada na **Pedra**, receber, pesquisar e comprar pescado, conta ainda com *seu* Benedito Nascimento, que recebe o pescado no Centro de Armazenamento e Distribuição do Grupo, conta também

¹²⁸ Feira da 25 de Setembro ou feira da Avenida 25 de Setembro, mas conhecida como feira da 25, fica localizada no bairro de São Braz, na Avenida Rômulo Maiorana, antiga Avenida 25 de Setembro, iniciando na confluência da Avenida Duque de Caxias e travessa Jutá e finalizando na Travessa Antônio Baena.

com um gerente setorial em cada uma das dezessete lojas da organização em Belém, dos quais eu entrevistei várias vezes o Vanderlei – da loja que fica situada nas proximidades da Praça Brasil, e um gerente supervisor setorial de prenome Mauro, que visita as lojas para garantir o padrão de qualidade almejado nesse setor do Grupo comercial.

Todos esses atores sociais citados anteriormente representam categorias que têm em comum a incumbência de dar continuidade à circulação do pescado em Belém do Pará, isto é, da sua distribuição por toda a Cidade. Essa distribuição desde a **Pedra** se irradia por toda malha urbana da cidade, de modo a se aproximar da população consumidora nos bairros ou sub-centros, através das feiras, mercados, dos supermercados e outros pontos onde a comercialização se faz com frequência, havendo até promoção semanal nos supermercados, com preços anunciados como baixos. O modo como essa distribuição ou irradiação se materializa, ramifica a **Rede** para toda a cidade finalizando-a nos consumidores finais.

Segundo dados da SECON, a quantidade de pescado que sai da **Pedra** é cerca de 80 toneladas/dia em média. Mas eu já vi em um só dia o Guru comprar 30 toneladas, só de um *balanceiro*, o mesmo eu presenciei o *comprador* da rede de supermercado que em uma madrugada de setembro de 2015, estava esperando uma embarcação com 20 toneladas, toda comprada por ele; o que torna esse dado da SECON questionável. No entanto a SECON é assertiva em considerar que a “produção da **Pedra** é muito significativa na microeconomia de Belém e no seu abastecimento”, pois outros dados do Departamento de Mercados Feiras e Portos (DMFP/SECON) daquela Secretaria confirmam que a “Pedra recebe o pescado por via fluvial e por via rodoviária” e que na sua distribuição, envolve toda a cidade, “porquê da Pedra vai peixe *pra* toda a Belém” (SECON, 2011).

A tabela 1 apresenta a relação de trinta e quatro feiras cadastradas junto ao poder público municipal e destaca as vinte que comercializam peixe fresco nos seus equipamentos, quer seja ao ar livre ou em áreas cobertas. São equipamentos, tal como entendido pela SECON, as barracas, os boxes e seus balcões de exposição e venda. Dentre essas feiras da região continental somente duas não se abastecem no Ver-o-Peso, são as feiras da Rua São Domingos, no bairro da Terra Firme e a do Porto da Palha, no bairro da Condor.

Tabela 01 - Feiras onde comercializam pescado em Belém vindos da Pedra

FEIRAS MUNICIPAIS	Nº FEIRANTES	Nº EQUIPAMENTOS	ABAST VER-O-PESO	FEIRAS MUNICIPAIS	Nº FEIRANTES	Nº EQUIPAMENTOS	ABAST VER-O-PESO
ACATAUASSÚ NUNES	5	5	SIM	PARQUE UNIÃO (TAPANÁ)	18	18	SIM
AUGUSTO CORREA	5	5	SIM	PEDREIRA	0	0	-
BANDEIRA BRANCA	0	0	-	PORTO DA FEIRA DO AÇAÍ	0	0	-
BARREIRO	23	23	SIM	PORTO DA PALHA	14	14	SIM
BATISTA CAMPOS	1	2	SIM	PORTO DO AÇAÍ	0	0	-
CAMPINA	6	8		PORTO DE ICOARACI	8	8	NAO
COMP CATALINA	0	0	SIM	PROVIDÊNCIA	17	17	SIM
CREMAÇÃO	9	11	SIM	SACRAMENTA	1	1	SIM
DAMASCO	28	27	SIM	SANTA LUZIA	0	0	-
ENTRONCAMENTO	4	4	SIM	SÃO BENEDITO	8	8	SIM
MARACAJÁ (MOSQUEIRO)	4	5	NÃO	SÃO DOMINGOS	8	13	SIM
MARAMBAIA	0	0	-	SÃO GASPAR (TAPANÁ)	2	2	SIM
MOSQUEIRO	0	0	-	TAVARES BASTOS	17	17	SIM
MUNDURUCUS	3	3	SIM	TELEGRAFO	0	0	-
OITO DE MAIO	40	40	NÃO	TEÓFILO CONDURÚ	12	12	SIM
OUTEIRO	0	0	-	VER-O-PESO	0	0	-
PANORAMA XXI	7	7	SIM	25 DE SETEMBRO	9	11	SIM
TOTAL	135	129			99	106	

Fonte: DMFP/SECON (2011)

Quanto aos mercados, a SECON possui levantamento consistente do volume de pescado comercializado na capital paraense. Na tabela 2 são apresentados os quantitativos dos anos 2009 e 2010, onde é possível observar – de modo preliminar - que há um efetivo acompanhamento e fiscalização do Poder Público Municipal no sentido de não permitir a evasão desse produto de modo aleatório para outros centros consumidores que exercem pressão para liberação da exportação do pescado *in natura*.

Assim pôde ser observado que o mercado de ferro foi o que mais comercializou o pescado nesses anos, representando cerca de 34,14% do total em 2009 e 30,30% do total comercializado em 2010, ficando sempre próximo de 1/3 do quantitativo global destinado às feiras e mercados de Belém. A tabela 02 apresenta os dados sobre pescado distribuídos aos mercados municipais de Belém, administrados pela SECON, nos anos de 2009 e 2010. E o gráfico 1 apresenta a distribuição do pescado nos mercados do município de Belém em percentual, no ano de 2010.

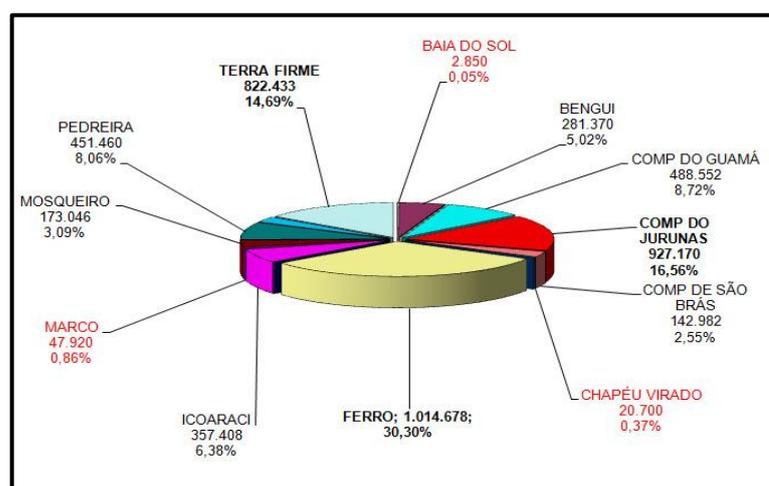
Tabela 02 - Quantidade de pescado nos mercados de Belém nos anos 2009 e 2010

MERCADOS	QUANTIDADE DE PEIXES/2009 (Kg)	QUANTIDADE DE PEIXES/2010 (Kg)
BAIA DO SOL	4.540	2.850
BENGUI	315.770	281.370
CARANANDUBA	0	0
COMP DO GUAMÁ	461.599	488.552
COMP DO JURUNAS	487.642	927.170
COMP DE SÃO BRÁS	198.506	142.982
CHAPÉU VIRADO	4.247	20.700
FERRO	1.677.313	1.741.068
FCº BOLONHA	0	0
ICOARACI	222.099	357.408
JURUNAS	2.420	0
MARAMBAIA	0	0
MARCO	51.879	47.920
MOSQUEIRO	159.506	173.046
PEDREIRA	357.417	451.460
SANTA LUZIA	0	0
TELÉGRAFO	171.667	142.662
TERRA FIRME	797.806	822.433
TOTAL	4.912.411	5.599.621

Fonte: DMFP/SECON (2011)

O gráfico 1 apresenta o resultado da pesquisa realizada pela própria SECON quanto a distribuição ou oferta de pescado nos mercados com maior fluxo, no município de Belém, onde se pode observar que o Mercado de Ferro demanda aproximadamente 1/3 do pescado destinado às feiras e mercados de Belém, que sai da **Pedra**, seguido do complexo do Jurunas com 16,56% e da Terra Firme com 14,69%; depois vem o complexo do Guamá com 8,72% e a Pedreira com 8,06%. A partir desse índice o percentual cai para a casa dos 6,38% para Icoaraci e 5,02% para o Benguí. Esses são os mercados municipais e suas demandas quanto ao pescado advindo da **Pedra**.

Gráfico 1- Oferta de pescado nos mercados com maior demanda em Belém



Fonte – SECON, 2011.

Eu encontrei e entrevistei várias pessoas que compram pescado na **Pedra** para revenda ou para preparo de refeições, como a dona Maria José, de 51 anos, que compra diariamente, de terça a sábado, cerca de 10 a 15 quilos de pescado, geralmente “dourada” ou/e “pescadinha”, para preparar aos seus clientes no pequeno restaurante popular que ela possui no bairro da Guanabara em Belém, no limite com o município de Ananindeua; ela afirma que compra o pescado na **Pedra**, porque “é fresquinho e tem preço”, então ela pode oferecer um prato feito com “precinho que ninguém pode reclamar”. A dona Maria José sai do seu bairro às 4 horas, compra pescado por volta das 5 horas e 6 horas ou 6h:30 ela já está em casa para iniciar os trabalhos no restaurante. “Eu acordo cedo porque tenho que encontrar os *balanceiros* sentados, porque se não... quando não tem peixe fica ruim, eu não vou comprar dos *mercossul*, eu sei de quem comprar, eu ganho no preço; os meus fregueses sabem que eu só vendo peixe fresco.” (Maria José, março de 2014).

Estão ali presentes, também, outros *compradores* como o “Bento” que se declara um “*comprador* profissional” de pescado, ele compra para supermercados, para atender encomendas de fora do Estado e para clientes que adquirem peixe em grande quantidade; a partir do ano de 2013 ele diversificou para o ramo de filetagem de peixe e sua distribuição a restaurantes e pequenos comércios; é um sujeito muito brincalhão e quando tem uma folga ele procura conversar com os *balanceiros* e contar piadas, para o riso coletivo.

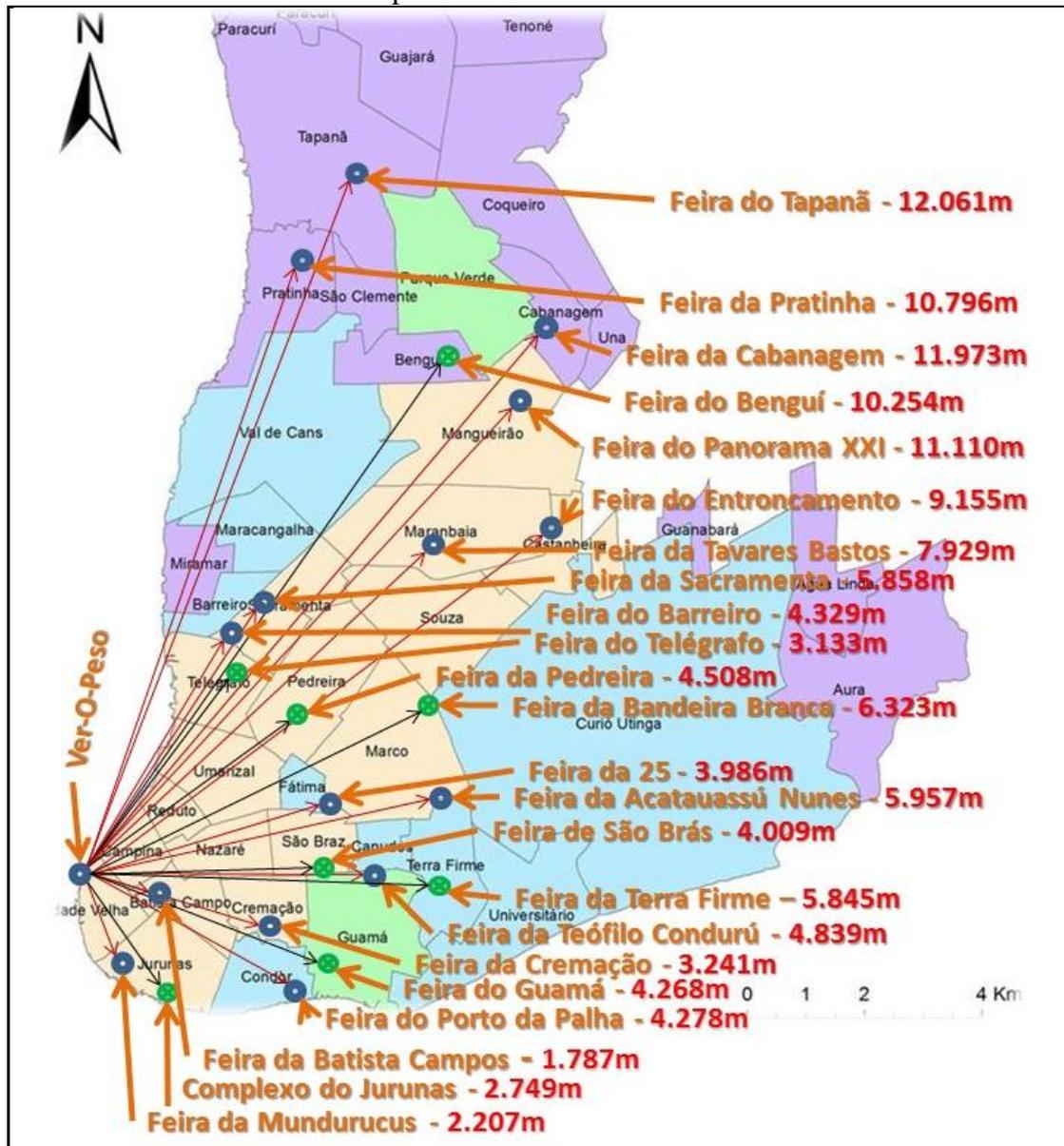
Uma madrugada do mês de novembro de 2013 ele comprou 5 mil quilos de sarda (*Pellona spp.*) para exportar à Hong Kong, “ Eu represento os caras que não querem vir aqui na **Pedra** de madrugada, mas eu faço tudo direitinho, porque se eu falhar eu perco meus clientes, eu vendo até pra China eu sou....(concluiu entrevista com uma pornofonia). Como pode ser notado o Bento é um *comprador* diferente de dona Maria José, que compra 15 quilos por dia, enquanto ele compra toneladas, diariamente; o que demonstra que mesmo dentro de uma categoria de atores sociais da **Pedra**, há diversidade de sujeitos.

Desse modo é possível perceber que todos que compram na **Pedra**, a tem como um lugar onde se centraliza a distribuição do pescado para abastecimento local, é lá que se troca mercadoria, mas também relações sociais, amizade e outras trocas simbólicas que se fazem presentes nessa comercialização e “o sentido do lugar é condicionado estreitamente pela existência de uma troca simbólica e social da qual é o seu suporte” (AGIER, 2011, p. 114).

A partir do desembarque e venda do pescado na **Pedra**, há sua (re)distribuição para toda Belém, chegando nas vinte feiras. A figura 41 apresenta a Belém continental com

sua divisão em bairros e distância, em linha reta, das feiras e mercados abastecidos de pescado advindos da Pedra do Ver-o-Peso.

Figura 41 – Feiras e Mercados em Belém onde comercializam pescado; tendo como referência espacial linear o Ver-o-Peso



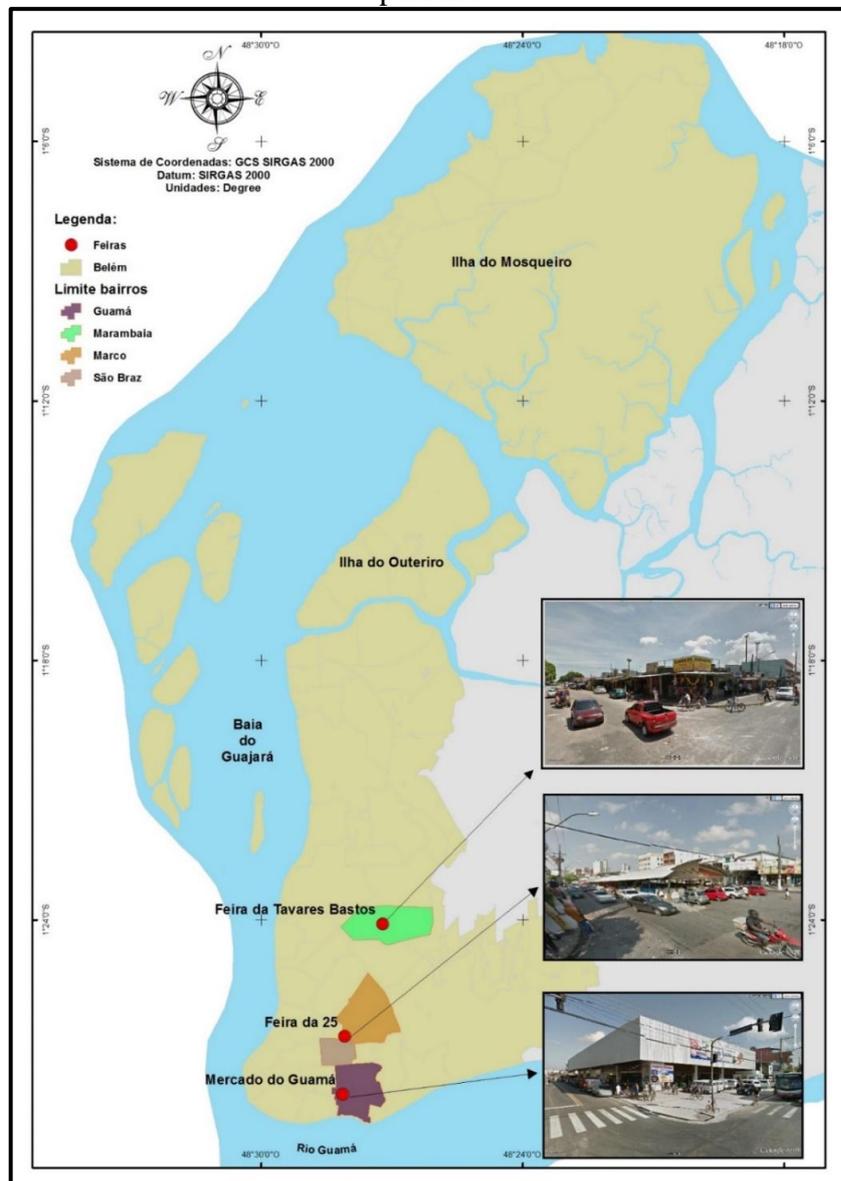
Fonte – Autor a partir de CODEM/2003 e de GOOGLE/2011.

Pode ser observado que as setas indicam a irradiação a partir do Ver-o-Peso, com distâncias lineares, que embora não representem a distância física no trajeto pelas muitas vias de acesso na malha interurbana, vêm representar a rota espacial linear a partir da Pedra do Peixe, estabelecendo sua configuração urbana em Belém e dando uma ideia da ampla rede tecida na cidade com suas respectivas distâncias aproximadas do ponto de distribuição, onde

em cada “nó” dessa rede de distribuição do pescado há pessoas que formam outras redes na realização das trocas, compras e vendas desse produto.

A figura 42 apresenta imagem dos bairros na Belém continental, onde estão indicados os três locais (bairros) pesquisados neste item. Optei por não espacializar a loja de supermercado a qual eu mais pesquisei e que fica no bairro do Umarizal para preservar o grupo comercial; embora seus representantes não tenham se manifestado em desacordo com a exposição, eu notei cautela nas suas ações no sentido de evitar excessos na exposição. Na figura 42 pode-se observar os três pontos fixos pesquisados, que são a feira da Tavares Bastos, a feira da 25 de Setembro e o mercado Guamá, no complexo de mesmo nome.

Figura 42 – Localização de três pontos em bairros de Belém onde houve pesquisa sobre pescado



Fonte – Autor a partir google.com.br/ mapa de bairros em Belém-do-Pará

Nesses três pontos foram realizadas pesquisas de caráter etnográfico com sujeitos que participam da circulação do pescado, onde na feira da Tavares Bastos tem o Francisco Freitas, na feira da 25 foi contatado o *seu Boneco* e no Mercado do Guamá contatei a *peixeira Pingo*, que é uma raridade quanto ao gênero, pois ela rompe o paradigma da profissão de *peixeiro*, amplamente dominado pelo sexo masculino. As setas indicam o bairro da Marambaia, o limiar dos bairros de São Braz e do Marco - onde fica a feira da 25 - e o bairro do Guamá, respectivamente, no Município de Belém.

Além desses locais, a pesquisa se estendeu para investigar a comercialização empreendida por uma rede de supermercados de Belém que foi a pioneira em vender pescado, inclusive com promoção em um dia da semana. Houve uma organização sistemática de pessoal, no âmbito dessa empresa, de modo a comprar o pescado por um valor que permite repassar ao consumidor final a um preço muito competitivo em relação às feiras e mercados da cidade. A maior parte do pescado dessa organização comercial vem da Pedra do Ver-o-Peso.

Eu realizei pesquisa etnográfica com pessoas que compravam pescado na feira da Tavares Bastos, na feira da 25 de Setembro, no mercado do Guamá e em uma rede de supermercado que faz uma promoção semanal com pescado.

Tais abordagens, para os casos das feiras do Guamá e da 25 de Setembro, foram realizadas dentro do projeto de pesquisa sobre Mercados Populares em Belém (GEMP/CNPQ), coordenado pela Professora Carmem Rodrigues do Programa PPGSA/IFCH/UFPA, do qual eu faço parte e isso potencializou o alcance desta Tese, quanto a circulação de pescado na malha urbana da Cidade. Pois o Grupo de Pesquisa realizou incursões em cinco feiras centrais na cidade de Belém, que foram as feiras da 25 de Setembro, de São Braz, do Guamá, do Jurunas e do Ver-o-Peso, pesquisando dados quantitativos e qualitativos diversos, os quais me incentivaram a ampliar minha pesquisa específica sobre circulação do pescado.

Ressalta-se que a feira da Tavares Bastos não faz parte da pesquisa do GEMP/CNPQ, mas faz parte da minha pesquisa sobre circulação de pescado em Belém, lá eu mesmo faço compras de pescado aos sábados com o *peixeiro* Francisco; na minha casa é comum o preparo de pescado para almoço duas ou três vezes por semana. Na feira da Tavares Bastos, eu entrevistei a dona Lena Arimatéia que compra dourada e pescada amarela e pede para filetar; declarou que gosta de comprar “só peixe graúdo, porque tem melhor aproveitamento, não tem espinha que possa causar problema”. O filé de uma pescada amarela

dura por duas semanas na sua casa e ela compra também filhote que “dá uma boa caldeirada”, também é freguesa do Francisco.

A população de Belém tem muitas opções de locais para se abastecer desse gênero alimentício muito apreciado e o fazem sistematicamente, pois nota-se que nos locais pesquisados sempre havia muita procura e pessoas entrevistadas declararam que se alimentam de pescado pelo menos uma vez por semana, havendo aquelas que se alimentam duas, três vezes por semana e outras que só se alimentam de pescado, como a dona Leila, empresária de 40 anos, nasceu em Belém e compra três vezes por semana no box do *seu Boneco*, na feira da 25 de Setembro. A senhora Leila declarou que se alimenta só de pescado, ela, seus dois filhos adolescentes e seu marido,

[...] porque é um alimento saudável, tem a proteína que a gente precisa, mas não tem os excessos de hormônios que o gado e o frango tem hoje em dia, nem a quantidade de gordura que fazem mal *pra* gente, né, porque é criado na natureza e é mais saudável em tudo (Leila, empresária, 40 anos, entrevista em setembro de 2014).

Assim como a senhora Leila eu encontrei no mercado do Guamá o seu Jaime Parente, aposentado de 70 anos, nascido em Barcarena, mora em Belém, no bairro da Condor desde os 13 anos, quando veio “completar os estudos”. Ele declarou que come pescado pelo menos três vezes por semana, pelo mesmo motivo da dona Leila, “porque é mais sadio; olha eu não tenho *nada* (problema de saúde), me aposentei, ando a pé *pra* toda parte e meus exames é do mesmo jeito; isso é a carne do peixe, *sor*”. O seu Jaime parecia muito disposto, é muito comunicativo e bem humorado, brincando e conversando com os feirantes, demonstrando que tem uma excelente relação com esses sujeitos e por isso estava tão à vontade.

A senhora Arthêmia Abud, é médica de 36 anos de idade, nasceu em Capitão Poço, no Pará, reside próximo à Praça Brasil e foi entrevistada por mim numa terça feira em uma loja da rede de supermercado que pesquisei, no bairro do Umarizal, na promoção semanal denominada *terça do pescado*; a senhora Arthêmia declarou que toda terça feira faz questão de ir – ela mesmo - naquele supermercado comprar o pescado para toda a família se alimentar durante uma semana e que na sua casa “pelo menos três vezes por semana é peixe”, alegando que “é o alimento proteico mais sadio para o ser humano, com menor carga de colesterol e outras cargas ruins” e concluiu dizendo que traz dos seus pais “a tradição de comer peixe”. A senhora Arthêmia se colocou à disposição para contribuir com a pesquisa, nesse sentido.

Ao tempo em que se apresentam dados quantitativos e qualitativos do local, dos sujeitos que atuam nesses pontos, apresentam-se também dados etnográficos que aproximam a realidade das pessoas que usam esses espaços para compra, venda, trocas diversas, em suas densidades ocultadas pela aparência, quando vistas em um olhar superficial.

Quando se aborda uma pessoa que está trabalhando ou comprando nesses locais, dependendo de vários fatores, a sua reação pode ser de aversão, de negação quanto a participação, mas pode ser também de adesão e de colaboração com a pesquisa, podendo se estender por uma conversa informal duradoura e descontraída, sobre pescado, sobre outros alimentos e sobre a vida, sobre a sua vida, com tantas informações que poderiam resultar em outras tantas pesquisas, considerando que instigam a novas investigações. Lembrando, nesse sentido, a observação de Agier (2011, p.35) “o antropólogo encontra na investigação urbana uma fonte inesgotável de problemáticas híbridas e complexas”. Afinal, “além dos aspectos essencialmente comerciais e econômicos, as feiras e mercados têm indiscutível significado social, cultural e de prestação de serviços à cidade (LEITÃO, 2010, p.26) .

Assim este capítulo traz informações da comercialização do pescado na feira da Tavares Bastos no bairro da Marambaia, da feira da 25 de Setembro, onde há destaque para o comerciante conhecido como *seu Boneco*, que trabalha com mais três irmãos no box (4 boxes) que ocupa a metade dos 8 boxes daquela feira destinados a comercialização de pescado. Traz a feira do Guamá, mais especificamente o mercado do Guamá, onde trabalha a *Pingo*, que é a única peixeira daquele mercado e em seguida a pesquisa da promoção semanal denominada “terça do pescado” que uma rede de supermercado iniciou e que seus concorrentes aderiram de modo salutar. Ao final do capítulo foi possível analisar e comparar preços do pescado entre esses pontos fixos.

O que se pretende é estudar, em um recorte dentro da cidade, a circulação do pescado indo da **Pedra** a esses pontos espalhados por Belém, chegando à ponta da rede social, onde está o consumidor final, como a *dona Leila*, *dona Athêmia* e o *seu Jaime*. Assim, “os habitantes recorrem, então, ao peixe; talvez poucas áreas brasileiras consumam tanto peixe como na Amazônia, Os mercados de Belém são fartos nesse apreciado alimento, proveniente quase todo, das colônias de pesca localizadas na região da foz do rio-mar [...] (PENTEADO, 1968, p. 402).

5.1 A FEIRA DA TAVARES BASTOS E SEU ENTORNO: A REDE CHEGA PRÓXIMO DO CONSUMIDOR FINAL

Com o crescimento urbano de Belém, especificamente a partir da segunda metade do século XX, foi inevitável a expansão comercial em direção a outrora periferia, levando à criação dos primeiros subcentros nos diversos bairros da cidade. Assim, “o número de produtos, mercadorias e pessoas circulando cresce enormemente e, como consequência a importância das trocas é cada vez maior, pois elas não apenas se avolumam como se diversificam. (SANTOS, 2008, p.57).

Até metade daquele século, o Ver-o-Peso era o grande centro de abastecimento da cidade de Belém, “[...]e, embora sofra na atualidade com concorrência de outras feiras e supermercados, fato constantemente lembrado pelos feirantes, é inegável ainda a sua importância como uma das principais áreas de abastecimento da cidade. (CAMPELO, 2010, p.42). No entanto, o pescado continua sendo um produto economicamente importante, cuja centralização de entrada para distribuição na cidade está no Ver-o-Peso. É a partir da **Pedra** que os pontos comerciais o fazem circular na cidade.

A feira da Tavares Bastos, como outras feiras de Belém, possui um local específico e regularizado pela SECON, onde se vende pescado. É nesse local coberto, bem equipado e imbricado na feira, que atuam alguns interlocutores desta pesquisa, como o Francisco, o *Moju*, o Manuel Abreu, o *Gato*, o Orlando e o *seu* Luiz, que dentre outros *peixeiros* que participam ativamente da rede de circulação do pescado no meio urbano de Belém, fazem com que esse produto chegue às mesas dos consumidores finais; por isso eles representam, aqui, uma amostragem do universo de *peixeiros* das feiras e seus arredores, os quais atendem à procura da população da Cidade.

A Feira da Tavares Bastos, que foi alvo de pesquisa nesta tese no que concerne à circulação do pescado que sai da **Pedra**, fica situada na Rua da Mata, em uma extensão que vai desde a rua Castanhal, até a Avenida Rodolfo Chermont e dobrando nessa via, há ainda, uma extensão de 200 metros lineares de feira, que vai da Rua da Mata até a passagem São Tomé, com barracas e outros equipamentos de venda localizados nas margens da avenida e/ou sobre as calçadas, havendo um intercâmbio entre lojas, mercadinhos, barracas e carros de mão que ali se localizam. Conforme figuras 43 e 46.

Destaca-se que essa feira não está situada na Avenida Tavares Bastos, embora leve seu nome e fique próxima dessa. No entanto quando não existia a Avenida Rodolfo Chermont, essa via toda se denominava Avenida Tavares Bastos, mas, na atualidade a

Avenida Tavares Bastos se inicia há uma quadra da feira, onde cruza com a avenida Rodolfo Chermont em uma rotatória localizada próxima ao conjunto residencial Mendara, a cerca de cem metros da Feira. Tradicionalmente a feira continua sendo conhecida como feira da Tavares Bastos e é tida pelo senso comum, como bem abastecida, diversificada, embora *careira*.

A figura 43 mostra a imagem da feira da Tavares Bastos em cor vermelha, contendo as indicações do mercado de peixe e quatro pontos de venda de pescado, sendo o primeiro de cima para baixo, o ponto do Manoel Abreu, que é o ponto o qual eu denominei de número 1, cuja distância linear do mercado de peixe é de 220 metros; o segundo ponto é do *Gato*, cuja distância linear é de 180 metros, o terceiro nessa ordem é o ponto do Orlando, distante 170 metros do Mercado e o quarto ponto é o do *seu* Luiz, cuja distância do mercado de peixe é de 130 metros. Nessa figura 40 aparecem quatro linhas de referências, unindo o mercado de peixe e os pontos de venda de pescado considerados pelas autoridades como não oficiais ou invisíveis, mas que são reais e aceitos pela população do bairro, que compra o pescado nesses pontos.

Figura 43 - Bairro da Marambaia e a localização da feira da Tavares Bastos



Fonte – Autor a partir do Google Earth, 2014

Figura 44 – Vista externa do Mercado de peixe da Feira da Tavares Bastos



Fonte: Autor, 2014

Nessa feira existe o local coberto e equipado, como citado anteriormente, para venda do Pescado, o qual os *peixeiros* classificam de *Mercado*; esse espaço, possui uma estrutura diferente, do ponto de vista da arquitetura, do restante da Feira, embora esteja atrelada fisicamente a essa. As figuras 44 e 45 apresentam respectivamente, uma vista externa e uma vista interna do *Mercado* da feira da Tavares Bastos.

Figura 45 - Vista interna do Mercado de peixe da Feira da Tavares Bastos



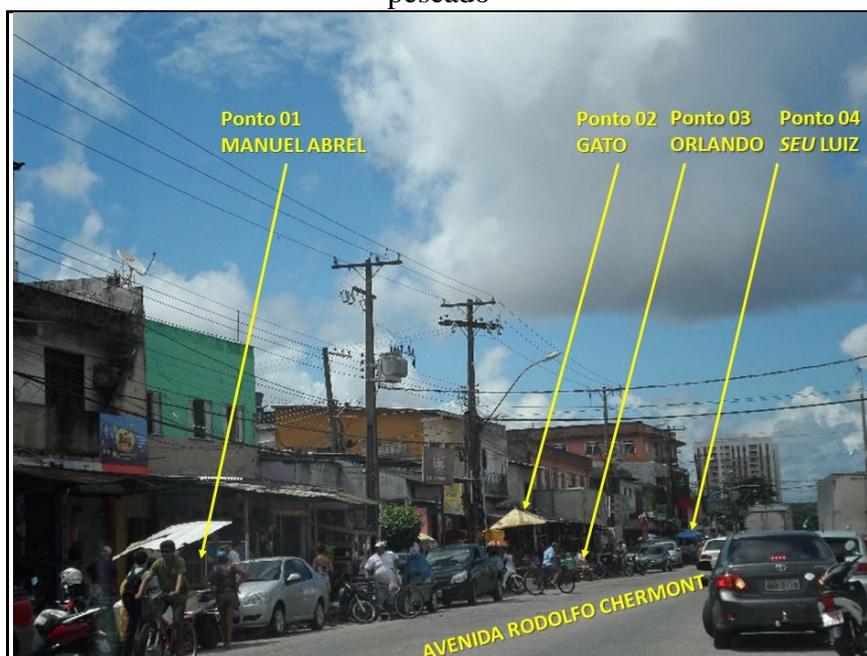
Fonte: Autor, 2014

Esse Mercado possui piso em material cimentado liso com *pedrisco* plainado, colunas e vigas estruturais em concreto armado, cobertura de telha cerâmica sobre estrutura de madeira de lei envernizada. Conta com 23 boxes, dos quais 20 são ocupados por *peixeiros* para venda do seu pescado, e nos demais são comercializados camarão fresco do tipo regional (*Macrobrachium amazonicum*). Trabalhavam nesse local quinze *peixeiros* em março de 2014.

Essa feira, além do *Mercado*, possui no seu entorno outros quatro pontos, não oficializados, de venda desse gênero alimentício, os quais funcionam quase que diariamente; sendo que três desses, estão lá há muito tempo e um iniciou suas atividades mais recentemente, em abril de 2015. Esses pontos estão distantes cerca de 200 metros do mercado e cerca de 40 metros em média um do outro ao longo da Avenida Rodolfo Chermont, conforme indicados nas figuras 43 e 46.

O primeiro ponto, que fica na esquina da Avenida Rodolfo Chermont com a Passagem São Tomé, é comandado pelo Manuel Abreu, mais conhecido como Abreu, ou *peixeiro*, que nasceu em Belém, tem 46 anos e iniciou suas atividades nesse local no dia 29 de março de 2012, ele lembra bem a data porque, segundo ele, foi indicado por forças divinas, uma vez que ele havia orado muito pedindo para encontrar um meio de trabalho, que ele pudesse investir um recurso financeiro disponível e um sábado ele foi “comprar peixe na feira da Tavares Bastos”, quando observou o potencial de venda, pois o preço praticado no Mercado era muito alto e ele poderia vender mais barato e concorrer bem.

Figura 46 – Vista da Avenida Rodolfo Chermont e localização pontos de venda informal de pescado



Fonte – Autor, 2015.

O Manuel, é o *peixeiro* que consegue oferecer o menor preço da feira, porque ele evita pagar carreto, fazendo o *carregador*, na **Pedra**, acondicionar o pescado direto na caixa de papelão, que ele compra da Luiza, dentro do porta-malas do seu carro; assim ele evita além do carreto, a despesa com embalador e o deslocamento até o seu carro, que normalmente é feito pelo embalador e que cobra para levar até o carro. Como ele possui carro próprio, ele evita de pagar o carreteiro que normalmente faria esse transporte até a Avenida Rodolfo Chermont. Entrevistei o Manuel inicialmente em abril de 2014; em agosto de 2015, o Abreu mudou esse procedimento e passou a pagar carreteiro para levar o pescado da **Pedra** à feira, mesmo assim ele conseguiu oferecer o menor preço de pescado da feira.

As figuras 47 (A) e 47 (B) apresentam o Manuel Abreu trabalhando em seu ponto de venda na Avenida Rodolfo Chermont, em uma visada da via para a calçada e outra vista da calçada para a avenida. Na figura 47 (A) ele está atendendo um freguês e na figura 47 (B) está sentado conversando com um feirante e uma freguesa.

Figura 47 (A) e (B) – Ponto e venda informal de pescado do Manuel Abreu



Fonte: Autor, 2015

Como pode ser observado nas figuras 47 (A) e 47 (B), o Manuel Abreu utiliza um carro de mão, onde expõe o seu pescado para venda e instalada uma balança, uma tábua onde ele corta e trata o pescado e uma caixa de isopor com pescado conservado no gelo. Esse carro de mão é coberto com uma lona plástica que fica fixa em uma estrutura de madeira apoiada em quatro hastes de *ripão*, que repousa sobre seu assoalho, na parte de trás está a caixa de isopor de capacidade para 80 litros, embaixo do mesmo, na direção da caixa de isopor, o Manuel Abreu deixa um basqueta para colocar os resíduos do pescado, como guelras, barbatanas, peles e escamas que ele retira do peixe (faz um tratamento prévio e limpa) a

pedido dos clientes, existem também dois baldes brancos de plástico onde ele deixa sempre cheio de água para lavar o pescado. Pelo menos a cada hora ele vai até uma torneira pública que existe na feira e enche um dos baldes com água, usada para lavar o pescado.

Antes de ser *peixeiro*, o Manuel teve empregos diversos, ele declara assim:

[...] eu não tinha uma profissão só, não parava em emprego, até que fui trabalhar embarcado, com seu irmão que é *barqueiro*, trabalhei por dez anos nessa vida muito dura, mal chegava em Belém, já ia de volta *pra* lida e quando estava em Belém tinha que ficar na Pedra *pra* vender o pescado até acabar” (Manuel Abreu, 46 anos, *peixeiro*, entrevista em 15/4/2015).

O Manuel deixou o ofício quando completou 42 anos, ao perceber que estava perdendo sua família, não participava da educação dos seus dois filhos, além de que o seu ganho não era suficiente para manter as necessidades suas e de seus entes queridos. Ao receber um valor que seu irmão lhe devia, deixou de vez esse trabalho de *tripulante* e se organizou com a venda de peixe que comprava na **Pedra** e ia entregar em restaurantes, previamente contatados, mas havia muita falha e falta de pagamento por parte dos fregueses. Até que encontrou esse ponto na Avenida Rodolfo Chermont muito movimentado, onde fez uma experiência em um sábado pela manhã e vendeu bastante, embora que já houvesse outro vendedor próximo (o *seu* Luiz), deu certo, e consegue ter um bom ganho.

O Manuel Abreu reside em Belém, no bairro da Marambaia, na via que margeia o Canal Água Cristal, trabalha de segunda a sábado e vai à **Pedra** três vezes por semana, saindo de casa às 2h30' em direção à Pedra do Peixe no Ver-o-Peso, de ônibus ou van. Compra o pescado do *balanceiro* que lhe der mais condições (preço e qualidade), mas declarou que tem amizade com os *balanceiros* Ney, Capivara e Lucas, com os quais prefere comprar.

Até julho de 2015 o Manuel usava seu próprio automóvel, mas notou que “o fundo do porta mala estava muito estragado (enferrujado e furado) devido o líquido” que sai do peixe misturado com água do gelo derretido, o que – segundo ele - lhe deu um grande prejuízo que o fez mudar de estratégia, passou a comprar caixa de papelão, pagando dez reais por caixa, mais cinco reais para embalar e outros dez reais ao carreteiro para trazer o pescado até o bairro da Marambaia, mas em novembro de 2015 ele voltou a fazer o carregamento no seu próprio carro, agora com mais cuidado com a impermeabilização do porta-malas. Chegando em sua casa por volta de 6 horas e vai para a feira por volta de sete horas; arruma o produto no carrinho de mão que fica guardado na sua casa, onde também tem uma banca e uma caixa de isopor para vender pescado aos vizinhos. Seu ponto está a cerca de 170 metros lineares do mercado de peixe da feira da Tavares Bastos.

O segundo ponto não oficializado de venda de peixe nessa feira, fica nessa mesma avenida (Rodolfo Chermont), na esquina da travessa José de Alencar, na mesma quadra da venda do Manuel Abreu, só que na outra esquina seguinte. O dono da venda é conhecido como *Gato*, ele tem 45 anos de idade, nasceu no município de Maracanã e reside em Belém, no bairro da Pratinha, sai de casa às 2h30', e usa transporte coletivo, *van* ou ônibus, vai na **Pedra** comprar peixe todos os dias, menos domingo e segunda-feira, mas só vai para a Avenida Rodolfo Chemont, “quando o movimento está forte, no final e início do mês, quando as pessoas recebem e compram mais e nos dias de sábado que é o melhor dia *pra* venda”. Trabalha nesse ponto desde junho de 2013 e nos outros dias, quando não vai para a comercialização na feira da Tavares Bastos, ele fica vendendo no bairro da Pratinha, caminhando a empurrar um carrinho de mão.

Quando vai à Marambaia, compra 30 ou 40 quilos de pescado das espécies Dourada, pescada branca, e camurim de tamanho médio (40 centímetros); pescadinha gó, pescadinha branca e pratiqueira (esses são de pequeno tamanho). Mas quando fica trabalhando no seu bairro ele compra “20 quilos de pescadinha e dourada da miúda, que acaba logo. Hoje em dia não dá *pra* ficar mais andando na rua que tem muito vagabundo que só quer tirar o dinheiro da gente e ainda mata se não tiver” (*Gato*). A figura 48 traz a imagem do *Gato* no seu ponto de venda, no seu carinho de mão tem um guarda sol improvisado, uma balança e uma tábua onde ele corta e trata o peixe que vende aos fregueses.

Figura 48 - Imagem do *peixeiro* Gato no seu ponto de venda em carinho de mão



Fonte –Autor, 2015

O terceiro ponto de venda, está assente na mesma esquina do ponto do *Gato*, só que do outro lado da passagem Jose de Alencar, seu proprietário é o Orlando Maciel, que tem 49 anos e nasceu na ilha do Batuque, município de Igarapé Miri. O Orlando vende peixe nesse local desde abril de 2014, trabalha de terça feira a sábado, é o mais novo entre os vendedores do produto; expõe o pescado em um carro de mão, a exemplo do Manuel Abreu e do *Gato*, tem uma balança que coloca sobre o carrinho de mão e um pedaço de tábua de 30 por 40 centímetros, onde ele corta e prepara o peixe, possui duas caixas de isopor para conservar o pescado.

Ele declarou que vai comprar na **Pedra** três vezes por semana, sai de casa às 2h30' e chega à feira às 7 horas ficando na venda até 11h:30, quando não vende todo o produto, guarda no gelo para vender no outro dia com um preço menor, mas logo vende. Compra o pescado de qualquer *balanceiro* que tenha preço bom e paga *carregador*, caixa, *embalador* e *carreteiro* para levar o pescado na feira da Tavares Bastos

O Orlando declarou que trabalhou como *tripulante* e depois chegou a ser *encarregado* de um barco *geleiro*, trabalhava para um primo seu de nome Everardo que era *balanceiro* na **Pedra**; mas quando seu primo morreu “o filho e a esposa venderam tudo e foram embora *pra* Igapé Miri, *pra* serem comerciantes, lá”. O Orlando complementa: [...] “Daí eu fiquei sem trabalho e descobri esse ponto, eles (sua cunhada e o sobrinho) me deram um dinheirinho e eu pude iniciar esse *tranco* aqui”. Pelo que conheci do sistema da **Pedra**, Orlando poderia ter se tornado um *balanceiro* Mercosul, mas por algum motivo ele não entrou no sistema da **Pedra**, talvez ele não tenha tido essa visão.

Nessa manhã eu fui auxiliar do Orlando, no início era como uma brincadeira, mas depois de meia hora ele foi me dando atribuições, fiquei anotando o peso e valor em um caderninho e abria a segunda sacola¹²⁹ de plástico para ele colocar o peixe, após tratar e pesar em uma primeira sacola e eu dava a sacola seca ao cliente; eu ainda fazia a conta, mas o próprio Orlando recebia o valor pago pelo freguês. Fiquei lá, trabalhando de 7h30 até 10h30 quando ele encerrou suas atividades, ao final prestei conta, quanto aos valores anotados e o Orlando disse que o ideal era ter um auxiliar de verdade, porque quando está muito agitado ele pode até se enganar, “*pra* eu não me enganar eu faço as vendas bem devagar, mas aí atrasa tudo, tem freguês que não tem paciência de esperar e até vai embora, mas eu não posso me afobar”. Ficou muito agradecido pelo meu trabalho de auxiliar, mas enquanto eu trabalhava

¹²⁹ A sacolinha de plástico é usada duas vezes a primeira o *peixeiro* acondiciona o pescado tratado e pesa, como o cliente não quer ter contato com os resíduos líquidos impregnados nessa sacolinha, então essa é colocada dentro de outra que normalmente é segurada pelo cliente para não sujar sua mão.

nós conversávamos sobre diversos assuntos, principalmente relativos à vida de *tripulante* que o Orlando teve em outro tempo e quase chegou a *balanceiro*, mas faltou capital que a sua prima não quis investir para continuação do trabalho iniciado pelo marido Everardo.

A figura 49 apresenta o carrinho do *peixeiro* Orlando, na Avenida Rodolfo Chermont em uma manhã de terça-feira, 20 de outubro de 2015, na qual o pesquisador foi seu auxiliar na banca. Um avental é essencial para o trabalho de auxiliar, pois rapidamente os pingos de líquidos advindos do pescado se espalham pela camisa e calça de quem está perto do *peixeiro*. Eu sofri muito isso na **Pedra** durante a pesquisa e o odor conforme a exposição, pode perdurar dias no corpo de quem se expõe por muitos dias seguidos a proximidade do pescado.

Figura 49 - Carrinho do *peixeiro* Orlando, o pesquisador como seu auxiliar



Fonte: Léo Farias, 2014

Na figura 50 novamente aparece a imagem do Orlando, de avental e boné, em outro dia de trabalho, pode ser visto a caixa de isopor onde ele conserva o pescado com gelo, a balança, o guarda sol amarrado ao carrinho de mão com cordas de nylon, para equilibrar na influência dos ventos e as sacolinhas de plásticos penduradas na haste do guarda-sol.

Figura 50- Carrinho de mão do *peixeiro* Orlando e seu ambiente de trabalho sob o guarda-sol



Fonte: Autor, 2014

O quarto ponto, que é o mais antigo, fica instalado no passeio público, na esquina da Avenida Rodolfo Chermont com passagem Liberdade, é composto de um balcão fixo de alvenaria com tampo de concreto, medindo 1,50m de comprimento por 0,70m de largura e 1,10m de altura, todo revestido externamente de lajota branca e ainda possui duas portinholas sob o balcão com fechaduras, em um dos compartimentos é acondicionado o pescado em uma caixa de isopor com gelo e na outra parte são guardados alguns utensílios por ele usado no momento da comercialização. Esse espaço está a uma quadra do segundo e do terceiro pontos tratados anteriormente e a duas quadras do primeiro ponto, o do Manuel Abreu. A figura 51 mostra o seu ponto de venda em uma visada panorâmica a partir da via, mostrando a instalação e seu entorno.

O *seu* Luiz, tem 60 anos de idade, nasceu em Belém, mora na Passagem Nova, no bairro da Marambaia, compra o pescado na **Pedra**, paga, além do peixe, o *carregador*, a caixa para embalar, o embalador que leva até o ponto do ônibus, que é o transporte utilizado pelo *seu* Luiz, para chegar à feira da Tavares Bastos.

Figura 51 – Vista panorâmica da banca do seu Luiz e entorno



Fonte- Autor, 2014.

O Luiz se orgulha em dizer que trabalha naquele ponto a 40 anos e que criou seus filhos com esse trabalho. Ele vai à **Pedra** três dias por semana e compra em média 40 quilos de pescado, preferindo “peixes miúdos”, nas espécies: pescada branca (*Plagioscion squamosissimus*), pescadinha gó (*Plagioscion spp.*), dourada (*Brachyplatystoma rousseauxii*) e eventualmente ele traz outras espécies como a tilápia (*Oreochromis sp.*) e pratiqueira (*Hoplias malabaricus*), dentre outros. O seu Luiz prefere trazer peixe de tamanho pequeno ou médio, porque “o preço é mais em conta e fica mais fácil de vender *pros* fregueses, que já vem na certa [...] que, quando o preço tá salgado eu demoro mais *pra* vender, mas quando tá bom é num *tapa*”, referindo-se à demanda do mercado.

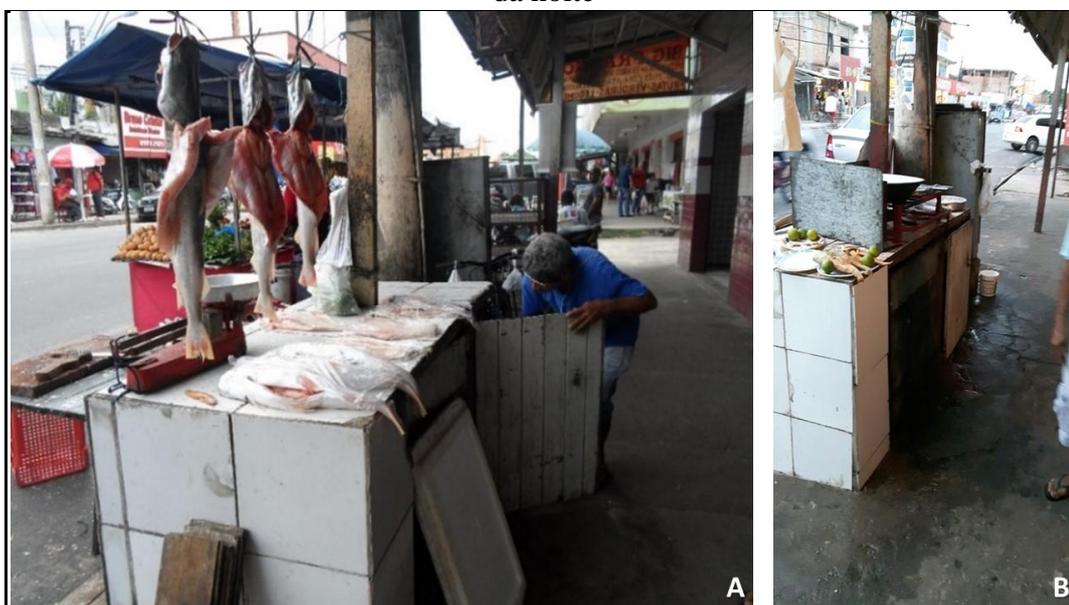
Num dos dias que abordei o seu Luiz, em uma manhã de março do ano 2015, ele estava vendendo dourada, pescada branca, gó e tilápia, ele havia comprado 30 quilos na **Pedra** e seu preço estava menor do que no Mercado de peixe da feira da Tavares Bastos, pois enquanto o seu *Moju* (*peixeiro* do Mercado), vendia a pescada de tamanho médio (com cerca de 50 ou 60 cm) a R\$14,00 o quilo, o Luiz vendia a R\$12,00 o quilo, mas o Manuel Abreu vendia esse mesmo peixe a R\$10,00 o quilo, a duas quadras do Luiz.

Os *peixeiros* do Mercado, de um modo geral trabalham somente no turno da manhã e esses trabalhadores que vendem na via pública do bairro da Marambaia, não são diferentes; no entanto, o seu Luiz tem um diferencial, termina sua venda por volta de 11h30 ou no máximo 12 horas e se não vender tudo nesse turno, ele retorna para aquele local à noite por volta de 18 horas ficando até 20h30 ou 21 horas, para vender o restante.

A figura 52 (A) mostra o seu Luiz agachado para retirar mais pescado que está em um isopor embaixo do seu balcão, mostra também um aspecto geral do seu ponto de venda na calçada da Avenida Rodolfo Chermont, em frente à porção mais densa da feira, ao centro da figura está o balcão principal revestido de lajota e à frente desse, já no leito da via aparece um balcão menor, improvisado com um tampo de granito medindo aproximadamente 60 por 60 centímetro, apoiado sobre três basquetas, em cima desse está um tábua medindo aproximadamente 30 por 60 centímetros e 3 ou 4 centímetros de espessura, que serve para ele cortar ou preparar o peixe .

A figura e 52 (B) mostra uma cena no mesmo ângulo da figura 52 (A), agora no turno da noite por volta de 18h30, onde se vê a bancada do seu Luiz dividida por uma chapa metálica, onde na sua direita está o pequeno fogão de duas bocas com um tacho de alumínio contendo cerca de três peixes da espécie pescada banca sendo fritos e à esquerda da chapa está um prato expondo o pescado frito em um prato com limão, o aroma que exala da fritura é atraente e as pessoas que vêm do trabalho e passam nesse local são os maiores fregueses.

Figura 52 (A e B) – Vista em detalhe da banca do *seu* Luiz e o cenário desse espaço no turno da noite



Fonte- Autor, 2014.

Nesse outro turno, o Luiz vende peixe frito, processando todos os passos desde o corte (que é feito ainda pela manhã) até a fritura final, no próprio local, onde tem um fogão pequeno de duas chamas e um botijão de gás de 8 quilos. O Luiz afirmou que esse trabalho noturno ele já faz há 18 anos e tem uma boa clientela, um quilo de peixe que ele venderia pela manhã por R\$8,00 a noite ele vende por R\$15,00 ou R\$20,00 se considerar que ele vende

nesse turno em unidade, cada peixe ele vende a R\$5,00; mas ressalta que está aí embutido o óleo, o trigo e o gás do fogão e outras despesas, mas vale a pena, pois “não sobra peixe *dum* dia *pro* outro, é muito raro sobrar, que quando a venda de manhã não *tá* muito boa eu logo penduro uns *peixe pra* vender de noite, aqui, quando eu vendo tudo de manhã eu não venho de noite”.

O *seu* Luiz informou que já tentaram tirá-lo de lá várias vezes, mas ele resiste, porque como ele diz: “este ponto é meu desde que nem tinha loja por aqui [...] nem era asfaltada a pista [...]. Entra prefeito sai prefeito e ninguém mexe comigo, porque eu também não mexo com ninguém. Eu só vendo peixe e tenho meus fregueses que precisam comprar, como eu também preciso que eles *compram* aqui (Luiz, março de 2015).

Ele é do tempo em que a feira da Tavares Bastos estava se iniciando, na metade da década de 1970 e ele afirma que onde está instalado era o local que se vendia peixe, mas houve um ordenamento setorial nessa feira na década de 1990 e o pescado passou a ser comercializado na Rua da Mata, ele foi para o local determinado, mas não se adaptou porque, segundo ele “as pessoas não iam lá comprar” e um ano depois voltou para o ponto fixo onde está até hoje.

Pode-se dizer que o Luiz é um dos pioneiros na comercialização do pescado na feira da Tavares Bastos antecedendo muitos dos atores sociais que atuam nas proximidades do seu ponto; como o Francisco, que só iniciou sua atividade no Mercado de Peixe em 2009, mas todos são *peixeiros* da feira da Tavares Bastos com seus fregueses garantidos, ou seja, todos estão na rede de distribuição do pescado em Belém.

Eu resolvi pesquisar na feira da Tavares Bastos porque lembrei do Francisco para contribuir com minha pesquisa, ainda no ano de 2012, quando eu já estava ambientado à dinâmica empreendida pelos sujeitos que atuam na Pedra do Peixe e me sentia mais livre para consolidar meu trabalho de campo; lembrei que eu compro nessa feira, próximo de minha residência e que esse pescado vem da **Pedra**. Foi quando comecei a conversar com o Francisco, mais conhecido na feira e na **Pedra** como *Mancha*, o qual já me vendia peixe há cerca quatro anos, nessa feira; logo ao saber da minha pesquisa ele aceitou participar e então eu pude iniciar a etnografia com ele.

Passsei a acompanhar o Francisco desde 2013, tanto nas atividades em seu box na feira, como nas suas compras de pescado na **Pedra**. Ele vai pelo menos duas vezes por semanas, às vezes três e até quatro vezes na missão de comprar o pescado para sua revenda e de outros três companheiros de feira; compra peixe para o seu próprio box, para o Maciel, ao *seu Moju* e para o seu irmão Antônio, que vende em um box que é do próprio Francisco na

base da *meia*¹³⁰. O Francisco *cobra* um real, além do valor real, por cada quilo de peixe que compra para o Moju, para o Maciel e para seu irmão Benedito.

Além desses parceiros, para os quais o Francisco compra pescado, ele tem uma aliança com outros sujeitos, para ir à **Pedra** comprar pescado e outros produtos mais. Assim, no dia 2 de novembro de 2013, foi uma de nossas idas ao Ver-o-Peso; marcamos às 2h em frente ao *Mercado* (na feira da Tavares Bastos, onde ele vende peixe), ele chegou às 2h20 juntamente com o seu irmão Antônio e mais quatro companheiros da feira, sendo que um (Gonzaga) vende verdura, um vende açaí e o outro era o Maciel que vende peixe (nesse dia foi ele mesmo comprar seu pescado) e o sexto homem era vendedor de camarão na Feira da Marambaia, não disse seu nome quando perguntado, chegaram os seis em um taxi - automóvel sedan de cor branca – eles vão nesse taxi cerca de três vezes por semana ao Ver-o-Peso, com esse mesmo objetivo.

Há semana em que alguns desses sujeitos vão mais vezes, raramente vão duas vezes, “quando a venda cai muito”; nesse dia a lotação era máxima por causa do Maciel que pouco vai à **Pedra**, mas segundo o Francisco “o mais comum é ir quatro no taxi, mas ele (o motorista) leva até seis mesmo”. Vinham cinco companheiros no banco de trás e um ao lado do motorista. Nesse dia o Francisco e o Maciel foram comigo.

Em um movimento rápido, o Francisco saiu do carro dos companheiros (ele vinha ao lado do motorista), entrou no meu carro, lembrou de chamar um companheiro para “desafogar” o taxi, chamou o Maciel, que nesse dia foi à **Pedra** comprar seu produto e seguimos nos dois automóveis rumo ao Ver-o-Peso.

Chegamos lá 2h30 e o ambiente estava totalmente em funcionamento. O Francisco seguiu atrás do peixe (ele compra para ele e mais dois, as vezes três) e por isso existe a escolha de alguns tipos de peixe específicos para cada um em função da preferência desses e de seus fregueses certos. Por exemplo, o Francisco vende Pescada amarela, Dourada, Filhote e Gurijuba, o irmão dele (Benedito) vende mais Pargo (*Lutjanuspurpureus*), Pescada Branca (*Plagioscionsquamosissimus*), Tamuatá (*Acanthicusshistrix*), Sardinha (*Triporthus spp.*) e Sarda (*Pellona spp.*), o Moju vende mais Pescada branca, pescada gó, Pacu (*Piaractusmesopotamicus*) e pratiqueira.

Ao deixar o carro na Rua 15 de Novembro, local estratégico¹³¹, depois que conversei com o grupo para uma breve entrevista, que só durou quine minutos e logo houve a

¹³⁰ Meia é uma modalidade de trabalho em parceria onde as partes envolvidas dividem as despesas e o lucro ao meio.

dispersão, eu saí junto com o Francisco, sempre tentando deixar ele a vontade; eu vez por outra saía de perto dele e ia falar com outros interlocutores, mas sempre tentando acompanhar seu movimento; assim, ele foi em um primeiro *balanceiro* que estava próximo da esquina da Avenida Portugal com a 15 de Novembro, onde encontrou pescada amarela e comprou logo 100 kg, foi em outro *balanceiro* atrás de dourada, reclamou da qualidade, foi em outro *balanceiro*, não gostou da dourada; foi de retorno onde ele já havia estado antes atrás de dourada, reclamou que naquele dia o peixe não estava muito bom, quanto à “qualidade”, mas comprou inicialmente 100 quilos de dourada e depois voltou e pediu mais 50 quilos, comprou de quatro *balanceiros* diferentes. O Francisco, nessa manhã, iniciou seu trabalho, na **Pedra**, às 2h45’ e só concluiu sua compra por volta de 4h50’, quando os primeiros raios solares surgiam no horizonte.

Embora afirme que não tem preferência, ficou claro que um dos *balanceiros* de estima do Francisco, é o “Morango”, que fica localizado geralmente, com sua balança e seu banco alto, no início da Avenida Portugal entre o mercado de Peixe e a **Pedra**, próximo da curva no final da Avenida Boulevard Castilhos França, a cerca de 5 metros da calçada que fica na curva e a cerca de 3 metros da **Pedra**. Sua balança fica cercada de caixas de isopor de 200 litros, as quais desembarcaram cheias de pescado de um caminhão vindo do Município de Vigia de Nazaré, pela estrada. A figura 51 mostra o *balanceiro* Morango e sua balança, atendendo ao Francisco e fazendo anotações em seu caderno.

O Francisco compra de vários *balanceiros*, mas afirmou que dá a preferência para comprar do Morango principalmente porque “ele permite que eu escolha o peixe antes de comprar”, afirma, e, até quando está sendo pesado, o Francisco pode intervir, tirando peixes que considera de menor qualidade; eles se tratam como amigos e não só como *balanceiro* e *comprador*. Muito *balanceiro* não gosta que o freguês escolha peixe por peixe e alguns são grosseiros com o *comprador*, quando esse insiste em escolher.

O fiel *virador* do *Morango* é o Marcelo, que está todo tempo atento para separar um bom pescado “escolhido” ou que o próprio Francisco escolhe e já põe inicialmente na basqueta¹³² e quando essa enche o Marcelo vai virando na caixa do *carregador Niko*, que já está a essa altura colocada na balança do Morango para o carroto.

¹³¹ O estacionamento na Rua 15 de Novembro é estratégico, fui aconselhado pelo Gouvêa a estacionar sempre na rua 15 de Novembro ou na Avenida Boulevard Castilho França, pois nas transversais há muito furto e arrombamento de veículos.

¹³² Basquetas, são caixas de plástico tipo polipropileno (pp), que medem 35 cm de largura por 50 cm de comprimento por 30cm de altura, “capacidade para cerca de trinta quilos de peixe” (CORRÊA e LEITÃO, 2010, p. 112).

Após esse procedimento o Morango pesa, anota, faz as contas, liberando para o Marcelo ajudar o *Niko* a levantar a caixa cheia de pescado que esse iria carregar, juntamente com outros dois companheiros que estavam por perto e *deram o canto*; ou seja, levantaram a caixa cheia de pescado, com sua capacidade máxima que é de 100 quilos, e puseram na cabeça do *Niko*, sobre a *rodilha* posicionada na cabeça desse.

O *Niko*, como a maioria dos *carregadores* fazem, caminhou por cerca de 100 metros para levar a caixa com o pescado comprado pelo Francisco, até ao setor onde está a Luiza que vende caixas de papelão para embalar o pescado, com a qual o Francisco logo negociou as caixas necessárias. Aparece o *embalador*¹³³ Cláudio, ligado à rede social da Luiza, que ajuda a descer a caixa da cabeça do *Niko* até o chão da calçada¹³⁴ e arruma o pescado na caixa de papelão e o leva para a caminhonete do João Lima, que é *carreteiro*¹³⁵ e já foi contratado pelo Francisco para transportar até à feira da Tavares Bastos.

Normalmente, ao tempo em que compra pescado, o Francisco já compra caixas de papelão da Luiza e conta com os serviços do Cláudio, que é um embalador ligado à Luiza, o qual ajuda o *carregador* “*Niko*” ou outro *carregador* da vez, a descer a caixa de madeira da cabeça; em seguida o Cláudio vai arrumando o peixe na caixa de papelão previamente forrada com plástico para não rasgar em função da grande umidade dos pescados, até que essa esteja cheia, momento em que o Cláudio amarra a caixa e entrega ao carreteiro João Lima que está estacionado na Avenida Portugal à altura da Praça do Relógio, próximo do local onde fica a Luiza e suas caixas.

Ao amanhecer o João Lima parte para a entrega nas feiras do Entroncamento, Marambaia e Tavares Bastos em sua caminhonete, que vai abarrotada de caixas de papelão com pescado de diversas espécies.

A figura 53 mostra o *balanceiro* Morango pesando e anotando o quantitativo do produto escolhido pelo *peixeiro* Francisco que está ao seu lado, com o *virador* Célio a sua direita e o *carregador* *Niko* abaixado, antes de levantar sua caixa para levar até ao carro de carreto do João Lima.

¹³³ Embalador é o trabalhador que acondiciona o pescado nas caixas de papelão para o transporte final.

¹³⁴ Calçada da Avenida Portugal entre Rua 15 de Novembro e Rua João Alfredo, onde a Luiza vende caixas.

¹³⁵ Carreteiro é o profissional que dirige o carro das imediações da Pedra para o seu destino contratado.

Figura 53 – O *balanceiro* Morango anotando no seu caderninho o quantitativo vendido



Fonte - Autor, 2014

Todo *balanceiro* tem um caderno onde faz todas as anotações relativas ao seu trabalho de pesagem e venda do pescado a vista ou no crédito pessoal, chamado de *fiado*. O *barqueiro* naturalmente acompanha seu movimento por zelo, afinal o pescado trazido no seu barco está todo sob os cuidados do *balanceiro*.

A vendedora Luiza (figura 54) por sua vez, cobra de quatro a seis reais por caixa (valores de novembro de 2013, em agosto de 2015 já custava dez reais qualquer caixa) e repassa cerca de um real – por caixa - ao Cláudio, por seu serviço de embalagem. Ele que juntamente com outros dois embaladores realizam a tarefa (figura 55 A e B e 56 A), o Cláudio é embalador mas em seguida se transforma em um *carregador* (figura 56 B), serviço que já não pertence mais ao domínio da Luiza; o Cláudio, cobra dois reais *por fora* para levar a caixa até o *carreteiro* que fica estacionado a cerca de 20 a 50 metros do local onde estão as caixas. Os *compradores* sempre estão atentos às suas cargas de pescado (55 B e 56 A).

Figura 54 – Venda de caixas de papelão na caçada da Avenida Portugal



Fonte: Autor, 2014

Figura 55 (A, B) – Sequência da embalagem do pescado em caixa de papelão



Fonte: Autor, 2014

Figura 56 (A e B) – Continuação da cena sequencial da embalagem do pescado em caixas de papelão até ao carreteiro que o transporta para as feiras.



Fonte: Autor, 2014

Nesse momento é que surge a pessoa do *carreteiro* João Lima, que possui uma caminhonete tipo *saveiro* e que juntamente com um auxiliar eventual, recebe o pescado das mãos do Cláudio; às vezes o próprio *comprador* do pescado vai levando as caixas de papelão para seu veículo próprio ou a um carreteiro, para o transporte final até a feira ou o mercado de destino.

Nesse caso o Francisco teve todas essas despesas intermediárias, mas ele demonstra sempre que tem domínio de todas as fases do trabalho empreendido na **Pedra**. Após as suas compras o Francisco combina com alguns companheiros para retornarem de taxi, juntos, ao bairro da Marambaia, mas de quando em vez ele vai de ônibus do Ver-o-Peso para o bairro.

Quando chega no bairro, o Francisco vai em sua casa tomar banho e se alimentar, segundo ele não passa sem o café com leite e pão com ovo; sua casa fica a cerca de 10 minutos do Mercado na feira da Tavares Bastos. Após o seu café, por volta de sete horas, ele segue para o seu local de trabalho, lá ele recebe as caixas de pescado, cerca de 100 a 200 quilos, de peixes de maior valor e tamanho, como filhote, pescada amarela, pescada branca, dourada e gurijuba, principalmente. Eventualmente ele vende mapará, tambaqui e outras espécies. A figura 57 mostra o *peixeiro* Francisco em seu box e espécies que ele mais vende.

Seus fregueses são, em sua grande maioria, moradores do bairro da Marambaia, os quais preferem peixes dessas espécies oferecidas pelo Francisco, de modo que ele vende por semana cerca de setecentos quilos, o dia que vende mais é o sábado, quando vende em média duzentos até trezentos quilos e o dia que vende menos é segunda feira, quando vende no máximo cinquenta quilos de pescado.

Figura 57 – *Peixeiro* Francisco em seu Box no Mercado de peixe da Tavares Bastos



Fonte: Autor, 2014.

O Francisco atualmente é o *peixeiro* que possui maior espaço de venda no mercado, pois é permissionário de um box, mas detém a posse de quatro, sendo que trabalha é um box duplo, no qual ele mandou retirar a parede baixa que os dividia para ficar num box maior e os outros dois boxes, ele aluga para seus irmãos Antônio e Benedito. O *seu Moju* trabalha no box que fica adjacente ao seu e o Antônio se localiza em frete ao seu box.

O Francisco nasceu em Cametá, tem 29 anos, é membro de uma família de treze filhos; ele veio para Belém através do Ver-o-Peso, pois a cerca de dez anos iniciou um trabalho numa embarcação, que transportava açaí de Cametá para a Feira do Açaí e levava para Cametá, por encomenda, pescado comprado na **Pedra**. Atualmente já trouxe sete dos seus doze irmãos, para Belém, os mais jovens como a Conceição e a Graça vieram estudar, o Antônio já é formado em matemática e no ano de 2015 assumiu um cargo de professor da Secretaria de Educação do Estado – SEDUC, por isso deixa o trabalho no box do Francisco para lecionar no município de Tucuruí.

A figura 58 mostra o Maciel em primeiro plano, no box, ao seu lado está o seu Moju de costa e nessa sequência aparece o box duplo do Francisco, ocupado pela sua irmã Conceição, que aparece de touca, no seu posto de trabalho à espera de atender aos fregueses; na frente do box aparece o Francisco entregando uma sacola de peixe a um freguês, no chão aparece ainda a caixa de papelão com pescada amarela, que o Francisco vai retirando quando não tem freguês para atender.

Figura 58 – Vista interna do Mercado de peixe da Tavares Bastos. Em primeiro plano o *peixeiro* Maciel



Fonte: Autor, 2014

Na figura 59 aparece o seu Moju, em detalhe trabalhando no seu box, ele vende peixes de menor tamanho, como tamuatá, camurim, pescada gó e pescadinha branca. Cada *peixeiro* por determinado motivo, tem uma justificativa para sua preferência de comercializar determinada espécie de pescado, geralmente quem vende peixe de tamanho pequeno, como o seu Moju, diz que é “porque vende bem”, vende muito pelo atrativo do preço “que é menor que do peixe graúdo”. Uma coisa que o Moju não falou, foi da qualidade e lembrei que o Francisco, que compra para o Moju, leva esse item muito a sério e escolhe o pescado para seu parceiro com o mesmo esmero que tem para comprar seu próprio produto, isso muito cliente que compra do Moju leva em consideração.

Figura 59 – Seu Moju tratando o pescado em seu box no Mercado de Peixe da Tavares Bastos



Fonte: Autor, 2014

O Francisco passou quatro anos fazendo o serviço de transporte, venda de açaí e compra de pescado, no barco de um tio seu e há seis anos ele precisou tratar a saúde de sua esposa em Belém, foi quando conheceu um *peixeiro* da feira da Tavares Bastos, que lhe vendeu seu ponto, pois estava deixando o trabalho por questão de debilidade na de saúde, antes desse fato o Francisco foi seu auxiliar e depois ficou tomando conta do box na base da *meia*. Assim o Francisco veio a morar no bairro da Marambaia e passou a vender pescado a cerca de seis anos; teve a visão de que valeria a pena investir em pescado *graúdo*, que é mais caro, no entanto seu valor permite um ganho maior que os peixes menores. Valeu a sua

O Francisco vende a espécie mapará (*Hypophthalmus* spp.), só “porque lembra a terra” dele, mas ele diz que “em Cametá nem tem mapará, é pescado mais em cima, mas é perto e é o melhor, é daquele branco e cinza claro, que tem a fama de ser de Cametá, o outro tipo é o que tem o dorso na cor preta chamam de *Paulo Isidoro*, [...] esse *pra* quem entende de mapará não compra, porque é muito pitiú”. Sempre tem bridadeira no box do Francisco por causa do mapará; outro dia uma senhora reclamou desdenhando da espécie, dizendo “esse peixe é muito remoso” ao que o Francisco respondeu: “Não é o peixe que é remoso, é quem come ele e bota *pra* fora tudo de ruim que está encubado, é que é remoso”, o que provocou uma gargalhada geral entre as pessoas que estavam no seu box.

Há dois anos a esposa do Francisco começou a ajuda-lo no box, primeiro abrindo embalagem plástica para o Francisco colocar o peixe vendido, depois recebendo o dinheiro, mas quando ele iniciou um comércio para ela, ele ficou uns meses sem auxiliar, atualmente a sua irmã, Conceição de 21 anos é sua auxiliar, ela embala o pescado recebe o dinheiro da venda e é rápida para fazer a soma do que o cliente tem que pagar, não vai ser de admirar se ela se tornar peixeira também, pois o paradigma de que é atividade exclusivamente masculina em Belém já foi quebrada pela *peixeira Pingo* do Mercado do Guamá e a Conceição pode ter o apoio dos irmãos.

Assim como o Francisco estão outros quinze *peixeiros* no mercado de peixe da feira da Tavares Bastos, dentre esses dois são seus irmãos com suas histórias de chegada à feira trazidos pela relação de parentesco, como é muito comum para quem trabalha no mercado popular. Pois no próprio Mercado da Feira da Tavares Bastos, entre os outros *peixeiros* existem vários nexos de parentesco e compadrios. Um *peixeiro* chamado *seu Zinho* tem um filho, uma filha e um genro, outros dois *peixeiros* o Maciel e o *Branco* são irmãos, o *seu Moju* é compadre do Francisco e todos são companheiros de trabalho.

Desde o Manuel Abreu, passando pelo Gato, o Orlando e o seu Luiz, que vedem pescado ao longo da Avenida Rodolfo Chemont até chegar aos dezesseis *peixeiros* que trabalham no Mercado de Peixe da feira da Tavares Bastos, todos esses atores sociais representam a circulação do pescado em um bairro da cidade, abastecendo muitos domicílios e restaurantes, como o da dona Joana que vende refeição no interior da própria feira e tem como tradição oferecer pescada de tamanho pequeno (30 centímetros) em caldeirada ou frita inteira, ou a dona *Birila* de 62 anos, que é dona de casa e compra sempre de uns dos vendedores da Avenida porque esses oferecem o produto com “preço menor” do que os oferecido no âmbito do Mercado de Peixe.

5.2 A FEIRA DA 25 DE SETEMBRO.

A Feira da 25, fica localizada na Avenida Rômulo Maiorana, antiga Avenida 25 de Setembro, entre a Avenida Duque de Caxias e a Rua Antônio Baena no bairro de São Braz, mas na fronteira com o bairro do Marco, em Belém do Pará. Em outros tempos atrás, nos idos da década de 1970, em sua origem, era chamada de feira da Jutaí, porque a principal ocupação dos equipamentos de venda ficava instalada nessa via, momento em que (segundo a feirante Dagmar que atua nessa feira) “tinha um grande alagado no local onde hoje está (implantada), aqui, a feira e nessa época (década de 1970) houve uma retirada (remanejamento) dos feirantes que vendiam em São Braz” (ocupavam o Largo de São Braz, nas margens da Avenida Almirante Barroso e Praça do Operário), ao mesmo tempo em que houve um tratamento urbanístico na Avenida 25 de Setembro, com aterramento e drenagem, para receber aqueles feirantes vindos de São Braz e os que saíam da travessa Jutaí, fazendo com que a ocupação do local, onde hoje está situada a feira, se consolidasse.

Desse modo os feirantes passaram a ocupar exatamente a área onde atualmente está implantada a feira, em barracas de tubos metálicos desmontáveis e cobertos de lona, fornecidas pela Prefeitura de Belém, onde em cada barraca havia um balcão de madeira sobre estrutura tubular metálica que servia de base.

No final dos anos 1980, antigos trabalhadores dessa feira e outros sujeitos que não eram da feira, ocuparam novamente a Praça do Operário no largo de São Braz, os quais foram remanejados para a Avenida 25 de Setembro na segunda metade da década de 1990, momento em que o prefeito da época iniciou o projeto e a construção da nova estrutura da feira da 25, a qual só foi concluída na gestão municipal seguinte e reinaugurada no início da década de 2000, nos moldes como se apresenta neste ano 2016, havendo assim, uma setorização por produtos e nessa reformulação espacial foram destinados 8 boxes para venda de pescado, dos quais 4 boxes são ocupados pelo *peixeiro Seu Boneco* e seus três irmãos.

Na figura 57 está a imagem da área de confluência das Avenidas Duque de Caxias da direita para a esquerda ao longo da imagem, a Rômulo Maiorana, nas duas laterais do prédio da feira e travessa Jutaí, dobrando a esquina à direita. À frente da feira há um estacionamento próximo dos boxes de pescado, caranguejo e frutas, onde está o box do seu Boneco, meu interlocutor.

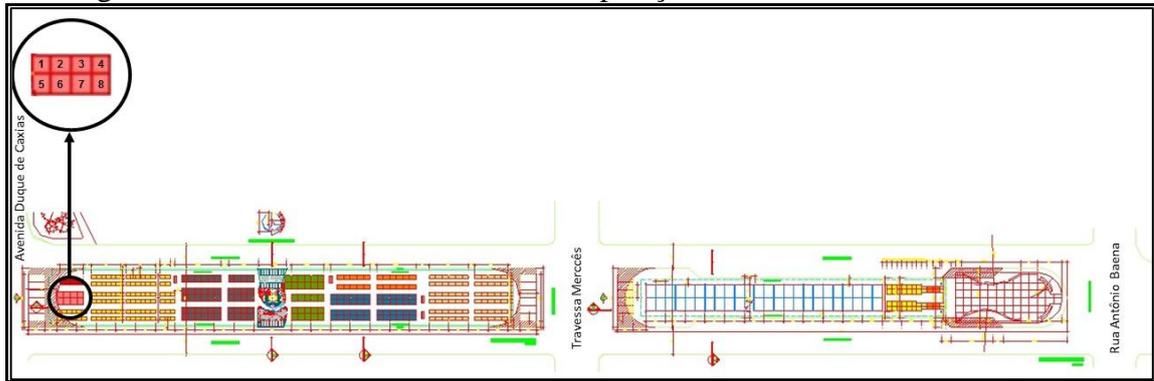
Figura 61 – Vista da feira e suas vias principais de acesso a partir da Avenida Duque de Caxias



Fonte – Costa Júnior, 2015.

A figura 62 mostra a planta da Feira da 25, onde na extrema esquerda está a confluência das Avenidas Rômulo Maiorana (cujo nome anterior era Avenida 25 de Setembro) com a Duque de Caxias; ao centro está a travessa das Mercês cortando a feira e dividindo-a em dois setores, sendo que o segundo setor - da direita - vai da travessa Mercês até a Rua Antônio Baena. Nessa figura os boxes de 1 a 8, destacados em detalhe na extrema esquerda, são os destinados à comercialização de pescado *in natura*, sendo que os boxes 1, 2, 5 e 6, são ocupados pelo seu Boneco e seus três irmãos, para venda dos pescado fresco, pirarucu salgado e camarão. No extremo oposto na esquina com a Rua Antônio Baena se encontra a família do Romário, que vende pescada filetada em um único box. Observou-se que o pescado está nos dois extremos dessa feira; quando alguém adentra a feira por um extremo ou por outro logo encontra o pescado, sendo que no box próximo à rua Antônio Baena o produto (dourada e pescada) é vendido filetado (*in natura* ou congelado), enquanto que nos oito boxes (quatro deles reunidos em um box maior) localizados próximos da Avenida Duque de Caxias, o produto é vendido *in natura*, com mais opções de espécies.

Figura 62 – Planta da feira da 25 com disposição dos boxes de 1 a 8 em detalhe

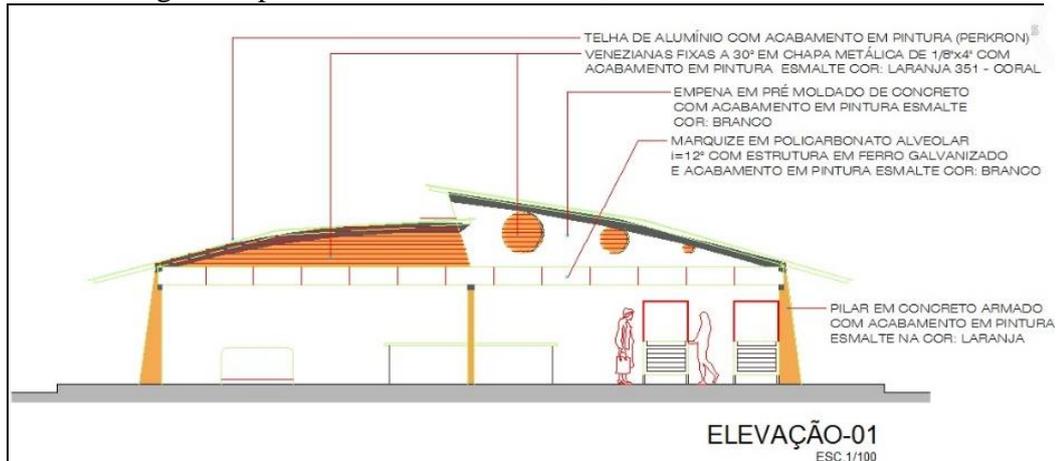


Fonte: SECON, 2015

No primeiro setor, que vai da Avenida Duque de Caxias até a Travessa Mercês, estão os oito boxes destinados à venda de pescado, os quais ficam localizados na extrema esquerda da feira, conforme destacado na Planta da feira na figura 58, detalhado com a coloração rosa, onde se pode notar os boxes divididos em número de oito.

Os boxes de números 1, 2, 5 e 6 são ocupados pelo *Seu Boneco* e seus irmãos, eles denominaram seu local de trabalho de “box do Seu Boneco”; a figura 63 mostra a imagem projetada da fachada frontal de quem chega à feira, vindo da Avenida Duque de Caxias e logo se depara com o box de venda de pescado, onde na frente está o estacionamento desse extremo da feira.

Figura 63 – Imagem da parte frontal da feira da 25, onde se localiza o box do *seu Boneco*



Fonte: SECON – 2015

As Figuras 64 e 65 mostram a mesma fachada em imagem de foto, onde aparecem carros estacionados e pessoas transitando ou realizando suas compras.

Figura 64 – Imagem da parte frontal dos boxes do Seu Boneco e o estacionamento



Fonte: Autor – 2015

Figura 65 – Imagem da parte frontal com os boxes de frutas à direita e do pescado à esquerda em primeiro plano, está o estacionamento, e o detalhe da localização da feira, em frente a um supermercado da cidade



Fonte: Autor – 2016

O seu Boneco tem 39 anos, nasceu em Belém, mora no bairro da Cremação e é *peixeiro* há 26 anos, iniciou ajudando seu pai no ofício, ainda criança, e quando seu pai faleceu, assumiu o box juntamente com seus três irmãos, *Bola*, *Honório* e *Bena*, os quais também trabalhavam com o pai. O Seu Boneco, o irmão mais novo, lidera o grupo; embora o negócio seja igualmente dos quatro irmãos, é ele que compra na **Pedra** e não ganha mais por isso, como diz: “cada um faz um pouco e no final tudo dá certo”. As figuras 66 a 69 mostram o box quádruplo do seu Boneco e irmãos em várias visadas.

Figura 66 – Imagem da parte frontal dos boxes do Seu Boneco a frente estar um freezer e três caixas de isopor para expor o camarão sobre basquetas.



Fonte: Autor, 2015.

Figura 67 – Seu Boneco atendendo ao freguês que compra camarão rosa ao fundo outro freguês compra peixe com o Bola que está no interior do box



Fonte: Autor, 2015.

Figura 68 – O Bola e um auxiliar em momento de descontração no interior do box na ausência de freguês



Fonte: Autor, 2014.

Figura 69 – O seu Boneco fica sempre na parte externa do box onde atende e/ou encaminha fregueses para atendimento dos *peixeiros* que trabalham na parte interna do box



Fonte: Autor, 2016.

O seu Boneco declarou que compra pescado na **Pedra** três vezes, às vezes quatro vezes por semana, comprando em média 1500 a 1600 Kg/semana, transportado até a feira por

ele mesmo em seu veículo tipo caminhonete. Chega à **Pedra** em torno de 3 ou 4 horas da manhã e retorna 6 horas quando compra tudo que precisa. Declarou: “Eu chego na Pedra e já vou certo com que eu compro camarão e salgado, mas o peixe fresco eu não tenho preferência, eu tenho que andar na Pedra *pra* escolher preço e qualidade”. Depois de comprar o pescado *in natura*, ele acompanha o *carregador* até sua caminhonete que estaciona do outro lado da praça do Relógio, onde ele já havia deixado o camarão e o peixe salgado. No seu veículo ele possui várias caixas de isopor, uma para cada produto específico.

Ele sai do Ver-o-Peso próximo das 6 horas e vai para sua casa para um banho e seu café, em seguida vai para feira onde já tem um dos seus irmãos para descarregar o pescado e os outros produtos nas caixas dos depósitos de seus boxes.

Os irmãos possuem (são permissionários) quatro boxes que formam um só, pois retiraram as divisórias de alvenaria que os separava para ficar com uma área maior de circulação e de atendimento; no box trabalham, além do seu Boneco e os três irmãos, outros três trabalhadores ou colaboradores.

Além de peixe *in natura* das espécies pescada amarela, dourada, filhote, tambaqui, pescada, branca, xaréu e outros com menos frequência, o seu box oferece ainda pirarucu salgado e camarão de várias espécies, mas os destaques desses são o pitu e o camarão rosa.

Como seu ponto de venda é estratégico na feira, próximo à entrada pela Avenida Duque de Caxias e do estacionamento principal dessa extremidade da feira, o Seu Boneco aproveita a chegada dos fregueses que adentram o espaço por esse caminho e fica na calçada chamando-os, mostrando os produtos, enaltecendo-os e se mostrando sempre atencioso, assim vai ganhando a simpatia dos fregueses, muitos dos quais param para ver os seus produtos, alguns se interessam e compram.

Outros que não compram naquele momento fixam a grande diversidade dos produtos, pois os irmãos comerciantes investem na apresentação e exposição dos gêneros alimentícios que comercializam, outros tantos fregueses compram porque foram lá para isso mesmo e alguns já são seus conhecidos, outros até ficam no carro (o estacionamento é muito próximo do seu box) estacionados (Figura 61) ou param rapidamente e recebem o pescado ou outro produto que já está embalado, no próprio carro; nesse caso, o cliente já fez o pedido por celular para Seu Boneco ou para um de seus irmãos ou colaboradores.

Em setembro de 2014, eu observei que o seu Boneco entregou duas sacolas em um carro que encostou na Avenida Rômulo Maiorana e em janeiro de 2016 eu fui novamente entrevistar o seu Boneco nesse sentido e ele listou alguns clientes que recebem o pescado no

carro, bem como outros produtos e “alguns recebem também em domicílio, basta manar mensagem” (Seu Boneco, janeiro /2016).

O seu Boneco declarou que fornece para um restaurante, a cada dois dias, cerca de 30 quilos de pescado e ele mesmo faz a entrega, o proprietário só faz enviar a mensagem, que normalmente não varia muito quanto à quantidade e espécies e ele separa ou manda separar para atender ao empresário, através do seu serviço de entrega. Ele citou a dona Leila, que eu havia entrevistado no ano de 2014 e eu lembrei que eu tinha anotações sobre a dona Leila as quais eu revi ou resgatei na minha caderneta de campo. A dona Leila declarou, à época, que vai ao box do seu Boneco uma vez por semana e compra pescado ”já filetado, preparado para assar, para fritar, para forno e para caldeirada”; ela prefere levar pescada amarela, filhote, dourada e por vezes tambaqui, que segundo ela “é muito bom para assar na brasa”. Compra também camarão regional e pirarucu salgado e declarou que “como eu sou uma cliente chata, mas que compra muito, aí os meninos param tudo *pra* me atender e ainda vão entregar lá em casa”. A dona Leila reside na rua Antônio Baena, mas devido a quantidade de pescado que adquire para toda a semana, que gira em torno de 15 quilos, o seu Boneco encarrega algum colaborador para entregar de bicicleta no domicílio dela.

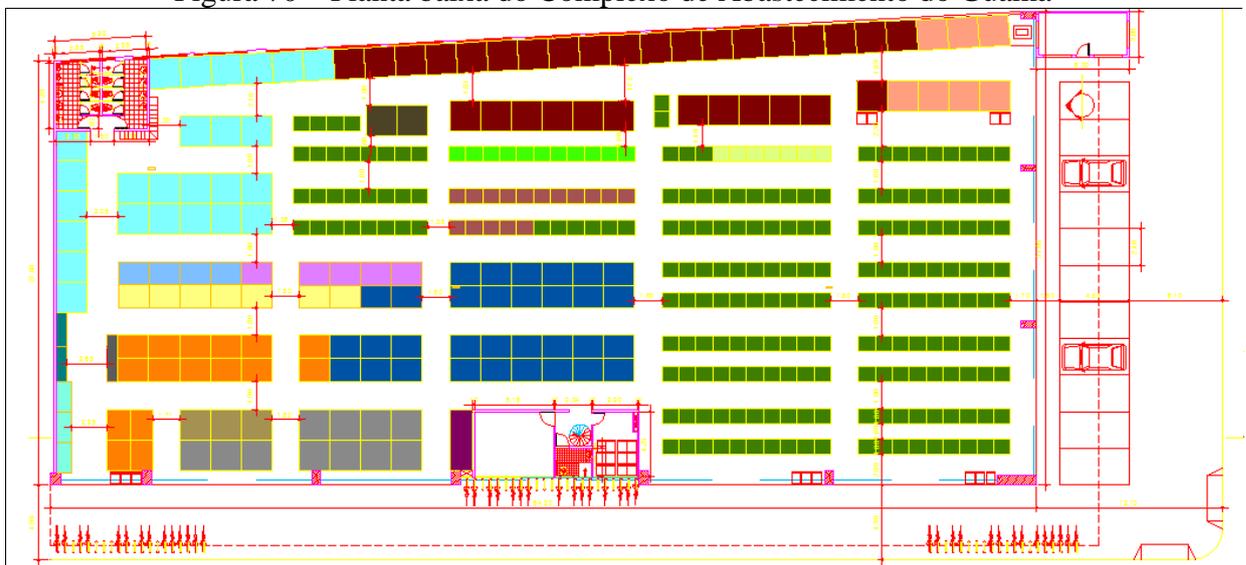
A dona Leila é uma típica freguesa especial para o grupo de *peixeiros* liderados pelo seu Boneco, ela declarou que se alimenta só de pescado e marisco, compra semanalmente uma boa quantidade e é fiel ao grupo, criou amizade que é levada em consideração na hora do atendimento, da entrega em domicílio e do desconto no valor da mercadoria que ela faz questão de dizer, “eu compro mas eles tem que me dá desconto, tempo e preferência é posto” (Leila, entrevista em setembro/2014). Ela ainda teceu comentário de alerta quanto ao filé de peixe, que segundo a Leila [...] só presta o filé de peixe graúdo, porque o de peixe miúdo tem espinhas pequenas no meio e isso pode causar um estrago na pessoa que engolir[...].

A feira da 25 está muito bem localizada no âmbito da cidade, pois fica na confluência de três bairros, que são os bairros de São Braz, Marco e Fátima. Mas o valor dos seus produtos é mais elevado, quando comparado com outras feiras como a feira do Guamá e a da Tavares Bastos, foi possível observar isso no quesito pescado; quando se constatou que em um mesmo dia o valor médio de todas as espécies de pescado estava maior do que os valores encontrados nas feiras do Guamá e da Tavares Bastos. Isso será mais debatido adiante.

5.3 O MERCADO DO GUAMÁ

Outra feira onde se realizou esta pesquisa, juntamente com a equipe do Projetos Mercados Populares de Belém (IFCH/UFPA), foi a feira do Guamá (bairro do Guamá), que está localizada na Avenida José Bonifácio esquina com a Avenida Barão de Igarapé Miri, nos dois sentidos dessas vias. Nessa esquina da feira está localizado o Complexo de Abastecimento do Guamá, mais conhecido popularmente como Mercado do Guamá, o qual é apresentado na planta baixa da figura 66 e dentro do qual existem vários setores de comercialização, de hortifrúti, ervas, camarão, caranguejo, pescado, e ainda existe um setor de alimentação, tanto de lanches como de refeições. Nesse mercado existem 25 boxes de venda de pescado, conforme indicação na figura 70, a qual apresenta a planta baixa do mercado, e na cor azul claro estão representados graficamente os boxes destinados à venda de pescado, acima, à esquerda da planta baixa; nesse ponto estão localizados os sanitários masculino e feminino e sobre esses está o ponto de administração do mercado. A figura 71 mostra a parte externa do Complexo de Abastecimento do Guamá, mais conhecido como Mercado do Guamá, a fachada que faz frente para a Avenida José Bonifácio.

Figura 70 – Planta baixa do Complexo de Abastecimento do Guamá



Fonte: Autor, 2014.

Figura 71 – Vista externa do Mercado do Guamá



Fonte: Autor, 2014

Nesse local do mercado encontrei a peixeira *Pingo*, que passou a ser uma interlocutora local, ela tem 37 anos, nasceu em Belém, trabalha com pescado há 12 anos; antes de ter seu box, ajudava o irmão nessa atividade; mora na Avenida Perimetral, no bairro Universitário, e declarou que seu irmão (Paulo) lhe repassou o box há oito anos atrás e foi ser *balanceiro* (mercosul) na Pedra do Ver-o-Peso.

Ela declarou que vai cinco vezes por semana na **Pedra** e compra em média 100 quilos, quando o preço está bom ela compra 200 quilos – que ela chama duas caixas -, mas “quando o preço está salgado” só compra 50 ou 70 quilos. A *Pingo* transporta o pescado da **Pedra** ao Mercado através de frete em um caminhão apropriado, o qual possui suas próprias caixas de madeira como as dos *carregadores* e assim esses podem despejar o pescado que carregaram da balança até o caminhão, nas caixas que existem no caminhão.

A *peixeira Pingo*, se destaca por vários outros motivos. Primeiro porque ela é a única do gênero feminino no Mercado do Guamá, num universo onde há grande predominância – quase totalidade – do gênero masculino como atores sociais que atuam nas atividades de manejo e venda de pescado, nos diversos pontos de Belém; segundo porque ela vende mais peixe de tamanho pequeno (entre 20 e 40 centímetros), com preço menor que os peixes graúdos, ditos de primeira e, conseqüentemente, vende bastante; terceiro, a peixeira *Pingo* inova oferecendo no seu box, filé de gó e filé de dourada, ou seja, quando ela não está atendendo a um freguês ela está filetando peixes, para oferecer aos clientes a um preço um pouco maior (20% maior) do que o atribuído ao peixe inteiro, mas mesmo assim ainda é um

valor bem atrativo; e quarto, porque a peixeira *Pingo* é bem humorada, atenciosa e comunicativa, o que atrai e cativa os fregueses.

No dia 21 de agosto de 2015, a senhora Matilde Silva, que tem 56 anos, que nasceu em Belém e mora no Guamá, estava comprando no box da peixeira *Pingo* e eu lhe perguntei se compra sempre com ela, ao que a dona Matilde respondeu que “sim”, e foi logo dizendo o porquê, “ela [a peixeira *Pingo*] vende esse filezinho de pescada que rende bastante e é rápido de preparar”; a dona Matilde não concluiu a entrevista, pois o *seu* Jaime Parente, que tem 73 anos de idade, é aposentado, nasceu em Barcarena e é morador do bairro da Condor, um senhor bem-humorado, ouviu a conversa da dona Matilde e foi declarando logo que também compra o “filezinho da *Pingo*” e estoca para comer pelo menos três vezes por semana. “Esse filezinho da *Pingo* é famoso aqui e o preço é bom, olha aí, dez reais, rende bem né? E ela ainda é do papão [...], e gritou umas três vezes: “Papão!!!” A *peixeira Pingo* também gritou o mesmo e muitos no mercado gritaram o mesmo e foi uma brincadeira só, com o bom humor do seu Jaime, atraindo outras pessoas que vieram ouvir suas brincadeiras, os *peixeiros* vizinhos interagiram e foi mais um momento marcante entre aqueles atores sociais que ao tempo em que trabalham, também brincam entre si e riem uns dos outros; feirante e seus fregueses num clima de sociabilidade.

Em novembro de 2014 eu estive no seu box e os preços da gó e da dourada eram de oito reais enquanto o filé dessas espécies custava dez reais; em agosto de 2015, quase um ano depois, eram praticados os mesmos preços. A peixeira *Pingo* usa a mesma tática que o seu Luiz da feira da Tavares Bastos, de comprar mais o peixe *miúdo*, que tem preço menor, mas ela ainda é beneficiada pelo nexo de parentesco na **Pedra**, onde um primo seu e seu irmão Paulo são *balanceiros mercosul* e conseguem baixar o preço para ela, em função da grande quantidade que ela compra diariamente.

As figuras 72 a 75, mostram a peixeira *Pingo* trabalhando no seu box, onde na figura 72 aparece a imagem do box e do seu entorno dentro do Mercado; na figura 73 há o destaque do filezinho de dourada e de pescadinha gó; nesse dia ela vendia, além do filezinho, as espécies Namorado e dourada; na figura 74 aparece a *Pingo* filetando pescada e na figura 75 aparecem os fregueses aguardando enquanto a peixeira *Pingo* está filetando o pescado; como pude perceber na pesquisa, ela é uma *peixeira* muito requisitada no Mercado do Guamá.

O Mercado do Guamá apresenta os menores preços em um comparativo com as feiras da Tavares Bastos e da 25 de Setembro, conforme se pode observar adiante.

Figura 72 – Box da peixeira Pingo e aspectos gerais do setor de pescado no Mercado



Fonte - Autor, 2015

Figura 73 – A peixeira Pingo apresentando seus produtos, filé de gó, de pescada e peixe *in natura*



Fonte - Autor, 2015

Figura 74 – A peixeira Pingo está filetando dourada porque foi solicitada pela demanda dos clientes



Fonte - Autor, 2015

Figura 75 – Enquanto a peixeira Pingo fileta a dourada seus fregueses aguardam a sua produção



Fonte - Autor, 2015

5.4 COMPARATIVO DE PREÇOS DO PESCADO A PARTIR DO GUAMÁ

O valor do pescado no Mercado do Guamá foi o menor encontrado por mim nesses três pontos fixos onde pesquisei; o preço comparativo entre as feiras da Tavares Bastos, a feira da 25 e o Mercado do Guamá demonstra que pode haver variação de um local para outro em um mesmo dia, pois no mês de agosto de 2015, eu percorri em dois dias alternados, uma terça feira e um sábado, esses três locais e pude constatar que os preços praticados no Mercado do Guamá são bem menores que nos demais, seguido pelos preços do pescado na feira da Tavares Bastos e os maiores preços estavam na feira da 25 de Setembro.

Enquanto a pescada branca de tamanho médio (40 centímetros) era vendida no Guamá por dez reais, na Tavares Bastos seu preço de venda era doze reais e na feira da 25 custava quatorze reais, isso na terça feira. No sábado seguinte da mesma semana, no Guamá e na feira da Tavares Bastos, o preço permaneceu o mesmo, enquanto na feira da 25 a pescada branca valia quinze reais, o que demonstra que o preço do pescado pode variar em função do local onde é vendido e também pelo dia da semana. Fiquei instigado a comparar com os preços dos supermercados e me surpreendi, porque encontrei em uma loja de rede de supermercado, no mesmo sábado, o preço da pescada a dez reais e na terça feira seguinte a nove reais, na promoção da *terça do pescado*.

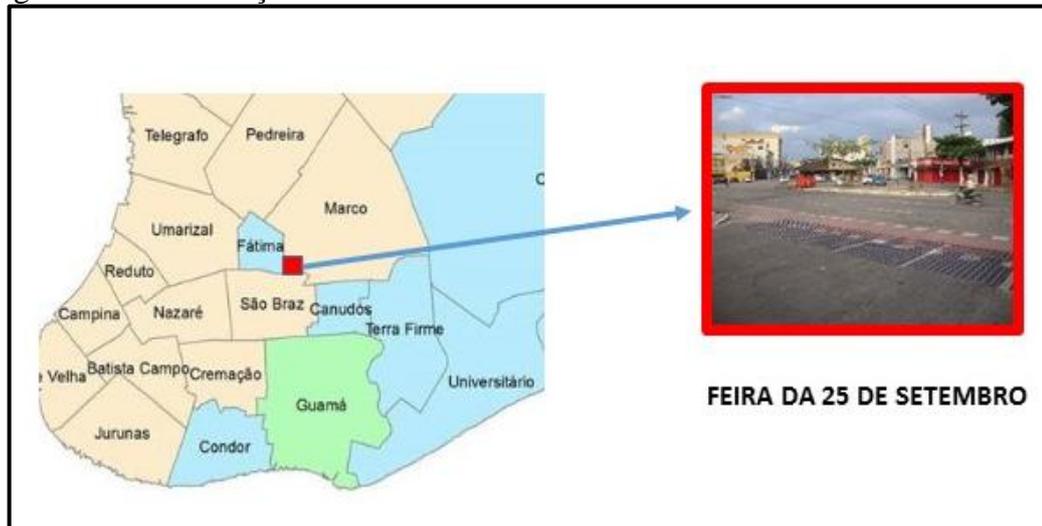
Em janeiro de 2016 eu voltei para fazer esse comparativo e a pescada branca de tamanho médio (40 centímetros) era vendida no Guamá por treze reais, na Tavares Bastos seu preço de venda era catorze reais e na feira da 25 custava quinze reais, isso em uma quarta feira (14/1/16); na sexta feira seguinte (16/1/16) eu fui comparar o filé de dourada de tamanho médio (40 centímetros) e constatei que no Guamá o valor da dourada de tamanho médio estava sendo oferecido por quinze reais, na Tavares Bastos seu preço de venda era dezoito reais e na feira da 25 custava vinte reais.

Nesse comparativo pode-se notar que entre essas três feiras ou mercados populares pesquisados, o pescado tem um preço ao consumidor variado e desse modo é vendido na feira da 25 de Setembro com um valor maior do que os da feira da Tavares Bastos que está em segundo lugar em preço, sendo que o preço do pescado é menor no do mercado do Guamá.

O bairro do Guamá é o mais populoso de Belém, com uma população de 94.610 habitantes (IBGE, 2010), embora possua uma renda *per capita* menor que os bairros da Marambaia e de São Braz (IBGE, 2010), onde estão localizadas as outras feiras de referências. A feira da Tavares Bastos pertence ao bairro da Marambaia, que é o terceiro

bairro mais populoso de Belém. Mas é importante ressaltar que a feira da 25 de Setembro que se situa no bairro de São Braz, está em na fronteira entre três bairros, pois sua localização faz limite com os bairros do Marco e de Fátima, conforme pode ser observado na figura 76.

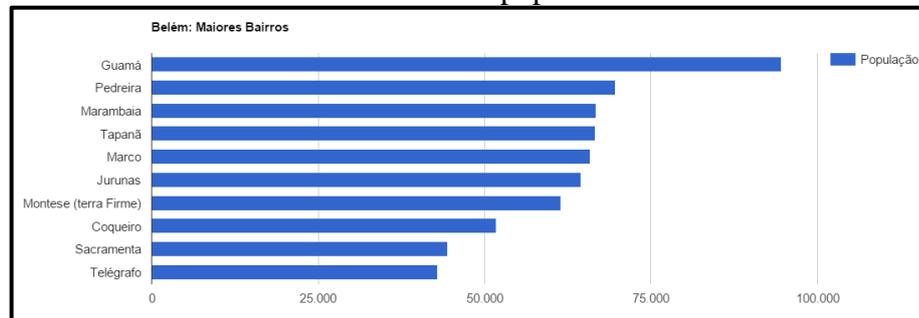
Figura 76 – Localização da Feira da 25 de Setembro no âmbito do centro de Belém



Fonte – Autor a partir de Codem, 1993

Mais importante ainda nesse contexto é que além desse ponto de localização limítrofe da feira da 25 entre três bairros centralizados na cidade, há o privilégio quanto às importantes vias de acesso a essa feira e de deslocamento de outros bairros vizinhos como os bairros de Nazaré, do Umarizal, Pedreira, Telégrafo e Canudos, que possuem fácil mobilidade viária para alcançar essa feira. O gráfico 2 apresenta os bairros mais populosos de Belém segundo o censo do IBGE (2010).

Gráfico 2 – Bairros mais populosos de Belém

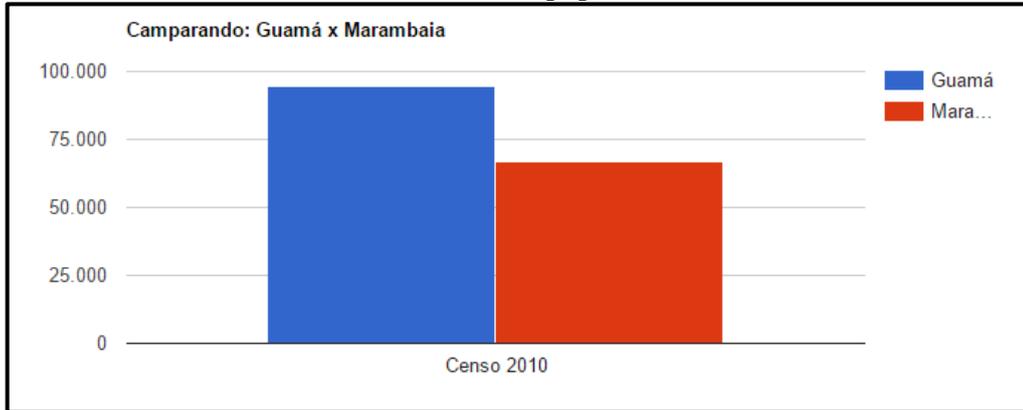


Fonte – A partir de IBGE, 2010

Como pode ser observado o bairro mais populoso de Belém é o Guamá, e considerando esse aspecto, foi realizado um comparativo entre a população desse bairro com os bairros da Marambaia e de São Braz, onde estão as feiras pesquisadas, mas essa

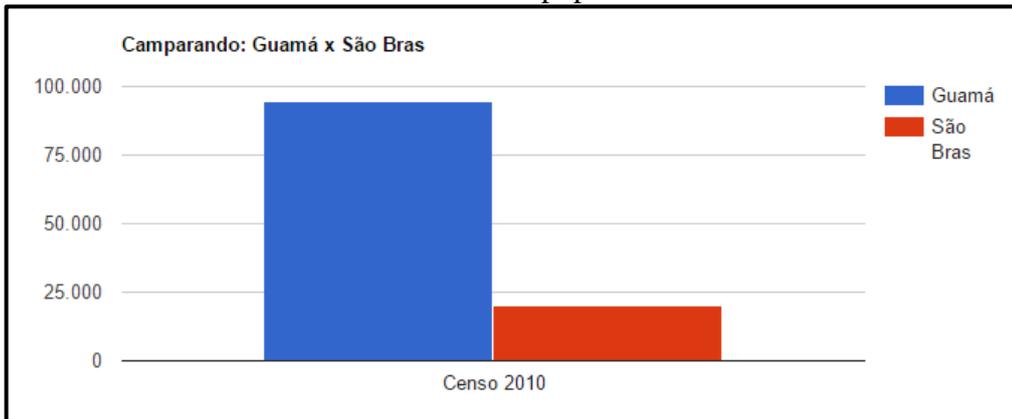
comparação foi estendida para os bairros de Fátima e do Marco, por esses terem influência direta na feira da 25 de setembro. Assim, os gráficos 3, 4 e 5 apresentam o comparativo populacional desses bairros com o Guamá.

Gráfico 3 – Bairros mais populosos de Belém



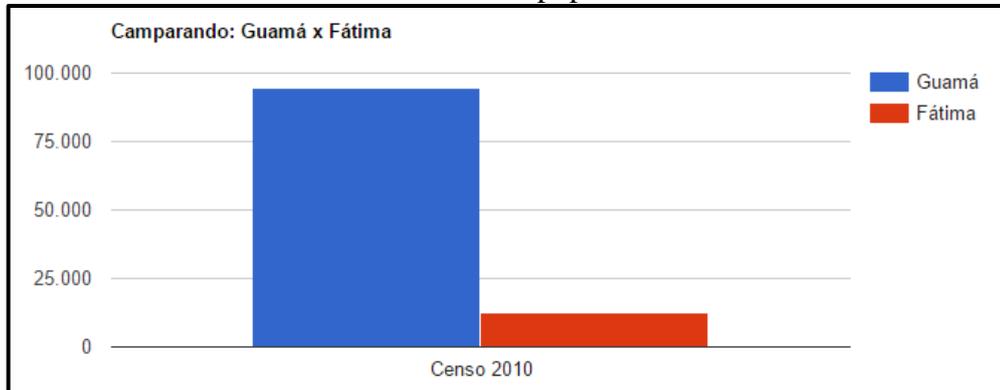
Fonte – A partir de IBGE, 2010

Gráfico 4 – Bairros mais populosos de Belém



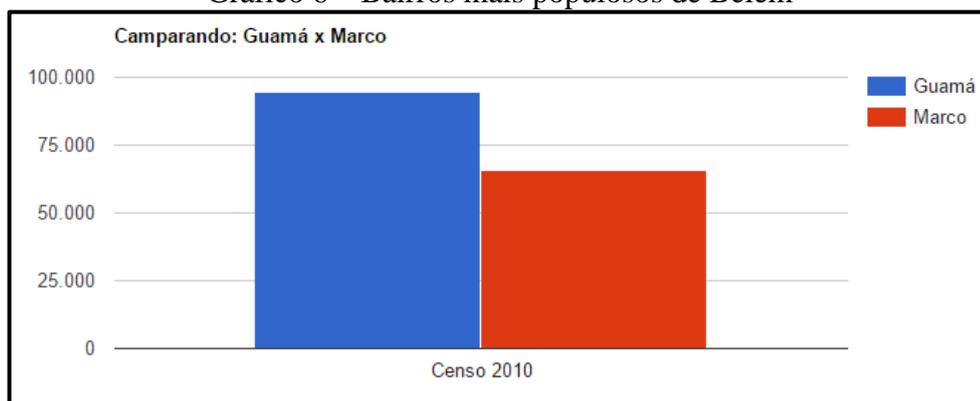
Fonte – A partir de IBGE, 2010

Gráfico 5 – Bairros mais populosos de Belém



Fonte – A partir de IBGE, 2010

Gráfico 6 – Bairros mais populosos de Belém



Fonte – A partir de IBGE, 2010

Embora se entenda que o fator população no aspecto quantitativo, não seja a única variável para estipular preços, esses gráficos vêm corroborar com o gráfico 1, que traz a amostragem em percentual, da demanda do pescado vindo da **Pedra**, nos mercados; onde mostra que o Mercado do Guamá está em quarto lugar com 8,72%, ficando atrás somente dos mercados de Ferro que demanda 30,3% de pescado da **Pedra**, do Complexo do Jurunas com 16,56% e da Terra Firme com 14,69% que fica em terceiro lugar.

Assim se conclui parcialmente que o fato da população do Bairro do Guamá ser a maior da cidade de Belém e apesar de apresentar uma renda *per capita* menor em relação a outros bairros, isso pode também influenciar na queda dos valores, pois a quantidade de produto vendido pode ser uma causa do menor preço, compensando a procura e por outro lado a posição estratégica da feira da 25 de Setembro pode influenciar nos seus preços mais elevados em comparação com o Guamá e Marambaia, considerando ainda a lei da procura e da oferta.

5.5 A TERÇA DO PESCADO: UMA REDE DE SUPERMERCADO NA REDE DO PESCADO

Uma rede de supermercado de Belém, vende pescado há 28 anos, sendo que desde 2005 iniciou uma promoção denominada *terça do pescado* e cada vez mais consegue baixar o preço do produto oferecido in natura aos seus clientes, nas suas dezessete lojas em Belém, onde limitei minha pesquisa. Para amostra dessas dezessete lojas eu pesquisei duas lojas dessa rede comercial, uma no bairro do Umarizal e outra na Avenida Augusto Montenegro, bairro do Mangueirão; sendo que fui por seis vezes nessa segunda loja e cerca de onze vezes na loja do Umarizal como pesquisador, outras tantas como cliente.

Inicialmente conversei com um gerente da loja do Umarizal, no ano de 2012, sobre minha pesquisa e ele foi solícito e disse que eu poderia observar e fotografar sem problemas; no entanto, quando intensifiquei a pesquisa em 2014, fui realizar uma sessão de fotos e um segurança da loja me impediu e o seu gerente disse que essa prática não era legal, eu falei do gerente anterior e descobri que aquele gerente havia sido promovido a gerente geral supervisor das lojas e justamente ele é que não permitia fotos e mais, que ele trabalha visitando as lojas dessa rede comercial não havendo como me comunicar com ele.

Fui aconselhado a procurar a senhora Socorro Araújo que é a gerente de compra de pescado da rede de supermercado, o que tentei por muitos meses, até que em setembro de 2015 consegui entrevistá-la, isso após encaminhar ofício que passou pela alta cúpula da organização.

A Socorro trabalha há 25 anos no Grupo, sendo que há seis anos, na compra de pescado e quando ela assumiu essa pasta, já existia a promoção *terça do pescado*, que outras redes de supermercados também praticavam e ela tentou encontrar algum diferencial, que aos poucos foi conseguindo ganhar na compra, permitindo baixar mais os preços praticados. Ela só comprava na Pedra do peixe e percebeu que poderia comprar também em outros centros pesqueiros, como Tucuruí, Vigia e Bragança e assim o fez realizou contatos que a fez ampliar bastante o leque de opções de compra; mas a grande porção, cerca de 80% do pescado comprado, ainda é da **Pedra**, onde ela tem um *comprador* que só trabalha para isso. Hoje (outubro de 2015) a quantidade de pescado comprado semanalmente fica entre 50 a 70 toneladas para distribuição nas suas lojas. A loja que vende mais é a que fica localizada na Avenida Doca de Souza Franco, bairro do Reduto e a que vende menos é uma que fica no bairro da Cidade Velha.

Hoje em dia a rede de supermercado possui três caminhões frigoríficos, só para compra e transporte do produto, como o que aparece na figura 77 saindo da **Pedra** carregado de pescado. Quase todas as madrugadas pelo menos um desses veículos, está na **Pedra** se abastecendo. O *comprador* da **Pedra** é o *seu* Benedito Maria, o qual faz contato anterior com os *balanceiros* e *barqueiros*, sendo que alguns são fornecedores do Grupo e já trazem carregamento de barco fechado para fornecer ao *seu* Bené Maria, que enche o caminhão frigorífico e leva o produto pela manhã ao Centro de Distribuição do Grupo, localizado na Avenida Augusto Montenegro.

Figura 77 – Caminhão da Rede de Supermercado carregado de pescado da Pedra



Fonte: Autor, 2015

No Centro de Distribuição o pescado é recebido por outro Benedito, o *seu* Benedito Nascimento; depois de pesado o pescado é armazenado e distribuído às lojas, abastecendo-as conforme a demanda específica.

Em cada loja trabalha um gerente setorial de pescado, sendo que na loja do Umarizal esse gerente é o Vanderlei, que organiza a gôndola do pescado para atrair o freguês só no visual.

Existe na equipe da Socorro, um gerente supervisor só de pescado, o Miguel, que visita todas as lojas para se certificar de que tudo está dentro dos parâmetros que o grupo almejou e conseguiu chegar com esse produto e se encontrar alguma inconformidade ele faz o devido ajuste para garantir a boa apresentação da gôndola geleira que expõe o pescado aos consumidores, produto que tem uma venda bem representativa para os negócios dessa rede de supermercado. O Vanderlei diz que “atualmente a promoção se estende para toda semana, a partir da terça feira” ou seja a renovação do estoque é realizada na segunda-feira à noite para abastecer aos fregueses da terça feira e na quarta-feira à noite, para o abastecimento da quinta-feira em diante, com os mesmos preços.

Os preços dos pescados, considerados miúdos (entre 20 e 40 centímetros), concorrem com os pescados de mesmo tamanho com as feiras pesquisados, não havendo muita diferença. No entanto os pescados de tamanho médio e os graúdos têm preços mais elevados do que os preços praticados nessas feiras.

A senhora Arthêmia Abud (figura 78A) se abastece de pescado para toda a semana, ela prefere ir na terça-feira pela manhã “porque o peixe está fresquinho, dá *pra* notar que é um pescado novo, a carne está durinha, os olhos estão *vivaz* e a guelra está vermelhinha, amanhã já não é mais a mesma coisa, eles abastecem *pra* terça-feira mesmo”. A dona Arthêmia demonstra ter conhecimento quanto a qualidade do pescado, tanto nos aspectos físicos quanto nutricional, para ela o peixe é um alimento que oferece proteína sem apresentar excesso de gordura ou colesterol ruim, como a carne. Por isso é que ela faz questão de ir nesse dia comprar o pescado para sua família e afirma que na sua casa “é o alimento consumido praticamente em dias alternados, sendo que às vezes vai em dias seguidos mesmo”.

Nas figuras 78 (A) e (B) está em primeiro plano a imagem de fregueses se abastecendo na loja dessa rede de supermercado em uma terça-feira da promoção, pela manhã.

Figura 78 (A e B) – Promoção “Terça do Pescado” e fregueses se abastecendo de pescado



Fonte: Autor, 2015

Conversando informalmente com uma senhora de nome Júlia, de 68 anos, que aparece na figura 78 (B), a qual, quando abordada por mim, estava comprando pescado em um dia de promoção na loja do Umarizal, ela declarou que sua família aprecia bastante o pescado e como é moradora antiga do bairro, acompanhou por muitos anos sua mãe na

compra de peixe no Mercado de Santa Luzia, que fica na esquina mais próxima dessa loja; depois que sua mãe ficou mais idosa essa compra ficou para ela (Júlia) e para uma de suas irmãs, que iam cerca de duas vezes por semana no Mercado para comprar peixe. Com o tempo “foi diminuindo os talhos do Mercado”, foi caindo a qualidade do peixe e ela passou a comprar no supermercado e diz que “é um peixe fresco, parecido com aquele do Ver-o-Peso, a gente vê ainda tem sangue no peixe, é fresquinho mesmo” (Júlia, agosto/2015).

Eu procurei por muito tempo encontrar alguém que compra pescado nessa loja do Umarizal, mas que tenha tido a experiência de comprar no Mercado de Santa Luzia e sempre puxava o assunto com os clientes da loja, até que encontrei a dona Júlia, que no início não queria participar da pesquisa, mas depois das devidas justificativas e intenções ela colaborou e tocou em um assunto que eu vejo como polêmico e que merece um debate complementar.

O Mercado de Santa Luzia, eu presenciei, realmente vendia pescado, assim como ela descreveu, mas “de repente houve uma queda na quantidade” (JÚLIA) e na qualidade desse produto antes oferecido, isso eu notei ainda no final da década de 1980, quando eu morava no bairro. Depois de um tempo, na década de 1990 parou de vender pescado naquele equipamento comercial público e constato agora que isso coincide com o tempo em que essa loja de supermercado passou a vender pescado, pois segundo informação da gerente Socorro Araújo isso aconteceu a partir de 1987, no mesmo tempo em que essa loja foi assumida ou comprada por essa rede de supermercado. Os seus proprietários vislumbraram o potencial de consumo que esse produto tinha e conseqüentemente o lucro que isso implicaria para seus negócios.

Caso semelhante, que serve como suposição para reflexão, ocorreu no Mercado do Jurunas, que fica na Avenida Roberto Camelier esquina com Travessa Pariquis, no qual vendiam pescado até o início da década de 2000 e parou de oferecer esse produto e outros também, a partir do final da década de 1990. Esse fato pode ter sido, muito, em função da grande oferta de pescado no Complexo do Jurunas que “foi inaugurado em 1988” (SILVA e CASTRO, 2014, p. 201), passando a ser um importante sub-centro na cidade, marcando grande capacidade abastecimento à boa parte da população do Jurunas e de outros bairros mais próximos; mas pode também – como aconteceu com o Mercado de Santa Luzia – ter sido influenciado pela inauguração de uma loja dessa mesma rede de supermercado a três quadras do Mercado do Jurunas, o qual passou a vender pescado *in natura* um ano antes de inauguração do Complexo do Jurunas.

Essa rede de supermercado foi a pioneira nessa promoção semanal em Belém, seguida por outras três redes de supermercados que passaram a fazer a mesma promoção em

suas lojas, aumentando bastante a oferta de pescado em Belém, o que demonstra que esse gênero alimentício é muito importante no abastecimento local e conseqüentemente ocupa um nicho econômico considerável na cidade. Um mercado, um supermercado ou outro ponto fixo disponível na cidade dá um sentido comodidade, de oferta de alimentos e outros víveres, mais próximos da população e isso “[...] indica também a tentativa de reorganizar a circulação de pessoas nas áreas urbanas em crescimento, alterando o dia a dia de seus habitantes” (WEBER, 1973, p. 68).

A cidade de Belém se adapta muito bem ao fluxo do pescado, de modo que toda sua região é contemplada pela oferta do produto nos seus pontos fixos, como feiras, mercados e supermercados. As pessoas da cidade procuram o produto nos pontos fixos, sentindo e acompanhando seu fluxo. Para Sennet, (2003, p. 17), as relações entre corpos humanos no espaço é que determina suas reações mútuas, como se veem e se ouvem, como se tocam ou se distanciam. Ao tempo em que as pessoas se reúnem para comprar o pescado, começam a se comunicar entre si e o *peixeiro*, que geralmente participa ativamente das conversas balizadas em frente ao seu box, como se todos fossem seus conhecidos antigos, é o que Sennet (2003) denomina de “corpos reunidos no espaço”; no entanto, outras vezes e em outras circunstâncias, essas mesmas pessoas que estavam reunidas em frente ao box a comprar peixe, podem se encontrar e se evitar, se desviar para não se tocarem ao passar por um mesmo caminho.

Em *A carne e a pedra*, Sennet (2003) conta uma história da cidade através da experiência corporal do povo, desde a Atenas antiga até a Nova York atual; isso lembra o movimento das pessoas na cidade de Belém a fazer circular o pescado, ora vendendo e ora comprando, ora trocando produtos, trocando relações mais concisas de comercialização ou mais sensíveis de sociabilidade.

A cidade de Belém possui feiras e mercados nos diversos bairros; neste capítulo procurou-se estudar todos esses pontos de venda de pescado, representados por três feiras e os vendedores do entorno de uma dessas feiras que vendem sobre carrinho de mão, além de uma loja de supermercado, onde sujeitos se reúnem para vender e comprar o pescado; ficando marcado que enquanto os *peixeiros* e outros agentes encarregados da venda propiciam as condições de oferecer um produto – altamente perecível – com o máximo de qualidade, por outro lado os consumidores finais estão em busca dessa qualidade. Corpos na cidade se movimentam para fazer circular o pescado em Belém, são as pessoas que se interconectam em rede social para reproduzir essa circulação na compra e na venda, no fluxo e no fixo.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nesta tese, que teve como objetivo etnografar a rede social envolvida no processo de circulação do pescado que passa diariamente pela Pedra do Peixe do Ver-o-Peso, foi possível constatar que ao sair da **Pedra**, o pescado é distribuído para toda Belém e até para outras localidades do estado e de outros estados brasileiros, porque há muita demanda para o pescado *in natura*, que embora conservado no gelo, é tido como *peixe fresco* pela população que o adquire, principalmente na Amazônia brasileira.

Existem especificidades que só duram porque há um contrato social envolvendo comercialização, mas que passam por alianças formadas a partir dessas relações, surgem as amizades e outros tratos coletivos, que garantem sua continuidade aceita por todos, havendo poucas exceções. A **Pedra** é um lugar de sociabilidade entre pessoas que em rede, fazem circular o pescado em um fluxo constante abrangendo toda a cidade. E isso é Belém, isso é uma especificidade de um lugar de Belém, que existe desse modo, desde alguns anos após sua fundação. E o fluxo se inicia lá fora, no ponto pesqueiro, levando o pescado à **Pedra**.

O pescado recebido na **Pedra** é capturado em regiões costeiras, ao Norte do Pará, foz do rio Amazonas, foz do rio Pará, na região do Salgado e nos rios interiores e estuarinos e lagos, como o lago Arari no Marajó.

A maior parte do pescado é adquirida pelos *compradores* para circular na própria cidade de Belém, onde há maior demanda, no entanto, é importante ressaltar que há interesse desse produto para outros mercados, tanto do *hinterland* paraense como em outros estados brasileiros, principalmente do Nordeste. Foi constatado ao longo da pesquisa, que dirigentes de hotéis e restaurantes de cidades do interior só encontram regularidades no fornecimento de pescado, na **Pedra**, onde “nunca falta o peixe fresco e bom”, como relatou dona Geovana, empresária do ramo hoteleiro de Salvaterra, no Marajó, que foi entrevistada na **Pedra**.

Outros casos reforçam a regularidade da oferta de pescado nesse entreposto pesqueiro, como a comissão de *peixeiros* do Mercado da Terra Firme, formada na década de 1990 com o objetivo de organizar os trabalhadores daquele local visando suas melhorias econômicas e de trabalho; a comissão comprou um caminhão e começou a buscar pescado nos centros pesqueiros, como Bragança, Salinópolis e Vigia. Mas com o tempo houve falhas na oferta, houve problemas mecânicos no caminhão e outros problemas que fizeram com que em menos de duas décadas, os *peixeiros* da Terra Firme voltassem a comprar pescado na **Pedra**.

Na cidade de Belém os *compradores*, são os *peixeiros* do Mercado de Ferro, sendo que esses são responsáveis por adquirir cerca de 30% da produção diária do pescado destinado às feiras e mercados de Belém que desembarca na **Pedra**, outros *compradores* são os *peixeiros* de feiras e mercados dos bairros de Belém e de sua Região Metropolitana, como o Francisco da feira da Tavares Bastos; há também os *compradores* avulso diversos, como a dona Maria José, boieira que compra o produto para preparar pratos aos clientes de seu pequeno restaurante em Belém; como o *Guru* que compra para exportar a outros estados, a partir de encomenda de empresários do ramo e que ao término dessa pesquisa estava partindo para o ramo de filetagem de pescado ou o *seu* Benedito Maria, que sob a supervisão da Socorro Araújo, compra para uma grande rede de supermercado de Belém.

A vivacidade contemporânea do Ver-o-Peso, na visão de trabalhadores da **Pedra**, como o Amarildo, vendedor de peixe salgado, está atrelada à comercialização do pescado e outros produtos trazidos pelas embarcações que ancoram na Pedra do Peixe, os quais desembarcam suas cargas e com o recursos financeiros que auferem, compram no comércio local, outros produtos e muitas das vezes em quantidade, o que dá vida econômica e longevidade ao comércio central da cidade, além de ratificar a importância central no fluxo da cadeia produtiva do pescado e conseqüentemente na rede de circulação desse produto.

O centro comercial da cidade de Belém continua sendo essa área em torno do Ver-o-Peso, tida popularmente como o *coração da cidade*, que é ligado de modo marcante, desde sua origem, ao desembarcadouro da Ponta das Pedras do período colonial e a atual a doca do Ver-o-Peso. Considerando que à época colonial, o pescado que desembarcava nessa parte do desembarcadouro era um tipo de gênero alimentício que chegava na cidade e que era utilizado inclusive para pagamento de funcionários públicos e autoridades do clero, àquela época, há de se interpretar que desde o século XVII, há demanda por esse pescado, em um movimento de comercialização e sociabilidade de pessoas nesse mesmo lugar; e, em pleno século XXI, permanece – proporcionalmente – do mesmo modo, o que leva a crer numa perenidade ou constância a partir de sua gênese.

Pode-se concluir que ocorre, *um fato social total* em torno das atividades relativas ao pescado que desembarca na **Pedra** e que o fazem circular pelos pontos de venda em Belém. Pelas características como os atores sociais se relacionam no *modus operandi* do fluxo do pescado, e considerando o que foi estudado nesta tese, pode-se considerar que essa interação empreendida na **Pedra** se reproduz ao longo de toda sua existência, desde o início do processo de colonização portuguesa, logo após a fundação da cidade de Belém, até os tempos atuais e essa longevidade só é possível porque os sujeitos envolvidos a fazem através

de redes sociais. Existindo, tanto as muitas redes parciais formadas por grupos de pessoas em volta de um sujeito que possua muitas ligações, como o *balanceiro* Gouvêa, por exemplo, como também a sua totalidade ou **Rede** total do pescado de Belém, formada pelo conjunto das redes parciais existentes.

Então, nesse sentido, a rede social tecida para fazer circular o pescado em Belém, vem se reproduzindo, tendo a **Pedra** como ponto central, através do tempo e das relações de amizade e de parentesco, fazendo com que se renove de geração em geração de atores sociais, os quais vão entrando na **Rede**, levados por sujeitos que já fazem parte da mesma; expandindo-se em seu fluxo, para a malha urbana da cidade, onde encontra os pontos fixos que garantem sua oferta ao consumidor final.

Assim, pode-se ratificar que a Pedra do Peixe e de modo mais amplo o Ver-o-Peso, possuem inegável importância tanto histórica, como cultural, simbólica e econômica para a vida social de Belém e que o Ver-o-Peso está atrelado à noção de identidade do habitante de Belém. Tanto que já houve duas enquetes onde, pelo voto popular e espontâneo o povo deveria escolher o *ícone* de Belém, a primeira vez na década de 2000, promovida por uma rede bancária e a segunda vez em dezembro de 2016, por ocasião de proximidade com a data da fundação da cidade, promovida por uma emissora de televisão e nas duas vezes o Ver-o-Peso foi escolhido como vencedor nessa disputa.

Esta tese levou a concluir que o pescado simboliza *alimento e economia*, para as pessoas entrevistadas em uma pesquisa realizada em setembro de 2015, entre *balanceiros, barqueiros, tripulantes, carregadores, peixeiros* e outros *compradores* avulsos, além de consumidores finais; muitos desses sujeitos eu tive oportunidade de conviver nesse universo social que marca o fluxo do pescado na **Pedra** e além dessa.

Portanto, foi nos pontos fixos onde circula pescado, que se realizou a pesquisa em Belém, com pergunta única: “Que o pescado simboliza para você?”. Das sessenta e sete pessoas pesquisadas, 42 (equivalente a 62,68%) declararam que o pescado “simboliza alimento”, como a pergunta é aberta, constatou-se que 38 dessas 42 pessoas complementaram a resposta especificando que o peixe é o alimento preferido dos paraenses e dentre essas, 26 pesquisados, especificaram “o prato composto de peixe com açaí”, como sendo o prato preferido, por outro lado, outras 25 pessoas (correspondendo a 37,32%) consideraram que o pescado simboliza renda, economia; o que também é muito importante para a cidade de Belém. Essa questão visava investigar o valor simbólico do pescado para os operadores da **Rede** e deixou claro que esses sujeitos o veem primeiramente como alimento e em seguida como elemento econômico. Aos pesquisados que respondiam *alimento e renda*, era

considerado somente o item respondido em primeiro lugar, o mesmo critério para quem respondia *renda e alimento*.

O Ver-o-Peso resiste à pressões, tanto local como de nível nacional, para mudanças e adequações às novidades contemporâneas e a **Pedra** na qualidade de entreposto pesqueiro, por pelo menos duas vezes, já foi alvo para transformações radicais, incluindo a proposição de sua retirada plena daquele ponto central da cidade em 2012, o que foi adiado a partir de protestos dos sujeitos que vivem do pescado, os quais não foram ouvidos e a partir de audiência pública realizada para discussão foi determinado que, os representantes dos trabalhadores deveriam apresentar um projeto alternativo de adequação da **Pedra** como entreposto pesqueiro, ao Poder Público.

Esses sujeitos que trabalham na **Pedra**, nunca apresentaram tal projeto e ainda veem com cautela essa questão, pois está em vigor o Decreto Federal de Nº 5.231/2004, que trata da criação de Terminais Pesqueiros Públicos e no seu Artigo 1º regula a criação, organização de entrepostos pesqueiros; dentro do qual o entreposto da **Pedra** está muito divergente por diversos fatores, dentre os quais cito por exemplo a área necessária para as atividades fins e a questão de manejo e higiene no trato com o pescado.

A relevância das práticas e relações sociais que existem na **Pedra** ao longo de aproximadamente quatro séculos, onde uma rede social dinamiza aquele lugar da cidade, garantindo a circulação do pescado para toda a malha urbana local e outros recantos, pode vir a oferecer aos tomadores de decisão uma importante ferramenta de análise que leve em conta os pontos de vista dos nativos que compõem aquele sistema social.

O que esses sujeitos reivindicam é a continuação do uso daquele espaço como entreposto pesqueiro, do mesmo modo como seus antecessores na **Rede** o usaram, desde a fundação de Belém, cidade que ao final desta Tese completou seus 400 anos de fundada e eles propõem que haja sim “uma adequação da Pedra” para aproximação aos parâmetros do Decreto Federal, sem conflitar com os parâmetros do IPHAN, o que deveria ser tarefa do Poder Público promover tal adequação, com sua participação.

Para o *balanceiro Didi*, falando pelo Gouvêa, o *Tetéó*, o Jurami, o Francisco, a dona Nazaré e outros atores sociais da **Pedra**, o Poder Público “tem que levar em conta que *existe* pessoas aqui (na **Pedra**), *ser humano* e o mais importante é isso”, o *Didi* se referia ao possível término das atividades na **Pedra**, que deve ser evitado para que se evite o surgimento de um *não lugar* no Ver-o-Peso, para garantir a continuação da vida na **Pedra**, que segundo o vendedor Amarildo “é a própria vida do Ver-o-Peso” e que complementou de modo marcante “que sem as embarcações o Ver-o-Peso vai virar uma cidade fantasma”. Evitando também

que se realize o que é dito nos primeiros versos da música Belém, Pará Brasil, de composição do grupo Mosaico de Ravena: *Vão demolir o Ver-o-Peso/Pra construir um Shopping Center*.

A rede social em torno do pescado se reproduz a cada dia, a cada viagem dos *tripulantes* nos pontos piscosos das águas do Pará, a cada dia em que os *balanceiros* abrem suas balanças para comercializar com os *compradores*, *peixeiros* e outros interessados no seu produto e cada um desses, por sua vez o revende ao consumidor final ou o prepara como alimento a ser oferecido nas refeições dos restaurantes ou dos lares do belenense.

É essa rede social que, desde o nascedouro da atividade de desembarque de pescado na atual doca do Ver-o-Peso, renova-se e se reproduz ao longo do tempo, fazendo com que a atividade de recepção e circulação do pescado na cidade, permaneça viva e se mantenha atual, social e culturalmente, independente da gerência direta do Poder Público, o qual em alguns momentos a considera invisível e de domínio público. Embora em dados momentos declare que está atento a tudo que acontece nas atividades atinentes à cadeia produtiva do pescado em Belém. Como na semana santa, momento em que tanto o Governo Estadual como o Governo Municipal, baixam portaria impedindo a exportação de pescado, o que nunca é obedecido.

Enfim, a rede social em torno do pescado – a **Rede** - é composta por pessoas que individualmente formam os *nós* de ligações de uma rede. Grupos de pessoas se reúnem em volta de uma determinada atividade e de um determinado ator de grande prestígio ou de muitas ligações, como um *balanceiro* ou um *barqueiro*, por exemplo, formam as redes parciais, as quais reunidas em um conjunto, formam a **Rede**. A **Rede** faz circular o pescado, antes da **Pedra**, na **Pedra** e depois da **Pedra**, momento em que é distribuído na malha urbana de Belém, no fluxo e no fixo, onde encontra a população que busca o pescado na qualidade de consumidor final.

Pedra, **Redes** e **Malha**, atravessaram, aqui, seus sentidos metafóricos para materializar a circulação do pescado por toda a cidade de Belém em pleno século XXI, marcando e reproduzindo história, cultura e sociabilidade em **Rede**, envolvendo toda cidade, onde haja pontos fixos de comercialização ou degustação do pescado, que circula no fluxo, crescendo proporcionalmente e se mantendo com vivacidade desde os primeiros desembarques na doca do Ver-o-Peso, ainda no século XVII, até que a sociedade belenense o garanta vivaz no seu meio urbano.

REFERÊNCIAS

ACIOLI, Sonia. **Redes Sociais e Teoria Social**: Revendo os fundamentos e conceitos. Inf., v12, Londrina, 2007.

AGIER, Michel. **Antropologia da cidade**. São Paulo: Terceiro nome, 2011.

AMARAL, Márcio Douglas Brito. **A Guerra das águas**: Concepção e práticas de planejamento e gestão na orla fluvial de Belém (PA). Belém: NAEA/UFPA, 2005.

ARRUDA, Euler Santos. **Porto de Belém do Pará**. Origens, concessão e Contemporaneidade. Dissertação de Mestrado/UFRJ. Rio de Janeiro, IPUR/UFRJ, 2003.

BAENA, Antônio L. M. **Compêndio das Eras da Província do Pará**. Belém: UFPA, 1969.

_____. **Ensaio Corográfico Sobre a Província do Pará**. Brasília: Editora do Senado Federal, 2004.

BALTAZAR, Laíssa Régia Sarmiento. **Processos de Transporte e Morfodinâmica dos Bancos de Areia na Barra Norte do Rio Amazonas**. Dissertação (mestrado). Rio de Janeiro: UFRJ/COPPE, 2013.

BARATA, Manoel. **Formação histórica do Pará**. Belém: UFPA, 1973

BARNES. J.A. **Social Networks**. Cambridge: *Module 26* (1-29), 1972.

_____. Clase y comités em uma comunidade isleña Noruega. In. SANTOS, Fexix Requena. **Análisis de redes sociais. Origenes, teoria y aplicaciones**. Madrid: Centro de Investigaciones Sociológicas – CIS, 2003.

_____. Redes Sociais e Processos Políticos. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos**. São Paulo: UNESP, 2010.

BECHARA, Evanildo C. **Dicionário Escolar da Academia Brasileira de Letras**. São Paulo: Editora Nacional, 2011.

BECKER, Bertha K. **A Urbe Amazônida**: A floresta e a cidade. Rio de Janeiro: Garamond, 2013.

BOAS, Franz. **Antropologia Cultural**. Rio de Janeiro: Zahar, 2009.

BORDALO, Carlos. **Notícias do dia 7 de maio de 2012**. Audiência Pública sobre Terminal Pesqueiro de Belém. Disponível em: <<http://www.bordalo13.blogspot.com.br/2012/05/blog-da-perereca-o-maior-problema-do.html> > Acessado em: 31/8/2012.

BORGES, Marcos Trindade. **Do porto à mesa: etnografia dos fluxos de comercialização, circulação e consumo de açaí no bairro do Jurunas – Belém/Pa**. Dissertação de Mestrado. PPGCS. Belém: IFCH/PPGCS, 2013.

BOSI, Ecléa. **Memória e Sociedade**. Lembrança de velhos. São Paulo: Companhia das letras, 2012.

BOTT, Elizabeth. **Família e Rede Social**. Rio de Janeiro: Francisco Alves Editora, 1976.

BOURDIEU, Pierre. **Escritos de Educação**. Petrópolis: Vozes, 1999.

_____. **A economia das trocas simbólicas**. São Paulo: Perspectiva, 1974.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CAMPELO, M. M. Conflito e Espacialidade de um Mercado Paraense. In: LEITÃO, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA, 2010.

CARLOS, Ana Fani A. **A cidade: O homem e a cidade, a cidade e o cidadão, de quem é o solo urbano?**. São Paulo: Contexto, 1997.

CARLOS, Ana Fani A. SOUZA, Marcelo Lopes de. SPOSITO, Maria Encarnação B. (Org.). **A Produção do Espaço Urbano: agentes e processos, escalas e desafios**. São Paulo: Contexto, 2012.

CASALEIRO, Paula. QUINTELA, Pedro. **As paisagens sonoras dos Centros Históricos de Coimbra e do Porto: um exercício de escuta**. Congresso Português de Sociologia, VI. Mundos sociais saberes e práticas. Universidade Nova de Lisboa. Lisboa, 2008.

CASARINI, Luiz Miguel. As medidas de comprimento e arqueação das embarcações de pesca. Governo de São Paulo. Secretaria de Agricultura e Abastecimento. Instituto de Pesca. *Sér. Relat. Téc.* São Paulo, n. 47 jul./2011.

CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2013.

CLIFFORD, James. **A experiência etnográfica: antropologia e literatura no século XX**. Rio Janeiro: UFRJ, 1998.

COIMBRA, O. **A saga dos primeiros construtores de Belém**. Belém: Academia Paraense de Letras, 2012

CORRÊA, Antônio J. L. **O espaço das ilusões**: planos compreensivos e planejamento urbano na Região Metropolitana de Belém. Belém, 1989. Dissertação (Mestrado em Planejamento do Desenvolvimento) – NAEA/UFPA.

CORRÊA, Márcio C. S. LEITÃO, Wilma M. “*Pescadores, Balanceiros, Vendedores de Café: A comercialização do pescado no Ver-o-Peso*”. In: LEITÃO, Wilma Marques. **Ver-o-Peso: Estudos antropológicos no mercado de Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 2010.

CORRÊA, Márcio C. S. **Pescadores, balanceiros, vendedores de café**. A comercialização do pescado no Ver-o-Peso. Monografia apresentada para conclusão do curso de Ciências Sociais. Belém: IFCH/UFPA, 1999.

COSTA, Antônio Firmino da. A pesquisa de terreno em sociologia. In: SILVA, Augusto Santos; PINTO, José Madureira (Org.). **Metodologia das Ciências Sociais**. Porto: Afrontamento, 1986.

CRUZ, Ernesto. **Ruas de Belém**: significado histórico e suas denominações. Belém: Conselho Estadual de Cultura, 1970.

_____. **História de Belém**. Belém: UFPA, 1973. v. 1

CUNHA, Ana. **Notícias parlamentares de 7 de maio de 2012**. Ascom/Gab. Ana Cunha. ALEPA, Belém, 2012. Disponível em: <
<http://www.blogger.com/profile/01012366389720492582>> Acessado em 31/8/2012.

DAMATTA, Roberto. “O ofício de etnólogo ou o como ter “Antropological Blues”. In: NUNES; Edson Oliveira (Org.) **A aventura sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978.

DERENJI, Jussara da Silveira DERENJI Jorge. Igrejas, palácios e palacetes de Belém. Brasília: Programa Monumenta/IPHAN, 2009. 228 p.

Disponível em: <http://fauufpa.org/2012/04/25/um-exclusivo-theodoro-braga-de-1910/>> Acessado em: 2011/2015.

Disponível em: <<http://domjoseprimeiro.blogspot.com.br/2008/05/corte-de-relaes-com-santa-s1760.html>> Acessado em 24/01/2016. 17h.

Disponível em: <[http://fauufpa.org/2014/04/12/Ver-o-Peso e arredores \(1935\); por Robert Swanton Platt. Publicado em 12/04/2014](http://fauufpa.org/2014/04/12/Ver-o-Peso-e-arredores-(1935);por-Robert-Swanton-Platt.Publicado-em-12/04/2014)> Acessado em: 05/12/2015,

Disponível em: <<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/03/programacao-de-aniversario-do-ver-o-peso-tem-3-dias-de-festa.html>. Acessado em: 15/12/2015.

Disponível em:

<<http://www.anpur.org.br/revista/rbeur/index.php/anais/article/.../4461/4330>> Acessado em: 20/11/2015.

Disponível em: <http://www.guiart.com.br/noticias_interna.php?id=825&cat=TD
Informações sobre a peça “Verde Ver-o-Peso”> Acessado em 15/1/2014- às 19h34’

Disponível em:

<<http://www.orm.com.br/amazoniajornal/interna/default.asp?modulo=222&codigo=336740>
> Acessado em 15/1/2014, às 19h26’

DURKHEIM, Émile. **Educação e sociologia**. São Paulo: Edições Melhoramentos, 1975.

DURKHEIM, Émile _____. **As regras do método sociológico**. São Paulo: Companhia Editora Nacional, 1977.

FELDMAN-BIANCO, Bela (org.) **Antropologia das sociedades contemporâneas: métodos**. São Paulo: Ed. UNESP, 2010.

FERRARI, Celson. **Curso de Planejamento Municipal Integrado. Urbanismo**. São Paulo. Pioneira, 1979.

FERREIRA, Ana Luiza C.A.S. Mulher faz o que homem não faz: relações de gênero no complexo do Ver-o-Peso. In. LEITÃO, W. **Ver-o-Peso**, estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém: NAEA, 2010.

FONTES, Breno Souto Maior. e STELZIG, Sabina. Sobre trajetórias de sociabilidade: a ideia de relé social enquanto mecanismo criador de novas redes sociais. **Política e Sociedade**. v. 3. n. 5, Florianópolis. 2004.

FURTADO, Lourdes Gonçalves. **Curralistas e redeiros de Marudá: Pescadores** do litoral do Pará. Belém: MPEG, 1987.

_____. **Cadernos de Pesca**: Informe de pesquisa. Belém: MPEG, 2002.

_____. **Pescadores do rio Amazonas**. Um estudo antropológico da pesca ribeirinha numa área amazônica. Belém: MPEG, 1993.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 1998.

_____. **A interpretação das culturas**. São Paulo: LTC, 2011.

_____. **Nova luz sobre a antropologia**. Rio de Janeiro: Zahhar, 2001

GOFFMAN, Erving. **Comportamento em lugares públicos**. Petrópolis: Vozes, 2010.

_____. **A representação do eu na vida cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 2013.

GRANOVETTER, Mark S. **The Strength of Weak Ties**. Chicago: American Journal of Sociology, Volume 78, Issue 6, May, 1973, p. 1360 – 1380.

HANNERZ, Ulf. **Explorando a cidade**: em busca de uma antropologia urbana. Petrópolis: Vozes, 2015.

HARVEY, David. **A produção capitalista do espaço**. (Spaces of capital - Towards a critical geogrpny). São Paulo: ANNABLUME, 2005.

HASSENPFUG, Dieter. Sobre centralidade urbana. *Arquitextos* 085. Ano 08, jun.2007.. Disponível em: <<http://www.vitruvius.com.br/revista/real/arquitextos/08085/235>> Acessado em 15/102015

INFORMAÇÕES sobre entorpecentes/ maconha. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/drogas/maconha/>> Acessado em 15/102015

IREMAR. **Origem dos nomes.** s.d. Disponível em: <<http://www.iremar.com.br/nomes/index/php?q=Cefas>> Acessado em 08/12/2015.

JOÃO, Evangelista. Primeira **Epístola Universal**. O Evangelho de João. Cap. 1. Novo Testamento. Salmos e provérbios. Campinas: Soc. Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013.

KORN, Arthur. **History Builds the Town**. Londres: Lund Hunphries, 953-1100, s.d.

LEITÃO, Wilma Marques _____. Saber tradicional, poder e preservação ambiental, **Anais ...** do Congresso brasileiro de sociologia, 14 Rio de Janeiro, 2009. Disponível em www.sbsociologia.com.br/portal/index.php?option=com > Acessado em: 05/06/2015.

LEITÃO, Wilma Marques. **O pescador mesmo**: um estudo sobre o *pescador* e as políticas de desenvolvimento da pesca no Brasil. Dissertação de Mestrado em Antropologia apresentada no Centro e de Filosofia e Ciências Humanas. Belém: UFPA, 1997.

_____. (Org.) **Ver-o-Peso**. Estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém: NAEA/UFPA, 2010.

LEITÃO, Wilma Marques. RODRIGUES, Carmem Izabel. **Mercado do Ver-o-Peso– Belém**. Congresso Luso Afro, Brasileiro de Ciências Sociais – XI CONLAB. Salvador, 2011.

LÉVI-STRAUSS, Claude. **Introdução à obra de MAUSS, Marcel. Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac & Naif, 2003.

_____. **O Poder Simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil. 2012.

LIBERAL, O. Edição de 18/04/2008. Matéria: Um tributo à música de Chico Sena.

LIMA, M. Dorotéia de. Patrimônio Cultural: os discursos oficiais e o que se diz no Ver-o-Peso”. In: LEITÃO, Wilma Marques. **Ver-o-Peso**: Estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém: NAEA/UFPA, 2010.

LOBATO, Célio Cláudio. O Plano Urbano de Antônio Lemos. In. LOBATO (Org.) **Um Olhar Sobre Aspectos da Infraestrutura e do Planejamento Urbano em Belém do Pará**. Belém: CESUPA, 2005.

LOUREIRO, Violeta Refkalefsky. **Os parceiros do mar**. Natureza e conflito na pesca da Amazônia: Belém, CNPQ/MPEG, 1985.

_____. **A Amazônia no Século XXI**. Novas formas de desenvolvimento. São Paulo. Empório do Livro. 2009.

MAGNANI, J.G.C. “Quando o campo é a cidade”. In: MAGNANI, J.G.C.; TORRES, Lilian (Orgs.). **Na Metrópole: textos de Antropologia Urbana**. São Paulo: Edusp/Fapesp, 2000 (p.17-34).

_____. **Da periferia ao centro**: trajetórias de pesquisa em antropologia urbana. São Paulo: Terceiro Nome, 2012.

MALINOWSKI, Bronislaw. **Um diário no sentido estrito do termo**. São Paulo: Record, 1977.

_____. **Os argonautas do Pacífico Ocidental**. São Paulo: Editora Abril Cultural, 1984.

MAPAS de bairro de Belém. Disponível em:

<<https://www.google.com.br/search?q=mapa+bairros+de+belém+do+pará.>>. *Acessado em 15/10/2015.*

MARX, Karl. **Contribuição à crítica da economia política**. São Paulo: Editora Expressão Popular, 2007.

_____. **O Capital**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2008. vol. 1

MATEUS, Evangelista. **Primeira Epístola Universal. Evangelho de Mateus**: Cap. 16. Novo Testamento. Salmos e provérbios. Campinas: Soc. Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013

MAUSS, Marcel. Ensaio sobre a Dádiva. In MAUSS, Marcel. **Sociologia e Antropologia**. São Paulo: Cosac Nayf, 2003.

MAYER, Adrian C. A importância dos quase grupos no estudo das sociedades complexas. In: FELDMAN-BIANCO, B. (Org.). **Antropologia das Sociedades Contemporâneas: Métodos**. São Paulo: UNESP, 2010.

MEIRA FILHO. **Evolução Histórica de Belém do Grão-Pará**. Belém: UFPA, 1975.

MELLO JÚNIOR, Donato. **Iconografia de Belém do Grão Pará**: plantas do século XVIII. Belém: Sociedade dos Amigos de Belém, 1970.

MELLO, Alex F. **A pesca sob o capital**. A tecnologia a serviço da dominação. Belém: UFPA, 1985.

MENDONÇA, Kátia. **Valores para a Paz**. Belém: EditAEDI, 2013.

MENDONÇA. Isabel Mayer G. Antônio Landi e a festa barroca na Amazônia. In. **Amazônia Felsínea**. Antônio Landi – itinerário artístico e científico de um arquiteto bolonhês na Amazônia do século XVIII. Lisboa: Comissão Nacional para as comemorações dos descobrimentos portugueses, 1999.

MENEZES, Bruno de. São Benedito da Praia (folclore do Ver-o-Peso)”. In: **Obras Completas**. Belém: Secretaria de Estado da Cultura, 1993.

MITCHELL, J. Clyde. “The Concept and Use of Social Networks”. In: MITCHELL, J. Clyde **Social Networks in Urban Situations**: analyses of personal relationships in central African towns. Manchester: Manchester University Press, 1969.

_____. *Social Networks*. Oxford. **Annual review of anthropology**, 1974.

MORAES, Abraão José C. RODRIGUES, Carmem Izabel. Relações Comerciais entre Quilombolas e Feirantes no Mercado do Ver-o-Peso. In. RODRIGUES, Carmem Izabel.

SILVA, Luiz de Jesus Dias. MARTINS, Rosiane Ferreira. **Mercados Populares em Belém**: Produção de Sociabilidades e identidades em espaço Urbano. Belém: NAEA/UFPA, 2014

MOREIRA, Eidorfe. **Belém e sua expressão Geográfica**. Belém: Imprensa Universitária, 1966.

_____. **Obras Reunidas**. Belém: CEJUP: Conselho Editorial de Cultural, 1989, vol. 8º p.78.

MORETTO, Cybele C; TERZIS Antônio. O mito e o grupo: algumas compreensões psicanalíticas. Ribeirão Preto **Rev. SPAGESP**. v..11, n.2, 2010.. > Acessado em 15/10/2015

OJEDA, Pablo Marcelo Diener Ojeda. Imagens da Urbanização da América Portuguesa no Legado da Viagem Filosófica de Alexandre Rodrigues Ferreira. In, ACERVO. Rio de Janeiro **Revista do Arquivo Nacional**, v. 24, n. 2, p. 43-57, jul./dez, 2011. Disponível em: < [www.http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/497/417](http://revistaacervo.an.gov.br/seer/index.php/info/article/view/497/417)> Acessado em: 3 /7/2-14 às 19:04

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. **O trabalho do Antropólogo**. Brasília: Paralelo, 2000.

PEDRO, Simão Evangelista. **Primeira Epístola Universal**. Cap. 2. Novo Testamento. Salmos e provérbios. Campinas: Soc. Bíblica Trinitariana do Brasil, 2013

PEIRANO, Mariza. **A favor da etnografia**. Rio de Janeiro: Dubará, 1995.

PENTEADO, A. Rocha. **Belém do Pará: estudo da geografia urbana**. Belém: UFPA, 1968. v. 1

_____ **Belém do Pará: estudo da geografia urbana**. Belém: UFPA, 1968. v. 2

_____ **O Sistema Portuário de Belém**. Belém: UFPA, 1973.

PERULLI, Paolo. **Visões da cidade: As formas do mundo espacial**. São Paulo: SENAC, 2012.

POLANYI, Karl. **A Grande Transformação: As origens da nossa época**. Rio de Janeiro: Campus, 2010.

PORTILLO, Vanir Gerolem. Resgate da Memória Afetiva. Artigo. Datado de 26/03/2006.. Disponível em: <<http://www.portaldomarketing.com.br>> Acessado em 10/12/2015.

PORTUGAL, Sílvia. **Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica**. Coimbra: Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra –Oficina do CES Nº 271, 2007.

_____. **As coisas, os modos e os laços: O papel das redes informais na provisão de recursos**. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007. Disponível em:

<http://www.aps.pt/cms/docs_prv/docs/DPR4628d175704f4_1.pdf> Acessado em 5/9/2011.10:00h

_____. O que faz mover as redes sociais? Uma análise das normas e dos laços. Coimbra: **Revista crítica de Ciências Sociais**, n°.79, p. 35-56, 2007.

_____. Contributos para uma discussão do conceito de rede na teoria sociológica. Oficina do CES n°.271. Coimbra: Universidade de Coimbra, 2007 Disponível em: <<http://www.ces.uc.pt/publicacoes/oficina/271/271.pdf>> Acessado em 5/9/2011.8:45h.

RADCLIFFE-BROW, A.R. **Estrutura e função da sociedade primitiva**. Petrópolis: Vozes, 2013.

REIS, Nestor Gourolart. **Imagens de vilas e cidades do Brasil Colonial**. São Paulo: Edusp, 2001.

ROCHA, Ruth. **Minidicionário**. São Paulo: Scipione, 2001.

RODRIGUES, Carmem Izabel. **Vem do Bairro do Jurunas: sociabilidade e construção de identidades em espaço urbano**. Belém: NAEA,2008.

_____. **Vem do Bairro do Jurunas: ritmos e pulsares da vida cotidiana de Belém**”. In. SIMONIAN Ligia.T. L. (org). **Belém do Pará: História, Cultura e Sociedade**. Belém: NAEA/UFPA, 2010.

RODRIGUES, E. B. **Aventura urbana: urbanização, trabalho e meio-ambiente em Belém**. Belém: NAEA/UFPA, 1996.

_____. **Os desafios da Metrópole**. Reflexões sobre o desenvolvimento para Belém. Belém: NAEA/UFPA, 2000.

SABOURIN, Eric. **Economia solidária no meio rural brasileiro: uma análise a partir da noção de reciprocidade**. Brasília: UNB, 2008.

SAHLINS, Marshall D. **A primeira sociedade da afluência**. Rio de Janeiro: Livraria Editora Ciências Humanas Ltda, 1978.

_____. **Sociedades Tribais**. Rio de Janeiro: Zahar, 1983.

SALES, Josias de Souza. Etnografia de uma feira livre em Belém do Pará: consumo e circulação na feira do açaí e seus desdobramentos em temporalidades múltiplas. In RODRIGUES, Carmem Izabel. SILVA, Luiz de Jesus Dias. MARTINS, Rosiane Ferreira. **Mercados Populares em Belém**: Produção de Sociabilidades e identidades em espaço Urbano. Belém: NAEA/UFPA, 2014.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço: técnica e tempo, razão e emoção**. São Paulo: USP, 2008.

_____. **Economia Espacial**. São Paulo: USP, 2011.

_____. **Metamorfose do Espaço Habitado**. São Paulo: USP, 2008

SARGES, Maria de Nazaré. **Memórias do Velho Intendente Antônio Lemos (1869-1973)**. Belém: Paka-tatu, 2002.

SECON. Secretaria Municipal de Economia - SECON/PMB. Departamento de Feira e Mercados e Portos. **Arquivos sobre pescados**. Belém: 2011.

SENNET, Richard. **Carne e Pedra: O Corpo e a Cidade na Civilização Ocidental**. São Paulo: Record, 2003.

SERVICE, Elman. **The Hunters. Englewood Cliffs**, New Jersey: Prentice-Hall, 1966.

SILVA, Iraneide Souza. CASTRO, Edna Maria Ramos de. Fluxos comerciais de produtos regionais e trabalho em feiras, mercados e portos de Belém. In RODRIGUES, Carmem Izabel. SILVA, Luiz de Jesus Dias. MARTINS, Rosiane Ferreira. **Mercados Populares em Belém**: Produção de Sociabilidades e identidades em espaço Urbano. Belém: NAEA/UFPA, 2014.

SILVA, Luiz de Jesus Dias; RODRIGUES, Carmem Izabel. “O peixe nosso de cada dia: a rota do pescado a partir da Feira Ver-o-Peso em Belém-Pará”. In. SILVA, Luiz de Jesus Dias da; XIMENES, Juliano Pamplona Ponte (orgs.). **Urbanização e Ambiente**: experiências de pesquisa na Amazônia Oriental. Belém: Paka-Tatu, 2012.

SILVA, Tiago Luís Coelho Vaz. Ver-a-Cor: um estudo sobre relações raciais no mercado de Belém. In. LEITÃO, Wilma Marques (Org.) **Ver o Peso**: Estudos antropológicos no mercado de Belém. Belém: NAEA/UFPA, 2010.

SIMMEL, G. “A metrópole e a vida mental”. In. VELHO, O.G. **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Guanabara, 1987. Republicado como *As grandes cidades e a vida do espírito (1903)*. In: *MANA [online] 11(2)*, 2005 (p.577-591).

. _____. **Questões fundamentais da sociologia**. Indivíduo e sociedade. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2006.

SINGER, Paul. **Economia política da urbanização**. São Paulo: contexto, 1998.

SOUSA, Izabel. **Aviamento e reciprocidade**: estudo da vila de Apeú Salvador – Viseu. Belém: IFCH/UFPA, 2000.

SOUSA. Keid Nolan Silva. Representação espacial de dados pesqueiros na Costa Norte Amazônica: Mapeamento e análise descritiva de dados de desembarque no estado do Pará. Natal: **Anais ...** Simpósio Brasileiro de Sensoriamento Remoto, 14. INPE, 2009.

SOUZA JUNIOR, Oswaldo Gomes. **A Influência da Cadeia do Pescado no Índice de Desenvolvimento Humano do Município de Vigia de Nazaré – Pará**. Dissertação de Mestrado. Taubaté: Universidade de Taubaté, 2010.

STRATHERN. Marilyn. **O gênero da dádiva**: problemas com as mulheres problemas com a sociabilidade na Melanésia. Campina: Unicamp, 2006.

TOTARO, Paolo. O Mercado entre a Lógica Burocrático-industrial e a Sociabilidade em Rede. In. In RODRIGUES, Carmem Izabel. SILVA, Luiz de Jesus Dias. MARTINS, Rosiane Ferreira. **Mercados Populares em Belém**. Produção de Sociabilidades e identidades em espaço Urbano. Belém: NAEA/UFPA, 2014.

UWM Library Digital Collection.12/4/14-7h REFERÊNCIA DE FOTOS P/B. Colaboração: Igor Pacheco, editor do *site* Fragmentos de Belém.

VASCONCELOS. Eduardo Alcântara de. **Mobilidade Urbana e Cidadania**. Rio e Janeiro: Senac Nacional, 2012.

VELHO, G. “Observando o familiar”. In: NUNES, Edson Oliveira (Org.). **A aventura Sociológica**. Rio de Janeiro: Zahar, 1978. p.36-46.

_____. **O Desafio da Cidade**. Rio de Janeiro: Campus, 1980

_____. **Um antropólogo na cidade**. Rio de Janeiro: 2013.

VILAÇA, Flávio. **Espaço intra-urbano no Brasil**. São Paulo: Studio Nobel/FAPESP/Lincoln Institute, 1998.

WASSERMAN, E, FAUST, K. **Social Networks Analysis**. Cambridge: 2009.

WEBER, Max. Conceito e categorias de cidade. In VELHO, Guilherme Otávio (Org.) **O fenômeno urbano**. Rio de Janeiro: Zahhar, 1973.

_____. **Economia e Sociedade**. Brasília: UNB, 1999. v. 2

WEINSTEIN, Bárbara. **A borracha na Amazônia: Expansão e decadência 1850 – 1920**. São Paulo: Editora USP, 1993.

WELMAN, Barry. **Sociological Theory**. Toronto: Universidade de Toronto, 1993.

ANEXO 1

g1.globo.com - 26/03/2014 19h31 - Atualizado em 26/03/2014 19h47

Programação de aniversário do Ver-o-peso tem 3 dias de festa

*Festa terá bolo de cinco metros, show regional e competição esportiva.
Mercado completa 387 anos nesta quinta-feira (27)*

Um espetáculo pirotécnico marca o começo da comemoração do aniversário de 387 anos do Mercado do Ver-o-peso, que será nesta quinta-feira (27) em Belém. A festa começa às seis horas da manhã e, após a queima de fogos, segue com uma celebração religiosa: o culto, que une católicos e evangélicos, será celebrado pelo padre Vanildo Paboim e pelo pastor Paulo Queiroz, da Assembléia de Deus.

A comemoração inclui ainda shows com atrações regionais e um bolo de cinco metros, que será servido para os visitantes 9h, além de diversos serviços de cidadania, que serão oferecidos para os visitantes pela Secretaria Municipal de Saúde de Belém (Sesma) e pela Superintendência Executiva de Mobilidade Urbana de Belém (Semob), que fará agendamento para o passe especial, carteira de idoso e meia passagem.

A programação continua na sexta-feira (28). Já na sexta-feira, a programação começará a partir das 9h com apresentação do coral da SeMOB no palco central do Ver-o-Peso, seguido da banda da Guarda Municipal. O grupo de carimbó "Trilhas da Amazônia" assume o palco a partir das 12h com músicas e danças regionais.

No sábado, feirantes participam da 5ª edição dos Jogos do Ver-o-Peso. Seis equipes, batizadas com nomes de iguarias gastronômicas do Pará, irão disputar provas inspiradas na rotina dos feirantes: descamar peixe, apanhar, transportar e debulhar açaí, tirar a polpa do cupuaçu, descascar mandioca e castanha e beber um litro de açaí.

As competições acontecerão a partir das 8h e a premiação dos vencedores está prevista para o meio dia. Para encerrar os festejos, haverá show com a banda Pop Show, a partir das 14h.

Mercado

Inaugurado no dia 27 de Março de 1627, o Ver-o-Peso se transformou em um complexo com quase 30 mil metros quadrados de área, onde circulam diariamente aproximadamente 50 mil pessoas. De acordo com o Departamento Intersindical de Estatística e Estudos Socioeconômicos (Dieese), cerca de 5 mil pessoas trabalham na feira. O comércio no mercado injeta cerca de R\$ 1,3 milhão por dia na economia de Belém.

<http://g1.globo.com/pa/para/noticia/2014/03/programacao-de-aniversario-do-ver-o-peso-tem-3-dias-de-festa.html>

ANEXO 2

46

TRIBUNAL MARÍTIMO

PROCESSO Nº 13.026

ACÓRDÃO

B/M "CAPITÃO GANCHO I". Desaparecimento com morte de cinco tripulantes. Causa não apurada acima de qualquer dívida. Fato equiparado aos fortuitos. Arquivamento.

Vistos, relatados e discutidos os presentes autos.

No dia 19/03/87, cerca das 17:00h, o B/M "CAPITÃO GANCHO-I", de 2,76 AB, de propriedade de Nivaldo de Oliveira Borges, quando navegava da localidade denominada Roque, próxima ao cabo Maguari, no Território Federal do Amapá, para a região pesqueira do canal do Curuá, foi atingido por uma tempestade, desaparecendo, sendo que os corpos de seus cinco tripulantes foram encontrados dois dias após, nas praias da região.

No inquérito instaurado pela Capitania dos Portos do Estado do Pará e Território Federal do Amapá foram ouvidas seis testemunhas com depoimentos uniformes.

Ademir Rodrigues Almeida, Pescador Artesanal, não habilitado, que desempenhava as funções de Mestre do B/M "CAPITÃO GANCHO II", quando do desaparecimento do B/M "CAPITÃO GANCHO I", declarou que os dois barcos, pertencentes ao Sr. Nivaldo, saíram da cidade de Vigia no dia 18/03/87 a fim de pescar com rede malhadeira nas proximidades do canal do Curuá; que as embarcações pernoveram na localidade denominada Roque, próxima ao cabo Maguari, saindo na manhã do dia seguinte por volta das 05:00h a fim de atingir a região pesqueira, onde passariam a trabalhar; que o B/M "CAPITÃO GANCHO II" saiu na frente seguido do outro barco, que mantinha uma certa distância; que cerca das 11:00h o tempo começou a mudar, diminuindo a visibilidade, sendo a outra embarcação somente avistada vez por outra, fato considerado normal; que mais ou menos às 17:00h abateu-se um certo mau tempo na região, não sendo o "CAPITÃO GANCHO I" mais avistado a partir de então, julgando-se que o mesmo tivesse procurado abrigo ou resolvido ficar pescando próximo ao canal das Flexas, enquanto que o "CAPITÃO GANCHO II" seguia para as proximidades do canal do Curuá, onde ficou operando cerca de onze dias, após o que retornou ao porto de Vigia; que ao chegar naquela cidade verificou que o outro barco ainda não havia regressado e na medida que o tempo foi transcorrendo, começou a suspeitar-se que alguma coisa de anormal tivesse acontecido, fato que veio a confirmar-se anteriormente, quando os corpos dos seus cinco ocupantes foram encontrados, em adiantado estado de decomposição, nas praias da região do Salgado.

Declarou, ainda, que apesar de as embarcações terem saído juntas do porto, não havia programação no sentido de que operassem juntas, tomando cada uma o seu destino na área de pescaria, passando a operar em locais afastados, a critério dos respectivos patrões; que não sabia informar se a bordo do "CAPITÃO GANCHO I" havia material de salvatagem, podendo afirmar que a bordo do "CAPITÃO GANCHO II" existiam bóias salva-vidas, além de peças de isopor em grande quantidade, servindo como flutuantes para manter a rede de pesca adequadamente submersa, material este que poderia ser utilizado como meio de salvamento em caso de afundamento da embarcação.

Declarou, finalmente, que o barco desaparecido era aparentemente bem conservado.

Consta dos autos que Nivaldo Oliveira Borges comprou, em 30/12/1984, a embarcação "AMIGO DA PAZ", não inscrita na Capitania dos Portos, de propriedade de Odinéa Raiol das Neves, trocando o nome da mesma para "CAPITÃO GANCHO I", não regularizando sua situação junto à autoridade competente; que o B/M "CAPITÃO GANCHO I", com casco de madeira, comprimento total de 7,78 m, boca de 2,33 m e pontal de 0,90 m, não estava seguro; que a embarcação era equipada com um motor marca Yanmar NS-18 e dotada de vela; e que seus tripulantes não eram habilitados e inscritos na Capitania dos Portos.

Juntado aos autos o Boletim de Informação Meteorológica, expedido pela DHN, referente às proximidades do canal grande de Curuá, indicando visibilidade variável de má a moderada, ventos sudoeste com 12 nós e mar com vagas da ordem de 1,0 m, por ocasião do acidente; cópias dos Autos de Achado de Cadáver expedidos pela Delegacia de Polícia de Marapanim, PA referentes aos corpos de José Claudomir Ferreira e Jorge Santos de Souza e Certidões de Óbito de ambos os tripulantes do B/M "CAPITÃO GANCHO I", dando como causa da morte asfixia por afogamento; cópias das Certidões de Nascimento dos demais tripulantes do barco desaparecido, Manoel dos Santos, João Rodrigues dos Santos e José Messias Soares Amorim, cujos corpos foram localizados, mas não devidamente identificados pelos órgãos oficiais; cópia da Certidão de Ocorrência da Delegacia de Polícia de Vigia, PA e demais documentos de praxe.

O Encarregado do Inquérito, em seu relatório, deixou de apontar possíveis responsáveis pelo evento, entendendo que não foi possível apurar as causas de sua origem.

A Doutra Procuradoria, em concordância com as conclusões do Encarregado do Inquérito, requereu o arquivamento dos autos.

Prazos preclusos sem manifestação de interessados.

De tudo o que contém os autos, considerando:

1. Que por ocasião do evento a visibilidade variava de má a moderada, com ventos sudoeste de 12 nós e mar com vagas de aproximadamente 1,0m;
2. Que o B/M desaparecido, "CAPITÃO GANCHO I", possivelmente, naufragou, provocando a morte de seus cinco tripulantes;

3. Que não se pode afirmar acima de qualquer dúvida que as infrações ao RTM; Art. 58 (falta de inscrição de tripulantes), Art. 75 (falta de habilitação de tripulante), Art. 101 (não requerimento de rol portuário de embarcação dentro do prazo legal), configurem relação de causa e efeito no fato da navegação em apreensão;

4. Que também não se pode afirmar, acima de qualquer suspeita, se o B/M "CAPITÃO GANCHO I" possuía ou não material de salvatagem, já que o mesmo não foi resgatado;

Conclui-se que procede a promoção da Douta Procuradoria pelo arquivamento dos autos, tendo em vista que a causa do fato da navegação, objeto do presente processo, não restou apurada acima de qualquer dúvida, devendo o mesmo ser equiparado aos de natureza fortuita.

Assim,

ACORDAM os juízes do Tribunal Marítimo por unanimidade: a) quanto a natureza e extensão do fato: desaparecimento de barco, com morte de cinco tripulantes; b) quanto a causa determinante: não apurada acima de qualquer dúvida; c) decisão: julgar o fato equiparado aos de natureza fortuita e mandar arquivar o inquérito. Comunicar à DPC as infrações aos Artigos 58, 75, 101, 220 e 244 por parte do B/M "CAPITÃO GANCHO II"; d) medidas preventivas e de segurança: Oficiar à DPC para que sejam tomadas providências no sentido de que seja exercida uma fiscalização mais rígida sobre os barcos pesqueiros que operam na costa do Estado do Pará e do Território Federal do Amapá, principalmente no tocante à disponibilidade de coletes salva-vidas. P.C.R. Rio de Janeiro, RJ., em 26 de abril de 1988. — **Arthur Ricart da Costa**, Almirante-de-Esquadra (RRM) Juiz-Presidente — **Luiz Carlos de Araujo Salviano**, Juiz-Relator.

ANEXO 3

Diário do Pará do dia 18/12/2014

28/01/2016

Diário do Pará - Assalto, pânico e morte em pleno centro de Belém

Diário do Pará.com.br**Assalto, pânico e morte em pleno centro de Belém**

Nego Bala reagiu à ação policial e acabou morto. Já o taxista André Nascimento foi preso acusado de

Uma tentativa de assalto resultou na morte de Magnélio de Souza Barbosa, 34 anos, vulgo "Nego Bala", por policiais civis da Divisão de Repressão a Furtos e Roubos (DRFR). O fato aconteceu no início da manhã de ontem, em pleno Comércio de Belém, onde também foi detido um taxista, identificado como André Nascimento da Silva, 31 anos, por envolvimento na ação, e a fuga de um motociclista, que não foi reconhecido pela polícia.

A tentativa de assalto foi contra um comerciante de peixes, que teve a identidade preservada. Ele saía do Ver-O-Peso após fazer a compra dos pescados e ter despachado em um caminhão.

Ele foi embora do local em seu carro particular, modelo L200, e passou a ser perseguido por um táxi, modelo Siena da cor branca e um motociclista. Ao parar no semáforo da travessa Manoel Barata, esquina com a avenida Presidente Vargas, foi abordado por "Nego Bala", que estava na garupa da motocicleta, que anunciou o assalto.

No entanto, a ação do assaltante foi surpreendida pelos policiais civis da DRFR que monitorava o bando há tempos por denúncias contra eles por esse tipo de crime. "É uma quadrilha que é especialista em saidinha bancária, saidinha de shopping e, inclusive, em assaltar peixeiros, já que eles movimentam muito dinheiro, o que vem a ser algo que interessa muito a eles", disse Ricardo do Rosário, delegado da DRFR.

Apesar disso, "Nego Bala" reagiu e começou a trocar tiros com os policiais, quando foi atingido nas costas e morreu. Além dele, um taxista foi detido, mas o piloto da moto conseguiu fugir sem ter a identidade revelada.

O motorista do táxi, de nome André Nascimento, foi levado para a delegacia do Marco, onde funciona a DRFR, e disse que o veículo usado por ele pertencia a um amigo de prenome Léo, o qual o teria dado ordens de realizar essa corrida.

"Meu carro estava quebrado e eu estava usando o dele desde ontem. Eu ia devolver para

28/01/2016

Diário do Pará - Assalto, pânico e morte em pleno centro de Belém

ele às 7 horas da manhã, mas ele me ligou para fazer essa corrida, eu não sabia que ia acontecer isso, sou inocente", se defendeu.

Apesar da defesa, a polícia acredita que o taxista sabia do plano de assalto contra o comerciante e afirmou que "Nego Bala" seria conhecido no bairro do Guamá e respondia por vários crimes, como em homicídios, sobretudo contra policiais.

"Mas, nós temos a informação que na hora do assalto ele estaria em uma ligação com o bandido que foi baleado. Ele, inclusive, ao notar a nossa presença avisou ao assaltante. Agora, ele será autuado por tentativa de assalto, tentativa de homicídio contra policial e por associação criminosa armada", declarou o delegado.

O comerciante vítima da tentativa, que preferiu não revelar sua identidade, também compareceu na delegacia. Ele contou que trabalha há 10 anos com a venda de peixe e estava desde 1 hora da madrugada no Ver-O-Peso para a compra dos pescados, mas não teve nada de valor roubado.

"Acredito que os bandidos me viram comprando uma grande quantidade de peixe e acharam que eu tivesse com muito dinheiro. Mas, toda essa compra eu pago via cartão", revelou o comerciante.

Apesar disso, o comerciante destacou o susto por qual passou e, por conta da violência, promete tomar uma ação para se proteger de toda essa onda de violência que tem atacado a cidade de Belém. "A violência está demais, é preciso dar mais atenção a esse tipo de situação, acho até que vou comprar um carro blindado", concluiu ele.

(Diário do Pará)